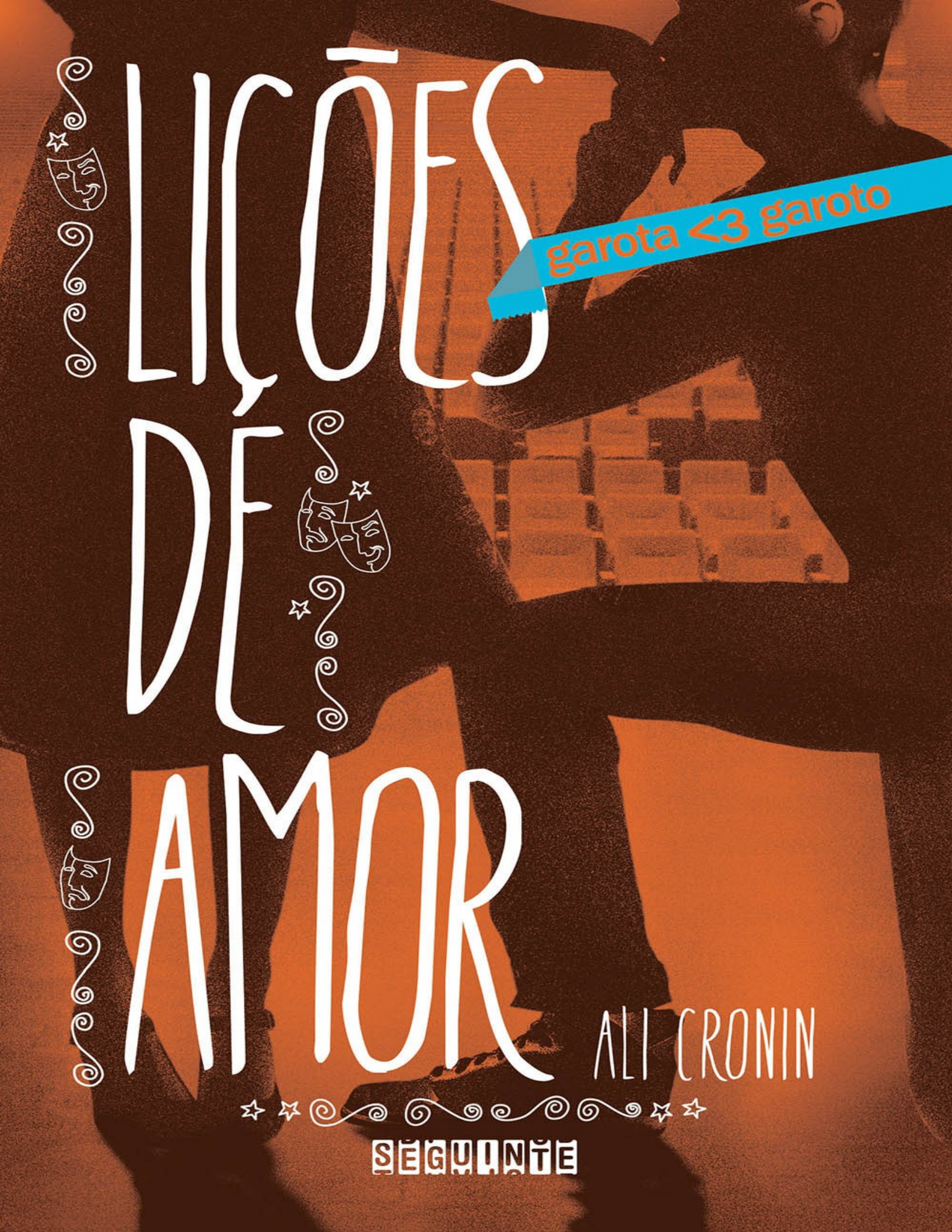

LIÇÕES DE AMOR
garota <3 garoto
ALI CRONIN
SEGUINTE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Sumário

Capa
Rosto
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23

24
25
26
Sobre a autora
Créditos

Para Evie Hazy, a doidinha



1

ERA A MANHÃ DEPOIS de uma excelente noite de comemoração, mas eu estava indo para a escola com mais ressaca do que alegria. Quer dizer, eu não estava totalmente arrasada. Para começar, era o último dia de aula antes do recesso, e uma semana inteira sem ter que passar sequer um segundo sentada em uma sala cheia de pessoas mais inteligentes do que eu era sempre bem-vinda.

Mas…

Ontem à noite, minha amiga Cass deu um pé na bunda do namorado. Era uma boa notícia, já que o garoto era um babaca, e foi por isso que comemoramos.

Mas…

Aquilo me fez pensar em "romance". Ainda estávamos em fevereiro, mas nosso amigo Jack, eterno solteiro, já estava namorando; Ashley, minha melhor amiga e adepta do sexo sem compromisso, estava completamente apaixonada; e até o *meu pai* tinha arrumado uma namorada. Claro, o resto do grupo estava solteiro… mas eu era a única que estava assim há um tempão. Com exceção de Rich, é claro. Só podia ser uma lei de Murphy: o único garoto da minha idade de quem eu gostava e que combinava comigo não gostava de meninas. Não que eu estivesse a fim dele, mas você entende o que quero dizer.

Então. Fazia séculos que eu não vivia uma "história de amor". Por quê?

Boa pergunta. Bem, obviamente, garotos de dezessete anos são emocionalmente tapados, imaturos, verdadeiros depósitos cheios de

testosterona apontada para qualquer canto, cobertos de acne. E esses eram os bons. Além disso, eu não era boa em compartilhar. Fazia anos que Ashley era minha melhor amiga, mas ainda havia coisas que eu nunca tinha contado para ela. Era impossível não concluir que… talvez fosse o fim da linha? Estava destinada a ficar eternamente solteira, morando sozinha com um bando de gatos.

Argh. Estava cansada de pensar nisso toda vez que ficava de ressaca. E no resto do tempo também. Abri uma lata de coca, tomei metade em um gole e conferi meu celular — oito e meia. Merda, estava atrasada. Comecei a me apressar, mas desisti. Minhas pernas estavam pesadas demais, e sinceramente eu não estava a fim.

A primeira aula era de teatro. Depois dos exercícios de aquecimento — "três pratos de trigo para três tigres tristes", treinos de respiração etc. —, Mac, nosso professor, se empoleirou na borda do palco enquanto sentávamos no chão diante dele. Ele nos mostrou uma folha impressa de um site de notícias.

"Vocês devem ter ouvido falar desta história", ele começou, com seu sotaque escocês. (Era de se esperar que alguém que vivia dizendo para evitarmos estereótipos em nosso trabalho de improvisação talvez não quisesse ser chamado de Mac. Ele tinha até o cabelo ruivo. Para completar, só faltava vestir um kilt e usar gírias escocesas com mais frequência.)

"É uma história horrível", prosseguiu. "Um menino de catorze anos se enforcou." Todos nós olhamos para ele. Nove e pouco da manhã e já estávamos falando sobre suicídio — belo jeito de melhorar o humor. Só que não.

Mac continuou. "Ele deixou um bilhete que não dizia muita coisa, então até hoje ninguém entendeu o motivo. Os pais, os amigos… todos ficaram perplexos". Ele olhou para nós, e o encaramos de volta. Nosso professor adorava uma pausa de efeito. Depois de seis anos eu ainda não fazia ideia de para que elas serviam. "Gostaria que vocês trabalhassem sozinhos nessa, por favor." Bateu nos joelhos. "Dez minutos. Podem começar." Começamos.

Fiquei onde estava, fechei os olhos, o que provavelmente me deixava com cara de idiota, mas me ajudava na concentração. Ninguém sabe por que o menino se matou? Errado. *Alguém* devia saber. Podiam

tentar justificar para si mesmos, dizer que não tinham culpa, mas no fundo sabiam que, de alguma forma, estavam com as mãos sujas. Mas como?

Tudo bem. Talvez o menino morto estivesse em algum relacionamento secreto. Um namoro pela internet, com uma menina. Eu não quis seguir a direção do gay não assumido. Óbvia demais, e homofóbica. Então. Uma menina. Esse menino contou a ela coisas que nunca tinha revelado a mais ninguém, e ela fez o mesmo. Não contou a ninguém sobre ela, exceto para o melhor amigo, que o encorajou. *Vai fundo. Ela parece legal.* Em poucos dias ela se tornou a única coisa na qual conseguia pensar. Tinham até o mesmo senso de humor.

Certo. Podia funcionar. Permiti que minha mente vagasse um pouco mais.

Então… Isso! Aí o melhor amigo fala a verdade: essa "menina" na verdade era ele. Ele e outro amigo fizeram de brincadeira, mas acabou saindo do controle. Ele nunca teve a intenção de que chegasse tão longe. O cara pede desculpas, rindo, como se o amigo fosse ver o lado engraçado da situação. Mas não é o que acontece. Ele fica arrasado. Como se estivesse sofrendo pela perda dela, apesar de a menina nunca ter existido. E, para piorar, dois de seus melhores amigos estavam gargalhando enquanto ele se expunha. Extrema humilhação, traição e solidão. Na cabeça dele, o colégio inteiro estava rindo às suas custas. Na cabeça dele, não havia saída. Ele só queria desaparecer. E desapareceu.

Mac avisou que faltavam dois minutos. Decidi fazer um monólogo do ponto de vista do melhor amigo. Supus que a maioria iria trabalhar com os pensamentos do menino até seu suicídio, então em parte eu quis ser diferente, mas também achava que havia mais ângulos a serem explorados pela perspectiva do melhor amigo. Só havia uma maneira de encerrar a história do pobre menino morto.

"Muito bem", Mac disse alto, batendo palmas. "Quem quer começar?" Sem esperar uma resposta, apontou para Jessica. Seria um bom começo. Jessica era como uma mulher de trinta anos no corpo de uma garota de dezessete. Ela era tímida, simpática com todo mundo, não seguia a moda, jamais falava palavrão, era quieta, do tipo fechada

em si mesma… mas quando começava a atuar, se tornava uma pessoa totalmente destemida. Aquilo era digno de respeito. Enfim. Ela interpretou a mãe do menino. Foi brilhante. No fim Jessica estava chorando — lágrimas de verdade escorrendo pelo rosto. Dá um pouco de vergonha chorar em sala de aula, apesar de ser aula de teatro e de termos feito exercícios para desenvolver a confiança, blá, blá, blá, mas até Mac lacrimejou.

Mais três pessoas fizeram suas interpretações, e eu estava certa — todos interpretaram o morto. Em seguida Mac apontou para mim. Sempre fico nervosa enquanto espero, mas, assim que entro no personagem, não faz mais diferença. Não é papo-furado de atriz. Digo, é papo de atriz, mas é verdade. Eu, Donna Dixon, estava nervosa. Mas Danny, o melhor amigo do menino que cometeu suicídio, não estava nervoso. Estava se sentindo culpado, arrasado, furioso e assustado. Levantei, esperei um segundo e comecei. Improvisei por alguns minutos, indo aonde Danny me levava. Não que eu achasse que *fosse* Danny — isso seria estranho —, mas quase pareceu que ele estava… me possuindo. Era assim que me sentia atuando. Como se o personagem tivesse entrado na minha cabeça, e eu estivesse falando e reproduzindo seus pensamentos e emoções. Quer dizer, às vezes não dava certo. Se eu não tivesse tempo suficiente para pensar no personagem de antemão, se estivesse cansada ou o que fosse, haveria muito de mim e soaria falso. Mac sempre percebia. Ele dizia "entre no personagem, Donna" com a voz baixa, e eu dava o meu melhor para conseguir.

Mas naquele dia estava funcionando. Não tomei nenhuma decisão consciente, só falei o que veio na minha cabeça — e isso estimulou a fala seguinte, e assim por diante. Não esperava que Danny fosse acabar gritando com o melhor amigo, chamando-o de covarde que não sabia brincar, mas foi o que aconteceu. Quando Danny sucumbiu em seguida, desfazendo-se silenciosamente em dor, pareceu o momento certo para terminar. Enfim, todos aplaudiram, e foi isso. Quando o aplauso me trouxe de volta à realidade, me senti estranhamente arrasada. Esse era o problema de entrar em um personagem — ou permitir que ele tomasse conta de você. Ficava um resíduo das emoções. Já tínhamos trabalhado o abandono do personagem, mas às

vezes era muito difícil.

"Uau! Excelente interpretação, Donna", elogiou Mac. "Acho que todos aqui ficaram cem por cento convencidos da veracidade da história de Danny." (Era assim que Mac falava. "Veracidade" não significava que algo fosse literalmente verdadeiro, apenas que tinha "integridade" — outro termo de Mac. Você se acostuma.) Ele abriu as mãos. "Acho que não tenho nada a sugerir." Ele sorriu para mim. "Muito bem!"

Quando a aula acabou, Mac me pediu para ficar. "Já tomou alguma decisão sobre a escola de teatro, Donna?", perguntou.

Atuar era definitivamente a única coisa que eu me imaginava fazendo da vida. Então havia passado os últimos meses refletindo sobre estudar a teoria ou simplesmente tentar encontrar um agente assim que acabasse o colégio. Cass (naturalmente) me implorou para "continuar meus estudos", e falei para os meus amigos que ia me inscrever na faculdade… mas falar e fazer eram coisas diferentes.

"Bem… Acho que quero ir", falei, como uma idiota. De algum jeito Mac conseguiu não fazer cara de *dã* para mim. Ele era mesmo um bom ator.

"Bom saber", foi o que disse, sorrindo. "Não esqueça que você precisa entregar os formulários de inscrição até o fim do mês. Posso dar uma olhada antes com todo prazer."

"Ótimo. Obrigada", falei. Em seguida, quando ele não disse nada: "Vou fazer isso".

Ele assentiu com animação. "Ótimo. E então poderemos começar a trabalhar as cenas para as audições."

Tive um pequeno ímpeto de animação e nervosismo misturados. Audições! Tudo começava a parecer perigosamente real — mas depois da aula daquela manhã e do incentivo de Mac, de repente, me senti confiante. Sentia que era capaz de fazer aquilo. Com a ressaca esquecida, saí da sala praticamente saltitando e segui na direção da próxima aula — inglês —, até que os saltos se dissolveram em uma espécie de caminhada arrastada. Eu era péssima em inglês. Na verdade, eu era péssima em tudo, exceto teatro, mas inglês era a cereja do bolo de merda da minha *cof* carreira acadêmica *cof*.

Sentei ao lado de Cass, como sempre. Era bom, porque Cass era

minha amiga, mas também era ruim, porque ela era brilhante. Outro dia ela tirou C em um trabalho e foi como se o mundo tivesse acabado. Quando eu tirava um C, minha reação era *a-hááááá, idiotas! Consegui passar de novo!*

Ela já estava sentada, com os livros abertos na mesa, equilibrando a caneta entre dois dedos. Sentei e assobiei alguns versos de Beyoncé.

"A-há", ela disse, sorrindo. "'Single Ladies'. Acertei? Muito bom."

Retribuí o sorriso.

"Muito obrigada… Então, como você está?". Examinei o rosto dela. Parecia bem.

"Estou muito bem", ela disse, soando surpresa. "Fiquei com receio de dormir e acordar arrependida, mas acordei absurdamente aliviada."

Aplaudi. "Cara, e eu estou absurdamente impressionada. Teve muita coragem para fazer o que fez. Teve notícias do Adam?"

Ela mordeu o lábio.

"Não… Digo, não estou esperando receber notícias, mas…"

"Caaaaass…", alertei. "Mantenha-se forte, mocinha. Se ele mandar mensagem, você vai sentir que precisa responder, não é?"

Ela deu de ombros.

"Vai, sim", respondi por ela. "Seu mecanismo de boas maneiras explodiria se você não respondesse em, tipo, cinquenta e nove segundos. Mas não pode. Vai ser melhor pra todo mundo se ele se arrastar de volta ao buraco dele para lamber as feridas em paz." Parei e fiz uma careta. "Não devia não ter usado essas palavras na mesma frase…"

Cass balançou a cabeça.

"Você é nojenta."

Equilibrei a mochila no joelho e comecei a procurar as anotações da aula anterior. Um dia eu realmente organizaria tudo em uma pasta.

"Eu sei. Desculpe." Falei, colocando as anotações na mesa e voltando para procurar uma caneta. "Onde está a drog… Ah, aqui". Coloquei uma Bic mastigada perto dos papéis e guardei a bolsa embaixo da cadeira, exatamente quando a srta. Ayles chegou.

Ao contrário da maioria dos professores, ela não gostava de ser chamada pelo primeiro nome. Justo. Se eu me chamasse Enid, também não gostaria. Ela foi até o quadro branco e escreveu: 3 SEMANAS PARA

OS SIMULADOS! E então, como taquicardia por estresse nunca é demais, acrescentou: (16 SEMANAS ATÉ A HORA DA VERDADE!).

Ela se virou para nós, sorriu e disse: "Não estou tentando assustá-los". Então fracassou feio, srta. A. "Semana que vem pode ser recesso, mas também é o momento perfeito para colocar a matéria em dia e fixar o conteúdo. Acho que a expressão apropriada é *agora ou nunca*."

Ela foi até a mesa, pegou uma pilha de papéis e começou a distribuí-los. "Por falar nisso, corrigi os trabalhos sobre *Tess d'Ubervilles*". Cass foi uma das primeiras a receber o dela. Abriu na última página. Estiquei os olhos para espiar de um jeito mais discreto. Um A. Ótimo. Quando a srta. Ayles entregou o meu, disse baixinho: "Espere um minuto depois da aula, pode ser?". Maravilha. Nem precisei procurar a nota. O mar de tinta vermelha sobre o papel era suficiente. Mas, masoquista que sou, olhei assim mesmo. F. Um F! Fracasso total. Que merda. Aquilo era a merda das merdas.

"Quanto você tirou?", Cass perguntou casualmente.

"F", respondi com a mesma casualidade. Abaixei e guardei a porcaria na mochila. "Vamos começar *Romeu e Julieta* hoje, certo?"

Ela me encarou. Encarei de volta. Não era como se eu fosse superior demais para me importar com o trabalho. Nada disso. Na verdade, eu estava arrasada. Só não queria a pena dela. Nem seus conselhos. Céus, *os conselhos*. Cass era um anjo por querer ajudar e tudo o mais, mas a questão era que se ela já tivesse tirado notas ruins, aí seria o.k. me oferecer conselhos sobre a experiência. Mas ela nunca tinha tirado. Além disso, eu queria muito que a srta. Ayles não devolvesse os trabalhos no começo da aula. Eu sempre passava o resto do tempo mais preocupada com a nota do que com a matéria. E *voilà*: a chance de repetir só aumentava, se é que isso era possível. Ah, foda-se. Passei a mão no rosto, me apoiei no cotovelo e tentei não entrar em pânico enquanto tudo o que a srta. Ayles falava entrava por um ouvido e saía pelo outro. Não que eu fosse totalmente inculta. Eu sabia que *Romeu e Julieta* era uma tragédia, conhecia a rixa entre as famílias, sabia que era uma história de amor, mas não conseguia passar disso. E precisávamos escolher mais dois livros para fazer uma análise comparada de três mil palavras — sim, porque escrever sobre *um* livro que você não entende não é o bastante, então temos o combo de três pelo preço de um!

Quando a aula acabou, fiquei na sala, fiz barulho chutando o chão e tentei não parecer emburrada. Cass esperou um pouco, mas evitei seu olhar. Ela desviou os olhos de mim para a srta. Ayles, percebeu o que estava acontecendo e foi embora.

"Donna, obrigada por esperar", disse a professora depois que todos haviam saído. Levou outra cadeira até a mesa dela, me pediu para sentar e também se sentou.

"Então, como está se sentindo?" Ela entrelaçou as mãos e me encarou, séria. Retribuí o olhar, mas não sabia se ela estava se referindo à matéria de inglês, ao colégio em geral, ou à vida como um todo. Pensei na reação dela se eu respondesse "*Bem, meu pai está saindo com uma mulher chamada Barbie, bem mais nova do que ele*; *minha melhor amiga passa o tempo todo com o novo namorado enquanto eu* nunca *tive um; então para ser sincera me sinto um pouco solitária na maior parte do tempo e… ah! Vou repetir sua disciplina. Mas, fora isso, tudo ótimo, obrigada*". Mas, em vez disso, dei de ombros e falei:

"Tudo bem."

A srta. Ayles suspirou e esfregou os olhos. "Donna, você deve saber que um A em inglês nas provas finais não é provável no seu caso…" Sem saber o que ela queria que eu dissesse, dei de ombros de novo. Ela foi bem clara. "Quer dizer, a menos que você corra muito atrás, vai repetir de ano."

DÃ! Grande novidade. Mas o fato era que eu não conseguiria de qualquer jeito, então de que adiantava "correr muito atrás"? Ou você entende uma coisa — e aí pode se empenhar para entender ainda mais —, ou não entende — e nesse caso é melhor desistir logo, porque não tem nem por onde começar. Zero vezes zero é zero, não? (Ha. Eu deveria ter feito matemática. Até parece. Eu era ainda pior do que em inglês, em que consegui tirar um C nos exames de qualificação depois de refazê-los no ano passado. Aparentemente, estive a dois pontos de um B, o que me fez acreditar que eu seria capaz de passar nas provas finais, e que a matéria poderia ajudar com o teatro, então foi o que escolhi. Acreditem, me arrependi dessa decisão muitas vezes.) Mas não ia dizer isso a ela, então apenas respondi:

"Eu sei. Vou me esforçar."

Ela fechou os olhos e apertou os lábios.

"Você quer passar nas provas, Donna?"

"*Claro!*", disparei. Pelo amor de Deus. Quem *quer* ser reprovado? "Provavelmente vou me inscrever para a faculdade de teatro, e para ser aceita em duas das instituições preciso de notas boas em duas provas finais, então, *claro*, quero passar."

A srta. Ayles piscou ao ouvir meu desabafo inesperado e falou:

"Bem, ouvi comentários excelentes sobre suas habilidades como atriz." (*Sério?*) Ela olhou o relógio. "Se você não tiver nenhum compromisso agora, por que não compramos sanduíches e elaboramos um plano para o seu trabalho?"

"Tudo bem", respondi, desamparada. Era a última coisa que eu queria fazer na vida, mas estava chateada demais e com ressaca demais para me opor. A srta. Ayles afastou a cadeira da mesa e pendurou a bolsa no ombro.

"O que você quer? É por minha conta."

"Hum. Qualquer coisa. Por… por mim tanto faz", gaguejei. Uma professora pagando meu almoço: bizarro.

"Queijo e picles?"

"Sim. Ótimo. Obrigada." Detesto picles.

"Ótimo. Volto em alguns minutos."

Assenti e me acomodei na cadeira. Que droga de dia.

Fomos comemorar o recesso com drinques no The Hobbit, um pub que frequentávamos de vez em quando. Normalmente eu ficava animadíssima, mas não naquele dia.

Ollie, que sempre estava alegre, jogou a cabeça para trás, tomou sua cerveja e limpou a boca com a parte de trás da mão, com se estivesse num comercial ruim, apesar de ter parado antes de levantar a garrafa à luz e encará-la arrebatadoramente, como se ela guardasse o segredo da vida. Em seguida anunciou: "Então, amanhã vou a um lugar completamente incrível, e TODOS vocês vão ficar com inveja". Ele se inclinou para trás na cadeira e sorriu. "Vamos lá, adivinhem."

"Ou, você pode simplesmente nos contar."

"Não. Adivinhem", Ollie respondeu, teimoso, e a essa altura já estava mordendo o lábio de tanta ansiedade. Seria impossível aquela revelação

não acabar soando ridícula. Ollie deve ter pensado a mesma coisa, pois subitamente endireitou-se na cadeira. "Tudo bem, eu conto. Eu vou a uma…", ele anunciou, tamborilando os dedos na borda da mesa. "ROLLER DISCO!"

Silêncio e choque.

"Tipo um salão onde você anda de patins em círculos enquanto tocam músicas da moda?", perguntou Ashley. A expressão dela era a melhor definição de "que porcaria é essa?".

"Isso! Não é incrível?", respondeu Ollie, que sabia soar afeminado quando queria.

"É incrível MESMO!", concordou Sarah, com olhos do tamanho de pratos de comida. "Meu Deus, que inveja! Com quem você vai?"

"Meus primos", ele falou. "Você pode vir com a gente, se quiser… o convite vale para todos", acrescentou apressadamente. Nós tínhamos uma teoria de que ele gostava de Sarah, apesar de ser segredo absoluto. Ninguém podia saber. Principalmente a Sarah. Cass uma vez soltou alguma coisa sobre Ollie ter beijado Sarah no final do ano passado, mas, na ocasião, Cass estava bêbada e falando coisas sem sentido, então não dava para saber se era verdade. Eu não tinha intimidade suficiente com nenhum dos dois para perguntar. E ambos ficavam desconfortáveis quando as pessoas brincavam sobre o assunto. Mas para mim era óbvio que eles gostavam um do outro — e, por isso, não entendia por que não ficavam juntos logo; não é como se amor correspondido fosse algo comum. Mas que seja. Eu tentava não pensar muito no assunto. Era inveja, não era? De que alguém gostasse dela e ninguém de mim. Eram pensamentos horríveis, então eu não permitia que ficassem na minha cabeça por mais de um segundo, a não ser que fosse muito tarde da noite e/ ou eu estivesse muito bêbada e/ ou de ressaca.

Enfim.

"Estou dentro, com certeza", declarou Cass. "Sou muito boa patinadora." (Cass? Boa em alguma coisa? SERÁ QUE AS SURPRESAS NUNCA ACABARIAM?)

"Também topo", disse Rich. "Fazer papel de palhaço e ao mesmo tempo correr o risco de quebrar meus ossos? Tem como não amar?" Sorriu. "Se bem que eu fiz aulas de patinação no gelo quando tinha

dez anos, então existe a chance de que eu seja razoável com patins comuns." Levantou a mão. "Só pra avisar."

"*O quê*?! *Todos* vocês sabem patinar?" Ollie jogou as mãos para cima, inconformado. "A ideia era sermos péssimos juntos, pessoal." Ele balançou a cabeça. "Que decepção."

"Não se preocupe", disse Sarah, afagando a mão dele. "Nunca patinei antes."

Ollie soprou um beijo para ela.

"Bem, graças a Deus que você existe, linda." (Estão vendo? É amor.) Ele olhou para mim, Ashley e Jack. "Vocês três estão dentro?"

"Onde me inscrevo?", Ash perguntou para Ollie, com cara de desânimo e olhos semicerrados.

"Acho que isso é um não", disse Ollie, voltando-se então para Jack, animado.

"Bem, eu adoraria, hum, com certeza", Jack disse. "Mas vou sair com Hannah amanhã. Além disso, Luke me mataria se eu me machucasse agora." Luke era o técnico de futebol de Jack. Jack era um atleta absurdamente bom e provavelmente estava prestes a ser descoberto por, sei lá, Alex Ferguson ou alguém desse tipo — apesar de ele já ter mencionado que gostaria de ser técnico de um grande time, e não jogador. Era um menino inteligente, nosso Jack. Todos olharam para mim, e uma onda de tédio me invadiu. Ah, que seja.

"Tudo bem, eu vou", respondi, já pensando em alguma desculpa para me livrar daquilo depois. Apesar de que, sei lá, o dia seguinte seria um novo dia, e eu gostava de experimentar coisas novas.

"Certo, então", disse Ollie, franzindo um pouco a testa, diante da minha surpreendente falta de entusiasmo. Ou pelo menos acho que foi por isso. Talvez ele só tivesse soltado um pum desconfortável.

"Tudo bem, querida?", Sarah me perguntou quando a conversa seguiu. "Você está quieta hoje."

"Nada, só estou cansada", respondi. "Deixa pra lá. Daqui a pouco passa." E levantei rapidamente, pois sabia que Cass estava prestes a perguntar sobre o meu dia. "Alguém quer alguma coisa do bar?", ofereci. "Vou pegar batatinhas."

Quando voltei estavam todos conversando, e pude sentar sem que ninguém notasse. Olhei para Ashley, que estava no canto oposto da

mesa, desviei e olhei de novo, pois ela estava me encarando. Levantei as sobrancelhas, e ela inclinou a cabeça para o lado, lançando um olhar de dó e murmurando um *tudo bem?* inaudível. Mas eu não estava a fim. Curvei o lábio e dei de ombros. *Nada.* Ela realmente parecia preocupada, então coloquei o celular sobre o colo e rapidamente mandei uma mensagem.

> Dia de merda. Srta. Ayles me fez almoçar c/ ela. Ela come de boca aberta.

Ash respondeu:

> Uuuuh, Donna e Ayles apaixonadas.

Respondi:

> Ciumenta.

E Ash respondeu com:

> Nada disso. Jamais abandonarei Paul, meu verdadeiro amor.

Paul era nosso tutor, um sujeito desprezível. Ri e fingi vomitar, e Ash deu risada. Naquele momento me senti um pouco melhor e desejei estar sentada ao lado dela. De algum jeito fui parar entre Jack e Cass, ambos adoráveis e tudo o mais, mas não eram as pessoas ideais para botar alguém pra cima. Além disso, eu previa que Cass iria atacar em poucos segundos. O que de fato aconteceu.

"Como foi com a srta. Ayles?", ela perguntou, séria, colocando a mão no meu joelho. "Fiquei preocupada quando você não apareceu no almoço."

Comecei a girar o descanso da cerveja. Um tique nervoso.

"Tudo bem. Foi só uma conversa encorajadora."

Cass contraiu os lábios demonstrando solidariedade.

"O que ela disse?"

"Nada de mais. Não estou a fim de falar sobre isso, para ser sincera", eu disse, torcendo para que ela entendesse minha indireta nada sutil e parasse de se intrometer.

Ela deu de ombros, conformada.

"Tudo bem. Estou aqui, se precisar de mim."

"Obrigada", respondi, praticamente cerrando os dentes. Eu sabia que ela tinha boas intenções, de verdade. O problema era esse lance de querer dar conselhos. Além disso, eu ainda estava um pouco irritada por causa da semana anterior, quando ela me soprou as respostas na aula da srta. Ayles. Foi humilhante pra caramba. De qualquer forma, nós discutimos, ela pediu desculpas, eu pedi desculpas, e ficamos bem — mas é que as coisas eram sempre tão *fáceis* pra ela. Quando ela namorava Adam, o babaca dispensado ontem à noite, Jack era completamente apaixonado por ela. Até onde eu sabia, ele ainda era, mas ela basicamente disse a ele que nunca iria rolar, então Jack foi sensato e encontrou outra pessoa, Hannah. Mas o fato era: ela poderia ter escolhido quem quisesse. E Jack era um partidão. Eu, pessoalmente, não era a fim dele, mas, desde uma experiência incrível com um garoto um tempo antes, eu havia decidido que provavelmente era melhor não gostar de ninguém, então meus sentimentos não contavam muito. Jack era alto, loiro, forte, bonito e provavelmente ficaria rico trabalhando para um time de primeira divisão. Mas Cass nem ligava. Ter alguém assim apaixonado por ela era só uma inconveniência. Eu simplesmente não conseguia conceber como era estar no lugar dela. Não sei qual era o meu problema. Bem, sei um pouco. Era um resquício da minha má experiência anterior. Ele me cercava como um bafo fedido, ou pelo menos essa era minha teoria. Eu emitia vibrações do tipo *não goste de mim — tenho a ficha suja*. E tendo a fazer piadas autodepreciativas, o que é tranquilo com amigos próximos, mas pessoas de fora às vezes acham que você está falando a verdade. Vide o "bafo fedido" supracitado.

Fosse como fosse, não importava. Era hora de dormir. Levantei, vesti o casaco, me defendi dos ataques de *O quê? Já vai?* e fui pra casa. Como disse, o dia seguinte seria um novo dia, e não tinha como ser pior do que aquele.

2



ALGUMAS PESSOAS NÃO GOSTAM DA MANHÃ. Não sou uma delas. Funciono bem de manhã. Nunca acordei depois das nove e meia, nem na pior das ressacas. Pode me chamar de Annie mestiça (na verdade, não), mas acredito muito no poder de transformação de um novo dia. "O sol nascerá amanhã" e tudo o mais. Então, naquele primeiro sábado do recesso pulei da cama com energia, vigor e determinação para nunca mais pensar na droga que tinha sido o dia anterior. Depois de mandar uma mensagem para Ashley marcando um encontro mais tarde, tomei um banho quente, coloquei meu jeans *skinny* favorito e uma blusa brilhante de manga comprida relativamente nova. E então era hora de domar a juba. Tenho cabelo afro e gosto dele natural (nada de relaxamento ou trancinhas), mas preciso passar por um processo e tanto para deixar os cachos bonitos, para o espanto das minhas amigas brancas. Passei creme sem enxágue, hidratante, óleos e *serums* para combater o *frizz*. Mas ficou bonito quando acabei, e com cheiro de coco ★carinha feliz★. Finalmente pus as lentes e a maquiagem. Bastante delineador. Adoro delineador. E rímel. E batom. Minha mãe detestava que eu usasse tanta maquiagem, mas ela não morava conosco, então não podia fazer muita coisa a respeito. "Sua pele jovem é tão linda. Vai se arrepender quando ficar mais velha. Vai encher de manchas" etc. O engraçado é que eu ainda não tinha contado que ia me dar uma tatuagem de presente de dezoito anos. Eventualmente ela descobriria, mas só se olhasse com atenção para o meu tornozelo. O que com certeza iria acontecer. Minha mãe tem um radar para esse tipo de

coisa. Quando minha irmã mais velha, Jess, fez um piercing no mamilo, minha mãe percebeu *através da camiseta e do sutiã com bojo*! E o que ela estava fazendo olhando para o peito da filha eu não sei.

Enfim. Resumindo: fiz a maquiagem. Senti cheiro de bacon frito e, com a barriga roncando, desci saltitando para um café da manhã delicioso preparado pelo meu querido pai. Eu gostava de sermos só nós dois em casa, o que provavelmente significava que eu era carente e gostava de atenção, mas, *pfft*, fazer o quê? Eu gostava quando Jess vinha da faculdade e ficava em casa, mas era sempre bom quando as coisas voltavam ao normal. Se bem que, desde o surgimento da Barbie Ioga na vida do meu pai, o normal era cada vez mais raro. Ela não morava conosco, GRAÇAS A DEUS, mas passava muitas noites em casa. Obviamente a ideia do meu pai fazendo sexo me dava náuseas, principalmente com ela. Ela era um pouco mais nova que ele — talvez trinta e poucos anos —, pequena, branca e magra, com longos cabelos loiros. Não usava muita maquiagem, era pró-reciclagem, gostava de tofu, sandálias e essas coisas. Por isso "Barbie Ioga" — um apelido secreto que eu jamais usaria na frente do meu pai. De toda forma, ela era o oposto da minha mãe, que era alta, negra, glamorosa e tinha cabelo curto — estava crescendo depois da quimioterapia para tratar um câncer de mama. (Nada de mais. Bem, foi algo de mais, mas havia passado. Estava em remissão. Agora que ela estava bem, eu e Jess poderíamos ter voltado a morar com ela e o marido, Bryn, mas ela e o papai decidiram que era melhor não fazer mais uma mudança naquele momento crucial dos meus estudos. Não poderiam permitir que eu comprometesse minhas excelentes notas, certo? Que piada…)

Então, minha animação acabou como um vinil sendo arranhado quando entrei na cozinha e vi Barbie apoiada na pia, comendo torrada feita com algum tipo de pão sem trigo. Sério, pra quê? Melhor não comer pão de uma vez. Ela tinha o hábito muito irritante de ficar em pé enquanto comia, com um pé apoiado no joelho da outra perna, como se estivesse em uma aula de ioga numa praia em Goa, e não na cozinha de um cinquentão. Tudo nela era sereno, lento e calmo — você sabe, zen — e me irritava profundamente. Ashley disse que ela provavelmente curtia o Kama Sutra, além de tudo. Ai, que nojo, por que fui pensar nisso? Não queria uma imagem mental dela e do papai

transando. Bem, felizmente uma das regras do Kama Sutra devia ser ficar totalmente em silêncio, pois nunca ouvi qualquer ruído sexual. Pelo menos isso.

"Donna!", disse Barbie, como se me ver a fizesse ganhar o dia, e não, sejamos sinceras, exatamente o contrário. "Como vai, gata?" (*Gata*?! Que descolada.)

"Bem", respondi secamente, dirigindo-me até onde meu pai estava espalhando molho em um pão com manteiga. Afaguei a careca dele. "Tudo bem?"

"Tudo, obrigado", respondeu um pouco rijo. Pus as mãos nos quadris e olhei para ele. O quê? Eu não tinha sido suficientemente educada com a namorada dele? Ele nunca tinha reclamado antes, mas, para ser sincera, provavelmente era só uma questão de tempo. Decidi ignorar. Se ele tivesse alguma coisa a declarar, que declarasse logo.

"Também estou bem, obrigada pelo interesse", falei alegremente. Coloquei a chaleira no fogo e pus um sachê na minha caneca.

Ele não disse nada. Até que Barbie se manifestou:

"Então, chegou uma carta hoje."

Nossa cozinha minúscula ficava ainda menor com ela ali dentro. Estava começando a me sentir claustrofóbica. Fingi olhar para a chaleira enquanto, na verdade, observava o rosto de Barbie. Ela olhou para o meu pai, fechou brevemente os olhos e assentiu com a cabeça encorajadoramente. Nossa, que momento tocante de *estamos juntos nessa*. "Tocante" no sentido de me dar vontade de socá-la.

"Chegou, é?" Ergui uma sobrancelha desinteressada.

Papai, que continuava com os olhos fixos na preparação do sanduíche, respondeu:

"Chegou. Da sua professora de inglês."

Ah. Merda.

"Ah, sim, já sei do que se trata", comentei casualmente. "Tivemos uma conversa sobre isso ontem." A julgar pela sensação ardente na lateral do meu rosto, Barbie estava tentando me fazer olhar para ela. Podia tentar à vontade.

"Por que você não me CONTOU?", meu pai gritou de repente, me dando um susto. Ele não era de gritar. Entre outras coisas, sua atitude relaxada contribuiu para o fim do casamento com a minha mãe. Isso e

o fato de que ela começou a ter um caso com um galês corpulento, mais conhecido como meu padrasto, Bryn. Enfim. Os gritos. Cambaleei para trás e levantei as mãos na defensiva.

"Calma, fica tranquilo. Não é nada de mais."

"*É sim*, Donna", ele respondeu. "É do seu FUTURO que estamos falando. Até escolas de teatro exigem notas altas." (*Até*?!) Ele bateu o punho cerrado na palma da outra mão. "Você não *vê* isso? Meu Deus, sua mãe vai me matar."

Olhei para ele com olhos semicerrados.

"Se me deixasse terminar", falei friamente, "eu teria dito que não é nada de mais porque já estou resolvendo. Então a mamãe nem precisa saber." Lancei um olhar para Barbie, que encarava meu pai com o rosto todo franzido. Não sei por que ela achava que tinha alguma coisa a ver com aquilo. Tossi. "Você pode nos dar licença?" Olhei para a porta.

Ela ameaçou se afastar da pia sem qualquer entusiasmo.

"Ignore-a, Barbie", papai disse, e depois virou para mim: "não seja tão grosseira".

"Ah, desculpe, não sabia que Barbie era a nova mandachuva por aqui", eu disse, e papai ignorou. Uma pena.

"Então. Como exatamente você está resolvendo?", perguntou, cruzando os braços.

"Eu e a srta. Ayles elaboramos um plano?", falei, imitando o gesto e a entonação dele.

Papai assentiu, olhando para baixo.

"Certo. E um plano vai impedir que você repita o ano porque…?"

Revirei os olhos.

"Porque — ouça com atenção, pois essa porra é bem complexa — vai me ajudar a *planejar* meu *trabalho*." Fingi surpresa, levando a mão trêmula até a boca como se aquela fosse uma revelação que mudaria nossas vidas.

"Não fale assim com seu pai", opinou a Voz da Pia. Desviei o olhar para Barbie, cujo queixo encontrava-se empinado, cheia de razão.

"O quê?", murmurei, arreganhando os lábios. Papai começou a falar alguma coisa, não sei se para mim ou para ela, mas ela o interrompeu.

"Não acho que deva falar assim com seu pai", declarou, mexendo no

cabelo. "Ele não merece."

Cerrei os olhos, raiva jorrando como lava. Ela tentou sustentar meu olhar, mas sem muito sucesso.

"E que *porra* você pensa que é para dar palpite no que eu devo ou não dizer ao meu pai?", sibilei. Papai e eu falávamos palavrões o tempo todo. Não significava nada. Eu nunca, jamais, em hipótese alguma, falaria assim com a minha mãe, mas com meu pai era normal. Barbie olhou para ele lamentosa, como se ele devesse ajudá-la, possivelmente me expulsando de casa — mas azar o daquela vaca, já que ele só balançou a cabeça em frustração e nos mandou parar. Não pude deixar de lançar um olhar triunfante, que ela fingiu não notar.

"Olha só, Don", ele falou, aproximando-se da coelhinha e colocando a mão em seu ombro, que ela segurou como se dissesse: *Aiii! Salve-me de sua filha diabólica!* Vaca. "Por que não sentamos, tomamos café e conversamos de maneira sensata?"

"Porque eu não quero?"

"SENTA!", ele rugiu, me deixando em choque novamente. Sério, o que tinha dado nele? Ele nunca agia assim.

"Tá bom, tá bom, se é tão importante para você…" Saí da cozinha, fui até a mesa de jantar, puxei uma cadeira e sentei.

"Muito bem", meu pai disse, bufando enquanto me seguia. Ele me entregou uma xícara e um prato com meu sanduíche de bacon, colocou outra xícara diante de Barbie, que havia acabado de sentar, e se sentou. Tomei um gole. Eca! Leite de soja. Que. Nojo. Barbie olhou para a xícara dela como se leite de vaca fosse a urina do demônio e troquei nossas bebidas silenciosamente.

"Ah. Obrigada", disse Barbie.

"Não há de quê", menti.

"Então. Barbie sugeriu que a gente contratasse um professor particular", disse papai. "Acho uma ótima ideia."

Não respondi; apenas mastiguei bacon frito com pão e o encarei.

"Vamos, querida, você sabe que é uma boa ideia."

Continuei quieta.

"Posso arranjar alguém", Barbie disse. "Tenho bons contatos. E são pessoas ótimas. Você vai se orgulhar de mim, Donna." Sorriu encorajadoramente. Ergui uma sobrancelha, coloquei o sanduíche no

prato e empurrei a cadeira para trás.

"Sente-se", papai disse, cansado.

"Não, obrigada", respondi. "Falei que estava resolvendo as coisas na escola, e estou. Não quero ser implicante, mas, Barbie, isso realmente, *realmente* não é da sua conta. Então obrigada pela sugestão e tudo o mais, mas não quero sua ajuda…" Me interrompi de repente, compreendendo a situação. Olhei para o meu pai. "Meu Deus, já sei por que você está fazendo isso! Não quer que ela pense que você é um pai irresponsável!" Inclinei a cabeça para o lado. "Caralho, você está com vergonha de mim!" Franzi o rosto para esconder as lágrimas que surgiram de repente nos meus olhos enquanto papai engasgava tentando me dizer que eu estava sendo ridícula. Mordi o lábio e me concentrei em manter a voz firme. "Ainda bem que temos Jess, certo? Representando os Dixon muito bem na universidade." Fiquei parada, com a mão no quadril, planejando encará-lo, mas a porcaria do meu lábio começou a tremer, então deixei para lá. Dei as costas para eles e me retirei.

Ele me chamou, ouvi uma movimentação e em seguida a voz de Barbie, reconfortante.

"Deixe-a ir, Mick. Vai passar."

Cerrei os punhos.

"Isso, Mick, melhor me deixar ir", imitei baixinho enquanto arrancava o casaco pendurado no corrimão, pegava a bolsa e saía, batendo a porta.

o o o

Toquei a campainha de Ashley. Estava umas quatro horas adiantada em relação ao combinado, mas mandei uma mensagem no caminho. Ela abriu usando uma camiseta do Nirvana e calcinha, o cabelo amassado de um lado e os olhos ainda sonolentos.

"Você acordou com a minha mensagem, não foi?", falei, tirando o sapato. Ela se espreguiçou e resmungou. "E depois voltou a dormir?"

"Uaaaaah." Ela bocejou. "Dormi tarde."

Tentei parecer arrependida.

"Desculpe… Bela camiseta."

Ela piscou e olhou para baixo, como se não tivesse percebido o que estava vestindo.

"Ah. Obrigada. É do Dylan."

E, aproveitando a deixa, o próprio apareceu na escada. Eu devia ter adivinhado que ele estaria ali. Me senti uma idiota. Ele estava de jeans, all star preto de cano alto surrado e mais nada.

"Bom dia", falei, tentando não olhar para o peito dele. Sem querer ser desagradável, mas ele era um pouco franzino.

"Tudo bem, Donna?", ele perguntou, antes de voltar a atenção para a namorada, que ainda parecia meio adormecida. "Hum, Ash, pode devolver minha camiseta?"

"Ah, sim." E, com um movimento rápido, tirou-a e entregou a ele. "Aqui está."

Ele ergueu uma sobrancelha.

"Obrigado."

Bem, ele tinha razão para erguer a sobrancelha, já que a namorada estava no meio do corredor apenas de calcinha branca de algodão (*nova*, pensei, e em seguida — não me orgulho disso — me passou pela cabeça: *ele deve gostar de um visual recatado*), com pentelhos saindo por todos os lados. Ashley não era adepta da manutenção da área. Era contra seus princípios feministas.

"Hum-hum. Bela moita", falei, pois sabia que ela não iria ligar. E, sim, Ashley nem olhou. Apenas fungou e agradeceu. Houve uma pausa e, com uma onda de embaraço, percebi que Ashley e Dylan queriam se despedir e ela estava praticamente pelada e eu estava ali parada como um poste.

"Então", comentei casualmente. "Nos vemos lá em cima, querida. Tchau, Dylan." E, sem olhar para eles, corri para o quarto de Ashley, fechei a porta e tentei não pensar no que aconteceria no andar de baixo. A mãe dela estava no trabalho, e a irmã caçula, Frankie, na aula de teatro — o que significava que Ash e Dylan estavam livres para transar na mesa, se quisessem. Torci para que minha presença os limitasse a carícias íntimas na entrada, mas liguei o som do quarto de Ashley mesmo assim, para garantir. Depois de mais ou menos cinco anos e meio, ou talvez tenham sido quinze minutos, Ash apareceu, com o rosto corado e satisfeito. Humm, minha expressão favorita.

"Desculpe vir mais cedo", falei, folheando casualmente as páginas de uma revista de fofoca que encontrei no chão. "Eu estava tendo uma manhã de merda por causa da maldita Barbie Ioga."

"Sem problemas", Ashley disse. "Sou realmente a melhor amiga do mundo." Demorou alguns segundos pegando roupas nas gavetas, no armário e no chão. "Posso tomar um banho rápido? Devo estar fedendo."

Suspirei.

"Querida, você sempre fede."

"É um problema", concordou. "Volto em dez minutos, tudo bem?"

"Tudo."

E mais uma vez fiquei no quarto ligeiramente abafado da minha melhor amiga, lendo notícias velhas sobre celebridades. Ainda assim era melhor do que ficar em casa com Barbie interferindo na minha vida.

Abri uma janela para me livrar do — encaremos os fatos — cheiro de sexo e olhei em volta, tranquila. Eu tinha perdido minha virgindade naquele quarto. Não com Ashley, caso esteja imaginando. Posso tê-la visto pelada, mas não passou disso. Tinha acontecido havia mais ou menos um ano e meio. Eu tinha quase dezesseis e resmungava para Ashley que queria fazer enquanto fosse ilegal, porque ninguém tinha o direito de me dizer quando transar — a decisão era minha, muito obrigada. No fim das contas Ash ficou de saco cheio das minhas reclamações, e fomos para uma boate apenas com o objetivo de encontrar alguém com quem eu pudesse perder a virgindade. A mãe e a irmã dela tinham ido passar o fim de semana fora, então eu usaria o quarto de Ashley como meu antro de sexo enquanto ela dormia no quarto da irmã. Pensando bem, tinha sido uma ideia idiota e potencialmente perigosa, mas enfim. Deu tudo certo. Não me lembro do nome do menino. Acho que era Hugh, mas vamos chamá-lo de Chase. Ele era decente. Foi o escolhido pelas seguintes razões: a) pareceu incapaz de acreditar na própria sorte quando começamos a conversar com ele; b) os amigos dele também pareciam legais; c) não era muito feio; e d) era mais baixo do que eu, portanto eu poderia reagir se ele tentasse alguma coisa muito ousada. No fim Ashley pegou um dos amigos para ela, então quase pareceu casual.

O pobre Chase não era muito talentoso no departamento sexual — não que eu fosse muito melhor. Nem tive chance. Ele foi com tudo, como se estivesse tentando acender uma fogueira nas minhas partes, e não de um jeito bom. Foi do tipo *tenho que criar atrito! Mais rápido! Mais rápido!* Mais ou menos noventa segundos depois, já tinha acabado. Mas, ei, minha virgindade já era. Missão cumprida.

Na manhã seguinte sentamos e comemos cereal em um silêncio constrangedor antes de Chase e o amigo irem embora, e então eu e Ashley passamos a meia hora seguinte entre gritos e gargalhadas.

Ligeiramente enojada com a lembrança, desci para a cozinha para ganhar alguns pontos como boa amiga. Preparei chá e torradas e milagrosamente consegui levar tudo para cima quase sem derramar, apesar de não ter conseguido (me dar o trabalho de) encontrar uma bandeja.

Ashley saiu do banho e voltou para o quarto pelada.

"Uhhh, obrigada", falou, derrubando a toalha com que estava se secando para pegar uma torrada.

"É como um vício para você, não é?", perguntei.

Ela pareceu confusa.

"O quê? Torrada?"

"Não, bocó. Ficar pelada."

"Ah. Não sei." Ela esticou o lábio inferior como se estivesse pensando no assunto. "Na verdade, não. É só carne, não é? Por que uma xoxota é diferente de uma mão?", observou, apontando para uma, depois para a outra, caso eu não estivesse em dia com os conhecimentos de anatomia.

"Vejamos…", falei. "Você usa a mão para pegar coisas e acariciar animais fofinhos e, tipo, passar manteiga no pão. E a xoxota para fazer xixi e transar."

Ashley deu de ombros.

"E daí? Você também usa a mão para se masturbar, colocar absorvente e limpar a bunda." Ela sorriu, mexeu as sobrancelhas e começou a vestir rapidamente as roupas que havia jogado na cama antes do banho.

"Uau." Me joguei na cama. Não era sempre que Ashley conseguia me deixar com nojo. "Você é uma dama de muita classe, srta. Greene.

Dylan tem muuuita sorte", falei.

Ashley sorriu de um jeito meio irritante, como se ela estivesse se lembrando de alguma coisa íntima.

"Ele tem sim, para falar a verdade." Pegou o chá, me passou a outra xícara e sentou comigo na cama. "Então, o que houve com a Barbie Ioga?"

"Ah, ela me irritou pra caramba", respondi. "Meu pai recebeu uma carta da srta. Ayles informando que vou repetir em inglês se não fizer, tipo, um transplante de cérebro, e aí Barbie resolveu que preciso de um professor particular e que ela mesma vai providenciar um."

Ash franziu a testa.

"O que seu pai disse?"

"Ele acha 'uma ótima ideia'", respondi, desenhando aspas no ar. "Mas só porque não quer parecer irresponsável na frente da namorada."

"Estranho." Tomou o chá. "Não parece o tipo de coisa que ele faria… Opa, desculpe." Ela pegou o celular que estava tocando. "É o Dylan. Só um segundo…"

Corta para uma cena de conversa em sussurros com a pessoa da qual ela tinha se despedido havia menos de meia hora. Parecia que Ash estava combinando de ir à casa dele à noite. Então ela definitivamente falou sério sobre não ir ao ringue de patinação.

"Você mudou", comentei quando Ash desligou. "O que aconteceu com 'atender ligações no meio da conversa é grosseiro'?" Balancei a cabeça com pesar, mas ela não sorriu. Obviamente eu estava tocando num ponto delicado.

"Ah, bom, falei menos de um minuto", respondeu. "Enfim." Ela largou o celular na cama e cruzou os braços. "Por que seu pai acha que vai parecer irresponsável?"

Dei de ombros.

"Não sei. Ele também está com medo de que a minha mãe ache que ele não está me educando direito. Seja como for, metade dos meus genes são dela. Ela contribuiu com a minha burrice, não é mesmo?"

"Cale a boca", disse Ash, curvando o lábio. Ela tentou me chutar, mas estava sentada na cabeceira, e eu no pé da cama, com as costas na parede. E as perninhas dela não eram longas o bastante. "Você não é

burra."

Assenti graciosamente.

"Poxa, obrigada. Mas claramente sou, ou não estaria prestes a repetir."

Ela revirou os olhos.

"Sério, cara, baixa autoestima é uma coisa muito juvenil. Só porque você não é boa em inglês não quer dizer que seja burra." O celular dela apitou com uma mensagem, e ela parou para checar.

"Bom, que seja", falei, enjoada daquele assunto. "A questão é que preciso tirar A, mas do jeito que as coisas vão, não vou conseguir…" Mudei o foco para ela. "Você não está preocupada com os simulados?"

Mas ela estava sorrindo e digitando uma mensagem.

"ASHLEY?"

Ela levantou o olhar.

"Oi?"

"Você escutou alguma coisa que eu disse?"

"Escutei!" Abaixou o celular. "Céus, fica calma… Continue." E gesticulou com a mão para mim.

"Perguntei se você não está preocupada com os simulados."

"Não", ela respondeu, sem nem pensar no assunto. Esperei uma explicação, que não veio. Ela apenas me encarou, sem piscar, e não demonstrava qualquer indício de insegurança.

"COMO você pode NÃO estar preocupada?!", perguntei, batendo no edredom.

"Não sei, Don", ela respondeu. "Estou me preparando para isso há semanas e, no final das contas, são só simulados. Mesmo se tirar notas ruins, ainda tem três meses para virar o jogo."

"VOCÊ ESTÁ REVISANDO A MATÉRIA HÁ SEMANAS?!", chiei. "Ninguém me avisou que tínhamos que fazer isso!"

"Nossa, querida, calma", Ashley disse, recuando um pouco. "Ninguém me avisou nada, mas, tipo, os simulados estão chegando, então…" Ela estalou a língua. "De todo jeito, não é que eu esteja grifando os textos e fazendo resumos. Não sou Cass. Só tenho, você sabe, dado uma olhadinha."

"Ah. Ainda assim é mais do que eu tenho feito." Já estava começando a desejar não ter ido até lá. "E como você ainda encontra

tempo para trabalhar e encontrar Dylan?"

Ela me olhou como se eu tivesse começado a falar outra língua.

"Mesmo que eu estudasse duas horas por dia — o que não é o caso, obviamente — ainda me restariam…", pausou para calcular, movendo os lábios e os dedos, "quinze horas para ficar com Dylan, trabalhar na loja, encontrar você, comer bolo etc. Isso sem contar os fins de semana."

"É. Acho que sim." Era um pouco desconcertante. Aquela Ashley que estudava sem mandarem, atendia ligações e dava sorrisos secretos por causa de um garoto: eu não a conhecia. Minha Ashley transava com vários caras, só respondia mensagens de texto e, na melhor das hipóteses, entregava os deveres no último minuto. Eu sentia falta dela.

"De qualquer forma, não se desgaste por causa disso, querida", falou, descartando minhas preocupações com um aceno, como se fossem leves como uma pluma. "Só, tipo, comece a dar uma revisada." Ela me lançou um sorriso meio *dã*.

"Sim, valeu pela sugestão", falei, franzindo o rosto. "Não sei como posso revisar se não entendi nada do que aprendi, mas tudo bem."

"Céus, como você está atacada hoje", disse Ash, claramente se arrependendo de ter me chamado para ir até lá.

Mordi a bochecha.

"Eu sei. Desculpe. Não tive uma boa manhã. Vamos mudar de assunto."

Ela pegou o celular outra vez, mas falou:

"Olha, por que você não compra uma pasta ou algo assim? Organize suas anotações. É um começo, certo?"

Não pude deixar de sorrir.

"É, mas sabe aquilo que você falou sobre não ser Cass?", ela socou minha coxa, deixando minha perna dormente. "AI! Caralho, Ashley! Para com isso!"

"Bem, então cale a boca." Ela sorriu e balançou a cabeça. "Respondona."

Fez-se uma pausa.

"*Onde* se compra uma pasta hoje em dia?", perguntei, com o dedo no lábio.

Ela continuava escrevendo uma mensagem.

"Não vou nem responder."

Dei risada

"Admita, você já começou a organizar as coisas por ordem alfabética."

"Não enche."

Ri ainda mais. Ela me lançou um olhar.

"Pelo menos você ficou mais animada."

Ah, sim, a boa e velha Donna nunca ficava irritada por muito tempo. Então passamos as horas seguintes comendo porcaria e assistindo a programas péssimos — ou melhor, eu assisti, enquanto ela trocou mensagens com o namorado, até ir encontrá-lo pessoalmente. Só Deus sabe como ainda tinham assunto. Talvez os planos não fossem para conversar. Eca.

Mandei uma mensagem para Rich no caminho de casa, para ver se ele ia patinar na discoteca, e, já que estava em clima de organização, parei em uma loja e comprei uma pasta. Para ser sincera, estava disposta a tentar qualquer coisa. O recesso estava começando, e eu estava disposta a ocupá-lo com estudos. Ashley não era a única capaz de mudar. E, sendo sincera, era muito mais provável que eu passasse nos simulados do que arranjasse um namorado. Mas, ei! Era noite de *roller disco*! Uma noite com muito potencial, principalmente para quebrar o tornozelo e ir parar no pronto-socorro, mas, ainda assim, tinha bastante potencial! Pus meu short jeans, meia-calça preta e uma camiseta retrô do filme *Os gatões* e me preparei para arrasar com meu "visual patinante". E foi exatamente assim que descrevi para Rich quando o encontrei do lado de fora do centro esportivo.

"Visual patinante?", ele disse. "Sério?"

"Sim, totalmente." Dei um soquinho no braço dele. "É como os descolados falam."

"Os descolados."

"Isso." Apontei para mim mesma. "Elite da qual faço parte."

"Ceeeerto…" Ele sorriu, depois me olhou da cabeça aos pés. "Belo short."

Olhei para mim mesma.

"Valeu. Gostei do seu…" Inclinei a cabeça para o lado. Nunca o tinha visto vestindo aquilo antes. "O que é isso? Uma parca?"

"Claro que não!", disparou. "É uma jaqueta Fred Perry modelo Harrington."

"Certo, certo", falei, assentindo. "Porque você vive disputando campeonatos de tênis."

"Hum, está na moda. Não que você saiba muito sobre isso." Ele deu um sorriso afetuoso. Ah, Rich.

Chequei meu celular enquanto afagava seu ombro, distraída.

"É realmente impossível não gostar de você… Onde estão os outros?"

Ele curvou os ombros com as mãos nos bolsos.

"Não sei. Lá dentro?"

"Hum." Curvei o lábio. "Que horas estava marcado?"

Rich me olhou de canto.

"E eu vou lá saber? Faz diferença?"

"Não. Só estava pensando alto." Apontei para a porta com a cabeça. "Vamos?"

Lá dentro, pagamos as entradas e fomos encaminhados para o andar de baixo, o ginásio. Logo avistamos Ollie e Sarah. Estavam olhando através do vidro e gargalhando.

"Qual é a graça?", Rich perguntou.

"As pessoas patinando!", respondeu Sarah, apontando. "Olha lá!"

Fomos para perto deles na janela. Estava escuro e tinha um efeito tosco de luzes nas paredes e música pop saindo das caixas de som, fazendo o vidro vibrar. O local estava cheio de jovens, a maioria da nossa idade, mas alguns mais novos e outros muito, muito mais velhos, todos patinando na mesma direção. Um homem que devia ter uns cinquenta anos (cabelo branco, pança, jeans de vovô e jaqueta de couro) parou na nossa frente, fez uma manobra confiante, virou e começou a patinar rápido para trás, ziguezagueando as pernas.

"Cacete", Rich disse. "Ele manja os movimentos."

"Como Jagger", Sarah completou solenemente.

"Literalmente", observou Ollie. "Ele e Mick Jagger devem ter a mesma idade."

Eles estavam com o nariz encostado na janela, completamente pessimistas.

"Parece *muito legal*!", falei. "Por que estão aí parados?"

Ollie virou o pescoço para me olhar.

"Só estávamos enrolando", disse, afastando-se da parede. "Vamos, então. Meus primos deram bolo, mas vai ser legal, certo?"

Ninguém parecia convencido, mas entramos na fila para pegar os patins. O salão estava surpreendentemente frio e parecia mais cheio do que à primeira vista. Também ficou claro que a proporção de patinadores e não patinadores era de sessenta e quarenta por cento, respectivamente.

"Viram?", gritei para os outros por cima do barulho enquanto sentávamos no chão para calçar os patins. "É tranquilo." E, com essa deixa, levantei; não consegui me equilibrar, e caí com tudo. "AI! Merda!" Fiz uma careta de dor enquanto os outros apontavam e riam. Meu cóccix estava me *matando*. "Acho que quebrei a bunda."

"Hahahahaha! Ah, pobre Donna. Hahahahaha!", soltou Sarah, sua risada comprometendo um pouco a tentativa de solidariedade. Ela e Ollie me seguraram cada um por uma mão e tentaram me puxar, mas os patins deles também cederam, e acabamos os três no chão. Eu estava perigosamente perto de fazer xixi na calça de tanto rir.

"Ai, meu Deus! Não consigo respirar!", ofeguei. Sarah gargalhava tanto que ficou com a bochecha dolorida. E então, de repente, uma figura de minissaia freou habilidosamente ao nosso lado, quase soltando uma rajada de faíscas. Cass. Nós a encaramos boquiabertos.

"Então foi por *isso* que você não atendeu!", gritou Sarah.

"Foi, desculpe. Já estou aqui há um tempo. É muito legal!", sorriu. "O que estão fazendo no chão?"

"Descansando." Sarah se apoiou calmamente nos cotovelos e cruzou as pernas. Não era uma missão fácil usando patins pesados.

"Certo. Então não vão precisar de ajuda?"

"Não."

"Vou voltar lá, então." Ela se virou para Rich. "Você vem?"

Ele balançou a cabeça.

"Daqui a pouco."

"Tudo bem. Até já!" E foi embora. Observamos em silêncio. Tãão mais feliz e confiante agora que estava solteira.

Rich estava de pé na nossa frente, completamente impassível e convencido com seus anos de conhecimento sobre patins. Ele

balançou a cabeça.

"Que vexame… Venha cá." Segurou minha mão, dobrou os joelhos para se apoiar e me puxou para cima. "Agora fique aí", ordenou. "Não tente se mexer." Em seguida fez o mesmo com Ollie e Sarah.

"Muito bem. Agora…" Ele virou as costas para nós e gritou por sobre o ombro. "Não tentem andar. Vocês precisam, tipo, deslizar de um pé para o outro. Dar impulso. E deslizaaar. Dar impulso. E deslizaaar", ele ia demonstrando enquanto falava.

"Dar impulso. E deslizaaar", imitamos. Até que deu certo.

"Estou conseguindo! Estou conseguindo!", ganiu Sarah. Em seguida soltou um "AAAGH!" quando quase caiu outra vez. Ollie não disse nada. Eu realmente nunca tinha visto alguém se concentrar tanto em alguma coisa.

"Ei, Ollie", gritei, mas ele franziu o rosto e levantou um dedo.

"Shh! Estou quase conseguindo… Ei, aonde você vai?", gritou para Rich, que desaparecia na multidão de patinadores para encontrar Cass, com a mão erguida em um tchau silencioso.

"Exibido", comentou Sarah. Sorriu em aprovação. "Mas ele é bom."

"É mesmo", concordei. Era um menino cheio de surpresas.

"Quem precisa dele?", disse Ollie, começando a patinar novamente.

"É isso aí!", eu e Sarah dissemos, e nós três continuamos tentando. Na verdade, não demoramos muito para conseguir ficar em pé sem muito esforço e, em cerca de uma hora, estávamos todos patinando com os outros, apesar de nosso equilíbrio trêmulo e dos braços girando loucamente de vez em quando.

"ESTOU ADORANDO ISSO!", gritou Sarah, pisando forte, mais andando sobre rodas do que patinando. Mas estava funcionando bem para ela. "IUHUUUU!"

Ollie riu, pegou a mão dela e, em seguida, esticou-se para alcançar a minha. Patinamos lado a lado, o que não era a melhor das ideias pois, se um caísse, todos cairiam — mas era hilário. E foi assim que ficamos até o fim — a bem da verdade, não foi muito difícil, pois acabou às dez. Depois caminhamos juntos no escuro, com os pés latejando.

"Ótima noite", Sarah disse. "Obrigada por sugerir, Ols." E deu o braço para ele.

"Quando quiser, linda… Na próxima vez vamos fazer bungee-jump,

certo?"

"Você é especialista nisso também, querida?", perguntei para Cass.

Ela pôs a mão trêmula no peito e suspirou.

"Meu Deus, esqueci de aprender a fazer bungee-jump!"

Rich colocou o braço sobre os ombros dela.

"Não se preocupe, querida. Pode acrescentar à lista."

"Tantas ambições perigosas, tão pouco tempo", ela disse, balançando a cabeça entristecida. Olhou para o relógio. "Ainda está cedo. Vamos a outro lugar?"

Ollie sorriu.

"Olha só você, dona solteira!"

"Só estou aproveitando ao máximo o meu tempo", respondeu cerimoniosa. E esfregou as mãos. "Então, quem está a fim de dançar? Podemos ir à boate de Charlie. Ele pode nos deixar entrar de graça…", disse alegremente. O irmão mais velho de Cass era segurança de uma boate horrorosa chamada Courtney's. Foi uma ideia tentadora, principalmente quando Ollie e Sarah toparam, mas então Rich disse:

"Acho que não vou."

"Sem problemas, cara", Ollie respondeu. Ninguém tentou convencê-lo a ir. Não porque não quisessem, mas porque ele precisava ser cuidadoso perto de bebidas alcoólicas. Às vezes era difícil incluí-lo em nossos programas sem colocá-lo no caminho da tentação. Não que ele quisesse ser posto à prova, mas você me entende.

"Acompanho você até sua casa", falei para ele. "Preciso estudar amanhã, de qualquer forma."

Ollie recuou, alarmado.

"Estudar?"

Sarah pôs a parte de trás da mão na minha testa.

"Está se sentindo bem?"

Ha ha ha. Revirei os olhos.

"Muito engraçado…" Olhei para Cass pelo canto do olho, mas ela estava chutando o chão e cantarolando baixinho para si mesma. Santa Cass por não ter dito nada. Era uma boa pessoa, apesar da mania irritante de saber tudo.

Então nos despedimos, e eu e Rich começamos a caminhar. Sozinhos, juntos na solteirice e na estranheza.

3



DOMINGO. O dia em que pessoas normais faziam os deveres de casa, certo? Eu estava de bom humor — o programa da véspera tinha sido divertido, e eu não estava de ressaca —, então, você sabe: UHU!, VAMOS LÁ!, e coisa e tal. Peguei uma caneta, meu caderno, minha nova pasta, e reuni minhas anotações de inglês do último ano e um pouco antes. Demorou um certo tempo, considerando que estavam espalhadas por todos os cantos. Achei algumas folhas meio amassadas até no fundo de uma mochila que usei no começo do segundo ano (sim, muito orgulho de mim mesma de ter pensado em procurar lá). Carreguei tudo para a sala, espalhei sobre a mesa de centro, levantei para assimilar o caos de papéis desorganizados, suspirei, fui preparar uma xícara de chá, voltei, tomei o chá enquanto olhava para o caos supracitado e, praguejando de vez em quando, levei a xícara de volta à cozinha, preparei uma vasilha de cereal, voltei, comi enquanto repetia a atividade de olhar e xingar, depois reuni todos os papéis, guardei embaixo da mesa e decidi começar meu trabalho sobre *Romeu e Julieta*. O trabalho também era de inglês, então tudo bem. Organizar as anotações ficaria para depois.

Então. Peguei uma folha sulfite em branco, escrevi meu nome no topo e depois o título: "Apresentação do amor juvenil em *Romeu e Julieta*, *Um panorama visto da ponte* e *O morro dos ventos uivantes*".

Sentei sobre os pés. Merda. Onde estava meu celular? Na cozinha. Fui buscar e, enquanto a chaleira fervia água para mais um chá, procurei "amor juvenil em Romeu e Julieta" no Google. Sentia-me

razoavelmente (isto é, não muito) confiante em relação a *Um panorama visto da ponte* e *O morro dos ventos uivantes*. Pelo menos o inglês era fácil de entender. Mas a tragédia de Shakespeare poderia estar escrita numa língua alienígena, que daria na mesma. O.k., milhares de resultados. Um começo promissor. O primeiro em que cliquei fazia uma espécie de resumo da relação entre Romeu e Julieta em um único parágrafo, em seguida listava sugestões de questões discursivas. O segundo link era da Wikipédia, e não entendi nada. O terceiro parecia ter diversas respostas, mas não me deixava lê-las sem cadastro no site. O quarto trazia praticamente as mesmas informações que o primeiro.

Levei o chá e o celular de volta para a sala, sentei no chão ao lado da mesa e peguei mais uma folha de papel. Fiz uma lista com tudo da busca na internet que pudesse ser relevante. Mesmo com uma encheção de linguiça heroica, provavelmente aquilo daria o quê? Trezentas palavras no máximo? Eu precisava de três mil. Então procurei na pilha de anotações as que eu tinha feito na última aula, mas só tinha escrito a data diversas vezes e em vários estilos, mais as palavras "Julieta era" e um desenho surpreendentemente detalhado de uma sereia. Superútil. De qualquer forma, qual era a utilidade de anotar tudo? Eu queria ser atriz, não escritora. Entendia que compreender Shakespeare poderia ser útil para um ator — poderia até ser vital —, mas eu também tinha bastante certeza de que essa compreensão não chegaria através da escrita de malditos ensaios. Eu simplesmente não conseguia. Não conseguia! E então — que merda — já estava praticamente chorando por causa disso!

Limpei os olhos furiosamente, praguejei um pouco mais e peguei meu celular mais uma vez, sem saber ao certo por quê. Senti o peso dele nas mãos. Rich. No caminho de casa na noite anterior conversamos sobre como ele estava. Os últimos meses tinham sido péssimos, a começar pela morte da avó, evoluindo para uma depressão, abuso de bebidas, excesso de remédios, overdose acidental. Ele estava superando, mas tinha se atrasado na escola e andava tendo "conversas importantes" com os professores parecidas com as minhas, apesar de todos serem mais solidários com ele, sem dúvida. Não podia culpá-los. Acessei as "Chamadas recentes" e cliquei no nome dele.

Ouvi o clique quando ele atendeu, uns ruídos vagos e em seguida:

"Dixon."

"Jones… O que foi isso?"

"Esqueci que meu celular ainda estava conectado ao carregador. E aí, tudo bem?"

"Tudo péssimo. Nunca vou conseguir escrever três mil palavras." Recuei para me apoiar no sofá e tentei não olhar para os papéis. Será que o segredo para passar nas provas estava escondido ali em algum lugar? Dificilmente. Eu queria vomitar.

"Tsc, tsc, tsc", ouvi Rich estalar a língua de maneira solidária e ao mesmo tempo sarcástica, como sempre fazia. Mas em seguida disse: "Nem comecei a pensar nisso, se serve de consolo".

Rich estava na outra turma de inglês, junto com Sarah. Sem querer ofender, eu preferia estudar com eles a ser da sala de Cass.

"Você está fazendo sobre amor juvenil?", perguntei.

"Não sei. Ainda nem decidi. É só para junho."

Sorri.

"Ah, Rich, você sempre sabe como me animar."

"Tudo por você, querida…" Uma pausa. "Olha, eu também estou morrendo de medo dos simulados e tudo o mais. Tenho a desculpa do luto e da overdose…"

Interrompi-o.

"É uma boa desculpa."

"Ah, sim, totalmente. Recomendo a qualquer pessoa preocupada com as provas que sofra um colapso em uma piscina de vômito com as calças abaixadas dentro de um banheiro de bar. Mas eu ia dizer que ter uma desculpa significa que os professores estão pegando leve comigo, mas os examinadores não vão, não é? Se eu reprovar, reprovei. Não vão falar *pobre Rich, a avó dele morreu, ele se entupiu de remédios, vamos dar um C*."

"Acho que não", concordei.

"Então, sei como você se sente, querida. Podemos ser alunos problemáticos juntos, né? Uhu!"

Sorri.

"Você acabou de dar um soco no ar, não foi?"

"Claro que sim."

"Bem que imaginei." Fui para o sofá. "Então, o que vai fazer?"

O celular chiou no meu ouvido quando ele suspirou.

"Não sei ao certo. Eu *realmente* não quero fazer o ano de novo, mas ao mesmo tempo não quero continuar e tirar notas baixas nos exames."

"Até quando você precisa decidir?"

"Não sei ao certo", disse novamente. "Tenho uma reunião com Paul amanhã."

Dei risada.

"Vai ser divertido."

"Argh, nem me fale." Suspirou, melancólico. "Da última vez ele me chamou de 'amigão'."

Por algum motivo achei hilário, comecei a gargalhar e não conseguia parar.

"Que foi?", ele disse, magoado. "Foi isso que ele fez!" Rich tentava soar indignado, mas também estava rindo. "Veja bem, querida", falou, depois que nos acalmamos. "Se você realmente quiser passar em inglês, vai conseguir. E não estou falando daquele jeito piegas de reality shows de que *você só precisa acreditar* e coisas assim. Você vai passar porque é inteligente demais para não conseguir." Comecei a protestar, mas ele não deixou. "Não, cale a boca um minuto. Chega dessa história de 'sou burra'. Sem ofensas, mas não é nem um pouco sexy. E um pouco ofensivo aos burros. Por que roubar deles a única coisa que eles têm?"

Dei risada.

"É sério", Rich continuou. "Você é uma ótima atriz…"

"Excelente", corrigi.

"Ugh." Quase pude ouvi-lo revirando os olhos. "Como ia dizendo, você é uma *ótima* atriz, é engraçada e, querendo ou não, é boa com palavras."

"Não sou não!", disparei, apesar de estar achando aquela história de elogios divertida.

"É, sim", ele insistiu calmamente. "Eu a vi fazendo aquela improvisação. Você tem talento, Don."

"Ah. Legal." Deitei no sofá e olhei para o teto. "Continue. Que tal falar sobre minha incrível beleza natural agora?"

"Ninguém gosta de quem quer confete", ele riu.

Apoiei a perna direita no joelho esquerdo e balancei os dedos do pé

no ar.

"Confete? Ainda usam essa expressão?"

"Claro que usam! E então…?", prosseguiu.

"O quê?"

"Minha vez de receber elogios."

"Ah, desculpe. Certo." Sentei um pouco mais ereta. "Hum…" Estalei a língua. "Ahhh, já sei! Você está sempre cheiroso."

Uma pausa.

"Ótimo. 'Você não fede'… Pode ir parando", ele disse. "Não vou aguentar esse ataque de elogios."

Estava rindo como uma louca. Ninguém conseguia me fazer rir como Rich.

"Bem, obviamente você também é lindo, inteligente, talentoso e tão gostoso que mal consigo me controlar e não pular em cima de você quando estamos no mesmo recinto."

"Assim é melhor. Apesar de essa história de pular em cima de mim ser *levemente* perturbadora… De qualquer forma, eu realmente acredito no que disse a você", continuou, com o tom de repente sério. "Você pode acreditar ou não, querida, mas sugiro que acredite. Provavelmente já é tarde demais para mim, mas não para você. Não é como se as provas fossem na semana que vem…" Rich fez uma pausa. "Você consegue, Don", declarou simplesmente. "Então continue firme, certo?"

"Certo", respondi. "Vou continuar."

E fui sincera. De verdade. Mas apesar de ser totalmente grata à fé de Rich em mim, não dava para resolver tudo magicamente. Não era como se de repente eu conseguisse ver a luz, sentar e escrever uma obra-prima, O Melhor Trabalho de Todos os Tempos. Encerrei a ligação contente com os elogios, sorri sozinha, sentei, olhei para os papéis no chão e o sorriso desapareceu. Não seria fácil. Sinceramente, era quase impossível. Mas não era *completamente* impossível. E naquele espaço entre *quase* e *completamente* encontrava-se a minha chance. Então eu realmente precisava de um professor particular, mas a Barbie Ioga podia ir à merda. Eu arrumaria um sozinha e passaria naquelas

malditas provas nos meus próprios termos. ★Soco no ar★

4



FOI TOTALMENTE COMO UMA CENA DE FILME. Primeiro dia do recesso, camada fina de neve no chão, três amigos — vamos chamá-los de Sarah, Ollie e Ashley —, bochechas rosadas e muitas roupas de lã, risos, tudo impregnado pelo brilho da juventude, da positividade e porcarias desse tipo. Infelizmente, era a Vida Real e não o Mundo dos Filmes, então, em vez de fazer alguma coisa divertida e espontânea, estávamos a caminho da biblioteca para estudar. Na Vida Real, eu ia andando um pouco atrás, possivelmente com cara de bunda. Não estava a fim de passar o primeiro dia de folga na biblioteca.

Então um pedaço de papel em um quadro de avisos mudou *tudo*, e nem estou sendo dramática.

"O que está fazendo?", Ollie perguntou quando entramos na biblioteca e desviei da rota para ir até o quadro de avisos.

"Só vou dar uma olhada. Já encontro vocês."

Eles continuaram, e voltei minha atenção para o quadro. Obviamente estava pensando que poderia ter alguma propaganda de professor particular ali, mas não achava que seria tão fácil. Tinha procurado "professor particular em Brighton" no Google na noite anterior, mas só servira para me deixar nervosa. Tudo envolvia inscrições ou aulas-teste, e parecia oficial demais, provavelmente caro demais e com certeza parecido demais com o colégio. Eu não sabia ao certo o que queria, mas não era aquilo. Então, sem muita esperança, dei uma

olhada no quadro. E ali, bem no meio, como se tivesse sido afixado só para mim, havia um pedaço de papel com as palavras PROFESSOR PARTICULAR, e logo abaixo: "Maximize o potencial de sua inscrição para a faculdade. Professor particular de inglês, disponível à noite e em finais de semana previamente agendados. Entre em contato com Will Browning". Antes que desistisse, digitei o número dele no meu celular.

"Alô?"

Quase desliguei. O que eu estava pensando? Queria mesmo espalhar a informação de que eu era uma burra completa para além do meu círculo de professores, amigos próximos e familiares? A resposta era não. Mas, de qualquer forma, fechei os olhos e disse:

"Oi, meu nome é Donna, vi seu anúncio na biblioteca e gostaria de saber se você ainda está disponível." Sentei no chão com as costas apoiadas na parede, os joelhos encostando no queixo e o celular escondido na palma da mão. Não que eu estivesse envergonhada… O.k., era exatamente isso. Por vários motivos.

"Ah, ótimo! Você é a primeira pessoa a ligar por causa desse anúncio." Em seguida tossiu e disse: "Quer dizer, tirando as centenas de usuários da biblioteca desesperados para usufruir das minhas excelentes habilidades como professor particular, é claro".

Ri hesitante. Ele soava gentil e normal, completamente diferente do nerd insuportável que eu imaginava.

Quando não respondi nada, ele falou:

"Hum, o que você está procurando, exatamente?"

"Não sei direito", respondi. "Basicamente…" Respirei fundo. "Bem, basicamente não vou passar em inglês."

"Certo", disse. "Você está muito atrasada em relação à turma?"

"Não", respondi. "Mas tirei notas horríveis em tudo e ainda não fiz o trabalho final."

"Quando diz notas horríveis você quer dizer…?"

"Bem, tirei F no último trabalho, mas normalmente tiro D ou E". Engoli em seco, um tanto envergonhada.

"E está completamente em dia?"

"Estou."

"Então podemos resolver", disse simplesmente. "Você não vai ser

reprovada."

Ergui as sobrancelhas.

"Uau, você parece confiante."

"Estou confiante", concordou. "Quer dizer, talvez seja um pouco tarde para os simulados, mas podemos reverter a situação a tempo do trabalho final e dos exames. Se você quiser, é claro. Não estou dizendo tudo isso só para persuadir você."

"Claro. Você já tem centenas de pessoas batendo à sua porta", falei antes que pudesse me conter.

Ele riu.

"Elas existem, de verdade!" Houve uma pausa, e esperei. Então ele disse: "Olha só, cobro dez libras por uma hora e meia de aula. Pode ter quantas quiser. Podemos fazer um teste para ver como vai ser, que tal?".

Não me parecia má ideia. Era, tipo, um terço do preço que vi na internet.

"Sim, tudo bem", topei. Senti um frio na barriga, como quando o carro acelera na descida.

Eu devia estar sorrindo quando cheguei à mesa onde o pessoal estava, pois Ashley ergueu uma sobrancelha e perguntou:

"Alguma coisa que queira nos contar?"

"Ah, nada", respondi vagamente. "Só estava falando com um professor particular de inglês gatinho." E me abanei afetadamente.

"Sério?!", disse Ashley, sentando-se mais ereta. "Como ele é?"

Sentei ao lado dela.

"Como vou saber? Só falei por telefone. Mas ele pareceu legal. Pareceu bastante confiante de que eu posso passar em inglês, o que para mim é suficiente."

"Que bom", comentou Sarah. "Sério, eu me borraria toda se tivesse que ligar para um estranho e pedir ajuda."

Sorri.

"Valeu, cara." Olhei para Ashley para ver sua reação, mas ela estava concentrada no celular, sorrindo para uma mensagem. Não era difícil adivinhar de quem era.

Ollie chutou-a sob a mesa.

"Ei, Greene, qual é a graça?"

"Nada", ela respondeu timidamente, cobrindo o celular com a mão, como se estivéssemos tentando ler.

Franzi o rosto. Como se quiséssemos saber o que rola nas mensagens picantes entre ela e Dylan. Eca. E eu nunca tinha visto Ashley sem graça antes. Nunca. E éramos amigas desde a quinta série. O celular dela vibrou, e mais uma vez vieram os risinhos. Sarah captou meu olhar e deu um sorriso de canto da boca. Quando ela estava com aquele Joe, Ashley sempre reclamava quando ela mandava mensagens em público. Dei de ombros em solidariedade, contraí os lábios como se dissesse *fazer o quê?*, e Sarah abaixou a cabeça e voltou para os livros. Estava revisando *Tess d'Urbervilles*. Talvez eu devesse perguntar se ela podia me emprestar suas anotações. Mas Ollie se inclinou na direção de Sarah e cutucou seu ombro. Ela olhou, e ele apontou para o estojo de canetinhas coloridas na frente dela.

"Você sabe que não ganha pontos por ilustrar a folha do exame, certo?"

Sarah pôs a mão no braço dele.

"É que você ainda não viu minha ilustração comovente de Tess e Angel. É um sucesso."

Ollie sorriu.

"Não faço ideia do que esteja falando, mas mesmo assim…", mexeu as sobrancelhas assanhadamente, "conte mais."

Sarah riu.

"Seu inculto."

Revirei os olhos na direção de Ashley — por que Sarah e Ols não iam para um motel de uma vez? —, mas ela estava digitando freneticamente no celular.

Me larguei na cadeira. Maravilha. Eu estava em uma mesa cheia de flertes, e minha única contribuição tinha sido um comentário sobre a beleza de um cara que nunca vi. Será que era fisicamente impossível que eu gostasse de uma pessoa real? Eu podia passar semanas apaixonada pelo personagem de um filme, mas na vida real, nada. Era como se me faltasse um gene. O gene do amor. Sentei e me curvei sobre as anotações, mas não consegui me concentrar. Eu começaria no

dia seguinte, quando Will aparecesse.

Só estávamos papai e eu em casa na hora do jantar daquela noite. Ele preparou chili e comemos assistindo *Top Gear*, um programa sobre carros que passava na TV. Éramos ligeiramente fascinados por *Top Gear*. Sei lá, os apresentadores eram uns idiotas, mas mesmo assim o programa era bom. Estranho.

"Legal estarmos só nós dois", comentei demonstrando companheirismo, enquanto Jeremy Clarkson e o outro cara faziam algo constrangedor na TV.

"É", papai concordou. Fez uma pausa. Notei pelo ritmo mais lento de sua mastigação que ele estava pensando em falar mais alguma coisa. Engoliu fazendo barulho e então acrescentou: "Você devia dar uma chance a Barbie. Ela é uma boa pessoa". E voltou a comer com tranquilidade.

"Humm", falei.

Mastiguei, mastiguei, engoli, vi mais uma cena do programa. Eu não queria ter aquela conversa. Tinha muito medo que papai dissesse que Barbie era a mulher certa, ou, céus, que ela iria morar conosco. Ou algo ainda pior.

Em vez disso ele falou: "Gosto muito dela".

Engoli.

"Excelente." Raspei o garfo no prato. "Fico feliz por você."

Papai pousou o garfo e desviou a atenção da TV para olhar para mim. Merda.

"Donna, estou falando sério. Por favor, dê uma chance a ela…"

Fiquei concentrada em caçar um grão no meu prato com os talheres.

"Sei que deve ser difícil para você, ter que me dividir com outra pessoa…"

"Não ligo para isso", desdenhei. Grande mentira.

"Bom, acho que seria difícil para você se eu me relacionasse com qualquer pessoa."

Dei de ombros e não pretendia falar nada, mas resolvi abrir a boca.

"Acho que tenho padrões muito altos para você." Tentei não curvar o lábio. "Quer dizer, *quem é ela*?"

"Bem…" Ele pareceu pensar um pouco no assunto enquanto empurrava chili para o garfo com os dedos, distraidamente. "Você já sabe que ela tem um cargo de gerente."

(Papai trabalhava com o estoque de uma empresa fornecedora de material para a "indústria espacial". Tudo meio secreto. Ele fazia inventários, controle de qualidade, controle de estoque — coisas assim. Quando eu era pequena adorava visitá-lo no trabalho. Os colegas faziam festa, me davam biscoitos, e meu pai me levava na empilhadeira. Mas fazia tempo que eu não ia até lá — uma criança de quatro anos não percebe os segredos, muito menos espalha. Mas uma criança de seis, sete ou oito anos talvez o faça — e eu ainda não entendia o que ele fazia lá todos os dias, simplesmente porque ele não me contava.)

Então. Gerente.

"Pois é", respondi.

"Bem…" Ele me olhou um pouco desesperado. "O que mais quer saber?"

Me inclinei e pus o prato vazio no chão.

"Não sei." Cruzei as pernas. "Acho que… Por que gosta dela? Digo, além do fato de que ela provavelmente é bastante flexível."

Ele também pousou o prato e se inclinou para trás, com as mãos atrás da cabeça.

"Não seja tão tacanha, querida", disse. "Ioga faz muito bem. Talvez eu até comece a praticar." Ele fez uma expressão como se estivesse brincando, mas não estava.

Quando eu tinha mais ou menos doze anos me toquei de que um sujeito relaxado e que fumava maconha como meu pai era uma pessoa estranha para trabalhar em uma empresa espacial, mas aparentemente tinha a ver com abraçar o universo e tentar desbravar o desconhecido. Não consigo me lembrar da minha reação na época. Tenho certeza de que não envolveu sentar de pernas cruzadas no chão, fumar um baseado e cantar "Across the Universe", como ele provavelmente teria gostado. Bom, acho que ele finalmente tinha encontrado alguém que compartilhava de seu entusiasmo por viagens espaciais e pelos Beatles. Vitória em dobro!

Papai olhou para mim, e arregalei os olhos, como se dissesse: *e*

então…?

"Tudo bem." Suspirou. "Gosto de Barbie porque ela é gentil, bonita e ri das minhas piadas."

"Ceeeerto." Mordi a bochecha e tentei não parecer completamente cética, mas não pude deixar de acrescentar: "mas não é muito sério, é?".

"Bem, nos dê uma chance", pediu. "Estamos saindo há pouco tempo. E, de qualquer forma, algumas coisas são particulares. Mesmo para você. Quando foi a última vez que perguntei alguma coisa sobre sua vida pessoal?"

"Nunca", admiti. E ele realmente nunca tinha perguntado. Mas, considerando que eu nunca tive nada que pudesse ser chamado de namorado, ele nunca teve motivo. E, na única vez em que tive alguém, meu pai não teve a chance de descobrir.

"Então. Que tal me conceder o benefício da dúvida dessa vez? Barbie é legal." Papai assimilou minha expressão e acrescentou: "Sei que às vezes ela exagera, mas pegue leve. Ela só quer que vocês duas se deem bem".

Funguei.

"Bom, esse tipo de coisa se conquista."

"Então deixe que ela conquiste!" Ele pareceu triunfante, como se tivesse vencido a Batalha das Palavras. Que seja. Emiti um ruído descompromissado e levantei para levar os pratos até a cozinha. Fim de papo.

5



A SALA ESTAVA UM POUCO BAGUNÇADA. Minhas anotações ainda estavam empilhadas sob a mesa de centro, e havia marcas de copo no tampo de vidro da mesa. Os jornais de domingo estavam espalhados pela mesa de jantar (normalmente iam para o lixo em algum momento depois de quarta-feira) e havia três caixas de DVD com os respectivos conteúdos espalhados pelo chão em frente à TV.

Fiquei parada na entrada, com os braços cruzados. Poderia dar uma rápida arrumada, mas abriria um precedente perigoso. Se aquele Will fosse aparecer regularmente (pensamento positivo), eu não queria ter que arrumar tudo como uma dona de casa maluca todas as vezes. Então tirei os jornais da mesa onde iríamos estudar e pronto. Ah, também enchi a chaleira e abri um pacote de biscoitos. Minha mãe ficaria orgulhosa (na verdade, ficaria chocada e estarrecida; a casa dela não podia receber visitas até que noventa por cento da atmosfera consistisse de lustra-móveis).

Olhei meu celular quando 9h59 se transformaram em dez horas e, sem brincadeira, a campainha tocou exatamente naquele instante. Eu não sabia se esse TOC em relação ao horário significaria que ele era um excelente professor particular, ou se ele me acharia uma maluca incorrigível. Só havia um jeito de descobrir. Fiz o esforço de não correr para abrir a porta, até porque nossa casa era tão pequena que em três passos eu daria de cara com ela. Ao abrir a tranca, dei risada de um jeito ligeiramente exagerado ao imaginar Will me encontrando no chão com passarinhos voando em volta da minha cabeça. O que

obviamente significou que sua primeira impressão de mim foi a de uma menina que ria que nem louca. *Ponto para mim!*

Vi ele dar um sorriso meio confuso antes de dizer:

"Oi… Donna?" Com espanto, percebi que Will Browning era apenas alguns anos mais velho do que eu e, sim, era mesmo um gato. Tinha mais ou menos a minha altura, cabelo castanho-escuro cacheado e olhos azuis, e vestia uma calça marrom de cintura baixa e uma camisa azul claramente vintage ou de segunda mão. Nos pés, all stars surrados. Tinha cara de que gostava de rock alternativo. Nem um pouco do meu tipo, qualquer que fosse.

"Sim, oi, Will. Muito prazer." Demos um aperto de mão e, por algum motivo, tive que me segurar para não ficar olhando para a minha palma depois. Sorri. "Entre…"

Ele deu um sorriso rápido de volta.

"Obrigado."

Eu o levei até a mesa de jantar.

"Acho que aqui é o melhor lugar… Então, hum… sente-se. Quer um chá?"

Ele começou a tirar coisas da bolsa. Sem levantar os olhos, respondeu:

"Só se você já estiver fazendo."

"Estou", disse.

"Ótimo, obrigado." Olhou para mim e deu mais um sorriso rápido. "Com leite, sem açúcar, por favor."

"Tudo bem." Observei-o se ocupar com cadernos e canetas, e depois, me sentindo um pouco desanimada, fui para a cozinha. Fiz uma cara de *dã* para meu reflexo no micro-ondas. *O que você esperava? Você é uma aluna de colégio prestes a repetir. Sexy.* Contraí os lábios para a imagem do micro-ondas e reparei no contorno embaçado do meu reflexo no vidro fosco. O que os outros enxergavam quando me viam? As pessoas costumavam me dizer sobre a sorte que eu tinha por ser alta e "ah, você devia ser modelo", como se altura fosse o único pré-requisito. Sei que eu não sou feia, mas também não sou nenhuma Kate Moss (para começar, minha pele era morena demais). Então o que eu era? Quem eu era? Havia um motivo para eu gostar de atuar. Fingir ser outra pessoa. A água na chaleira ferveu, e fiz uma cara de *dã* ainda

pior, antes de preparar o chá com leite e sem açúcar.

Levei o chá e os biscoitos para a mesa, abri completamente o pacote para facilitar o acesso, e em seguida fiz um gesto com a mão apontando para eles.

"Um lanche. Fique à vontade para se servir."

"Obrigado", Will disse, e acabou com um biscoito em duas mordidas. "Adoro nozes com gengibre", falou com a boca cheia. Ou, pelo menos, acho que foi isso que ele disse. Em seguida limpou os cantos da boca com o polegar e o dedo médio, tomou um gole de chá e voltou seus olhos estranhamente azuis para mim. "Primeiro, preciso ver suas anotações e seu programa de estudos, por favor."

"Ah. Sim. Claro." Pisquei com o início súbito dos trabalhos. Peguei minhas anotações sob a mesa de centro e coloquei diante dele. "Os trabalhos estão lá em cima. Já volto."

Quando voltei com os trabalhos, Will já tinha começado a separar pilhas de papel. Pegou uma folha, passou os olhos por ela e a deixou no chão. Fez sinal para que eu sentasse ao lado dele.

"Poderia me ajudar a separar isso? Na verdade…" Esticou o braço e pegou o papel que tinha deixado no chão, dobrou em tiras, depois abriu e começou a escrever. Era canhoto. O cotovelo dele tocou meu braço. Rasgou a primeira tira e a colocou sobre a primeira pilha. Dizia "Wilfred Owen". Depois fez o mesmo com *Tess d'Urbervilles* e os outros textos. "A pilha no chão é lixo", falou. Ergui uma sobrancelha, e, corando de leve, ele bateu na testa. "Palavra errada! Quis dizer que são papéis sem anotações úteis. Desculpe."

Sorri.

"Entendi."

Passamos alguns minutos numa estranha parceria, organizando minhas anotações em pilhas. Havia uma quantidade vergonhosa de lixo, e nem tudo estava na pilha do chão.

"Certo", falou quando o último papel havia tomado rumo. "Você não tem uma pasta ou coisa parecida, tem?"

Ergui um dedo triunfante.

"Espere aqui!" Corri para o quarto, peguei a pasta que tinha comprado na loja e desci correndo de volta. "Aqui", falei, ligeiramente ofegante.

"Perfeito", ele disse e começou a arquivar minhas anotações, separando cada matéria com um post-it de um bloco que havia tirado da bolsa. "Pronto." Ele me entregou a pasta e eu a segurei, um tanto impressionada.

"Uau, isso foi incrível."

"Horas de prática", disse, sorrindo. Depois voltou a atenção para os meus trabalhos. Deu uma olhada, anotando cada título e a nota. A mais alta foi um C. Só um. Impressionante, não? Também havia algumas notas D, várias E e a F. Will olhou impassível para a lista enquanto eu tentava não morrer de vergonha. Ele batucou a caneta duas vezes na mesa, levantou o olhar e abriu um sorriso largo. "Você definitivamente pode passar em inglês. Está bem menos atrás do que algumas pessoas que já conheci."

Lancei a ele um olhar de *aham, sei*.

"É sério?"

"Sério… Quais são suas outras matérias?"

"Só teatro e artes dramáticas. É uma matéria só, aliás, apesar de parecer que são duas. Eu, hum, só escolhi duas matérias avançadas porque não pretendia fazer faculdade. Quero ser atriz, sabe, e, bem, para isso não é preciso passar pelos exames. Só que agora acho que quero fazer faculdade de artes cênicas e *preciso* de boas notas em duas matérias avançadas para passar, então inglês se tornou relativamente crucial. Sou péssima em redação. Tenho que escrever algumas coisas para a aula de teatro, mas me preocupo menos porque minhas notas das atividades práticas já são altas o suficiente para que eu consiga passar. Mas inglês é, bom, acho que é um caso perdido", tagarelei, um pouco enjoada.

Ele pegou a agenda.

"Bem, recebi algumas indicações e estou bem ocupado por causa das provas do meio do trimestre, mas para dar conta precisaremos nos encontrar duas, de preferência três vezes por semana." Passou a caneta pela página. "Vou fazer algumas ligações, para ver se consigo remanejar algumas coisas, e aviso você amanhã, se não tiver problema." Will me olhou com expectativa.

"Ah, sim. Tudo bem", respondi. Arrisquei um sorriso. "Vamos em frente."

Mais um daqueles breves sorrisos.

"Ótimo."

Passamos a próxima meia hora formulando um plano de estudos baseado no que eu era pior (ou melhor, "nos meus pontos fracos", como Will disse), com ênfase inicial em *Romeu e Julieta* para tentar recuperar alguns pontos no que ainda restava do curso. Às onze e meia Will olhou o relógio e disse:

"Por hoje é só." Começou a reunir as coisas. "Ligo amanhã para marcar a próxima aula. E conversamos sobre o pagamento depois." Demos um aperto de mão, e, com mais um sorriso breve, ele se foi, e eu fiquei na porta, meio atordoada e estranhamente animada com a perspectiva de passar mais tempo com Will. Como que aproveitando a deixa, meu celular vibrou com uma mensagem e voltei para a realidade. Era de Ashley.

E AÍ??? Ele te agarrou sobre pilhas de papel sulfite???

E então, quase imediatamente, chegou outra, de Sarah.

Como foi com o prof. particular??

Céus. Por que eu tinha feito aquele comentário idiota sobre ele ser gato? Rapidamente respondi para as duas.

Tudo bem. Ele ARQUIVOU minhas ANOTAÇÕES! SEXY, não?

Voltei devagar para a mesa e olhei para a cadeira onde Will havia sentado. *Cuidado*, disse a mim mesma. *Você já passou por isso. E precisa se concentrar nos estudos.* Passei o dedo sobre a caligrafia pequena e clara de Will, em uma das tiras.

"Sim", sussurrei. "Tenha muito cuidado."



6

ACORDEI COM O TOQUE DO MEU CELULAR, o que nunca acontecia. Nenhum dos meus amigos acordava antes de mim, e Jess e minha mãe sabiam que não deviam me ligar cedo. Resmunguei alguma coisa esperando que soasse como um "alô".

"Oi, é Will Browning. Liguei muito cedo?"

Tentei ficar mais ou menos sentada.

"Ah, oi. Não sei… Que horas são?"

"Nove e pouco." Ele não soou como alguém que se incomodaria se fosse cedo demais.

"Não, tudo bem." Contive um bocejo. "Normalmente acordo a essa hora."

"Ah, ótimo. Desculpe por tê-la acordado, de qualquer forma. Posso ir aí hoje às quatro, e amanhã no mesmo horário, se não tiver problemas."

Mais uma vez o profissionalismo repentino. Então ele não gostava de jogar conversa fora. Tudo bem, eu também não. Sempre achei um pouco falso. Era como música de elevador verbal — presente só para preencher um espaço que não precisava ser preenchido.

"Por mim tudo bem", respondi.

"Ótimo. Até mais tarde, então."

Comecei a me despedir, mas ele já tinha desligado. Então os planos para aquele dia já estavam feitos. Uma manhã virando páginas e dizendo para mim mesma que estava estudando; almoço com o pessoal no centro; Will à tarde. Seria interessante. Chutei o edredom e

coloquei os pés no chão, mas congelei quando ouvi vozes vindas do andar de baixo. Barbie. Por que eles não estavam no trabalho? Batuquei os dedos dos pés no carpete por um segundo, hesitando. Tudo bem, eu não precisaria passar nenhum segundo com ela — tinha que estudar, certo? Estava muito ocupada. Sem tempo para conversinhas.

Saí da cama e cambaleei até o banheiro. Pelo menos estava vazio, certamente havia um bom tempo. Detestava ter que esperar enquanto ela terminava de tomar banho. Ela sempre deixava um vapor com aroma de sabonete orgânico de aveia. Eu fazia questão de abrir a janela quando entrava, mas ela ainda não tinha captado a indireta. Então tomei banho, me vesti, assumi uma expressão de extremamente ocupada e desci correndo, como se perder um único minuto da minha agenda lotadíssima pudesse determinar a diferença entre passar e repetir.

"Oi, querida!", Barbie entoou. Ela estava à mesa, tomando uma bebida verde de aparência horrível e lendo o jornal. Estava vestindo o roupão do papai e, ao que parecia, mais nada. Eca.

Passei por ela e fui para a cozinha, dando um "oi" monótono sobre meu ombro. Sério: *querida*?

"Ah, já ia me esquecendo", Barbie pronunciou em voz alta. "Encontrei um ótimo professor particular para você!"

"Não precisa", gritei de volta. "Já tenho um." Meu pai, que estava colocando leite no cereal de trigo, me lançou um olhar sério, então acrescentei um nada sincero "mas obrigada". Ouvi o som de uma cadeira raspando no tapete e um segundo depois ela apareceu na porta da cozinha. Não sabia dizer com que expressão, porque a ignorei.

"Como assim *já tem um*?", papai perguntou com a boca cheia.

Fixei olhos pesados nele.

"Como eu disse…"

Ele levantou a colher.

"Não começa, o.k.?"

Não consegui conter o sorriso.

"Bom, o que quer que eu diga? Já tenho um. Fim de papo."

"Bom, e quem é?"

Toquei a chaleira. Ainda estava quente.

"O nome dele é Will, ele faz faculdade e é professor particular de inglês."

"Como o encontrou?"

"professores-particulares-picaretas.com." Fiz um passinho de sapateado.

"Donna…" Ele estava com a cara de *isso está ficando chato*.

"Vi um anúncio na biblioteca, tudo bem?", respondi. "Ele é ótimo e acha que pode me ajudar a passar sem grandes problemas."

"E quanto está custando esse ótimo professor particular?"

"Dez libras por uma hora e meia."

Ele me olhou por um segundo, e então falou:

"Tudo bem, então. Ótimo." Se afastou e afagou meu cabelo a caminho da sala. "Bom para você."

Barbie abriu a boca para falar alguma coisa, em seguida fechou outra vez, deu de ombros como se não se importasse, e foi atrás dele.

"E então, quando vou conhecer esse Will?", papai perguntou.

Fiz uma careta para a chaleira, com o sachê de chá pairando sobre a caneca.

"Ele vem hoje à tarde."

"Ótimo. Não temos nada marcado para hoje."

Resmunguei internamente. Em seguida, só para constar, externamente também. Não me incomodava que Will conhecesse meu pai, mas a Barbie Ioga a) não tinha nada a ver com a nossa família; b) era uma chata; e c) era um tanto constrangedora. Mas já que havíamos tido aquela conversa durante *Top Gear*, não falei nada. Viu só? Eu era uma boa filha. Parabéns para mim.

Chá e torrada nas mãos, segui para a escada.

"Aonde vai?", papai perguntou, virando lentamente a página do jornal. Não parecia irritado.

"Para o quarto. Tomar café enquanto estudo", respondi, sem parar ou olhar para trás.

"Ah, boa ideia", comentou Barbie, como se aquele fosse um fenômeno totalmente novo e empolgante. Você não imagina a força de vontade que precisei reunir para não imitá-la com uma voz esganiçada.

"Boa e velha Don", papai disse com satisfação, enquanto lambia o

dedo para virar outra página. Pois é. Boa e velha eu.

Até consegui estudar um pouco, se é que fazer a festa com o marca texto podia ser considerado estudo. Pelo menos minhas anotações agora pareciam mais adequadas. Depois de algumas horas, com intervalos para girar a caneta e contemplar o nada enquanto pensava na hora em que encontraria Will, naveguei pelo Facebook (procurei por Will — não sei por quê — e não o encontrei, mas não me empenhei muito) e pela internet em geral, até dar a hora de sair para encontrar o pessoal para o almoço.

Papai e Barbie ainda estavam à mesa, olhando para a tela de um laptop.

"De quem é?", perguntei. Pergunta idiota, mas saiu mesmo assim.

"Meu", respondeu Barbie, com um sorriso cheio de dentes. "Pensamos em pesquisar uma viagem." Ela apertou o braço do meu pai e fez uma cara de quem não podia se conter com tanta felicidade. Lembrei-me do que ele havia dito sobre gostar dela porque ela ria de suas piadas. Estava bem claro que ela estava completamente apaixonada por ele, a pobre vaca. Quase senti pena. Quase, quase.

Papai expirou com força.

"É." Encontrou brevemente os meus olhos. "Só estamos dando uma olhada."

Ele não precisava se preocupar. Tipo, eu não era uma vaca — queria que ele fosse feliz. Se ele pudesse ser feliz sem que eu tivesse que encontrar a coelhinha dele, melhor ainda.

"Vão em frente", falei, dando de ombros. Barbie sorriu como se o rosto fosse partir em dois. "Entãããão", eu disse. "Vou me encontrar com Ash e os outros. Volto antes das quatro."

Barbie franziu o rosto.

"Tem certeza de que tem tempo para isso? Não devia estudar?"

Então, lembra que falei sobre *quase* ter pena dela?

Encarei-a, boquiaberta em choque.

"Sim, tenho tempo para isso. Obrigada pela preocupação, *Barbie*." Olhei para o meu pai: *essa mulher tá falando sério?* Ele balançou a cabeça de forma quase imperceptível e franziu o rosto: *ignore*. Continuei encarando a moça mesmo assim e deu certo. Ela ficou vermelha e começou a olhar fixamente para a tela do computador.

Lentamente desviei os olhos.

"Certo, então…" Ajeitei a bolsa no ombro. "Até mais tarde… Não façam nada que eu não faria."

Papai me olhou como se dissesse *ha ha, muito engraçada*.

"Divirta-se no almoço. Só não perca a hora da aula com esse tal professor particular." Sorriu gentilmente.

Devolvi o sorriso.

"Pode deixar, pai."

Barbie estava com cara de que tinha chupado um limão.

Tínhamos marcado o encontro no Café Rouge. Sarah tinha um cupom de desconto. Ela já estava lá quando cheguei, assim como Ollie, Cass, Jack e uma loira bonita que supus ser a namorada dele, Hannah. Rich e Ashley ainda não haviam chegado. Nenhuma surpresa.

"Tudo bem?", deslizei pelo sofazinho de veludo para sentar ao lado de Sarah. Eles me cumprimentaram, e Jack limpou a garganta.

"Hum, Donna, esta é minha, hum, namorada, Hannah." Era como se ele próprio não acreditasse.

"Oi, Hannah, muito prazer." Estendi a mão, e ela a apertou. Hannah, que era enfermeira e tudo o mais, devia ser uns dois ou três anos mais velha que a gente, mas nem parecia — usava um vestido florido e rabo de cavalo, e estava com a mão suada. Não a culpo. Eu também ficaria nervosa em nos encontrar pela primeira vez.

"Então. Como vão as aulas particulares?", Ollie perguntou, não só mexendo as sobrancelhas e lambendo os lábios, mas esfregando as coxas e arfando um pouquinho, só para incrementar.

Pus o dedo no lábio e olhei para o teto, em seguida dei de ombros, desamparada.

"Não, não faço ideia de qual seja sua insinuação. Vai ter que ser menos sutil."

"A-há, mas você não respondeu!" Balançou o dedo no ar, triunfante.

"A-há, porque só tive *uma* aula particular", respondi. "E desculpe decepcioná-lo, mas não envolveu qualquer aspecto sexual."

"Que sem graça. Nem uns amassos?"

"Não, sem amassos."

Naquele momento, Ashley e Rich chegaram.

"Ui, ouvi falar em amassos?", Ashley disse ao se largar na cadeira à minha frente. "Você e seu professor particular andam fazendo atividades extracurriculares?" Esfregou as mãos e sorriu alegremente. Aquele era sem dúvida o tipo de conversa favorito dela. Normalmente eu participaria feliz, mas não naquele dia.

"Muito engraçadinha", falei, franzindo o rosto.

Rich riu alegremente.

"Ele já castigou você?" Fez um gesto como se estivesse batendo na bunda de alguém. A pobre da Hannah parecia um pouco assustada, mas os demais gargalhavam sem parar.

"Por que não calam a boca, hein?", disparei. "Está ficando chato."

Aquilo os deixou em choque. Todos pararam e ficaram me olhando, com a boca ligeiramente aberta. Ollie foi o primeiro a se recuperar.

"Donna, você está… *envergonhada*?"

Apertei os olhos na direção dele.

"Não, Oliver, não estou *envergonhada* porra nenhuma." Comecei a rasgar meu guardanapo em tiras. "Que merda." Mas eu já estava corando.

Meus amigos trocaram olhares de *vejam só*. Cass mudou de assunto, e fiquei imaginando que porra tinha acabado de acontecer. Conclusão óbvia: eu estava a fim de Will. Mas não era isso. Ele tinha feito eu me sentir melhor em relação ao colégio, e só. Eu estava tão acostumada a ficar estressada que aquela sombra de confiança já fez meu pobre cérebro ter uma reação darwiniana. Era mais ou menos como a sobrevivência dos mais fortes, tipo: *Bleeem, bleeem! Alerta! Pessoa inteligente à vista! Manter pessoa inteligente por perto para passar nas provas! Bleeem!* E aí eu fiquei toda nervosa e animada para me encontrar com Will. Parabéns, cérebro.

Enfim, o resto do almoço foi bom. Todos entenderam o recado sobre não me encher o saco, deixei o assunto para lá, e conseguimos nossos sanduíches e batatinhas pela metade do preço. Só alegria. Mas no ônibus de volta para casa me peguei escrevendo "Will" na janela embaçada. Só percebi quando acrescentei uma linha sinuosa para ligar o topo do W aos Ls e prolonguei a base do I desenhando raízes.

Recostei para admirar meu trabalho e com um susto notei o que tinha acabado de fazer. Apaguei tudo com a lateral da mão e olhei em volta furtivamente, para ver se tinha algum conhecido por perto. Em seguida me estapeei mentalmente por ser tão idiota. Como se alguém fosse ligar para o que eu estava escrevendo na janela. Mesmo assim. Estranho.

Cheguei e encontrei a casa quieta. Comecei a pensar que, oba, talvez papai e a coelhinha irritante não estivessem lá, até que ele apareceu no alto da escada todo vermelho, amarrando o roupão. Eca.

"Chegou cedo", ele disse, esforçando-se tanto para soar casual que era como se estivesse com uma placa no pescoço dizendo *fui pego no flagra*.

"Disse que chegaria antes das quatro", falei. "Não disse quanto tempo antes, não é?"

"Acho que não…", ele falou, de um jeito confuso e irritante.

"Enfim. Fique à vontade", falei, tentando não engasgar. "Eu, hum…", apontei com o dedão para a sala. "Vou arrumar as coisas para receber Will."

"Certo. Ótimo. Estava só me vestindo." Apontou o dedo para a testa e virou na direção do quarto.

Eca. Fiz cara de vômito pelas costas dele e fui passar meia hora deitada no sofá, vendo programas ruins na TV. Mas, não sei por quê, me peguei abrindo as janelas e passando aspirador. O lugar estava cheirando a mofo, e a situação dos farelos no chão havia atingido um nível crítico. No dia anterior o local parecia levemente bagunçado, mas já havia passado dos limites e estava parecendo um cortiço. Não conseguia me lembrar da última vez que eu tinha usado o aspirador. Tinha quase certeza de que fora quando ainda morava com a mamãe.

Papai e Barbie fizeram questão de parecer chocados quando desceram, vinte minutos depois. Meu pai colocou a língua na bochecha e sorriu, mexendo a cabeça afirmativamente.

"Isso, hum, é pelo professor particular, então?"

"Não!", praticamente gritei. Limpei a garganta e falei em um volume normal. "Na verdade, não. Só me irritei com a bagunça. Uma pessoa a mais na casa faz muita diferença." Olhei para Barbie e dei um sorriso seco. Ela retribuiu e deu de ombros singelamente, como se dissesse

problema seu. Ela provavelmente não se importava com a sujeira. Assim se aproximava mais próxima da natureza.

Dane-se.

Ela olhou o relógio.

"Ele deve chegar a qualquer instante. Vou pôr a chaleira no fogo, que tal?"

"Boa ideia, amor", disse papai. Olhei para ele: *amor?*, mas ele estava olhando para ela. O que Barbie tinha feito para deixá-lo tão alegrinho? Suponho que um pouco mais do que rir das piadas dele. Outra vez: eca. Antes de imaginar mais cenas perturbadoras, fui salva pelo gongo — no caso, pela campainha.

"Uhh, depressa, é Will!", papai gritou, batendo palmas. Lancei um olhar fatigado e passei por ele para chegar à porta. Ele riu, esfregou as mãos e foi para a cozinha. Ugh.

Abri a porta, ainda balançando a cabeça com a babaquice do meu pai. Will estava com uma camiseta desbotada do filme *Tubarão*, uma jaqueta jeans e a mesma calça. Estava de gorro, com alguns cachos escapando. Efeito geral: bonitinho.

"Oi, Will, entre", falei, recuando para ele poder passar. Estava com cheiro de xampu. Pantene. A mesma marca que Ashley usava, e, imaginei, a namorada dele também. Bem, o que eu esperava? Gesticulei para a sala. "Fique à vontade. Mas se prepare — meu pai e a namorada dele estão aqui."

Will riu de leve.

"Obrigado pelo aviso."

Sentamos à mesa e quase imediatamente Barbie apareceu com uma bandeja de coisas para o chá.

"Você deve ser Will", ela disse, como se tivesse alguma coisa a ver com isso.

"Sim. Olá." Will parou de tirar o material da bolsa e sorriu. "Desculpe, você é…?" Sorri olhando para baixo. Boa pergunta.

O sorriso de Barbie falhou levemente, e papai veio salvá-la.

"Esta é Barbie… E eu sou Mick, pai de Donna." (Note a ausência da palavra "namorada". Rá!) Will se levantou, e eles trocaram um aperto de mão.

"Prazer em conhecê-lo, Mick", Will disse. "Você também, Barbie."

Ela sorriu e mordeu o lábio. Acho que estava tentando parecer sensual. Não contente em enfeitiçar meu pai, ela também estava flertando com meu professor particular? Uma palavra: problemática.

"Então, Will", ela disse, inclinando-se sobre o encosto da cadeira diante dele. "Você deve ser bom com as palavras."

"Bem, conheço muito bem o programa do curso avançado de inglês, se é isso que está perguntando", Will disse, rindo suavemente, como se eles estivessem compartilhando uma piada.

"Hahahaha", entoou Barbie.

Will olhou para mim e arregalou minimamente os olhos. Repeti o gesto, com menos sutileza.

"Bom", falei, desviando o olhar para Barbie. "Nós já vamos começar, então…"

Papai passou o braço em volta dela.

"Não se preocupe. Vamos deixá-los em paz. Estamos mesmo de saída." Ele a conduziu pela porta da frente. Ele acenou e me deu a mais sutil das piscadelas. "Até mais tarde, Don."

Acenei sem olhar para trás.

"Certo. Até mais tarde."

"Desculpe por ela", falei quando a porta se fechou.

Will riu.

"Não se preocupe. Sei como se sente, pode acreditar." Queria perguntar mais, e estava prestes a fazê-lo quando ele disse: "Muito bem, estava pensando em trabalharmos relações entre pais e filhos hoje…". Ele abriu seu exemplar cheio de marcações de *Romeu e Julieta*. "Bem apropriado para o momento."

"Pois é", concordei.

"Então, que tipo de relacionamento você diria que Julieta tem com os pais?" Colocou a mão sobre o livro aberto e olhou para mim.

"Hum…" Minha mente ficou totalmente em branco. Eu simplesmente não tinha o que dizer.

"Não é uma pegadinha, Donna", ele falou, sorrindo. "Apenas diga o que vier à cabeça."

Ri nervosa.

"Se pudesse, faria isso."

"Certo, tudo bem…" Pensou por um segundo. "Vamos começar

pela mãe dela, a sra. Capuleto. Você diria que elas são próximas?"

"Não?", falei, dando um tiro no escuro. Uma adolescente com um namorado duvidoso, e uma mãe nobre e elegante: não podiam ser melhores amigas, certo?

"Isso…", Will disse, prolongando a palavra para indicar que queria que eu continuasse. Considerei brevemente falar a coisa da mãe elegante em voz alta, mas não suportaria o olhar de *que porra é essa?* que provavelmente provocaria em Will. Meu Deus, *que vergonha*. Dobrei o braço e coloquei a mão na testa, e torci para que Will achasse que eu estava imersa em reflexões profundas.

"Sabe aquela história de que podemos escolher os amigos, mas não a família?", falou.

Levantei os olhos.

"Aham."

Ele ergueu as sobrancelhas e sorriu encorajadoramente.

Suspirei.

"Julieta escolhe Romeu, mas não tem escolha em relação aos pais?"

Ele se inclinou para trás e me mostrou as mãos abertas.

"Viu? Você *sabe* isso." Lancei um olhar cético a ele. "Não é um código secreto, Donna", prosseguiu. "Você está dificultando mais do que o necessário." Tomou um gole de chá e esfregou o círculo que a xícara havia formado sobre a mesa. "Já ouviu as pessoas dizerem que Shakespeare é atemporal?" Assenti e dei de ombros. "Bem, eu acredito que toda boa história é atemporal", revelou. "A linguagem pode ser diferente, ou o contexto histórico, mas os problemas são os mesmos… Tipo, não dá para evitar comparações entre sua própria vida e o que você lê, e não há nada de errado nisso. Essas coisas ajudam você a entender a história e, você sabe, aprender com elas." Will abanou as mãos como se soubesse que aquilo soava um pouco babaca.

"Certo", eu disse, cautelosamente.

"Por exemplo, quando leio qualquer coisa, tento relacionar com as minhas próprias experiências." Fez uma pausa, batucando com a caneta na mesa algumas vezes. "Resumindo bem uma história muito longa, meu pai morreu quando eu era pequeno, em um acidente de carro, e desde então minha mãe teve vários namorados péssimos que a tratavam mal, e depois era eu que tinha que juntar os cacos. O último

que ela arrumou com certeza é um aproveitador. Acho que ele ganha a vida vendendo eletrônicos com defeito." Deu um meio sorriso. "Mas… fazer o quê? De qualquer forma, esse trechinho da minha história pessoal está relacionado a uma série de questões sobre família, sobre o papel dos filhos e dos pais, sobre escolhas, e até sobre o que é ser humano…" Batucou no livro em frente a ele. "Você encontra tudo isso aqui."

Quase me pareceu rude não me abrir depois que ele contou sua própria história.

"Meus pais são divorciados", me peguei contando. "Meu pai está com essa namorada desde o Natal. Ele fica diferente quando ela está por perto. Ela o faz ter vergonha de mim." Revirei os olhos e sorri para demonstrar que não estava procurando solidariedade. "Ela finge que quer ser minha amiga, mas na verdade quer me controlar. Não me entende nem um pouco…" Parei e mordi a bochecha.

"Continue", disse Will.

"Bem", dei uma risada curta e envergonhada, "eu ia dizer que ela é como a mãe de Julieta… a sra. Capuleto…" Limpei a garganta e me concentrei em dobrar e desdobrar uma ponta de papel. "Tipo, quando Julieta se recusa a casar com Páris…", chequei rapidamente a expressão de Will para procurar sinais de que eu estava falando alguma grande bobagem, mas ele estava assentindo entusiasmado, então continuei: "a sra. Capuleto basicamente diz que se Julieta não fizer o que ela, a mãe, manda, não vai mais querer saber da filha. Seus motivos são completamente egoístas".

"Exatamente", Will disse simplesmente. "Você entendeu!"

"Entendi?"

"Entendeu." Ele sorriu.

"UHU!" Pulei da cadeira e joguei a cabeça para trás, e levantei as mãos para o céu. "Não sou burra! Obrigada!"

Will riu alto.

"Claro que não é burra, sua boba!"

Também ri e olhei para ele, com as mãos na cintura. Estava pensando que gostava do senso de humor que ele tinha, mas acho que Will achou que eu estivesse irritada, pois corou um pouco e disse:

"Na verdade é o contrário."

Dei de ombros alegremente e sentei outra vez.

"Valeu, cara." Peguei minha edição escolar de *Romeu e Julieta* com a capa surrada. "É uma loucura, não é?", comentei, folheando as páginas. "Há centenas de anos alguém chamado Will — Ah! Como você! — sentou e escreveu isso, e agora estamos aqui, discutindo como se fosse algo banal… Não acha uma loucura?"

Will concordou.

"Com certeza." Ele começou a girar a caneta pelos dedos. "Então, comparando a namorada de seu pai com a sra. Capuleto, por extensão você se compara a Julieta?"

"Quanto a isso, não sei", respondi. "Não acredito muito nessa história de uma-conversa-e-já-é-amor. Ela *acha* que está apaixonada por Romeu, mas não está."

"O que ela sente, então?", perguntou.

"Não sei. Desejo? Uma queda?", levantei as mãos e balancei os dedos. "Um desejo adolescente de rebeldia?"

Will se inclinou para trás na cadeira, cruzou os braços sobre o peito e sorriu.

"Acertei de novo, não foi?", eu disse. "Caramba, estou incontrolável!"

Olhei para ele, para aquele garoto que abriu uma porta na minha cabeça que eu nem sabia que existia, e mordi o lábio, subitamente tímida. E um tanto admirada. Era muito difícil me impressionar, e ele tinha conseguido. Estava conseguindo. Os olhos dele se fixaram nos meus. Eram muito azuis e muito profundos; não consegui sustentar o olhar e após alguns segundos desviei, envergonhada. Ele estava flertando comigo! Não estava? Parecia que sim, mas talvez eu estivesse imaginando coisas. Talvez fosse como encarnar um personagem durante uma apresentação — eu tinha me envolvido demais na peça, me encantado demais e me tornado muito como Julieta.

Enfim. Belos olhos.

"Certo, bem, seu dever de casa é encontrar mais um tema com o qual se identifica na peça", falou, interrompendo o clima, graças a Deus.

"Certamente", respondi, usando uma voz empolada por algum motivo. Tensão nervosa. Apertamos as mãos (desconfortavelmente?

talvez não), dissemos *até amanhã, sim, até lá, tchau*, e ele foi embora.

Fiquei olhando para a porta depois que se fechou. O pai dele tinha morrido em um acidente de carro. Ao que parecia, ele era filho único e teve que cuidar da mãe e consolá-la no término de relacionamentos ruins. Tinha muitos problemas. Não era à toa que era tão maduro. Parecia muito mais velho do que eu, apesar de a diferença ser de só uns dois ou três anos. Mas ele não me fazia sentir infantil. Voltei para a sala e comecei a reunir minhas anotações.

Sair com um menino mais velho como Will provavelmente era do que eu sempre havia precisado. (*Como* Will, não Will de fato — isso nunca aconteceria.) Nunca gostei de ninguém porque todo mundo que eu conhecia era jovem demais para mim. Experiência de vida contava muito e, ainda que eu nunca tivesse lidado com tantos problemas quanto Will e Rich, provavelmente já tinha passado por mais coisas na vida do que a maioria dos meninos da minha idade. Sorri para mim mesma. Barbie era como a sra. Capuleto: eu total devia falar isso para ela. E ficar assistindo enquanto o cérebro dela explodia. Fui até a cozinha preparar o jantar, com o coração alegre enquanto colocava batatas em uma travessa. Donna Dixon não era mais péssima em inglês. Bastava perguntar ao renomado professor particular Will Browning — ele tinha uma chave mágica que dava acesso ao seu cérebro. Conseguia enxergar seu potencial, mesmo quando você mesma não era capaz.

Sabia fazer você se sentir especial.



7

NAQUELA NOITE LI A PEÇA OUTRA VEZ NA CAMA. Não era como se eu pudesse folhear facilmente, como uma revista de fofoca ou coisa do tipo — Will não fazia mágicas, literalmente —, mas li de uma maneira diferente. Assimilei devagar, para começar, e não parti do pressuposto de que não iria entender. E, *voilà* (como diria Ashley), eu meio que mais ou menos entendi. O fato de que àquela altura eu já conhecia bem a história ajudou. Até separei um papel e uma caneta, para o caso de aparecer algum assunto que eu pudesse discutir com Will, mas não foi o caso.

Acordei animada e ansiosa para encontrar alguma coisa incrivelmente profunda para apresentar na minha aula particular, mas mesmo assim não consegui. A peça era como um lago cristalino coberto por uma camada de espuma. No dia anterior eu conseguia enxergar todos os peixes nadando livres entre os juncos e tal; mas hoje? Nada além de sujeira e talvez alguns peixes mortos. Possivelmente não era a melhor das metáforas, mas perceba como estava usando a palavra "metáfora"! Nem tudo estava perdido. Ou foi isso que disse a mim mesma enquanto tomava banho e me vestia.

Papai e Barbie estavam de volta ao trabalho hoje, graças a Deus, e aproveitei o silêncio. Silêncio até demais, na verdade, pois quando o telefone tocou quase fiz xixi na calça de susto. Identificador: mamãe. Apertei o botão e atendi.

"Oi, querida, tudo bem?", ela perguntou.

"Tudo, e você?" Pulei no sofá, deitei e inspecionei minha virilha.

Qual o problema? Não tinha ninguém olhando. Eu e minha mãe conversamos um pouco sobre amenidades. Ela e Bryn marcaram uma viagem para fazer trilha nas montanhas escocesas; o vizinho irritante do lado tinha arrumado uma nova namorada; ela estava ansiosa para passar um tempo comigo e com Jess no feriado de Páscoa etc. E então começamos a falar de mim.

"Então, como vai a escola?", mamãe perguntou, como se só naquele momento tivesse pensado em perguntar.

"Bem", respondi levemente. "Está indo bem."

"Ah, que bom." Pareceu surpresa. "Tive a impressão de que seu pai estava me escondendo alguma coisa quando conversamos pela última vez."

"Não, está tudo certo", respondi. "Tive um percalço em inglês, mas vai dar tudo certo… Estou com boas expectativas, para falar a verdade."

"Que ótimo, querida." Deu para perceber o sorriso na voz dela. "Estou orgulhosa de você, você sabe."

"Eu sei, mãe." Quase comecei a contar sobre a Barbie Ioga, mas fiquei meio enjoada ao perceber que seria a primeira vez que ela ouviria sobre a namorada do ex. Não era eu quem devia contar. E também não se tratava de uma conversa que eu queria ter com ela. Conversamos mais um pouco até ela ir trabalhar. Ela era agente de saúde — pesava bebês, ajudava os pais a alimentar os filhos pequenos e dava uma de Super Nanny caso alguma criança se recusasse a dormir ou coisa do tipo.

Levantei do sofá e voltei para a cozinha para pôr a chaleira no fogo. Às vezes sentia falta da minha mãe. Passamos a nos relacionar muito melhor depois que fui morar com papai, então aquela situação era melhor para nós duas, mas de vez em quando uma garota precisa da mãe, sabe? Ela teria posto Barbie em seu devido lugar, provavelmente com um único olhar. Peguei o livro e comecei a ler do início.

Duas casas, iguais em seu valor,
Em Verona, que a nossa cena ostenta,
Brigam de novo, com velho rancor,
Ponto guerra civil em mão sangrenta.

De repente pensei nos meus pais. Meus avós não aprovavam o relacionamento deles. Ninguém queria o respectivo rebento saindo com alguém de outra cor. Muito racismo dos dois lados. Irônico que aquilo que os separava era justamente o que tinham em comum. Aparentemente as duas famílias não suportavam a presença uma da outra — rolava até brigas de soco e tudo —, e as coisas ficaram tão feias que no fim das contas mamãe e papai se casaram em segredo em um cartório, com alguns amigos de testemunha, antes de irem para Goa para a "verdadeira" cerimônia. Os pais deles não tinham condições de ir. Então meus únicos contatos familiares regulares eram meus tios — o irmão do meu pai, Graham, e a mulher dele, Sally — e meus primos Marv e Diana (como Marvin Gaye e Diana Ross. Meus tios eram obcecados por Motown, então ficaram vergonhosamente encantados quando papai começou a namorar uma negra. Minha mãe detesta Motown, só para constar). Encontro Marv o tempo todo — ele é o melhor amigo de Dylan, namorado de Ashley. Foi assim que se conheceram. Diana tem catorze anos. Não temos muita coisa em comum, mas ela é legal.

Mas com exceção de Graham e da família dele, éramos totalmente Montéquio e Capuleto! Agora que tinha pensado nisso me pareceu tão *óbvio*. E não podia acreditar que tinha conseguido fazer essa relação! Fiz uma dancinha ao mexer o chá. Mal podia esperar para contar para Will.

Quando ele chegou, algumas horas mais tarde, eu estava quase pulando de um pé para o outro para me segurar e não contar assim que ele atravessou a porta. Na verdade, pode esquecer o "quase". Eu estava literalmente pulando.

"Alguma coisa está incomodando, Donna?", perguntou, sorrindo ao me olhar da cabeça aos pés.

"Não", gemi. "Mas acho que mandei bem no dever de casa." Sentei e tamborilei na mesa.

"Ótimo. Vamos lá", Will falou, sentando ao meu lado. A coxa dele tocou a minha por um segundo antes que ele ajeitasse a cadeira.

Passei a mão no cabelo.

"É a briga entre os Montéquio e os Capuleto…" Quando comecei a falar, não sabia ao certo como explicar. "Minha mãe é negra e meu pai

é branco, certo? E a família dele odeia a dela, e a dela odeia a dele, mais ou menos. Mas não é só isso, é o racismo em geral. Tipo, os Montéquio e os Capuleto se odeiam sem nenhum motivo além da história. Simplesmente se odeiam desde sempre, provavelmente nem lembram o motivo original. É mais ou menos como racismo… Detestar alguém só por ser diferente."

"Brilhante." Will sorriu. Tocou meu braço na parte exposta onde eu havia arregaçado a manga. "Ótima análise." Pelo menos acho que foi isso que ele disse, pois aquele toque tinha feito todo o meu corpo estremecer. Foi como um choque erótico. Meu rosto estava pegando fogo, e eu não conseguia tirar os olhos da mão dele. Mãos são sensuais, sem dúvida. É uma questão de saber do que aqueles dedos são capazes, e perceber por onde eles passam. Dando conta de mim mesma, ri alto demais.

"HAHAHA! Falei que tinha mandado bem no dever. UHU! SOU O MÁXIMO!" Soquei o ar com a mão livre.

"Hum… Tudo bem…" Ele tirou a mão do meu braço e me olhou, tipo *que porra é essa?*, e senti alguma coisa murchar dentro de mim. Claro que eu estava a fim dele. Merda, *estava a fim dele*. E ele me achava repulsiva.

Ele falou durante mais ou menos a meia hora seguinte, e eu fiz o possível para responder as perguntas de maneira objetiva e sem demonstrar afeto ou loucura. Não faço ideia de como me saí. Mas ele não me tocou mais, de qualquer forma.

"Então, acho que está se saindo tão bem sozinha que podemos terminar a aula de hoje por aqui — assim você economiza um pouco", disse após um tempo. "Pode usar o tempo livre para treinar para a escrita do trabalho." Arrancou duas folhas sulfite do bloco, escreveu "Amor e ódio em *Romeu e Julieta*" e sublinhou. "Faça em duas horas, pode ser? Marque o tempo no celular ou algo assim. E tente preencher as quatro páginas." Entregou os papéis e se levantou. "Ligo para você depois."

E então ele foi embora.

Amor e ódio. Era um tema bastante amplo, pensei quando deitei na

cama naquela noite. Mas se Will esperava que eu falasse das minhas próprias experiências, ficaria desapontado. Nunca havia me apaixonado, embora obviamente amasse meus pais, minha irmã, e acho que Ashley, Rich e os outros. Não odiava ninguém. Mamãe e papai não se odiavam, nunca haviam se odiado — nem mesmo quando se separaram.

Na verdade, cheguei bem perto de odiar minha mãe. Foi o caso dela com Bryn que pôs fim ao casamento, e eu era nova demais para entender que nem tudo é tão preto no branco. Depois, passou a ser difícil entender como meus pais um dia sequer ficaram juntos; tinham muito pouco em comum. Mamãe diz que era relaxada como ele, mas depois amadureceu. Antes de eu e minha irmã nascermos, eles economizavam por seis meses, pediam demissão dos respectivos empregos, colocavam alguns itens essenciais em mochilas e viajavam para a Ásia ou para a América do Sul e aproveitavam alguns meses antes de voltarem e começarem tudo outra vez. Quando Jess nasceu, meu pai queria manter o arranjo — conforme haviam planejado —, mas minha mãe não quis. Ela disse que sentiu uma necessidade repentina de criar um lar — um casulo para nos manter seguros. Então acho que esse foi o começo do fim.

Passei semanas sem falar com a minha mãe quando se separaram. Fiquei muito irritada com ela. Papai tentou me alertar que eu era jovem demais para entender e que eu deveria pegar leve com ela, mas durante muito tempo não pude acreditar que ele pudesse ter sido sincero. Não me lembro exatamente do momento em que resolvi deixar para lá. Nossa relação melhorou lentamente, mas, para ser sincera, acho que não a perdoei de fato até me ver diante da perspectiva de perdê-la. Quando o câncer foi diagnosticado — havia pouco mais de um ano —, todos se uniram. Meu pai, Bryn, Jess e eu. Ninguém de fora da família soube, mas eu tive um colapso. Eu achava que as pessoas tinham câncer e morriam. Fim de papo. Sabe quando você sente aquele pavor durante um pesadelo e, quando acorda, não quer voltar a dormir com medo de que volte? Era isso. Só que na vida real. Surtei um pouco, para ser sincera. Tipo, tinha medo de dormir e morrer durante a noite, e não conseguia parar de chorar, mas a pessoa que eu realmente queria que me confortasse não podia me confortar.

Ou, pelo menos, não dei essa chance a ela. Ela estava com problemas demais e eu não queria piorar as coisas. Então foi meu pai que lidou com a bomba. Coitado, não sabia o que fazer. Mas superamos, e logo descobri que várias pessoas com câncer sobrevivem, inclusive minha mãe, graças a Deus. Ela detectou cedo, passou por uma mastectomia, quimio e radioterapia, e melhorou. Nem dava para perceber que um dos seios dela não era verdadeiro, apesar de que, olhando de perto a auréola do mamilo, dava para perceber que era uma tatuagem. (Sim, minha mãe, totalmente contra modificações corporais, tinha uma tatuagem. Se o câncer dela teve um lado bom, foi esse. Temos que apreciar a ironia.)

Todos achavam que eu era uma garota superfeliz e de bem com a vida. Sabe, ninguém é totalmente sincero — todos nós nos inventamos um pouco. Mas, na verdade, eu não era totalmente descontraída. Na verdade, eu me preocupava o tempo todo. Me preocupava com a possibilidade de não passar nos exames. E com a possibilidade de não dar certo como atriz e ter que viver uma vida amarga, distorcida e com um emprego horroroso. Me preocupava com a possibilidade de nunca me apaixonar. E com a possibilidade de ninguém se apaixonar por mim. E receava que, se algum dia eu me apaixonasse, e por milagre a pessoa também se apaixonasse por mim, a relação não iria durar. Também me preocupava com a possibilidade de papai e Barbie se casarem, e eu ter uma madrasta má de verdade. Tinha medo de que o câncer da minha mãe voltasse. E de algum dia revelar quem sou de verdade. E agora receava que Will soubesse que eu gostava dele, e isso o irritasse, e o levasse a cancelar nossas aulas. Elas estavam me deixando feliz e mais calma, e havia tempos não sentia uma coisa nem outra. Não sou de compartilhar, mas não me importava em compartilhar com ele. Eu me sentia bem. Estar com Will era bom.

Céus. Soltei resmungos no travesseiro. *O que eu estava fazendo?* Estava caminhando para um abismo. Virei para cima e observei a escuridão. Tudo bem. Não era como da última vez. Eu não estava fazendo nada. Não disse nem fiz nada que confirmasse que eu gostava de Will. Faria com que ele achasse que tivesse se enganado. Que tivesse interpretado equivocadamente os sinais. Dessa vez iria me proteger. Ele estava ali para me ajudar a passar, só isso. Tudo ficaria bem, pensei, enquanto

caía no sono.

No meu sonho, eu e Will estávamos à mesa, estudando. Ele colocou a mão no meu braço, mas dessa vez passou os dedos levemente sobre a minha pele e me olhou nos olhos. Sorriu para mim e nos aproximamos.

Acordei. Virei e puxei a coberta para mais perto.

Pareceu tão real.

8



ESCREVI MEU TRABALHO NA MANHÃ SEGUINTE, marcando o tempo. Já enquanto escrevia, pude perceber que estava muito melhor do que qualquer coisa que eu já tinha feito para o colégio. Terminei bem a tempo — talvez tenha me dado uns dois minutos a mais —, mas eu tinha usado todas as páginas e, o que era o mais importante, não tinha ficado uma porcaria. Tinha atingido o objetivo. Eu estava passando os olhos pelas páginas, só para aparar arestas, quando Jess apareceu na porta.

"Irmãzinha!" Ela estendeu os braços e balançou os dedos na minha direção. "Abraço de urso?"

Mostrei o dedo médio para ela.

"Tudo bem." Jess entrou no quarto, colocou a bolsa na cama que costumava ser dela antes da faculdade — mas agora havia se transformado em um sistema sofisticado de estoque das minhas porcarias —, e pulou ao meu lado na cama. "O que está fazendo?"

"Hum… estudando?" Lancei um olhar de *dã*.

Ela deu uma risada falsa.

"Hilário. Sério, o que está fazendo?"

Tentei não me ofender.

"Estou mesmo estudando, muito obrigada!"

"Estudando, tipo, para o colégio?" Estava com a testa tão franzida que as sobrancelhas quase juntavam.

"Mais ou menos. É uma longa história. E não precisa parecer tão espantada, sua chata." Guardei o texto na pasta com o resto das

anotações, e a deixei cair ao lado da cama.

"Não, não. É só que eu nunca tinha visto você fazendo dever de casa na vida." Jess se apoiou na parede. "Então. 'Que bom vê-la, Jess. Bem-vinda'."

"Que bom vê-la, Jess. Bem-vinda", imitei. Na verdade, era mesmo muito bom vê-la. Adorava ter o quarto só para mim, mas tínhamos dividido por tantos anos que tê-la ali era reconfortante. Ela tinha engordado um pouquinho na faculdade, mas parecia feliz. Contente.

"Quando papai chega do trabalho?", perguntou.

Dei de ombros.

"No horário de sempre. Desconfio que a Barbie Ioga venha junto."

Jess fez cara de nojo.

"Toda vez que ele me liga eu torço para que conte que terminou com ela."

"Quem dera." Mordi o canto da unha. "Ele a chamou de 'amor' outro dia."

"*Meu. Deus.*"

"Pois é… e praticamente flagrei os dois transando."

"Não BRINCA!" Ela tapou os ouvidos com as mãos. "Diga que está inventando isso."

Balancei a cabeça.

"Não. Cheguei em casa cedo, e ele saiu do quarto todo vermelho e quase pelado."

"Isso é *horrível*." Jess pareceu traumatizada.

Fizemos uma pausa enquanto tentávamos nos livrar daquela imagem. Para ela não era tão ruim, já que só estava recebendo a informação em segunda mão.

"Eu, Ashley e o pessoal vamos ao parque de diversões mais tarde", disse, mudando de assunto. "Venha com a gente, se quiser."

Ela balançou a cabeça.

"Já tenho planos. Mas obrigada." Provavelmente ia se encontrar com velhos amigos de escola. Jess sempre fazia isso na primeira noite em casa. De repente, ela pareceu apavorada. "Mas vai jantar aqui antes?"

"Vou, relaxa. Não deixaria você aqui sozinha com ela."

"Ufa."

"Nem me fale."

No fim das contas, não precisávamos ter entrado em pânico. Barbie não apareceu para o jantar. Papai ficou todo *ela lamentou muito não poder vir, Jess*. Aham, sei. De qualquer forma, aquele dia ótimo com a minha irmã seria seguido por uma noite ótima com meus amigos, sem chateações pelo caminho. Ou, pelo menos, era o que eu achava que ia acontecer.

Adorava parques de diversões — o barulho de gritos e música alta, o cheiro de hambúrguer e algodão-doce, as luzes contra o céu escuro, a loucura geral. Eu passava a vida controlando meus atos — cansava um pouco. Girar a um milhão de quilômetros por hora em um anel metálico gigante era uma boa maneira de me desligar. Os instintos tomam conta: tudo o que você pode fazer é gritar e se concentrar em lembrar que vai ficar tudo bem, você não vai morrer. Pelo menos não ainda. Então eu estava sentindo algo bem próximo de tranquilidade quando encontrei o pessoal, e todos estavam alegres. Compramos hambúrgueres e começamos a passear, conversando um pouco antes de irmos nos brinquedos e tal.

"Não posso acreditar que o recesso já está quase no fim", disse Sarah.

"É, parecia que ia ser um intervalo enorme antes dos simulados, quando obviamente foram só sete dias", Cass falou, séria.

Ashley se inclinou para ela.

"Uau: *uma semana são sete dias*, chocante."

"Não enche!", Cass respondeu, mas não parecia irritada. Algumas semanas antes ela teria detestado ver alguém questionando sua impressionante capacidade cerebral, mas tinha mudado totalmente depois de terminar com Adam e aceitar a vaga em Cambridge. Era como se não precisasse mais provar nada a ninguém. Não que antes fosse isso, mas você sabe o que quero dizer.

Ollie deu um sorriso irônico.

"Mas muita coisa pode acontecer em sete dias. Não é, Jack?"

"Não sei do que está falando", ele respondeu, lançando olhares sérios não muito convincentes.

"Certo", disse Ollie, sorrindo. "Estou surpreso que seu pau não tenha caído com tanta atividade."

"Ahhhh! Conta mais", Ashley falou, esfregando as mãos.

Sarah riu.

"Não sei como ele poderia ser mais claro, Ash."

Ols se inclinou como se fosse nos contar um segredo.

"Hannah teve cistite de tanto transar."

"Dá para pegar cistite transando?", perguntei. "Pensei que fosse, tipo, uma infecção."

Cass pareceu meio arrogante.

"Para evitar é só ir fazer xixi depois de transar. Não é física quântica." Ela viu Ashley, Sarah e eu trocando olhares e revirou os olhos como se dissesse *dane-se*. Jack era apaixonado por ela antes de Hannah aparecer. Será que ela estava um *pouquinho* arrependida? Sarah e Ashley sopraram beijinhos de "sinto muito" para ela simultaneamente, o que foi fofo por ser simétrico, e de repente todos nós nos sentimos felizes por Jack ter encontrado o amor. Bem, eu me senti. Acho que os outros também. Não que eu fosse confirmar.

"Conte o resto, cara", Ollie insistiu.

"Oliver, alguma chance de você estar levemente frustrado sexualmente?", Rich perguntou. "Pega leve com o cara."

"É, Ols", falei. "Pare de dar uma de Mercúcio para cima dele."

Ba-dum-tsssh! Olhei para os outros com ares de *não estou certa?* Silêncio. Seis pares de olhos e seis queixos caídos se voltaram para mim.

Ashley ergueu a sobrancelha nas alturas.

"Hum… *Mercúcio*?"

Corei um pouco.

"Sim. O melhor amigo de Romeu? Que vive tirando sarro dele?" Estalei a língua decepcionada, como se todo mundo fizesse referências a Shakespeare em conversas cotidianas, apesar de, honestamente, eu estar tão chocada quanto eles.

"Sim, claro", disse Cass. "Mas, querida, desde quando você faz referências literárias?"

"Ah, claro, porque sou tãão burra", respondi, irritada. "Estamos lendo na aula de inglês, não é tão estranho assim."

Os outros se entreolharam como se dissessem *tuuudo beeeem*, mas sabiam que não era uma boa insistir no assunto (por isso que vale a

pena ter reputação de esquentadinha). Rich começou a falar sobre outra coisa, e os outros entraram no assunto, mas Ashley me encarou por mais tempo. Olhei de volta, arregalei os olhos e dei de ombros: *que foi?*

Ela retribuiu: *nada. Calma, cara.*

Tudo bem. Tanto faz. Acompanhei o pessoal, fui nos brinquedos, mas quase não falei. Tinha perdido todo o bom humor. Um tempinho depois, enquanto todos faziam fila para dar tiros nos patos de madeira, chequei meu celular. Will havia mandado uma mensagem. Ignorando o salto que meu coração deu ao ver o nome dele, passei os olhos lentamente sobre o texto.

> Quer marcar uma aula dupla amanhã, começando às 11h? Acho que damos conta de terminar R+J.

Apesar dos pesares fiquei completamente vermelha e dei um suspiro. Por sorte ninguém podia ver meu coração praticamente saltar do peito.

E novamente recebi olhares estranhos dos meus amigos.

Guardei o celular casualmente no bolso e passei a mão no cabelo.

"Então, acho que preciso ir", falei. "Tenho uma longa aula com Will amanhã."

Os olhos de Ollie brilharam como se fosse Natal.

"Uma longa aula DE QUÊ, Dixon? Hein? HEIN?" Piscou afetadamente, e os outros vibraram e gargalharam. Por uma fração de segundo apenas encarei todo mundo, incomodada, mas depois — o que podia fazer? — entrei na onda.

"Pois é, você me pegou!" Abri um sorriso. "Super vou para casa me acabar. Caras mais velhos são o que há, Ols… Aliás, você devia conhecê-lo. Ele provavelmente ensinaria uma coisinha ou outra a você." Balancei os dedos para ele, sem saber ao certo por quê — como se fosse o sinal universal para *bom de cama* ou coisa do tipo —, pedi licença e saí, deixando os outros assobiando atrás de mim. Mas não tinha ido longe quando Ashley me alcançou.

Ela pôs a mão no meu ombro.

"Don, espera. Você está bem?"

"Estou, claro! Por que não estaria?", olhei com ares de *o que está falando?*

"Certo…" Ela não acreditou em mim, mas, por ser minha melhor amiga, não forçou a barra. "Bem, hum… até segunda, então?"

Assenti e fiz uma saudação brega e exagerada.

"Até mais, cara." Virei e continuei andando. Ela deve ter feito o mesmo, pois quando olhei em volta alguns segundos depois, ela estava correndo para se juntar aos outros.

Caminhei até minha casa, me sentindo um cocô. Havia mentido para minha melhor amiga, e não conseguia acreditar que tinha falado de Will daquele jeito. Pisquei para conter as lágrimas. Eu era uma deficiente emocional — não suportava revelar qualquer sentimento real ou genuíno. Eu era uma grande falsidade. Não uma pessoa. Será que a verdadeira Donna Dixon podia dar as caras? Alô-ô? Não, ninguém interessado.

E agora que finalmente estava gostando de um garoto, o que faria a respeito? Resposta: o impossível para fazê-lo pensar que eu *não* gostava dele. Quer dizer, era loucura, não? Eu falava à beça de sexo e me gabava, mas tinha transado com bem menos garotos do que Ashley. Viu? Falsa. Deixava que os outros acreditassem para que ninguém conhecesse meus verdadeiros sentimentos. Não que eu tivesse vergonha dos meus sentimentos, não mesmo. Só não queria que ninguém soubesse. Sabe, me abrir seria basicamente pedir para me machucar. Nas vezes em que acabei transando, as coisas foram muito mecânicas e nada divertidas. Cinco minutos sozinha com minha imaginação eram muito mais prazerosos, mas, incrivelmente, não bastavam. Jamais contaria aos outros, mas o que eu mais queria era amar e ser amada. E isso jamais aconteceria. Não depois de Hayden.

Eu tinha conhecido Hayden havia mais ou menos um ano em uma boate. Foi pouco depois do diagnóstico da minha mãe. Tinha saído com meu primo Marv e alguns amigos dele. Hayden não estava no grupo, mas estudava no mesmo colégio. Era só um pouquinho mais baixo do que eu, e tinha músculos de verdade, como os que vemos em atores de cinema. Não era bombado, mas era forte. Malhado. Não ficava exibindo, mas dava para perceber. Era completamente sexy. Já tinha reparado nele, pois naquela época eu era mais aberta a esse tipo

de coisa. Ele chamou minha atenção na pista de dança, o que soa brega, mas na verdade não foi, pois me lançou um sorriso totalmente lindo e sincero e mexeu a boca dizendo: *você dança muito bem!* Respondi com um *obrigada* animado, e depois que a música acabou ele pagou uma bebida para mim, sentamos e conversamos aos berros durante meia hora. Foi hilário. Quer dizer, tivemos que gritar muito alto para superar a música e as batidas graves, totalmente exageradas. Em seguida ele tocou as pontas dos meus dedos e perguntou num tom mais baixo:

"Quer dar o fora daqui?"

Do lado de fora passamos séculos andando, conversando sobre tudo, brincando, rindo um com o outro; aí ele me perguntou se eu queria ir para a casa dele. Simplesmente sorriu e perguntou. Não me olhou profundamente nos olhos nem nenhuma dessas babaquices.

"Sim, *óbvio*", respondi, revirando os olhos como se dissesse: *dã, claro que quero transar com você*. Ele vibrou e me abraçou forte, com braços que pareciam feitos de aço, mas de um jeito bom. Eu só tinha transado daquela outra vez e, bem, queria repetir a dose — mas de um jeito melhor. Não achava que ir para casa com alguém fosse um grande acontecimento.

"Vou só mandar uma mensagem para o meu primo", falei, pegando meu celular.

"Vá em frente."

Disse a Marv que estava indo para casa cedo, depois mandei uma mensagem rápida para minha mãe, avisando que voltaria mais tarde, mas que Marv me acompanharia. Um risco, mas valeria a pena, pensei. Guardei o celular e levantei os olhos para encontrar Hayden me encarando.

Franzi o rosto e sorri.

"O que foi?"

Ele tocou levemente a lateral do meu rosto.

"Isto." E me beijou. Foi incrível. Ele me envolveu com os braços, tinha a boca quente, um cheiro maravilhoso, e eu nunca tinha me sentido tão segura.

"Que grosseria", falei depois, tentando disfarçar que ele havia me deixado sem fôlego. "Nem perguntou se podia."

Deu de ombros e sorriu timidamente, formando uma covinha na bochecha esquerda.

"Eu sou assim."

"Bom, que isso não se repita", falei, me aproximando para mais um beijo, e desta vez *eu* pus os braços em volta dele.

(Já pensei muito no que tinha acontecido, e sempre volto a esse momento. Aparentemente, não é só porque você toma a iniciativa de beijar alguém que está no controle.)

Quando chegamos ele fez sinal de silêncio e, rindo como idiotas, passamos sorrateiramente pela porta do quarto dos pais dele e pelas escadas barulhentas até o quarto dele. Tudo o que me lembrava daquele quarto era um conjunto de pesos no canto, e o fato de que não tinha edredom na cama. Não poder fazer barulho tornou as coisas totalmente intensas. Deitamos na cama e começamos a nos beijar, e, de repente, todas as cenas de sexo que eu já tinha visto, lido ou imaginado invadiram minha mente. Quando dei por mim, estávamos tirando a roupa, e ele tropeçava pelo quarto para pegar uma camisinha na carteira. Eu só tinha transado com uma pessoa antes, mas daquela vez estava totalmente diferente. Estava bom. Acabamos em um emaranhado de braços e pernas, suor, minha calcinha pendurada no tornozelo, e ele ainda de cueca, com o pinto pendurado para fora de maneira cômica.

"Uau", ele disse, arfando. "Onde está o cigarro pós-transa quando você precisa dele?"

"Pois é", respondi, rindo. "Esse foi o James Bond das transas."

"*007 contra o homem com a pistola de ouro*", disse sério, o que me fez gargalhar. "Shh! Vai acordar meus pais", falou, tocando a minha boca antes de beijá-la.

Depois de alguns minutos ele dormiu, e devo ter feito o mesmo, pois acordei com um susto, olhei o relógio e já eram quatro da manhã.

"Tenho que ir", sussurrei com urgência no ouvido dele. Ele estendeu a mão, mas estava sonolento demais para conseguir fazer qualquer coisa além de deixá-la cair novamente na cama. Coloquei a roupa rapidamente e me abaixei para beijá-lo. Ele sorriu e se mexeu, mas não acordou.

"Ligo depois", falei.

"Uhum", resmungou.

No dia seguinte ele tinha algum programa familiar e não pôde me encontrar, mas no outro fui para a casa dele depois da aula, enquanto seus pais estavam no trabalho. Fomos direto para o quarto e transamos. E em seguida transamos de novo.

Contei para ele sobre a separação dos meus pais, sobre a raiva que estava sentindo da minha mãe, sobre a paranoia de ficar com medo de dormir — tudo. E ele disse que na vida dele não havia nada que valesse a pena ser compartilhado.

Aquilo que disse para Will sobre Julieta, sobre não acreditar em amor após uma única conversa? Menti. Quando não estava com Hayden, estava pensando nele. E quando estávamos juntos era como se eu estivesse sob o efeito de alguma droga que aumentava os sentidos. Queria saber tudo sobre ele e me lembrar de tudo que fazíamos juntos nos mínimos detalhes, como os sanduíches de queijo que comemos na cama na terceira vez em que fui para a casa dele depois da aula. Era pão integral. Estava deitada na cama, com a cabeça no peito dele e as pernas jogadas de lado. Ele reclamou sobre as migalhas. Fiz uma piada dizendo que devíamos ir aos melhores restaurantes. Só que não. Ele riu.

"Quer ir para a minha casa amanhã?", perguntei, depois peguei a mão dele e a coloquei sobre o meu peito, pois era esse o tipo do nosso relacionamento. Tãão relaxado e íntimo.

Ele traçou um círculo lento em volta do mamilo.

"Sua irmã não vai estar lá?"

"Vai, mas tudo bem."

"Donna, vocês dividem o quarto!" Apertou meu peito. "A não ser que esteja querendo uma espécie de ménage."

"Eca, nada disso!" Simulei um gesto de vômito.

Ele riu e me empurrou gentilmente para poder limpar os farelos de si.

"Então por que sugeriu que eu fosse até lá?"

Eu ri.

"Qual é, você não é capaz de se segurar quando está perto de mim?"

Ele respondeu em um tom safado:

"Querida, sexo é o nosso negócio." Em seguida se mexeu até ficar sobre mim e, como eu adorava transar com ele, deixei o assunto para lá.

Eu não era burra. Sabia que havia algo de assimétrico na nossa relação — e escolhi ignorar. Meninos costumam demorar mais para se envolver emocionalmente, foi o que eu disse a mim mesma. E o sexo era in-crí-vel. Não dava para ter um sexo como aquele sem uma conexão bastante profunda.

(Não contei nada disso ao pessoal, aliás. Quer dizer, contei que estava saindo com um cara, e que o sexo era maravilhoso — você também contaria, não contaria? —, mas só Ashley sabia o quanto eu gostava dele. Estive perto de revelar aos outros em várias ocasiões, mas por algum motivo me contive. Não sei bem por quê. Talvez por causa da doença da minha mãe? Talvez tenha achado que passaria uma impressão ruim se aparecesse apaixonada enquanto minha mãe fazia quimioterapia. Enfim.)

Algumas semanas depois ainda não tínhamos feito nada além de ir para a casa dele transar, mas estávamos no começo do relacionamento. Todos os casais fazem sexo como coelhos no início. Estávamos na cama dele, deitados, exaustos após algumas horas particularmente intensas de sexo. Ele passava os dedos pelo meu braço enquanto nos abraçávamos.

Fechei os olhos em puro deleite. Nunca tinha sido tão feliz. Nem pensei. Abri a boca e disse:

"Eu amo você, Hayden."

Os dedos dele pararam, e senti que ficou tenso. Ele começou a rir de leve, mas mudou de ideia e parou no meio. Sentou, fazendo minha cabeça bater no travesseiro. Olhou para mim, depois para as mãos, e para mim outra vez.

"Na verdade, Donna, preciso falar com você."

"Uhhh, parece sério… Estamos terminando?", perguntei, arregalando os olhos afetadamente ao mesmo tempo em que agradecia a Deus pelas camadas de carne e osso que o impediam de ver meu coração se partindo em um milhão de pedaços.

"Sinto muito." Ele deu de ombros e tentou fazer um esforço para parecer chateado. "Você é fantástica. Muito sexy. É só que…"

Levantei a mão.

"Não, tudo bem, não precisa se explicar… Não tem problema." E então meu sorriso se contraiu e distorceu, e, como uma imbecil, comecei a chorar.

"Olha, é disso que estou falando", ele disse. "Você é muito intensa." E então, como se depois de enfiar a faca ainda precisasse girá-la, pôs as pernas para fora da cama e, de costas para mim, falou: "você tem problemas, Donna. Tipo, quer dizer que seus pais se separaram? Bem-vinda à porra do clube, sabe? Quase todos os pais dos meus amigos são divorciados, e eles não passam o tempo inteiro falando disso. E, tipo, sinto muito que você tenha tido conflitos com sua mãe, e agora ela está com câncer, mas só um idiota acharia que as duas coisas estão relacionadas. E sobre o lance de ter medo de dormir…" Soltou o ar pelos lábios. "Sinceramente, isso é bizarro." Levantou e começou a vestir a calça. Ele olhou para mim, com uma expressão entre pena e desprezo, com um possível toque de nojo. Deu de ombros. "Existe uma coisa chamada *informação demais*, sabia?" Passou por mim e foi até a porta, olhando por cima do ombro. "Preciso mijar."

Encarei a porta por um segundo. Parecia que tinha sido atropelada. De repente fui dominada pelo pânico. Precisava sair antes que ele voltasse. Tinha a sensação de que ia morrer se ele dissesse mais alguma coisa. Vesti a calça e o casaco o mais depressa possível, enfiei o resto das roupas na bolsa e voltei para casa aos tropeços, debulhada em lágrimas, correndo para que ninguém tivesse a chance de me perguntar se estava tudo bem. Em casa, bati a porta e corri para o andar de cima, rezando para que Jess não estivesse no quarto. Estava vazio. Pequenas alegrias, certo? Mas isso não a impediu de vir atrás de mim. Apoiei as costas na porta para ela não conseguir abrir.

"Don, o que houve? Por que não me deixa entrar?" Toda vez que ela conseguia abrir um pedacinho, eu fechava outra vez.

"Vá embora." Consegui manter a voz firme.

"Caramba, Donna, o que aconteceu? Por favor, me deixa… ENTRAR!" Deu um empurrão violento na porta, mas eu estava preparada.

"Mais tarde eu conto, prometo. Por favor, vá embora."

Fez-se uma pausa.

"Tudo bem. Mas não vai fazer nenhuma bobagem, vai?"

Apesar de tudo, revirei os olhos.

"Claro que não… Só quero um pouco de espaço."

"Tudo bem", repetiu. Segurei a porta até ouvi-la descendo, depois caí na cama, pus a boca no travesseiro e gritei.

Já estava dormindo quando Jess voltou. De manhã levantei como se nada tivesse acontecido. Falei que já estava bem. Eu e Hayden tínhamos terminado, mas tinha sido melhor assim. Eu só precisava de um tempo para assimilar.

Meus amigos sabiam que eu estava saindo com alguém, mas, como mencionei, só Ashley sabia o quanto eu gostava dele. Contei a ela que *eu* tinha terminado. Ele era intenso demais para mim.

Existe uma coisa chamada informação demais. Como se eu não soubesse. Jamais me permitiria ficar tão vulnerável outra vez. Nada de "problemas", nada de intensidade, apenas Donna: esquentada, divertida, festeira. *Donna é ótima, mas é melhor não irritá-la.* Meu objetivo de vida. *Não deixe que se aproximem e nunca poderão machucá-la.* Meu lema.

E talvez um dia eu viesse a gostar de um cara, e ele perceberia que eu estava desesperada para que ele enxergasse através da superfície durona e encontrasse a verdadeira Donna. Talvez até gostasse do que encontraria. Aham, até parece. Vai saber.



9

"VOCÊ TEM UM ENCONTRO OU ALGO ASSIM?" Jess ficou de pé com as mãos na cintura enquanto assistia minha busca por uma roupa no armário.

"Não." Peguei um casaco com estampa de leopardo e coloquei na minha frente. "Ainda dá pra usar isto aqui? Ou essa moda já passou?"

Ela franziu o rosto.

"Quem se importa? Você ainda gosta dele?"

Coloquei a manga sobre meu braço e o olhei de cima a baixo.

"Sim, acho que sim."

"Então use." Fez cara de deboche. "Achei que teria aula com o tal professor particular hoje."

"E tenho." Guardei o casaco de volta. "É só que me sinto mais confiante quando estou bonita."

"Humm…" Batucou com o pé. "E vai guardar o casaco de volta porque…?"

"Não quero usá-lo?" Franzi o rosto e peguei meu jeans favorito e uma blusa branca de manga comprida que havia comprado porque gostava de parecer um anúncio da GAP, mas nunca tinha usado porque não combinava muito comigo. Mas continuava branca e limpa, o que ficava bem na minha pele, e talvez me deixaria com um aspecto leve e relaxado. Poderia pintar as unhas e ficar descalça para transmitir uma *vibe* meio sábado preguiçoso (eu sei: eu mesma não acreditei no que estava pensando).

Minha irmã começou a tirar roupas da mala.

"Se vai demorar tanto, vou tomar banho antes."

"Não, espere", falei. "Estou pronta. Por favor, Jess, não vou demorar." Não queria estar com o cabelo molhado quando Will chegasse.

"Tudo bem", respondeu. "Mas seja rápida."

"Falei que seria, não falei?" Corri para o banheiro e entrei embaixo do chuveiro, tentando ignorar o nervosismo. Qual era o meu PROBLEMA? Aquilo tinha que acabar. Imediatamente.

Quando Will chegou, eu estava vestida, maquiada, com os cabelos arrumados, já tinha tomado café da manhã e passado meia hora inquieta no sofá, fingindo estar concentrada num programa de culinária.

A batida de Will na porta me deixou enjoada.

"Eu atendo!", gritei, caso Jess tivesse alguma ideia. Pelo menos papai estava na casa de Barbie.

Ela espiou pela porta da cozinha.

"Tudo bem, não sou surda."

"Desculpe, pensei que estivesse lá em cima." Queria que ela estivesse lá em cima.

"Passei por você há uns dois minutos!"

"Tudo bem, desculpe. Céus." Corri até a porta, parei por um instante — não sei por quê — e abri. Lá estava ele, de jeans preto, camisa preta, sapato preto e gorro preto. Sim, muito preto, mas estava lindo, o.k.?

"Oi, Will. Entre", falei, desviando os olhos. Recuei para deixá-lo passar, mas ele não entrou.

"Oi, Donna… Tudo bem?"

Sorri rapidamente.

"Tudo. Obrigada. E você?"

"Hum… sim. Tudo."

"Ótimo."

"Ótimo."

Pausa desconfortável.

"Certo, então. Você sabe o caminho", falei. Fui atrás dele até a sala,

onde minhas anotações estavam sobre a mesa, como sempre. Minha única maneira de sobreviver era me concentrando exclusivamente nos estudos. Era só por isso que ele estava ali, afinal. Sentamos e Jess espiou da cozinha outra vez.

"Oi. Você deve ser Will." Acenou para ele. "Sou Jess, irmã de Donna."

Ele sorriu e acenou de volta.

"Oi. Muito prazer."

"Igualmente." Ela se apoiou no batente da porta. "Então é você que está ajudando minha irmãzinha a passar em inglês…" Sorriu. "É um cara mais nobre do que a maioria."

Um cara mais nobre do que a maioria? Ela estava *flertando* com ele? Meu coração afundou. Maravilha. Ele provavelmente gostaria dela — tinham a idade mais próxima, ela fazia faculdade e era mais bonita do que eu. *Strike* triplo. Mas ele apenas abriu um sorriso educado e falou alguma coisa sobre eu ser a verdadeira responsável pelo progresso.

"Enfim." Jess se endireitou novamente. "Vim ver se querem um chá."

"Sim, por favor", respondi, mais para me livrar dela do que pelo chá de fato. Já tinha tomado umas cinquenta e sete xícaras naquela manhã. Ela começou a falar, mas interrompi. "Will toma com leite e sem açúcar."

Ela ergueu a sobrancelha e sorriu, a maldita.

"Certo. Vou preparar, então."

Voltei para minhas anotações.

"Então, o que vamos fazer hoje?" Olhei para Will — não tinha como não fazê-lo, pelo menos se não quisesse parecer esquisita. Era como levar um tapa na cara. O rosto dele esteve constantemente na minha cabeça desde a última vez que tínhamos nos visto, e olhar para ele na vida real era quase doloroso. Tão perto, e tão (muito, muito) longe.

Ele olhou para as próprias anotações.

"Vamos falar sobre amor juvenil hoje", disse. Resmunguei internamente. Quem me dera. Will continuou: "Mais especificamente: o amor realmente pode acontecer com a velocidade e a intensidade descritas por Shakespeare?". Pôs as mãos na mesa daquele jeito dele e

fixou os olhos em mim. Não havia nada ali. Só queria que eu respondesse a pergunta.

"Hum… Bem, não, claro que não", respondi. "Como disse antes, não dá para *se apaixonar* depois de só uma conversa."

"O.k.", Will disse. "Por que não?"

Merda. O que era aquilo? Momento da Psicologia Amadora?

"Porque não é possível", respondi irritada. "Você não sabe nada sobre a outra pessoa. Quer dizer, pode *gostar* de alguém — achar sexy ou o que seja —, mas…" Deixei a frase no ar.

"Continue."

Franzi o rosto e fiquei vermelha.

"Desculpe… o que eu estava dizendo?" Não tinha me esquecido de fato, mas de repente tive a sensação de que, de algum jeito, ele conseguia enxergar o que eu realmente estava pensando.

"Pode achar alguém sexy, mas…", disse.

"Hum… é." Esfreguei a testa, confusa, e ele tocou meu braço.

"Relaxe, Donna", falou, rindo levemente. "Está indo bem."

Congelei. Aquilo era péssimo. Eu estava agindo de maneira tão esquisita que ele sentia necessidade de ser simpático. Era como alguém acariciando o braço de um parente velho e demente para fazê-lo pensar que estava tudo bem, quando na verdade todos os órgãos vitais já tinham falhado e ele estava à beira da morte.

Will se inclinou para trás na cadeira.

"Quer deixar *Romeu e Julieta* de lado um pouco e dar uma olhada nos outros dois textos?"

"Não, está tudo bem", falei. "Melhor continuarmos. Podemos falar sobre os pombinhos." (*Podemos falar sobre os pombinhos?* Qual era o meu *problema*?)

"Certo, ótimo." Ele ia falar mais alguma coisa quando Jess entrou com o chá.

"Uau, ótimo, obrigada, Jess", agradeci, sorrindo como uma idiota.

"Não tem de quê", respondeu, me olhando com uma expressão de *cara, é só um chá*, antes de subir. Estava com uma caneca em uma mão e um livro na outra. "Vou tomar banho, se precisar de mim…" Voltou-se para Will. "Aliás, você precisa usar o banheiro? Só temos um."

"Não, estou bem. Obrigado", falou, sorrindo como se fosse

engraçado ela não achá-lo crescidinho o bastante para controlar a própria bexiga por meia hora. Em circunstâncias normais eu teria recomendado que ele fosse de qualquer jeito. Os banhos de Jess eram lendários — não raro demoravam umas duas horas. Mas não eram circunstâncias normais, então apenas senti vergonha e fiquei de boca fechada.

"Então…" Ele olhou para mim. "Amor à primeira vista: discuta."

Inclinei a cabeça para o lado.

"Nunca entendi esse 'discuta'… Quer dizer, com quem vou discutir? Comigo mesma? Não dá para uma pessoa discutir com ela mesma."

"Acho que significa que você precisa expor todos os lados de uma mesma situação", disse calmamente. Tinha que tirar o chapéu para ele. No lugar dele eu já estaria arrancando meu próprio rosto de tanta frustração. "Vamos tentar analisar o contexto", prosseguiu. "Será que alguma coisa na situação familiar de Romeu e Julieta poderia exercer um peso sobre o amor — ou não — deles?"

"Você diz como as rivalidades que vemos nas novelas?", perguntei, fazendo uma simulação de boxe no ar. *Puf puf.*

"Bem, sim", falou, finalmente começando a parecer assustado. "Fale mais sobre isso."

"Ah, é a coisa da rebeldia, né?", disse. "Se apaixonando…", desenhei aspas no ar, "basicamente estão mandando os pais à merda. Tipo, 'danem-se vocês, vou gostar de quem eu quiser'."

"Ótimo!" Tocou meu braço outra vez, e recuei com tanta força que derrubei a xícara de chá sobre todas as nossas anotações.

"Ai, merda. MERDA. Mil desculpas." Levantei e corri para a cozinha para buscar alguns panos. Estava quase chorando. Comecei a esfregar como uma maníaca. "Sou uma idiota."

Will tocou meu ombro.

"Ei, Donna, não se preocupe. É só papel."

"Sim, mas suas anotações…", minha voz falhou.

"Pfft, esqueça." Empurrou gentilmente meu ombro. "Sente-se. Vamos fazer um intervalo e tomar nosso chá." Olhou para a bagunça na mesa e sorriu. "Ou melhor, você pode assistir enquanto eu tomo o meu."

"Tudo bem." Sentei.

Bebemos em silêncio por um minuto. Tive a sensação de que Will estava me encarando, provavelmente tentando entender o que havia de errado comigo naquele dia. Ele não era o único. Estava preparada para ouvi-lo perguntar se estava tudo bem, mas ele não o fez. Em vez disso, falou: "É um alívio estar aqui, na verdade. A história da minha mãe com o namorado malandro atingiu novos níveis".

"Ah, é?", perguntei secamente.

"Quer dizer, amo minha mãe, mas ela é tão ingênua." Riu singelamente e tomou um gole do chá. "Ela está cheia de rádios para carro empilhados no quarto. Acha que o namorado comprou no atacado para revender. Desde quando algum comerciante vende rádios com fios soltos e fora da caixa?" Riu, e eu acompanhei, desconfortável. Santo Will por tentar me deixar mais relaxada, mas eu estava tão tensa e triste que provavelmente precisaria de um tranquilizante de cavalo para me acalmar. Quando ficou claro o fracasso daquela tática, ele disse: "Então, vamos fazer o seguinte…". E passou o resto da aula anotando perguntas para que eu respondesse em vinte minutos. Foi uma situação estranha, silenciosa e horrível, e, depois que ele saiu, quase senti alívio por ter acabado.

Fui para o sofá. Bem, ele definitivamente não estava interessado em mim. Cobri o rosto com as mãos. Por que eu tinha que agir como uma louca? E ele obviamente estava preocupado com a mãe, mas o que eu tinha feito? Tinha dado risada com desinteresse e olhado para a mesa. Maravilha.

"Tudo bem?"

Levantei os olhos e vi Jess na minha frente, com os braços cruzados.

Suspirei.

"Vou sobreviver." Era o que papai sempre nos dizia quando nos sentíamos mal: um abraço, um afago na cabeça, e *você vai sobreviver*. Acho que ele queria dizer que não devíamos nos preocupar com as pequenas coisas, mas para mim soava como uma ameaça. Como se não morrer fosse a melhor perspectiva.

Ela se sentou e colocou o braço à minha volta. Permiti que me puxasse para perto até nossas cabeças se tocarem.

"Acho bom que não tenha piolhos", falei.

"Will é bem bonito", comentou.

"Humm."

"Você gosta dele." Foi uma afirmação e não uma pergunta.

Me endireitei.

"Não gosto, não! Digo, ele é bonito, mas…" Jess colocou o dedo sobre meus lábios.

"Cale a boca e ouça", disse gentilmente. "Se ele tem algum juízo, vai perceber o quanto você é maravilhosa."

"Até parece", falei, virei o rosto para o ombro dela e chorei.

10



NA MANHÃ SEGUINTE TIVE UMA RESSACA DE CHORO: olhos doloridos e inchados, dor de cabeça e uma sensação de vazio total. Não era um daqueles casos em que afogar as mágoas e uma noite de sono resolviam tudo. Por que eu não conseguia superar aquela história com Will? Não ia dar em nada, e provavelmente seria ainda pior do que simplesmente não dar em nada, já que só poderia terminar comigo me sentindo péssima. Não estava me sentindo muito alegre no momento. E se estava assim agora… suspiro. Suspiro, suspiro, suspiro. Ai, ai, pobre de mim. Vi um movimento na cama ao lado quando Jess começou a acordar. Hora de levantar. Chutei o edredom, rolei para o chão e fiquei deitada ali por um segundo até reunir energia suficiente para me levantar. O cheiro estava diferente. Uma mistura de poeira, pé e tapete. A cama de Jess rangeu outra vez, então me levantei e fui cambaleando até o banheiro.

No banho fechei os olhos e deixei a água cair na minha cabeça. Nada funcionava particularmente bem na nossa casa — o relógio do micro-ondas estava quebrado, o forno só funcionava a duzentos e vinte graus, não conseguíamos acessar nenhum dos canais interativos na TV… —, mas pelo menos o chuveiro era bom. Só podia ser escaldante ou congelante, mas qualquer que fosse a escolha, era potente.

Não suportava a ideia de Ashley não saber sobre Will. Não que eu desejasse muito que ela soubesse, só não gostava de esconder as coisas dela. Quando fiz isso antes fiquei tão estressada que me senti culpada. Ia me encontrar com ela e Rich no bar para um almoço de última

hora. Decidi que ia contar a eles, independente das consequências. Precisava dar um jeito em mim mesma. O que havia de tão especial e perturbador dentro da minha cabeça que mais ninguém podia saber? *Desça do pedestal*, pensei. *Ninguém se importa se você é louca. Estão ocupados demais com as próprias loucuras*.

No caminho até o ponto de ônibus disse a mim mesma que estava me sentindo *muito* melhor depois de ter tomado aquela decisão. E para provar que era verdade, tinha passado meu batom mais vermelho e colocado meus saltos mais inadequados para aquela hora do dia com o jeans que eu achava que deixava minha bunda incrível. *Brighton vai experimentar uma onda de ousadia hoje*, disse Donna, a mulher do tempo.

Rich entrou no ônibus dois pontos depois.

"Nossa!" Olhou para mim da cabeça aos pés enquanto sentava ao meu lado. "*Très sexy*, Don-Don."

"Não é?", respondi, passando as mãos nos quadris. Nada fácil quando me encontrava entre uma janela suja e um Rich. Dei um abraço nele. "Você também está lindo, claro." Estava com jeans *skinny* e um suéter cinza de gola V — o visual de sempre, mas estava bonito.

"Claro", concordou. "Então. A aula com Will ontem foi boa?" Lançou um olhar arregalado e inocente.

Soquei-o no braço, mas sem muito empenho.

"Na verdade, não. Foi uma merda."

"Poxa." Inclinou-se para trás, para o corredor, de modo que pudesse me ver melhor. "O que houve? Você está bem?"

"Nhé…" Dei de ombros. "Estou bem. Conto quando chegarmos ao pub. Não é nada de mais, só não quero falar duas vezes."

"Intrigante."

"Na verdade, não."

"Faça como achar melhor." Cruzou a perna e se aproximou de mim. "Então, você tinha que ver Sarah e Ollie sexta depois que você foi embora. Ele ganhou um urso de pelúcia gigante para ela na barraca de tiro ao alvo."

"E o que ela disse?" Era bom ouvir outra coisa — uma coisa real, ao contrário do meu maldito problema imaginário.

"Nossa, os dois estavam tão *irônicos* em relação a isso", falou. "Tipo 'oh, meu herói!' e 'estamos numa relação exclusiva agora?' e coisas

assim." Ele balançou a cabeça com pena. "É amor, pode crer. Eles só precisam criar um par de colhões e admitir."

"Como, só um par? Para os dois?"

Rich me olhou desanimado.

"Você entendeu."

Dei de ombros.

"Você que não sabe falar inglês."

"Certo, e note que não fiz nenhuma piada sobre você ter um professor particular de inglês." Apontou para si mesmo. "*Isto* é um bom amigo."

"*Muito* bom amigo", declarei. "Mas é claro que se você *tivesse* feito uma piada, eu teria dado um gancho na sua cabeça."

Ele riu.

"Adoro quando fica marrenta… Apesar de não ser possível dar gancho na cabeça de ninguém."

"É possível, sim", declarei, franzindo o rosto.

"Não é. Gancho é aqui." Apontou para a barriga.

Olhei para a janela.

"Tanto faz."

"Outra ocasião em que eu podia ter…"

"… feito uma piada sobre o professor particular de inglês, eu sei", concluí por ele. "E mais uma vez, por sorte não fez."

Rich deu de ombros.

"Tanto faz."

"Foi o que eu disse."

"E repito: tanto faz."

Sorri.

"Ah, cale a boca." Viu, assim era melhor. Eu quase não me sentia mais na merda.

Ashley já estava no pub quando chegamos, o que teria sido impressionante se o motorista do nosso ônibus não tivesse decidido expulsar todos os passageiros no meio caminho. Esperamos dez minutos por outro antes de desistir e ir andando, e então outro ônibus passou bem do nosso lado, zombando da nossa cara.

"Finalmente apareceram", ela disse. Apontou para a taça de vinho pela metade. "É minha segunda."

"Você pediu uma garrafa inteira?", Rich perguntou, parecendo um pouco escandalizado.

"Como se a questão fosse essa", disse. "Mas sim, dã, claro que pedi."

"Ufa."

Sentamos e Ash nos serviu.

"Então, como foi ontem, querida?", perguntou.

"Na verdade, foi péssimo", falei. "Uma merda completa."

Ash pausou, surpresa, segurando a garrafa no ar.

"Por quê? O que aconteceu?"

"Bem…", parei e olhei para os meus dois amigos por entre os cílios. "Bem", repeti.

"O quê? O quê?", perguntou Rich, pulando na cadeira. "Não aguento mais esperar."

"Não se anime", falei, seca. Tomei um gole grande de vinho. "É que… bem, é uma bobagem, na verdade, mas é só que é verdade… o que vocês disseram."

"Hein?" Se entreolharam, confusos.

"Como assim, *o que a gente disse*?", perguntou Ashley.

"Quero dizer que eu, tipo, eu gosto mesmo dele". Retraí o rosto com ares de *dã, não é obvio?*

"Uhhh."

"Oh."

Mordi a bochecha.

"Pois é."

"Bem, querida, e qual é o problema?", perguntou Rich, estendendo as mãos. "Vá em frente. Transe com ele e memorize tudo, para nos contar depois."

"Humm." Brinquei com a haste da minha taça, girando entre os dedos. Ashley estava me encarando. Encarei de volta e dei de ombros tristemente.

"Você gosta dele pra valer", concluiu.

"Infelizmente, sim." Peguei um descanso de copo e comecei a girar. "Mas ele não gosta de mim, então…"

"Como sabe que ele não gosta de você?", Rich perguntou. "Você é

incrível."

"Rá! Bem, claro que *eu* sei disso…", falei, tocando os dedos no meu peito.

"Como sabe que ele não gosta?", Ash perguntou baixinho.

Concentrei-me em equilibrar o descanso na borda da mesa exatamente no ponto em que poderia girá-lo e pegar com a mesma mão.

"Não sei. Só tenho certeza que não."

"O que quer dizer que você *não* sabe… Ele não disse nada?"

"Não", admiti.

"Mas você também não, certo?"

Dei de ombros.

"E daí?"

Rich estapeou a própria testa.

"Alô-ô? Não estávamos falando sobre Ollie e Sarah precisarem criar colhões meia hora atrás?"

"Não é a mesma coisa", falei. "Eles já sabem que se gostam como amigos. Will é meu professor particular, é mais velho, mais inteligente, e não somos amigos. Temos… um acordo."

Ashley ergueu uma sobrancelha.

"Uau, que romântico."

"Exatamente", falei.

Ela cutucou minha perna com o pé.

"Então tente conhecê-lo, ficar amiga dele. Ele não é um professor, tradicionalmente falando. É só um cara jovem que dá aulas particulares para ganhar um dinheiro… E não se estresse." Balançou a cabeça. "Nossa, você está péssima porque se estressa por nada."

Olhei para ela, surpresa. Como ela sabia?

"Ele não vai gostar de mim", insisti.

"Não me venha com 'ele não vai gostar de mim'", ela disse. "Claro que vai. Você é incrível."

"Foi o que eu disse", concordou Rich.

Sorri.

"Ah, bom, vocês dois não contam."

"Temos razão!", disse Ashley.

"Não seríamos amigos de uma baranga qualquer", declarou Rich.

Pôs a mão sobre a minha. "Só de uma baranga muito especial."

Olhei para ele por cima da taça de vinho.

"Um brinde a isso."

"Não tem de quê." Ele pegou o cardápio do almoço de domingo do suporte de madeira. "Podemos pedir? Estou morrendo de fome."

Foi quase uma surpresa quando meu alarme soou na manhã seguinte. Hora de ir para o colégio. O recesso tinha sido estranhamente intenso, e todo o estresse em relação a Will me fez esquecer um pouco o motivo das aulas particulares. Não parecia uma manhã de aula normal — não sentia o embrulho habitual no estômago, apesar de estar um pouco nervosa. E se todo o meu trabalho com Will não ajudasse num contexto escolar? Suspirei. Só havia uma maneira de descobrir.

Saí da cama e fiquei de pé por um segundo, até acordar de verdade. Jess tinha voltado para a faculdade, então o quarto estava muito quieto e vazio, e a fresta entre as cortinas, muito escura. Ouvi o barulho do chuveiro, então vesti um moletom e desci para preparar um chá enquanto esperava papai terminar.

Cheguei ao banheiro quando ele estava saindo.

"Bom dia, feijãozinho", falou.

Entreguei o chá a ele.

"Você está de bom humor." Ele quase não me chamava mais de feijãozinho. O apelido tinha começado antes de eu nascer, porque os livros sobre gravidez diziam que fetos em estágio inicial eram do tamanho de um feijão, então dava para entender de onde havia surgido. Agora eu já estava mais para pé de feijão.

"Estou, estou." Deu uma piscadela para mim e foi para o quarto se vestir, a toalha amarrada na cintura fazendo-o andar de um jeito engraçado. Era de se esperar que eu não quisesse falar da minha vida para ninguém. Tinha aprendido com o mestre.

Quando desci, ele estava apoiado no armário da cozinha, ouvindo rádio e comendo cereal.

"Como está se sentindo em relação ao colégio hoje, querida?", perguntou.

"Bem." Servi cereal em uma vasilha. "Vamos ver."

Ele pousou a vasilha vazia na pia e me deu um beijo rápido na bochecha.

"Vai dar tudo certo… Até mais tarde. Eu preparo o jantar — Barbie vem para cá."

"Ótimo", respondi sem qualquer emoção.

"Ai, ai, ai." Balançou o dedo para mim, depois o transformou em um aceno. "Preciso correr."

Assenti, com a boca cheia. A porta se fechou, e fiz uma pausa. Silêncio. Parecia que não tinha a casa só para mim havia séculos. Chequei a hora. Ops — ia me atrasar. Escovei os dentes e em dois minutos já tinha saído.

"Sejam bem-vindos." A srta. Ayles entregou algumas folhas de trabalho. "Vamos continuar com *Romeu e Julieta* nas próximas semanas, mas também teremos uma revisão de *O morro dos ventos uivantes* e *Um panorama visto da ponte*, para ajudar com o trabalho." Foi para o quadro e escreveu: "Amor juvenil: contexto histórico".

"Como o contexto histórico pode interferir — ou não — na nossa interpretação do amor entre Romeu e Julieta?" Batucou com a caneta na mão e esperou pacientemente que alguém se manifestasse.

No fim das contas o alguém fui eu. Limpei a garganta.

"Acho que… o fato de decidirem se casar tão rápido deve ser considerado, hum, dentro daquele contexto histórico. Tipo, hoje isso seria idiota e inacreditável, e você perderia qualquer simpatia pelos personagens, mas antigamente era o que se fazia quando se apaixonava… As pessoas se casavam muito mais jovens."

A srta. Ayles sorriu.

"Correto. Ótimo, Donna." Perdi o que ela disse em seguida — estava ocupada demais espantada com meu próprio brilhantismo. Cass me olhou em estado de choque e possivelmente admiração, mas fingi não perceber.

Fomos juntas até o refeitório depois da aula.

"Então as aulas particulares definitivamente vão bem", ela disse.

"Acho que sim", respondi, curta. Fingi procurar alguma coisa na bolsa para esconder o fato de que estava envergonhada.

"Legal. Que bom", falou. E na sequência: "Viu os sapatos de Paul hoje? Superbregas".

"Argh, pois é. Horrorosos", respondi, grata por ela ter mudado de assunto. Sem tomar de fato a decisão, parei de andar e virei para ela. "Acabei de lembrar que tenho uma coisa para fazer no laboratório de informática. Diga aos outros que nos vemos mais tarde, pode ser?"

Ela pareceu surpresa, mas não disse nada. Apenas concordou. Pensando bem, às vezes Cass sabia ser incrível. Observei-a por um segundo e depois voltei pelo caminho de onde tínhamos vindo. Estava na hora de enviar minhas inscrições para as faculdades de teatro. E depois talvez mandar um e-mail rápido para Mac, para combinar os ensaios para as audições.

Estava me sentindo muito melhor em relação a encontrar Will. Bem, não *muito* melhor. Ainda não achava que ele gostasse de mim, mas o conselho de Ashley pelo menos havia me deixado mais relaxada. Não era como se eu fosse me jogar para cima dele, então… Enfim. Tudo bem. E como minhas inscrições já estavam no correio, tinha uma sensação constante de frio na barriga.

Mas, quando o encontrei, ele estava diferente, e não de um jeito bom. Percebi assim que abri a porta. Ele estava sem emoção, como se tivesse passado de HD a analógico, e quis ir direto ao trabalho. Só deu "oi" e foi direto para a mesa, tirando os papéis da bolsa.

"Certo", falou, suspirando ao mesmo tempo. Passou a mão no cabelo. "Vamos analisar o primeiro ato da cena três." Esperou em silêncio enquanto eu procurava essa parte no livro.

"É quando a sra. Capuleto está tentando convencer Julieta a se casar com Páris", prosseguiu. "Julieta afirma que nunca quer se casar: 'É honra com que nunca ousei sonhar'." Fez uma pausa. "Por que você acha que Julieta reluta tanto em casar?", perguntou, fixando olhos impassíveis em mim.

"Bem…" Engoli em seco. "Parece que os Capuleto têm um péssimo casamento… Digo, falamos sobre contexto histórico na aula de inglês hoje, e minha professora disse que o casamento seria arranjado." Balancei a cabeça. "Isso me deixa um pouco enojada. Tipo, imagina o

horror que deve ser ficar presa a alguém que você nem gosta, muito menos ama? Pelo menos hoje em dia os casais começam se amando, mesmo que normalmente a coisa desande depois."

Will assentiu.

"Certo, certo. Então, que efeito isso teria provocado em Julieta?"

"Ela não queria acabar como os pais?", respondi. Não era óbvio?

Ele batucou a caneta na mesa.

"Quantos anos Julieta tinha?"

"Ah, ela tinha, tipo, catorze anos." Disse. "Então nem estava pensando em casamento…" Sentei ereta. "Então, talvez, quando encontra Romeu, ela acha que está apaixonada porque nunca havia sentido nada como aquilo. É como se ela fosse uma menina, mas então conheceu Romeu e de repente…" Pausei, corando. "Eu ia dizer que ela o conheceu e se sentiu como uma mulher, mas isso seria muito brega, então vamos fingir que não falei nada, o.k.?"

Will riu discretamente.

"Não, mas você tem razão. Acho que tem razão…" Voltou-se para seu próprio livro. "Talvez seja muito comum… Não acha?"

Por um segundo achei que ele estivesse falando sobre algo que vira no livro, mas percebi que ainda estávamos tratando do amor juvenil.

"Sim, totalmente", respondi. "É assustadoramente fácil embarcar numa dessas." Tossi e corei novamente. "Digo, deve ser assustadoramente fácil."

"Acho que tem razão", repetiu.

Não consegui dormir naquela noite. Fiquei pensando no que tinha acontecido com Will. As perguntas dele tinham parecido estranhamente… sei lá… desconectadas da peça, eu acho. Será que era a maneira dele de descobrir o que estava rolando entre a gente? Será que ele gostava de mim? Fiz uma careta para o teto. Não, claro que não. *Dã.*

Ajeitei os travesseiros e virei de lado. Por que será que ele havia feito aquelas perguntas sobre se surpreender com a força dos sentimentos?

Minhas dúvidas ficaram passeando pela minha cabeça. Acho que estava interpretando demais, mais uma vez. Mas me senti estranha.

Um pouco exposta e vulnerável, como se tivesse falado demais.

No almoço do dia seguinte a turma de música de Ollie apresentou uns trabalhos para o resto do nosso ano. Serviram biscoitos e bolos para persuadir as pessoas a comparecer, então enchemos o prato e sentamos. Obviamente teríamos ido de qualquer jeito por causa do nosso amigo, mas comida grátis era sempre bem-vinda.

"Não como biscoito wafer rosa há anos", disse Sarah. Deu uma mordida e fez cara de nojo. "Eca. Agora lembrei por quê." Colocou de volta em seu prato. "Que horror."

Rich olhou para ela.

"Não há nada de natural nesse biscoito. *Claro* que é um horror."

"Não ser natural não quer dizer que seja ruim, necessariamente", disse Ash, examinando as unhas. "Consigo pensar em várias práticas sexuais nada naturais que curto muito."

"Depende do que você considera não natural", rebateu Rich. "Puritana."

Ash riu alto como se dissesse: *moi, puritana? Até parece!* e virou para Jack.

"Algo a acrescentar, querido?"

Ele riu e ficou vermelho.

"Não, obrigado."

"Não encha o saco do garoto", disse Cass. "E fiquem quietos. Está começando."

"Tudo bem, mãe", Ashley e Rich sussurraram ao mesmo tempo, em seguida riram como idiotas até Sarah chutar a cadeira dos dois para perceberem que o professor de música estava olhando feio para eles. Meio constrangedor quando se está no último ano, mas enfim.

Ollie foi o quinto, após um clarinete, um violoncelo, um saxofone e, à moda antiga, uma flauta doce (que foi incrível, para falar a verdade). Ele entrou com um violão e uma cadeira. Colocou a cadeira no meio do palco, sentou e, sem olhar para a plateia, começou a tocar. Tinha uma voz linda, ligeiramente rouca, e a música era doce e melancólica. Uma típica canção de amor, mas tudo bem. Trocamos olhares de *vejam só ele!* Era muito talentoso! Enquanto a música avançava, quase

me emocionei. Fiquei tão orgulhosa de Ols. Acho que os outros sentiram o mesmo, pois não parávamos de nos entreolhar e sorrir. Ash me olhou de lado quando ele cantou que a menina da letra era linda. Sorri. Devia ser coincidência ele chamar Sarah de "linda", mas mesmo assim. Rich nos viu e balançou a cabeça dolorosamente, depois riu enquanto Ollie cantava sobre as "*milhas* que percorreria pela garota". Alô-ô? Sarah *Millar*? Gargalhei, e Cass nos olhou feio. E então chegou o refrão, que dizia:

Ela parece a mesma, mas o destino não falha
Sua beleza chega a machucar
Ela diz "seremos sempre amigos",
Mas não é a mesma coisa. Não é a mesma coisa.

Ai, meu Deus! Arregalei os olhos para Ashley, que arregalou os dela para mim. Olhamos para Rich e Cass. Depois todos viramos para Sarah, que encarava Ollie. Estava pálida e mordia o lábio, confusa. Senti uma pontada familiar de inveja — duvidava que um dia alguém escreveria uma música para mim —, mas também senti empatia. Ela parecia tão triste. *Pelo menos não sou a única idiota que não consegue resolver a vida afetiva*, pensei, apesar de Sarah ter pelo menos uma espécie de evidência para poder resolvê-la. Eu não tinha nada. Aquilo estava me matando.

Quando Ollie terminou e recebeu os aplausos — ainda sem olhar na nossa direção —, resolvi que falaria alguma coisa para Will. Provavelmente seria um erro, e eu não fazia ideia do que diria, nem como, nem quando. Mas, fora isso, achei que estava totalmente pronta…

11



WILL ESFREGOU AS MÃOS e deu um de seus sorrisos com covinhas, completamente diferente da última vez, quando esteve estranho e travado. Eu não podia reclamar de nada — provavelmente já pareci uma louca para ele. Para ser sincera, estava feliz com a alegria dele.

"Tenho uma ideia", propôs. Sentou e mexeu as sobrancelhas de forma empolgada, e por um segundo de enfraquecer os joelhos, achei que ele fosse fazer uma proposta indecente. Mas não. Claro que não. Constrangedor só de pensar, na verdade. "Agora que está prestes a ser convidada a fazer audições em todas as escolas de teatro de prestígio do país", revirei os olhos para ele com ares de *cale a boca*, o que ele ignorou, "pensei em encenarmos algumas das cenas de *Romeu e Julieta* para ajudá-la com a linguagem", prosseguiu. "O que acha?"

Tentei não parecer frustrada.

"Pode ser legal." Apontei para o andar de cima. "Mas meu pai está em casa hoje… Pode ser constrangedor."

"Já pensei nisso", disse, descartando minhas preocupações com um aceno. "Vamos até o parque."

"Certo." Franzi o rosto, e disse ironicamente: "Porque o parque costuma estar sempre vazio".

"O que foi, está com medo?" Lançou um sorriso largo para mim, e meu corpo derreteu.

"Claro que não!" Encarei. "Não tenho medo de nada."

"Então pronto." Abriu a porta. "Primeiro as damas."

"Não, primeiro o cavalheiro. Vou pegar o casaco e avisar meu pai."

Além do mais, ele estava segurando a porta de um jeito que eu teria que passar por baixo do braço dele. Por mais que eu gostasse da ideia de ficar tão perto, teria que fazer uma manobra para evitar que o braço dele me atingisse na testa. Menos Kate Moss, mais girafa. Sexy.

Encontramos um lugar vazio sob uma árvore. Para falar a verdade, o parque todo estava quieto, provavelmente por causa do céu nublado e do frio. Bem diferente de Verona — ninguém nunca viu Julieta tremendo com um casaco preto e um gorro. Mas, eu era atriz, certo?

"Muito bem. Por onde começamos?", perguntei, batendo os braços nas laterais do corpo e dando pulinhos para tentar recuperar a sensibilidade nos dedos dos pés.

"Brrr", resmungou Will. (Ele falou soletrando: bê erre erre erre. Gostei.) "Vamos esquentar quando começarmos, espero." Pegou seu exemplar de *Romeu e Julieta* do bolso. Ele estava usando luvas sem dedos. "Vamos começar pela morte de Teobaldo…"

"Ahhh, fofo", comentei.

"Melhor começarmos logo para aproveitarmos o tempo… É a primeira cena do terceiro ato."

Encontrei o trecho. Havia três personagens na cena.

"Quem vai interpretar dois?", perguntei.

"Você pode ser Romeu, e eu serei Benvólio e Teobaldo", disse. "Então, contextualização: Teobaldo acaba de matar Mercúcio…"

"*Danem-se as suas casas*", interrompi. Veja só eu, citando Shakespeare. Por um momento desejei que minha mãe estivesse ali para testemunhar. Ao mesmo tempo, não desejava isso de jeito nenhum. Não mesmo.

Will assentiu.

"Exatamente… E Romeu conclui que foi brando demais e precisa vingar a morte do amigo… Vamos a partir da entrada de Teobaldo… Pronta?" Olhou para mim e fez uma cara cômica de insegurança. "Na verdade, qual é o seu grau de talento para isso? Estou prestes a fazer papel de bobo?"

Dei de ombros.

"Bem, já me disseram que sou a próxima Judi Dench, mas sem

pressão."

"Ótimo…" Respirou fundo e ajeitou os ombros. "Certo. Vamos lá…" Olhou para a peça, levantou a cabeça e disse: "Lá vem Teobaldo, ainda furioso".

Corta para Romeu. *Dor e raiva*, pensei. *Dor e raiva. E culpa: seu melhor amigo acaba de morrer porque você gosta de Julieta.* Então, lendo a peça, declamei:

"Volta triunfante, e Mercúcio morto./ Fiquem no céu respeito e leniência:/ E só a fúria me conduza agora!!" Disparei o resto do trecho com lágrimas nos olhos.

Agora Will era Teobaldo.

"Menino ousado, que era seu comparsa,/ É você quem irá." Declarou com convicção.

Foi ótimo. Will tinha talento! E então tudo desmoronou, pois chegamos ao trecho em que Romeu e Teobaldo lutam até a morte do segundo. Foi um clima tipo "*Em guarda!*", empunhando espadas imaginárias. Foi bem divertido.

Depois fizemos uma cena com a ama de Julieta. Will foi a ama. Ele a interpretou usando vários movimentos corporais, com a voz esganiçada e balançando os peitos. Ele teve umas quinhentas falas contra quatro minhas, então dominou totalmente os holofotes da comédia. Justiça seja feita: foi muito engraçado, e ele atuou tão bem que consegui entender a linguagem muito melhor do que numa simples leitura.

E então — *então*… Meu Deus, tenho arrepios só de pensar.

Depois de fazermos mais algumas cenas, Will disse casualmente: "Certo, primeiro ato, cena cinco é a próxima, acho. A festa em que Romeu e Julieta se conhecem".

Bem, eu já tinha assistido ao filme *Romeu + Julieta*, dirigido por Baz Luhrmann, mais de uma vez. Tinha visto pelo menos duas vezes na escola no último trimestre. E sabia que aquela cena terminava em beijo. A ansiedade me fez tremer quando "Romeu" começou a flertar, ainda que num estilo elisabetano sutil.

"Se a minha mão profana esse sacrário,/ Pagarei docemente o meu pecado:/ Meus lábios, peregrinos temerários,/ O expiarão com um beijo delicado."

Eu sei: forçado, né? Mas estava surtindo efeito em mim, e, para falar a verdade, não estava encarnando o personagem totalmente. Julieta estava adorando, mas eu também.

Eu (Julieta, o que for) respondi, insinuante:

"Bom peregrino, a mão que acusas tanto/ Revela-me um respeito delicado;/ Juntas, a mão do fiel e a mão do santo/ Palma com palma se terão beijado."

(Não sabia ao certo o que Julieta estava dizendo ali, mas flerte era isto, certo? Falar bobagem enquanto feromônios pairavam no ar como perfume barato.)

Mais algumas falas, só mais algumas. Será que ele iria até o fim? Digo, era um exercício só de palavras ou as ações também contavam? Ele era meu professor. Talvez fosse muito inadequado. Mas Will definitivamente se aproximava de mim a cada palavra.

"Santa, que eu colha o que os meus ais imploram…", ele disse. Senti meus olhos se fechando, sem ousar esperar mais nada, mas, meu Deeeeus, querendo MUITO! Primeiro senti o calor do corpo dele e meu coração acelerado. E então — *sim!* — ele (quer dizer, *Romeu*!) me beijou suave e carinhosamente. Sussurrou sem afastar a boca da minha: "Seus lábios meus pecados já purgaram".

Foi elétrico. A sensação dos lábios dele se movendo sobre os meus provocou ondas de choque por todo o meu corpo, fazendo meus dedos tremerem e o sangue pulsar na minha cabeça.

Mas era apenas atuação. Será que era mesmo só atuação? Me preparei e abri os olhos. Estava tudo bem. Os dele estavam cravados nos meus. Ele sentia o mesmo. ELE SENTIA O MESMO!

Largamos os livros na grama e nos beijamos outra vez, agora direito. Depois ficamos parados, nossas testas se tocando.

"Gostei de você desde que te conheci", ele murmurou.

Palavras mais lindas do mundo. Quem precisa de Shakespeare?

Voltamos de mãos dadas para casa. Tive vontade de sorrir para todo mundo, e fiz isso por um tempo, até um garotinho perguntar para a mãe por que aquela moça estranha estava sorrindo para ele. Ri baixinho ao me imaginar respondendo: "um menino incrível acabou

de me beijar de língua".

"Qual é a graça?", Will perguntou, sorrindo. Continuamos fazendo isso: olhando um para o outro e sorrindo, depois desviando o olhar como se fôssemos tímidos. Provavelmente era irritante para quem nos visse na rua, mas eu liguei? De jeito nenhum.

"Estou de bom humor", falei.

Ele riu.

"Eu também…" Pausa. "Então, ligo amanhã para combinar a próxima aula."

"Ah… Tudo bem." Meu estômago despencou, mas ele fez carinho na minha mão.

"E para combinarmos um encontro adequado. Sem Shakespeare."

Sorri feliz.

"Bacaninha." (Era assim que eu falava quando estava de bom humor. Por sorte não era uma coisa frequente, não é?)

Quando eu era pequena, minha mãe costumava cantar para mim uma música totalmente brega que dizia *I'm on the top of the world*, ou, literalmente, "estou no topo do mundo". Era assim que eu me sentia. Como na letra daquela canção antiga. E o que era pior, estava gostando. Me flagrei cantando no banho na manhã seguinte.

"Por que estava cantando Carpenters?", meu pai perguntou quando desci para o café.

Olhei confusa.

"*I'm on the top of the world*…", cantou para mim.

"Ah, esse é o nome da banda?" Fui colocar o pão na torradeira para esconder o sorriso imenso que me deixava parecendo o Pac-Man. "Não sei. Acordei com ela na cabeça."

"Humm. Tente uma do Springsteen da próxima vez. Essas músicas bobas ofendem meus ouvidos." Mandou um beijo. "Até mais tarde, feijãozinho."

"Até mais tarde, cara."

Após uma manhã basicamente perfeita em que tive uma aula de teatro excelente e escolhi junto com Mac os textos para minhas

audições — um monólogo de Julieta (óbvio) e uma passagem de *Shirley*, filme sobre Shirley Bassey produzido pela BBC havia uns dois anos em que poderia interpretar uma mestiça e exibir minhas habilidades com sotaques diferentes —, Will me mandou uma mensagem durante o almoço. Eu estava no refeitório com o pessoal.

"Uau, boas notícias?", Cass perguntou. Malditos sorrisos espontâneos. De repente todos os olhos estavam voltados para mim.

"Ah… não é nada", respondi, colocando o celular de cabeça para baixo sobre a mesa.

"Nada? Curioso…", observou Ash, quase como uma acusação. "E por que essa cara feliz?"

"*Nada!*", insisti, mas não conseguia me conter. Estava sorrindo feito uma idiota. "Ah… vejam logo, vai." Abri a mensagem e levantei o celular para que todos pudessem ler.

> Nada de estudar amanhã. Vamos sair.
> Tenho uma ideia. Bjss
> PS: você é linda.

"AHHHH!" foi basicamente o ruído emitido por todos os meus amigos, até mesmo Jack, a julgar pela maneira como tossiu e segurou a garganta. Estava mais acostumado a urros másculos no campo de futebol do que a gritinhos femininos.

"AI, MEU DEUS!", Sarah ganiu. "Conta *tudo*."

"É, você não tinha contado nada sobre *isso*", disse Ashley.

"Só rolou ontem", falei.

"*O que* rolou?", perguntou Rich. "Cara, chega de dar uma de misteriosa."

Dei risada.

"Eu sou mesmo! Totalmente misteriosa!"

"DONNA!" Todos gritaram juntos.

"Tudo bem, tudo bem. Fiquem calmos." Olhei em volta furtivamente. "Estão começando a olhar para cá."

Ashley mostrou o punho fechado para mim.

"Donna Dixon, eu juro que…"

"Aham." Amassei meu guardanapo e joguei nela. "Porque você é

superdurona e adora distribuir socos."

Sarah fingiu chorar de frustração, então acabei com o suspense. Posso dizer que recebi a atenção total de todos.

"Eu e Will fizemos nossa aula no parque ontem", contei, escorando na cadeira para não parecer tão boba quanto estava me sentindo. "Interpretamos papéis de *Romeu e Julieta*. Foi bem divertido, para falar a verdade. Enfim, fizemos a cena da festa…", corta para um engasgo animado de Cass. Balancei a cabeça afirmativamente para ela. "Sim. O beijo de Romeu e Julieta — E NOSSO!"

"UAU!"

"POIS É!… E depois nos beijamos outra vez, e ele disse que gostava de mim desde que me conheceu."

"Ai, meu Deus", disse Sarah, suspirando. "Que lindo."

"É, gostei", concordou Ashley, assentindo lentamente.

"E como se sente em relação a ele?", Ollie perguntou, mexendo os dedos.

Aquela era a grande pergunta. Todos estavam me olhando, esperando uma resposta, até mesmo Ashley e Rich, apesar de já saberem.

Dei de ombros.

"Também gosto dele."

Ollie me deu um tapinha nas costas.

"Uhu! Boa. Estou feliz por você, Don."

"É, é uma ótima notícia", Cass falou, levantando e se inclinando sobre a mesa para me abraçar, o que suscitou uma onda de abraços.

"Ele deve ser *incrível* para você gostar dele", Sarah observou. "Você nunca parece interessada em ninguém." Então levantou a mão e rapidamente acrescentou: "Quer dizer, não que eu seja diferente".

"Sim, tem razão", concordei. "Mas vamos ver. Está tãão no começo." Revirei os olhos para demonstrar como estava tranquila com a novidade, apesar de não ser o caso. Tipo, total e assustadoramente não era o caso.

Eu realmente gostava daquele garoto, provavelmente tanto quanto gostei de Hayden. E *boom!* Aí estava o motivo pelo qual eu não devia falar nada sobre Will. Afinal, por que dessa vez seria diferente? Será que eu estava caindo em uma armadilha? Naquele momento, porém, estava feliz demais para pensar nisso.

12



"VOCÊ ESTÁ ME LEVANDO AO PAVILHÃO REAL", falei, olhando sem nenhum entusiasmo para o local, que eu já tinha visitado em vários passeios da escola.

"Não gosta?", Will perguntou, com os olhos arregalados. "Caramba, eu *adoro*. É muito louco. Não acha louco?"

Franzi o nariz.

"Talvez. Nunca pensei no assunto."

"E é lindo", comentou. "Ou, pelo menos, é o que eu acho."

Olhei para o lugar, com a cabeça inclinada.

"Na verdade, eu gostava daqui. Costumava imaginar que era uma princesa, e este era o meu palácio… e que a rainha Vitória era minha avó." Ri nervosa. "Hummm, nunca contei isso a ninguém."

"Não imagino por quê", Will brincou, com os olhos ainda fixos nas torres em estilo indiano.

Ri e dei um soco no braço dele.

"Então, por que estamos aqui?"

Ele tirou um panfleto do bolso, desdobrou e entregou para mim.

"Teatro interativo", respondeu. "Você passeia pelas salas e monta a história de acordo com as diferentes atuações dentro de cada uma."

Ergui uma sobrancelha.

"Legal."

"É." Pegou minha mão. "Você vai adorar."

Ele estava certo — adorei. Foi o máximo mergulhar na história daquele jeito, apesar de não ter conseguido me deixar levar totalmente

porque estava interessada demais nos atores e em como lidavam com a situação. Fiquei imaginando se teriam feito faculdade de teatro, e, em caso afirmativo, onde. Primeiro achei que devia ser estranho manter um personagem com pessoas pra lá e pra cá, mas, como Will observou, atores de cinema fazem isso o tempo todo.

"Então, quando descobriu quem era o assassino?", ele perguntou quando estávamos saindo. Estava muito escuro e com a temperatura amena, como se o clima soubesse que era primeiro de março e tivesse pensado *opa, melhor fazer um pouco de primavera hoje*.

"Pfft", respondi, pegando um cacho de cabelo e o colocando atrás da orelha. "Desde, tipo, a primeira sala."

"Meu Deus, sério?" Franziu o rosto. "Só matei a charada um pouco antes da revelação."

"É, eu também", admiti. "Na verdade, talvez tenha sido logo *depois* da revelação."

Ele riu.

"Está tentando me fazer sentir melhor."

"Sim, é exatamente isso", menti, passando a mão pelo braço dele. Tudo era motivo. "Então, onde vamos comer?"

"Em uma confraria gourmet", revelou, sorrindo como se tivesse feito uma grande revelação.

Estalei a língua.

"Não faço a menor ideia do que seja isso."

"Uma confraria gourmet!", repetiu, como se falar a mesma coisa com mais entusiasmo fosse esclarecer tudo. "É quando alguém que quer ser chef ou que gosta muito de cozinhar abre um restaurante em casa por uma noite. Você paga por um menu fechado. A comida costuma ser maravilhosa, é muito divertido e íntimo, e você conhece pessoas novas." Will notou minha expressão totalmente cética e riu. "Mas só pessoas muito legais, prometo."

"Ah, parece perfeito", falei, com sinceridade. "Só não gosto de merengue."

"Tudo bem. Se tiver merengue no cardápio, como por você." Fez carinho na minha mão.

"Como ficou sabendo desse lugar?", perguntei enquanto esperávamos o ônibus.

"Pela internet…"

Entramos no ônibus para não sei onde e sentamos nos assentos da frente no segundo andar.

"Aonde vamos, exatamente?", perguntei. Adorei que Will tivesse planejado aquele encontro misterioso, mas não gostava de ficar por fora do que estava acontecendo.

"*Millionaire's Row*", respondeu casualmente.

"O bairro onde Zoë Ball e Fatboy Slim moram?", perguntei no mesmo tom.

"Exatamente." Ele virou para mim, com os olhos brilhantes. "Espere até ver a casa. A banheira é no chão, como uma pequena piscina."

"Legal." Estava começando a me animar, apesar de tudo. "Então a pessoa que está organizando essa confraria gourmet é rica mesmo?"

"Muito." Esfregou as mãos. "Adoro ver casas de gente rica!"

"E você faz isso com frequência, certo?", perguntei.

Deu de ombros.

"Bem… Dou aula particular para alguns alunos ricos… Estive em uma casa tão grande que um dos cômodos era vazio. Não sabiam o que fazer com ele!"

"Simplesmente não consigo imaginar como é ter tanto dinheiro", falei. Passamos um instante quietos, apenas sacudindo a cabeça com o movimento do ônibus. Então me pronunciei: "Você acredita que dinheiro não traz felicidade? Tipo, com certeza traz um pouco".

"Não sei", respondeu. "Adoraria nunca ter que me preocupar com dinheiro. Tipo, ver alguma coisa em uma loja e poder comprar sem pensar, ou comprar uma casa à vista… Mas aí existem as histórias de pessoas que ganharam na loteria e caíram em depressão profunda, pois sempre pensaram 'se eu for rico, serei feliz', mas ficaram ricos e os problemas continuaram."

"É… É exatamente assim que vou encarar", comentei, assentindo em aprovação.

"Eu também." Will copiou meus braços cruzados e, aparentemente, meu bico.

Bufei.

"Não sou assim!"

Ele apertou os olhos para olhar para mim.

"Hummm, talvez seja mais assim." Fez uma cara de macaco vesgo.
"Hilário", falei. "Muito maduro."
"Ei, idade é apenas um número", respondeu, rindo.
"Engraçado. Meu pai diz a mesma coisa", disse.
Will sorriu.
"Seu pai é um cara legal."

Foi uma noite incrível. A casa era realmente fantástica. A dona se chamava Peaches, e não estou brincando. Achei que só existisse uma no mundo, mas aparentemente a jornalista Peaches Geldof não estava sozinha. A anfitriã tinha vinte e poucos anos, era bonita, e vestia o jeans branco mais brilhante que já tinha visto. Resumindo: ela parecia rica. Mas era muito gentil. Não falava como se fosse a rainha, nem agiu como se fôssemos súditos imundos.

"Oi, você deve ser Will", falou quando chegamos, dando dois beijinhos nele. Eu não entendia muito essa prática de beijar pessoas que você nunca viu antes. Quer dizer, ninguém fica tão feliz assim ao conhecer alguém pela primeira vez, então sempre me pareceu falso. Eu não ia deixar uma estranha encostar a boca no meu rosto, então rapidamente estendi a mão. Ela soltou um "ah!" um pouco surpreso e riu, mas não soou nojenta e tinha um aperto de mão firme. Nada daquilo de só pegar de leve na ponta dos dedos.

"Entrem", falou, mostrando o caminho por um longo corredor até uma enorme sala de jantar. "Sentem onde vocês quiserem." Ela apresentou as outras pessoas que estavam sentadas à longa mesa retangular. Todos tinham mais ou menos a idade dela, talvez um pouquinho menos. Não lembro os nomes — eu e Will acabamos conversando só um com o outro.

Mentira. Falei com a menina ao meu lado por mais ou menos onze segundos. Fiquei sozinha quando Will foi ao banheiro, e ela se apresentou. Chamava-se Aggie e trabalhava com RP. Apenas assenti, sorri e fiz um comentário sobre como o peixe estava gostoso.

"O que é RP?", sussurrei para Will quando ele voltou.
Pareceu espantado.
"Não sei. Por quê?"

Desviei os olhos na direção de Aggie.

"Ela trabalha com RP."

"Ah." Ele esticou o lábio e pensou por um segundo. "Recepcionista Pomposa?"

Ri.

"Reguladora Pública?"

"Roteirista de Pornografia?". Gargalhou com a própria piada.

"Muito engraçado, sr. professor particular de inglês", comentei enquanto tentava disfarçar as risadas.

A pessoa do outro lado de Will se inclinou e murmurou baixinho:

"Significa Relações Públicas, na verdade." E voltou a papear com o outro vizinho como se nada tivesse acontecido. Eu e Will nos entreolhamos e gargalhamos ainda mais. Sabe aqueles momentos em que não podemos rir para não sermos considerados infantis e idiotas pelos outros? Então. Will estava quase guinchando.

"Que porra é Relações Públicas?", murmurei.

"Não sei! Não sei!", soluçou. "Estou confuso!"

Provavelmente era preciso estar lá para entender, mas pode acreditar: foi hilário.

Depois que terminamos o pudim de chocolate e caramelo — de longe o melhor pudim que já provei —, agradecemos Peaches pela hospitalidade e saímos.

"Uau", disse Will quando o ar noturno nos atingiu.

"Pois é… Estamos bêbados", falei, cambaleando um pouco.

"Não bebemos tanto assim, bebemos?" Ele estava tão lindo ali parado, todo confuso, que me flagrei passando os braços sob os dele e apoiando minha cabeça em seu peito. Foi muito bom.

"Cara, bebemos um monte", respondi, soltando-me dele. "Tinha um vinho diferente com cada prato, não tinha? E aquele drinque quando chegamos."

"Ah, é." Sorriu lentamente. "Gostei muito daquele drinque. O que era mesmo?"

"Não sei. Álcool?" Dei minha sapateada de quando faço piadas.

"Aparentemente, sim", disse, passando a mão pelo cabelo. Desenhou círculos no ar com o dedo apontando para mim. "O que foi isso, aliás?"

"O quê, isso?" Dei mais um passinho.

"É."

Sorri.

"É meu passinho quando faço uma boa piada… Gostou?"

"Muito", respondeu, sério. Colocou o queixo entre o polegar e o indicador. "Diga, você interpreta tudo o que diz através da dança?"

"Totalmente!" Fiz um movimento dramático, colocando as costas da mão na testa. "Este, por exemplo, é o 'cortaram meu barato'."

"Excelente", repetiu. "Você tem talento… Não sei ao certo para quê." Riu e desviou quando fingi dar um soco nele.

"Não me bata do lado de fora da casa de Peaches", protestou. "Aquela mulher de RP pode aparecer e… nos dar uma repreensão."

"Merda, tem razão", concordei, começando a andar.

Will sorriu e pegou minha mão.

"Vamos pegar um táxi?", falou, olhando os dois lados da rua.

"Não. O último ônibus ainda não saiu… Na verdade, por que não volto com você? Não seria ruim ver os corredores da universidade." Eu estava pensando apenas em ir até lá para conversar, inocentemente, mas ele parou, e seu rosto se transformou. Não de um jeito *ugh*, foi mais, sei lá… Como se uma ficha tivesse caído. É só como consigo descrever, apesar de não saber exatamente que ficha seria aquela. Um medo súbito me dominou, como se eu tivesse entendido tudo errado, e ele na verdade não gostasse de mim. Mas era besteira. Ele tinha dito que gostava, com essas palavras. E, afinal, estava de mãos dadas comigo.

"Preciso acordar cedo amanhã", falou. "Mas podemos nos encontrar no domingo, se estiver livre?"

Talvez fosse isso — só estava tentando decidir se valia a pena ficar acordado até tarde.

"Vou à praia com meus amigos", respondi. "Por que não vem junto? Seria muito bem-vindo."

Sorriu.

"Legal. Acho ótimo… ÔNIBUS!" Will me puxou, e corremos para o ponto, eu um pouco atrás — por mais que eu soubesse andar de salto, correr era outra história. Chegamos quando o ônibus estava saindo, mas o motorista parou e abriu para nós.

"Adorei esse cara", Will arfou quando nos jogamos nos primeiros assentos vazios que vimos pela frente.

"Pois é. Hoje em dia não fazem mais isso." Deixei minha mão cair e tentei respirar normalmente.

Ele resmungou, dando risada:

"Algum dia já fizeram?"

"Cético."

Em seguida ficamos num silêncio confortável, e o balanço do ônibus ocasionalmente nos forçava a encostar um com o outro. Gostava da sensação da coxa e do braço dele em mim, agradável e firme. Era um cara tão legal, e tão maduro. Não tinha problema algum em conhecer pessoas novas. Senti um pequeno tremor de contentamento quando pensei no passeio de domingo até a praia. Ele ia conhecer meus amigos, e eu não estava nem um pouco receosa. E não estava preocupada com o fato de não estar receosa. Estava tudo bem.



13

O DOMINGO ESTAVA CLARO, ensolarado e com temperatura amena — estupidamente perfeito para um passeio à praia. Eu estava de muito bom humor. Cantando no banho, com a sensação de que ficaria bem com qualquer roupa que escolhesse — nesse nível. No fim optei por jeans laranja, botas Ugg (falsas, óbvio, mas pelo menos não estava escrito Ugg errado no calcanhar) e meu casaco comprido listrado de azul e branco. Sorri para o meu reflexo enquanto passava maquiagem. O fim de semana estava sendo ótimo.

Tinha começado na manhã anterior, quando meu pai colocou a correspondência sobre a mesa do café da manhã.

"Tem uma carta para você", informou, apontando para a pilha com a cabeça. Soou um pouco casual demais, e entendi por que assim que vi o carimbo do correio.

"Merda. É da RADA." A Royal Academy of Dramatic Art, em Londres. Senti um embrulho no estômago. Abri o envelope. Queriam que eu fizesse um teste no dia vinte e seis de março.

"Então?", papai perguntou.

Olhei para ele.

"Fui chamada para uma audição."

"É ISSO AÍ!" Ele deu um pulo, derramando o chá, fez a curva como Lewis Hamilton e me levantou do chão com um abraço apertado. "Feijãozinho, estou TÃO ORGULHOSO!"

Me deixei ser abraçada e sorri.

"Pai, eles chamam *todo mundo* que se inscreve para audição. São, tipo,

três fases. Se me chamarem para a segunda, aí terá razões para me abraçar." Para ser sincera, eu estava mais nervosa/ animada do que deixei transparecer. RADA! Euzinha iria para a escola de teatro mais famosa do país, mesmo que por um único dia! Já tinha planejado passar o sábado estudando e, incentivada pela carta, trabalhei duro. Esquema estudos por uma hora, dez minutos de intervalo, outra hora de concentração, dez minutos de intervalo, mais uma hora etc. O DIA INTEIRO! Veja só! Claro que foi chato; tive que colocar meu celular no fundo do armário mais alto da cozinha para não ficar tentada a entrar no Facebook a cada cinco minutos, e minha hora de almoço estava mais para *uma hora e meia* de almoço, mas dei conta. Me senti muito bem quando acabei (*adiantada* em relação ao cronograma de revisão que Will tinha me ajudado a fazer, só para constar), e pude me animar de fato com o passeio na praia sem me sentir relapsa. Era estranho ser essa nova pessoa responsável. Quase me sentia culpada, como se estivesse traindo a mim mesma, mas se Ashley e Cass eram capazes de mudar sem surtos, eu também era. Enfim, Will fazia parte das mudanças na minha vida, e isso definitivamente era uma coisa boa.

Will! Uma onda de animação me dominou quando pensei que iria apresentá-lo aos meus amigos.

O primeiro andar da casa estava deserto. Barbie estava lá, então papai demoraria a aparecer. Gostavam de dormir até tarde aos domingos. Eu ficava levemente enjoada com isso, mas enfim. Contanto que meu pai estivesse feliz. Preparei rapidamente alguns sanduíches e coloquei em uma bolsa, junto com batatinhas, uma lata de coca, uma toalha, uma colcha velha (não tinha canga) e minhas caixinhas de som para iPod de vinte libras, o tempo todo com RADA! RADA! RADA! na cabeça, como um grito de torcida. Pronta para partir. Estava adiantada, mas a ideia era conectar o fone de ouvido no celular e ir andando. Deixei um bilhete para o meu pai avisando aonde ia, coloquei a bolsa no ombro e saí. E imediatamente voltei para pegar um casaco e um gorro, porque, apesar da temperatura amena, ainda estávamos no começo de março. Mas tudo bem. Ficaríamos aconchegados e protegidos do vento. Imaginei Will sentado ao meu lado na colcha, os dois envolvidos pelo cobertor dele, nossos cabelos cacheados emaranhados com a brisa do mar. Delícia. Olhei para o céu azul e sorri. Tinha a sensação de que o

clima estava congelante havia tempos. Eu estava doida para sentir algum calor nos ossos.

Will já estava lá quando cheguei ao ponto de ônibus onde combinamos de nos encontrar. (Pontos de ônibus estavam se tornando um cenário recorrente para nós dois. Esse era o glamour da minha vida.)

Ele se aproximou ao me ver, sorrindo e apertando os olhos por causa do sol. Perdi o ar de tanta felicidade.

"Tudo bem, gatona?", perguntou com um sotaque chulo antes de se inclinar para me beijar.

"Estou muitíssimo bem, obrigada", respondi com um sotaque requintado. Recuamos depois do beijo, trocamos olhares e nos beijamos novamente, mas dessa vez de um jeito provavelmente inadequado para um ambiente público. Éramos velhos demais para esse tipo de exposição, típica dos alunos do nono ano, mas não me importei. Acho que ele também não, se é que o aperto firme dos seus braços e sua avidez durante o beijo serviam de indício. Com certeza serviam. Will beijava muito bem. Imaginava que ele devia ser muito bom no resto também. Os beijos dele mexiam muito comigo, mas eu não tinha pressa para avançar ao próximo nível. Eu queria — e pensava nisso o tempo todo —, mas não éramos animais. Dava para aguardar. Até porque era bom ter algo pelo que esperar.

"Você beija muito bem, sabia?", comentei enquanto andávamos de mãos dadas até a praia.

"Obrigado. É que também dou aula disso, sabe", falou, corando.

"Espera, isso não faz de você tipo um michê ou coisa parecida?", perguntei.

Ele pareceu ligeiramente alarmado.

"Faz? Meu Deus, é melhor eu parar com isso, então."

Franzi o nariz e assenti.

"É. Melhor continuar só com as aulas de inglês." Em seguida, como se tivesse acabado de me ocorrer, acrescentei: "Pode treinar os beijos comigo".

Ele sorriu e fez carinho na minha mão.

"Combinado." E firmamos o acordo com mais beijos. Ele não parecia mal barbeado, mas estava rolando bastante atrito. Se

continuássemos naquele ritmo, ia precisar de protetor labial.

Enquanto caminhávamos contei a ele sobre a carta da RADA. Ele ficou tão feliz por mim e o papo sobre minhas audições estava tão agradável que nem me dei conta de que ele estava prestes a conhecer o pessoal até chegarmos lá, e ele foi tão relaxado e simpático que eu logo soube que tudo correria bem. Nem precisei apresentá-lo.

"Oi, pessoal", falei quando chegamos. Sarah, Cass, Jack e Hannah estavam deitados sobre cangas. Hannah estava apoiada em Jack, que a abraçava. Era engraçado vê-lo assim, tão afetuoso. Tão incomum que parecia estranho, como se o estivéssemos vendo pelado ou coisa do tipo. Ollie, Rich, Ashley e Dylan ainda não tinham chegado.

"Oi", Will cumprimentou, sorrindo e acenando. Todos se sentaram eretos de um jeito cômico, com as antenas sintonizadas no Menino Novo, e acenaram e retribuíram o "oi". Will olhou para eles, com a cabeça ligeiramente inclinada. "Certo, você é… Cass?", perguntou, olhando para ela.

"Muito bem!", respondeu, aplaudindo. "Como adivinhou?"

"Acho que pelo cabelo", explicou, sorrindo. "Além das minhas incríveis habilidades telepáticas, é claro." Fez uma careta para mostrar que estava brincando. "Vocês devem ser Jack… e Hannah, certo?", perguntou. "Portanto, você é Sarah." Sorriu para ela e observei enquanto ela se apaixonava um pouquinho. Justo. Eu faria o mesmo. Tinha feito o mesmo.

"Isso. Oi!" Sorriu e acenou. "Muito prazer."

Ele me ajudou a abrir a colcha velha e sentamos. Pensei nas coisas que tinha contado para ele sobre os meus amigos, e não só sobre o cabelo loiro e brilhante de Cass. Ele sabia muito mais sobre eles do que o contrário, mas isso porque eu ainda o estava conhecendo. Ainda não me sentia pronta para compartilhar.

"Então estamos esperando por…" Fechou os olhos, tentando se lembrar dos nomes. "… Rich, Ollie, Ashley e Dylan."

"Isso, e lá vêm eles", falei. Will abriu os olhos e seguiu a direção do meu olhar. Os quatro caminhavam pelas pedras, Dylan com o braço preguiçoso nos ombros de Ashley, Ollie abaixando ocasionalmente para pegar pedras e jogar na água, e Rich ligeiramente afastado, com as mãos no bolso.

"Tudo bem, galera?", Ashley perguntou. "Dia extremamente *lindo*, não?"

"Extremamente", Rich repetiu, assentindo lentamente. Ash fez um sinal com o dedo e eles se ocuparam dos cobertores. De repente (ou aparentemente de repente), Ollie notou Will.

"Ah, olá… Você é Will?" Limpou as mãos na calça e estendeu uma delas. Will a apertou.

"Sou. E você é Ollie, certo?"

Ollie desviou os olhos para mim.

"Dooonnaaaa, o que você anda contando para ele?"

Sorri docilmente.

"Só a verdade."

"Merda." Ollie sorriu para Will. "Não ouça o que ela diz. É uma mentirosa compulsiva." E acrescentou, suponho que para Will saber que era brincadeira, "e incendiária. Pelo amor de Deus, nunca deixe fósforos perto ela."

Will sorriu e pôs a mão na minha panturrilha.

"Mentirosa e incendiária. Saquei." Ele se apresentou a Ashley, Dylan e Rich, e começamos o piquenique para valer enquanto eu contava sobre a minha audição na RADA. Todos pareceram animados por mim. Foi ótimo.

Cass tinha uma bolsa própria para piquenique — uma daquelas térmicas em que você coloca gelo para conservar as coisas. Começou a pegar várias caixas de plástico, talheres, guardanapos de algodão, taças plásticas para vinho e até um pequeno saleiro, e arrumou tudo em volta de si. Todos paramos e encaramos. Era como a bolsa sem fundo de Mary Poppins.

"Cass, sério", Ashley disse, olhando para o próprio sanduíche embrulhado em papel filme e para o pacote de batatas, e em seguida para a variedade de utensílios e guloseimas de Cass. Arregalou os olhos. "Por favor, não me diga que *fez* uma torta?"

"Fiz!", respondeu alegremente. "É uma torta de bacon e ovo para piqueniques." Entregou uma faca a Ashley. "Sirva-se. Tem para todos."

"Ah… O.k. Então está perdoada", Ashley falou amigavelmente, cortando uma fatia generosa.

Sarah pausou no meio de uma mordida em seu sanduíche e lambeu os dedos.

"Tem cerveja de gengibre aí também? Creme de chantilly e tudo o mais?"

Cass balançou a cabeça.

"Nunca fui chegada nos livros da série 5 Famosos. Meu perfil estava mais para O Colégio das Quatro Torres."

Rich a afagou no braço.

"Querida, não está falando coisa com coisa."

Ollie pareceu chocado.

"Você nunca leu nenhum livro da Enid Blyton?"

"E até parece que você leu", falei, sorrindo, o que não era tarefa fácil já que estava com a boca cheia de sanduíche de manteiga de amendoim.

"Li, sim", defendeu-se. "Os cinco famosos originais eram Julian, Dick, George, Anne e o cachorro Timmy." Pareceu triunfante. Não ficamos impressionados.

"Peraí, tinha um menino chamado Dick?", perguntei.

Will me entregou uma bebida quente, servida da garrafa térmica que ele tinha prometido levar para alimentar meu vício de chá.

"Vocês precisam ler *Swallows and Amazons*, de Arthur Ransome", ele disse. "Tem um personagem que é uma garota chamada Titty."

"MENTIRA!", comentou Rich, em deleite. "Está inventando. É um livro infantil, não é?"

Sarah assentiu.

"É. E ele não está inventando, não. Pode pesquisar."

Mas Rich já estava com o celular na mão. Arregalou os olhos e largou o celular sobre o cobertor.

"Bem, não dá para confiar na Wikipédia."

Ollie riu.

"A verdade é dura, meu amigo". Mordeu uma salsicha empanada e olhou para Will. "Você, hum, teria uma cópia para me emprestar, cara?"

Will riu.

"Não tenho, desculpe."

"Aham, sei", comentou Ashley, com a boca cheia de torta. "É que as

páginas estão todas grudadas."

"ASH!" Até Dylan olhou chocado para ela. "Meu Deus, pelo menos espere até o segundo encontro para fazer comentários escabrosos sobre alguém", falei.

"Cale a boca. Ele está com você, não está? Já deve estar acostumado." Ela olhou para Will. "Você não liga, liga?"

Ele riu, mas estava um pouco envergonhado.

"Não. Eu aguento."

"Viu?" Ela me encarou triunfante, mas com olhos gentis. Tinha gostado de Will, dava para perceber. Sorri, e ela ergueu a sobrancelha com sutileza, me lançando um meio sorriso. Telepatia de melhores amigas.

"Mas então, na história Titty não é de fato… peituda", Sarah informou. "Só para constar."

"Que pena", comentou Ollie. "Vou ter que continuar com meu pornô de sempre."

Sarah afagou o cabelo dele.

"Pobre Ols."

Um pouco mais tarde, Will e eu fomos até o café buscar chá para todo mundo.

"Então… O que achou?", perguntei quando entramos na fila. Só havia uma pessoa na nossa frente. Não era exatamente alta temporada.

"Do quê?" Arregalou os olhos inocentemente.

Suspirei.

"Não quero ser obrigada a bater em você…"

"Uuuh, que medo", ele disse, rindo. Colocou meu braço ao redor do dele e colocou minha mão em seu bolso. "Sim, gostei bastante deles."

"Eles também gostaram muito de você, deu para perceber", falei.

"Ah, como evitar? Eles são humanos…", brincou. Chegou a nossa vez. "Três cafés, um chocolate quente e seis chás, por favor", pediu para a moça atrás do balcão.

Coloquei um monte de moedas na bancada.

"Deve estar certo", falei. Ela contou, demorando um milhão de anos,

e tendo que recomeçar duas vezes. "Tudo bem?", perguntei, entre dentes. Ela assentiu com má vontade.

"Na verdade, teria uma bandeja para emprestar?", Will perguntou, cheio de charme. "Prometo devolver." Ela fez cara feia, mas arranjou uma. "Muito obrigado", ele disse. "Você é um anjo."

"É, um anjo da má vontade", comentei enquanto voltávamos.

"Shh, ela vai ouvir", sussurrou, rindo e olhando por cima do ombro.

"Não ligo. Ela estava com má vontade mesmo."

"Justo". Pausa. "Então… o que está acontecendo com Rich? Ele parece um pouco pálido." Contei sobre os problemas com bebidas, drogas e depressão. Os três pilares do sofrimento em relação à avó.

"Imaginei", disse. E acrescentou, como se estivesse me contando o que comeu no café da manhã: "minha mãe sofre de alcoolismo".

"Nossa", respondi. Depois, como uma idiota, "deve ser difícil."

"É", respondeu. "Começou depois que meu pai morreu. Há anos ela frequenta grupos de apoio, e agora até coordena um…" Olhou para mim. "Você acha que Rich ia se importar se eu conversasse com ele sobre isso? Não é segredo, nem nada, é?"

Balancei a cabeça.

"Não, de jeito nenhum. Tipo, ele não sai anunciando por aí, mas fala disso numa boa." Ainda assim fiquei um pouco tensa. E se eu estivesse enganada? Tinha quase certeza que não, mas nunca se sabe, né? Enfim, tarde demais. Logo que voltamos com as bebidas, Ollie, Sarah, Cass, Ashley e Dylan foram para a água; Jack e Hannah ficaram na beira da praia, de mãos dadas, observando a paisagem num clima de romance (eca); e Will começou a conversar com Rich. Minha deixa para escapar — me juntei aos outros, tirando os sapatos e as meias e fazendo careta quando as pedrinhas espetaram meus pés sensíveis pelo frio.

"AI, MEU DEUS!", gritei, de tão gelada que a água estava.

"Pois é, está terrível", comentou Cass, batendo os dentes. "Mas daqui a pouco melhora, acho."

Ashley chutou a água, molhando todo mundo.

"Ai, parem de resmungar." Fez uma dancinha, o rosto alegre como uma criança. Sempre gostara de água. Nem a experiência de quase ter morrido afogada em outubro a havia abalado. Aliás, gostava ainda mais, se é que fosse possível. Talvez acreditasse em estatísticas

favoráveis. Se já havia enganado a morte uma vez, provavelmente não teria de passar por isso novamente.

"Agh, pare!", Cass gemeu, pulando para longe e quase caindo de bunda. Ela se ajeitou, balançando os braços para se equilibrar. "Caralho!", exclamou, com as bochechas rosadas. Ouvir aquela palavra saindo de uma boca tão polida como a de Cass me fez cair na gargalhada.

"A-há, falou palavrão!", Ashley entoou, apontando para ela.

Cass ainda estava com a mão no peito, esperando a respiração desacelerar.

"Você também soltaria um", arfou, "se estivesse prestes a molhar o jeans." Mas Ashley nem estava escutando — estava concentrada em Dylan, passando as mãos molhadas no cabelo dele, e o empurrando com o corpo para perto da água. Cass olhou para mim, deu de ombros e sorriu. Acho que ela sabia como Ashley se sentia — e não julgava.

"AAAAAAAAAAAHHHHHHHH!" Um rugido gutural cortou o ar, e viramos para ver Ollie com Sarah gritando histérica em seus braços, correndo para o mar.

"Argh, Ollie! ME SOLTA!", disse, gemendo e adorando.

"Nem pensar", Ollie respondeu. Com os braços tremendo pelo esforço (adoro o jeito como os meninos sempre acham que aguentam nosso peso, mas somos sempre mais pesadas do que parece), ele a levantou ainda mais alto. "Você, minha cara, vai entrar na água."

"ARGH!", gemeu. "AGH!", gritou.

E assim continuou por cerca de dezoito horas. Para mim, os flertes não foram nada sutis. Ashley ergueu as sobrancelhas quase até a estratosfera.

"Sério, eles precisam ir para um motel", disse, claramente sem perceber a ironia de dizer isso enquanto estava enrolada em Dylan como um gato no pé de uma mesa.

"Eles estão juntos?", Dylan perguntou, surpreso.

"Não", respondi. "Eles 'só se gostam como amigos'."

"Ollie é tão apaixonado por ela que chega a ser ridículo", Ashley comentou. Olhou para Cass. "Ela disse alguma coisa para você?"

Cass balançou a cabeça.

"Nada. Sempre que tento perguntar, ela ri e muda de assunto."

Jack e Hannah se juntaram a nós, e Jack comentou baixinho:

"Ela devia tomar cuidado… Pode parecer que está dando corda."

Olhei para Cass, que tinha ficado vermelha e olhava fixamente para o mar. Ela mesma tinha, é claro, iludido Jack — não que ele ou qualquer um de nós fosse mencionar isso na frente de Hannah. Enfim, todos já tínhamos superado, inclusive o recém-apaixonado Jack.

"Tem razão", Ashley comentou, séria. "Nem Ols é à prova de balas."

Cass mordeu o lábio.

"Talvez eu devesse tentar falar com ela de novo." Não pareceu nada entusiasmada.

Quebrei o galho dela.

"Cara, provavelmente não vai adiantar, já que ela sempre se recusa a conversar sobre o assunto."

"Humm." Ashley contraiu os lábios, parecendo ainda menor com Dylan abraçando-a por trás. "Bem, não dá para continuarem assim para sempre. Ollie vai explodir."

Will foi para a minha casa depois. Meu pai tinha saído com Barbie, então a casa era só nossa.

"O que tem para jantar?", Will perguntou, abrindo os armários da cozinha a esmo.

"Bem, você não vai encontrar nada no armário de cereais", respondi. "A não ser que queira barrinhas."

Ele fechou a porta e virou-se para mim, meio triste.

"O que vamos comer, então?"

"Mas que fome, hein?", perguntei. (*Adoro seus olhos*, pensei.)

"Estou faminto. Toda aquela maresia…" Prendeu dois dedos no cós da minha calça e me puxou para um beijo.

"O que foi isso?", perguntei, colocando os braços em volta do pescoço dele.

"Nada. Só me deu vontade." Ele beijou minha testa e murmurou gentilmente: "Mas continuo morto de fome".

"Engraçadinho." Afastando-me dele, abri a geladeira e peguei um pote de pesto. "Macarrão com molho, pode ser? Tem pão de alho,

também."

"Perfeito." Ele começou a abrir os armários mais altos. "Onde estão as panelas? Ah, aqui." Alcançou uma, e encheu com água.

"Pensei que eu fosse cozinhar para você", falei, de braços cruzados, olhando para ele.

Ele colocou a panela no fogão e abriu o gás.

"Podemos preparar juntos." Sorriu. "Vai ser legal."

"Ótimo." Joguei sal na água e tirei o macarrão do armário, enquanto Will abria uma garrafa de vinho. Ele tinha razão. Era legal.

Comemos à mesa, com vontade. O pão de alho acabou em cerca de dois minutos. Quando terminamos, Will olhou para mim e riu.

"O que foi?", perguntei.

"Seus lábios estão brilhando por causa do óleo", comentou, rindo.

Mordi a isca, levantando e inclinando-me para pegá-lo pelo casaco. Puxei-o para um beijo, o que deixou nós dois com azeite e manteiga de alho pelo rosto.

"ECA!" Will esfregou o rosto como uma criança que acabou de ganhar um beijo de uma tia velha. "Você está MELADA!"

Fui dar mais um beijo, Will fingiu que não queria, cheio de *ah, nãããão, me deixe em paz!* Foi um pouco esquisito, por estarmos em lados opostos da mesa e tudo o mais, mas muito divertido. Will sentou quando finalmente o soltei, o cabelo todo bagunçado e o rosto sujo.

"Sem querer ser engraçadinha, mas você também estava bem gorduroso", falei, limpando o rosto com a manga.

"Que bom que não está sendo engraçadinha", disse Will, com um sorriso irônico, depois de decidir zombar de tudo o que eu dizia. Retribuí saltando sobre a mesa — não foi fácil e me sujei toda de molho — e empurrando-o da cadeira. Acabamos emaranhados no chão, mas tudo bem. Nada desconfortável. Ele apenas sentou e riu com vontade.

"Que sirva de lição", alertei, batendo palmas disciplinadoras.

"Sim, sim, pode deixar..." Fingiu estar recuperando o fôlego. "Enfim", olhou para mim. "O que temos de sobremesa?"

Foi a coisa mais engraçada do mundo, pode acreditar. Passei cinco minutos sem conseguir falar, de tanto rir. Consegui me controlar o suficiente para gemer "torta de maçã", e nós dois gargalhamos. Se meu

pai tivesse chegado naquele instante, provavelmente teria chamado uma ambulância, ao nos ver no chão, cacarejando feito loucos. Claro que rir muito não significa necessariamente felicidade — existe uma linha tênue entre rir histericamente e chorar com a mesma intensidade, e no passado transitei entre um estado e outro em questão de segundos — mas eu estava realmente feliz. Estava feliz! Eu era muito sortuda. Tipo, ninguém é feliz. Todo mundo só leva a vida. Pensar nisso fez meu sorriso esvanecer e me flagrei deleitando meus olhos com a imagem de Will. Ele era totalmente o meu tipo. Era doce, engraçado, inteligente… Graças a ele eu sabia que "deleitar meus olhos" provavelmente vinha de Shakespeare. Com ele eu me sentia inteligente, porque ele acreditava na minha capacidade. Virou de lado e olhou para mim. No chão da sala, sujos de comida, éramos as únicas pessoas no mundo. Eu estava me apaixonando. Não podia evitar. Não era uma simples apreciação física, mas algo muito mais básico e instintivo. E não tinha a ver com aquelas bobagens tipo cenas desfocadas, correndo em câmera lenta, ou atravessando gramados. Era… Não sei. Como a necessidade de ir ao banheiro. Olhava para ele, e era como se todas as partes do meu corpo transmitissem calmamente um aviso para o cérebro de que, sim, eu gostava daquele menino.

Minha mãe gostava de uma canção de amor antiga que falava sobre fechar os olhos e contar até dez, esperando que o menino de que você gosta desaparecesse, e ele continuar ali. A letra dizia "não acredito que realmente esteja acontecendo comigo".

Era exatamente isso.

Inclinei-me e o beijei.

Em seguida fomos para o sofá e nos beijamos mais um pouco. Foi lindo, e um lance muito físico, mas ele não tentou avançar o sinal. Qualquer outro menino teria partido para cima assim que entramos em casa, como se "casa vazia" fosse a senha para arrancar a calcinha de uma menina, mas Will não. Nem sequer tocou no assunto. Foi um alívio. Sei lá, por que apressar as coisas? Era um sinal de maturidade ele não considerar o sexo uma espécie de linha de chegada. Para ser sincera, eu não teria me incomodado, mas esperaria feliz.

À noite, quando já estava deitada, recebi uma mensagem de Rich.

> Gostei do seu Will. Tive uma ótima conversa com ele hj — nunca tinha falado assim com ninguém! Gdes conselhos tb. Parabéns, moça. Mts pontos pra vc. Bjss

Respondi uma frase rápida e sonolenta.

> Q bom q vc aprovou. Ele é ótimo, né? Bjss

Olhei para as palavras que tinha escrito. Também havia me sentido assim com Hayden, mas dessa vez parecia verdadeiro, mais puro. Será que já tinha sido cuidadosa por tempo suficiente? Será que meu coração tinha se curado e se aberto a Will?

Apertei "Enviar" e caí num sono profundo e satisfeito.

14



WILL AGIU DE MANEIRA TOTALMENTE profissional na nossa aula seguinte, então fiz o mesmo. Teria me sentido absurdamente infantil se tivesse tentado beijá-lo ou coisa parecida. Digo, demos um beijo de "oi", mas assim que sentamos com minhas anotações, ele voltou a ser meu professor particular. Fim de papo. Enfim, era uma noite de segunda-feira depois da aula, e meu pai estava em casa. Não pude deixar de pensar em nosso dia perfeito na praia, e depois no macarrão com pesto no chão, mas insisti em tirar isso da cabeça. Ainda precisava passar nos exames.

"Então, eu estava pensando…", Will falou quando nossa aula havia acabado e ele estava guardando as coisas de volta na bolsa. "Tem um clube de teatro perto de onde moro. É coordenado por alunos da Universidade de Sussex. Por que não participa? Seria uma boa atividade extracurricular, e pode ajudar com a faculdade de artes cênicas — seria um ótimo treino para sua audição na RADA e…", pausou para impactar, "vão encenar *Romeu e Julieta* este mês."

"Uau." Mordi o lábio. A ideia de socializar com um bando de universitários nerds me deixou levemente enjoada, mas eu já socializava com Will, certo? E seria bacana atuar na peça sobre a qual estava aprendendo tanto. "Você faz parte? Do clube, quer dizer?", perguntei. Ele assentiu, então respondi: "Então tá. Por que não?"

"Ótimo!" Pareceu de fato satisfeito. "Amanhã venho buscá-la às seis e meia e podemos ir juntos, que tal?"

"Ou posso ir encontrá-lo, já que você mora perto.", sugeri,

acompanhando-o até a porta.

Ele considerou.

"Sim, é verdade…" Mas balançou a cabeça. "Na verdade, não se preocupe, eu venho até aqui. Me poupa de ter que explicar o caminho e tudo o mais."

Ele obviamente tinha vergonha de me levar ao alojamento dos estudantes, pensei. Devia ser uma bagunça, como todo quarto de menino que já vi. Não quis forçar a barra para não deixá-lo constrangido. Sorri.

"Tudo bem."

"Ótimo. Então até lá." Espiou em volta para ver se meu pai estava por perto, depois me beijou longa e lentamente — meus joelhos literalmente fraquejaram —, deu um *tchau* alegre e saiu. Sorri para a porta fechada. Aquele garoto era uma coisa.

Durante os primeiros dois minutos no clube de teatro me senti uma gigante com merda na cabeça, mas quando parei para pensar percebi que era porque a) eu estava de pé, e todo mundo, sentado; b) a primeira pessoa que me cumprimentou era tão pequena que provavelmente comprava as roupas na ala infantil; e c) eu era uma idiota. Estava tudo bem. Kyra — era como se chamava — não devia ter mais do que um metro e cinquenta. Tinha cachos loiros e olhos grandes e azuis, mas não fazia o tipo fofa. Era confiante e direta, mas gentil.

"Oi, você deve ser Donna." Sorriu e apertou minha mão. "Will nos contou que estava torcendo para que você viesse. Seja muito bem-vinda." Gesticulou para as cadeiras no fundo do salão da igreja que abrigava as reuniões. "Pegue uma cadeira e junte-se a nós."

Fiz isso, e coloquei minha cadeira a uma distância respeitável de Will, apesar de minha vontade ser de grudar nele. Normalmente eu não tinha medo de situações novas, mas não costumava me encontrar com um monte de estudantes universitários. E se, comparada a eles, eu fosse uma péssima atriz? Sentei, endireitei as costas e respirei fundo. Só havia um jeito de descobrir.

"Muito bem", Kyra disse. "Primeiro dia de *Romeu e Julieta*." Voltou-

se para mim. "Will provavelmente contou que montamos peças rápidas uma vez por mês. Os ensaios são velozes e furiosos e…", juntou as mãos, "o membro mais novo do grupo assume o papel principal."

"Eita!", respondi. "Acho que sou eu?"

Uma onda de risos se espalhou pelo recinto, incluindo Kyra.

"É. Você topa?"

"Com certeza", respondi. "Hum… obrigada!"

"Imagine." Ela olhou para um menino a algumas cadeiras de distância de mim. "E, Dan, isso significa que você será Romeu." Senti uma pontinha de decepção por Will não ser Romeu, apesar de não saber por que achei que ele seria. Dei uma boa olhada naquele Dan — afinal, teria que beijá-lo. Era negro — veja só, minoria étnica dominando Shakespeare — e não era feio. Não tinha perebas nem nada. Ótimo. Kyra leu a lista, distribuindo papéis. Will seria um dos Capuleto.

Começamos pela primeira cena do primeiro ato, o que deixou meu coração apertado. Julieta não aparece até a terceira cena do primeiro ato (sim, eu sabia essas coisas de cor agora). Mas não devia ter me preocupado. Kyra não mentiu quando disse que os ensaios eram velozes e furiosos. Quando dei por mim estava entrando no palco pela esquerda.

"Aqui estou; quem me chama?", falei, com uma interpretação jovial e inocente. Aquilo se passava antes de Julieta conhecer Romeu. Ainda era uma garotinha, na verdade.

"A sua mãe", disse a menina que interpretava a ama, uma morena fora de forma com rosto de estrela de cinema. Seus lábios pareciam almofadas cor-de-rosa. Continuamos. Logo mergulhei na peça, e deu para perceber que estava me saindo bem. Havia ótimos atores no grupo, mas também alguns ruins. Sem querer ser metida nem nada, mas eu sabia que estava no grupo dos bons.

Quando chegamos a "Romeu, Romeu, por que há de ser Romeu?", tive arrepios. Tinha um afeto muito grande por aquela peça, pois ela tinha me unido a Will, mas além disso eu sentia um… Bem, um respeito por sua beleza e pela tragédia. Parecia um privilégio encená-la, o que soa babaca, mas é a única maneira de descrever. E, meu

Deus, a parte em que Julieta encontra Romeu morto me despedaçou. Romeu era Will, e eu tinha acabado de perdê-lo para sempre. Mal consegui dizer as palavras. Depois que saí me recompus, e Will veio atrás de mim. O abracei forte, sentindo sua solidez.

"Tudo bem?", perguntou.

Assenti.

"Sim, já vou melhorar."

Ele me segurou longe dele, para ver meu rosto.

"Você é uma atriz impressionante", comentou, sorrindo. "Não sabia que era tão talentosa, mas você é, de verdade."

Sorri com os olhos ainda marejados.

"Own, valeu, cara." E ele ainda tinha usado um adjetivo intenso para me descrever. Enfim. Uhuuu! Will me achava boa!

Depois do ensaio fomos todos tomar um drinque num bar universitário. Kyra elogiou bastante minha interpretação de Julieta, e alguns outros colegas me abordaram para me cumprimentar e dizer que me acharam ótima, então fiquei feliz e relaxada. Pensei que seria estranho frequentar um bar universitário, mas na verdade era como um pub normal.

"Você vai fazer as provas finais este ano, certo?", perguntou Ellie, a menina que interpretava a ama.

Assenti.

"Sim. Will é meu professor particular. Foi assim que nos conhecemos." Era patético querer falar dele *o tempo todo*. Mas não conseguia me conter.

"Ele é adorável, não é mesmo?", ela disse, sorrindo. "Tão maduro para a idade que tem."

"Hum, acho que sim", respondi. Sempre achei que, quando alguém virava adulto, atingia o maior nível de maturidade que poderia ter. Claramente não. Ela devia ser segundanista.

"Vai estudar artes cênicas na faculdade?", continuou.

Fiz uma careta.

"Não sei… Fiz inscrição para algumas escolas de teatro. Duas não pedem qualificações, mas para as outras preciso tirar notas altas em duas matérias avançadas… Não sei em quais vou entrar, se é que vou entrar em alguma, então, por garantia, preciso passar nos exames de

inglês e teatro."

"Ah." Pareceu compreender. "Portanto, Will."

Dei de ombros e fiz cara de *fazer o quê?*

"Isso."

Uma menina sentada ao lado de Ellie se inclinou.

"Eu com certeza aconselho você a fazer faculdade de teatro, se puder", disse com um sotaque forte. "Além de todo o aprendizado, a faculdade é muito divertida." As pessoas ao redor assentiram, animadas.

"Maeve tem razão", comentou um menino de cabeça raspada e aparência séria. Interpretaria Teobaldo, e seu nome era Christian, pelo que me lembrava. "Além disso, você terá mais chances de conseguir um agente com a faculdade no currículo."

Mais gestos em concordância. Para ser sincera, estava ficando um pouco claustrofóbico. Depois, como que por mágica, *abracadabra!*, Will surgiu para me salvar. Colocou o braço em volta de mim e disse:

"Enfim, Donna vai poder escolher o que quiser, porque definitivamente vai passar nas provas."

Esperava que sim. Eu podia ser uma atriz fora de série (brincadeira), mas, se não arrumasse emprego, de nada adiantaria. E só faltava mais um dia para os simulados. Meu Deus. Tirei aquele pensamento da cabeça e me concentrei em me divertir com a turma do teatro. No mínimo seria um bom treino para o meu teste na RADA e para o caso de um milagre acontecer e eu conseguir entrar na faculdade.

No dia seguinte passei meus três períodos livres decorando falas e tive o bônus de usar o treino como estudo para o simulado sem consulta do próximo dia. Ficara tão envolvida com Will e depois com a reunião do clube de teatro que mal tinha pensado nos simulados. Na verdade, não foi bem isso. Tinha pensado neles o tempo todo. Só não tinha me preocupado muito. Estavam lá para serem enfrentados, e eu não sentia vontade de me enfiar num buraco até que acabassem, como costumava ser o caso.

Naquele momento, porém, eu *estava* preocupada. Menos de vinte e quatro horas para os simulados. Estava me borrando inteira. Estaria em posição fetal, me acalentando, se pudesse fazer isso e aprender as falas

ao mesmo tempo.

Tive outro ensaio do teatro logo depois da aula, então não precisei pensar nas provas por uma hora, mas depois Will foi até minha casa para trabalharmos algumas propostas de dissertação. Quando terminamos, eu estava esgotada.

"Vai dar tudo certo", ele disse, me acompanhando até o sofá e, deixando o profissionalismo de lado por um instante, me abraçando.

"Pra você é fácil dizer", resmunguei. "Você já passou por tudo isso."

"Já vi muita gente passar", afirmou, acariciando meu cabelo. "Você vai se sair bem."

Abracei os joelhos e senti calafrios.

"*Odeio* isso", falei. "Estou enjoada… Vou passar mal durante a prova."

Will riu singelamente.

"Não vai passar mal durante a prova."

"Vou, sim."

Ele suspirou.

"Tudo bem, você vai, sim."

Olhei feio para ele e ele sorriu de novo, mas, depois, vendo meu verdadeiro pânico, segurou minhas mãos.

"Donna, se eu achasse que você não fosse passar, estaria tão preocupado quanto você — lembre-se, minha reputação de professor particular incrível está em jogo. Mas não estou preocupado." Ele desenhou um círculo no ar com o dedo, ao redor do rosto. "Pareço preocupado?"

"Não", respondi a contragosto.

"Não", ele repetiu. "Pareço muito calmo, tranquilo e confiante de que sou um excelente professor particular, com uma namorada gata que vai se dar bem."

Um sorriso lento se espalhou pelo meu rosto.

"Namorada?"

Ele ficou vermelho.

"É. E daí?"

"Nada." Respondi vagamente enquanto minhas entranhas saltavam de alegria. "Enfim. O que estava dizendo…?"

Ele me olhou, sério.

"Eu estava dizendo que você vai se sair bem." Me abraçou de novo. "Então, nada de virar a noite, certo? Não vai ajudar em nada, e você precisa descansar."

"Certo", respondi, encostando o queixo no ombro dele.

Ele recuou e me olhou por um segundo, aparentemente procurando alguma coisa no meu rosto. Então se levantou.

"Vamos."

Franzi o rosto.

"Vamos aonde?"

"Vou preparar um banho para você. Obrigá-la a relaxar." Ele estendeu a mão para me levantar. Apesar de tudo, meu estômago tremeu de emoção. Aquele era um território novo e inexplorado. Deixei que me levasse até o banheiro, onde abriu as torneiras e colocou a espuma.

"Essa é a espuma boa do meu pai", falei. Não me pergunte por que senti a necessidade de destacar esse detalhe.

"Ele não vai se importar… vai?" Hesitou, parecendo preocupado.

"Não. Tudo bem." Comecei a tirar a meia enquanto Will mexia a água com a mão para igualar a distribuição das bolhas. Ali estava um homem que já havia preparado um banho antes. Tentei não pensar no que aquilo significava. Talvez ele simplesmente gostasse de banhos. Alguns homens gostam, certo? De ficar sozinho na banheira escutando futebol pelo rádio e brincando de navio? Não que Will já tivesse mencionado alguma coisa sobre gostar de futebol. Ou de navios de brinquedo, mas é claro que esse era um assunto de que dificilmente falaria com tanta facilidade.

Maldição. Eu estava enlouquecendo. Sentei na privada por um instante, fechei os olhos e me recompus. Fique calma. Fique calma. Respire…

"Pronto!" A voz de Will me despertou. Abri os olhos e o vi ao lado de uma luxuosa banheira de espuma, timidamente orgulhoso. Ele era *tão lindo*. Aproximei-me lentamente e comecei a beijá-lo.

"Enfim", ele disse, com pressa. "Aproveite." E saiu.

Não há nada mais brochante do que um menino ir embora quando você mal tirou as meias. Fiquei ali parada olhando para a porta durante um tempão. O que tinha acontecido? Será que era alguma antiga regra

de etiqueta? Soltei as mãos ao lado do corpo quando me ocorreu o pensamento triste de que talvez ele simplesmente não quisesse transar comigo. Mas vivia me beijando! *Sim, mas nunca fazia nada além disso*, disse uma voz na minha cabeça. *Nenhuma mão boba*. Tirei a roupa e tentei me olhar no espelho, mas mesmo em pé sobre a banheira não conseguia ver o bastante para ter uma ideia geral de como eu era pelada. Olhei para baixo, para o meu corpo. Nada caído, marcado, nem nada. Tudo normal. Quase fiquei indignada. Meu corpo era normal! Qual era o problema dele?

Bem, se o objetivo era me preocupar com outra coisa além da prova: missão cumprida. Entrei na banheira, deitando na água quente e cheirosa. Uma delícia. Recostei, pus um pano no rosto e esvaziei a mente.



15

AO SAIR DA SALA DO SIMULADO, me espreguicei e pisquei com a luz do sol.

"Nossa, foi horrível", Rich comentou. Suspirou e passou a mão no rosto. Parecia esgotado.

"É", falei. Na verdade, eu tinha achado tranquilo, mas Rich não precisava ouvir isso. Não teve importância quando Cass e Sarah saíram calmas e saltitantes — todos esperavam que elas fossem bem.

"O primeiro já foi…", disse Cass, num tom que dava a entender que tinha ido bem.

"… e ainda faltam vários", concluiu Sarah, fingindo estar arrasada. "E então, como vocês foram?", perguntou virando para mim.

"Bem…", olhei para Rich, que deu de ombros e sorriu.

"Não se preocupe comigo", falou. "Eu não fiz aulas particulares, fiz?" A expressão dele parecia indicar que gostaria de ter feito. Senti muito por ele.

"Foi tranquilo", respondi. "Estava preparada para a primeira pergunta, mas não para a segunda. Mas acho que dei conta." Arrumei a bolsa no ombro. "Enfim, não há nada mais que eu possa fazer agora. Estou faminta. Vamos almoçar?"

Naquela noite eu e Will saímos com Ashley e Dylan. Regra de Will: nada de estudo em dia de prova. Boa regra. Fomos jantar em um italiano que Cass havia recomendado. Tive medo de que fosse caro,

pois Cass era cheia da grana, mas Ash verificou antes, e parecia razoável. Não era barato, mas também não era caro a ponto de só podermos pedir sopa e água da pia.

"Muito agradável", Ashley comentou, ajeitando o guardanapo no colo e contraindo os lábios. Minha amiga é alérgica a tudo o que é convencional. Não dava conta de uma situação tão normal quanto um jantar entre dois casais amigos sem ser irônica. E tinha caprichado no visual, também. Usava um suéter preto com rasgos que revelavam o sutiã verde-neon, e o cabelo — pintado de ruivo — estava bagunçado, com um laço preto grande no alto. Parecia completamente louca, de um jeito bom. O homem que nos recebeu na entrada pareceu ligeiramente alarmado ao vê-la entrar, seguida de Dylan, que usava jeans *skinny* e delineador. Mas depois viu Will e eu, com legging de estampa tropical e moletom cinza (eu) e jeans e camiseta (Will), e obviamente concluiu que não íamos morder a cabeça de galinhas vivas nem nada do tipo. Nos acompanhou até nossa mesa com muita delicadeza, puxando a cadeira para mim e Ashley e tudo o mais.

"Ora, muito obrigada", Ashley tinha dito. Pelo jeito ia se comportar bem.

Enfim, ali estávamos, olhando o cardápio e curtindo o ambiente. Cass tinha razão — era um lugar legal.

"*Fazzoletti*?", Ashley leu, erguendo a sobrancelha.

"Vou pedir pizza", disse Will, fechando o cardápio. "Estou sempre a fim de pizza."

Acariciei a coxa dele por baixo da mesa.

"Ai, ai…", eu disse. "Tão sofisticado."

Will pareceu escandalizado.

"É o alimento dos reis!"

"Concordo", disse Ashley. "Sempre peço pizza de espinafre com ricota."

Dylan estalou os dedos.

"Parece que somos os únicos finos de verdade aqui, Donna… Vou querer a ciabatta com omelete."

"Ha ha!" entoou Ashley. "Pãozinho com ovo para o almofadinha aqui." Dylan se fez de abalado por ter sido chamado de almofadinha. Ou talvez não estivesse fingindo. Para ser sincera, eu não estava certa

se sabia o significado de almofadinha. Então pedimos o jantar e um *pichet* de vinho, que, como descobrimos, era uma jarra. Qual é o problema de chamar de jarra? "Jarra de vinho" soava antigo e indecente, como se fosse servido com porco assado com uma maçã na boca e sem talheres. Enfim. Foi tudo bem. Bom vinho, boa comida (pedi o tal *fazzoletti* — uma delícia), e Will estava interagindo com Dylan e Ashley como se fossem velhos amigos. Sério, era quase estranho. Ele começou a conversar sobre cinema com Dylan — os dois adoravam filmes de gangsteres dos anos 1970. Ele e Ashley compartilhavam um amor de infância por *The Really Wild Show*, um programa educativo sobre a vida selvagem, que eu e Dylan — e certamente a maioria das pessoas normais — achávamos um saco. Ele até já havia comprado um presente para a mãe no brechó preferido de Ashley! Loucura. E o tempo todo ele sorriu para mim, como se estivéssemos naquilo juntos.

Terminamos o jantar, e o garçom trouxe os cardápios para a sobremesa.

"Não sei se aguento", disse Ashley. "A pizza era enorme."

"Claro que aguenta", falei. "Sempre aguenta."

Ash assentiu lentamente, mordendo o lábio enquanto lia o cardápio.

"É verdade… Ah, tudo bem. Vou querer o bolo de maçã com amêndoas. Adoro."

Dylan pôs o braço em volta dela e sorriu.

"Amor, só você mesmo para gostar disso. Não é nenhum clássico, né?"

"Por isso mesmo." Ash fechou os olhos afetadamente, mas não conseguiu conter o sorriso. Estava completamente apaixonada por Dylan. Fiz um registro mental de perguntar a ela se já tinham dito "eu te amo" um para o outro.

"Vou querer a torta de chocolate", falei.

"Pela semelhança com você?", perguntou Ashley, rápida no gatilho.

Tossi de propósito.

"Hum-hum. Racista."

Ash riu.

"Que seja. Pode me chamar de chocolate branco quando quiser."

"Muito bem, chocolate branco", disse, em seguida fiz uma careta.

"Soa um pouco nojento. Por que será?"

"Talvez porque lembra… esperma?", Ashley sugeriu. "Digo, derretido, óbvio."

Inclinei a cabeça e pensei um instante.

"É. Talvez seja isso."

Dylan e Will se entreolharam.

"Elas são sempre assim?", Will perguntou.

Dylan assentiu.

"Você se acostuma."

Quando cheguei para a chamada na manhã seguinte, Ashley já estava lá. Estava com os pés na mesa, rasgando tiras de papel, fazendo bolinhas e tentando acertá-las na lixeira de Paul. Não estava se saindo muito bem.

"Chegou cedo", comentei, sentando ao lado dela.

"Vim direto da casa de Dylan", ela disse. "Ele tinha uma reunião bem cedo na escola. Alguma coisa sobre um passeio, sei lá."

"Ah, entendi." Abri uma lata de coca e tomei metade. Estava com um pouco de ressaca da noite anterior, apesar de não achar que tivesse bebido tanto. Devia ter sido o sal da pizza.

Ashley fez mais uma bola de papel — e acertou em cheio.

"Ficou na casa de Will?"

Balancei a cabeça.

"Não. Nunca fui lá, na verdade."

Ela tirou os pés da mesa e se sentou ereta, com um olhar de espanto.

"Mas já transaram?"

"Não", repeti, tentando soar como se não fosse um problema. Porque não era.

"Mas… *por que não?*" Ela estava com os olhos arregalados. Era um território totalmente novo para ela.

Dei de ombros.

"Cara, não somos todos maníacos sexuais como você. Eu e Will estamos esperando o momento certo." Hum, não era bem verdade. Digo, eu *achava* que fosse isso, mas nunca havíamos conversado propriamente sobre o assunto. Por que eu estava mentindo para a

minha melhor amiga? Boa pergunta.

"E quando é 'o momento certo'?", perguntou. Colocou as costas da mão na minha testa. "Amiga, você mudou. Esta não é a Donna que conheço e amo." Não fiz a observação de que a Ashley que eu conhecia e amava tinha desaparecido no instante em que Dylan entrou em cena. Não que eu gostasse menos da nova versão.

Balancei a cabeça para que ela afastasse a mão.

"O momento certo é quando parecer certo", respondi. "E ponto final."

"Tudo beeeem." Não pareceu nada convencida.

Revirei os olhos.

"O que foi?"

"Bem…" Franziu o rosto. "Você e ele são tão perfeitos juntos…"

"É, também acho." Olhei para ela por um segundo, e então decidi, *dane-se*. Éramos melhores amigas, não éramos? Podia contar para ela. "Para falar a verdade…"

"Hum?" Quase deu para ver suas orelhas levantando ao sinal de fofoca. Justo — eu teria feito o mesmo.

Suspirei.

"Para falar a verdade, eu estou a fim. Mas ele nunca tenta nada. Tipo, vive me beijando, e é muito carinhoso, mas só fica nisso…"

Ashley pensou um pouco.

"Talvez ele esteja sendo cavalheiro porque você é mais nova. Talvez você precise dizer que não é nenhuma virgem inocente e que ele pode parar de se preocupar com sua virtude, ou o que for."

Ri com a ideia de que algum dia eu tivesse tido virtude. Independente das minhas ações, meus pensamentos já não eram puros havia anos.

"Talvez tenha razão", falei.

"Deve ser", disse Ashley. "Seduza ele hoje à noite. É um desafio. E quero detalhes amanhã."

"Safada."

Ela riu.

"O sujo falando do mal lavado."

"Quem me dera." Suspirei e virei para a frente. "Ah, como eu queria uma chance para ser safada", resmunguei sobre a mesa.

Uma voz masculina me fez sentar direito.

"Que conversa interessante, senhoritas", nosso tutor bajulador deu uma piscadela ao passar por nós.

"Qual é a graça?", Rich perguntou, enquanto entrava com o resto do pessoal. Mas só conseguimos balançar a cabeça enquanto tremíamos o corpo, rindo em silêncio.

"Tudo bem, está ficando irritante", ele disse. "Ignorem essas duas", avisou aos outros. "Estão imersas em algum mundo cômico que não temos condições de entender." Pobre Rich. Claramente estava mal-humorado. Mais tarde falaria com ele. Naquele momento só conseguia tremer e tentar não fazer xixi na calça. Dias felizes.

Depois da aula tomei banho, raspei as pernas, coloquei minha melhor lingerie, um vestido, um casaquinho de tricô creme e meias de lã. A ideia era um visual básico, porém sexy. Fiz um rabo de cavalo, retoquei a maquiagem e desci para preparar frango ao curry tailandês, minha especialidade. Will chegaria em quarenta e cinco minutos, e eu queria tudo perfeito. Enquanto o curry fervia, arrumei a sala, diminuí as luzes (isto é, apaguei a luz principal e acendi o abajur) e coloquei um CD para tocar. Meu pai e Barbie tinham ido passar o fim de semana fora, então a casa era toda minha. Senti uma onda de animação ao me imaginar acordando com Will ao meu lado. Era definitivamente o momento certo.

Abri a porta.

"Olá", ele disse, me puxando para um beijo. "Você está linda."

"Obrigada", respondi. Ele começou a acariciar minhas costas enquanto nos beijávamos e esperei para sentir a mão dele subindo por baixo da minha saia, ou alguma coisa do tipo, mas não. Ele se afastou gentilmente e foi para a sala.

"Alguma coisa está cheirando bem", comentou. "Comida tailandesa?"

"Muito bem", respondi. Sorri e passei as mãos na frente da camisa dele. "Pensei que só comesse pizza."

Will riu.

"Não dava para comer comida tailandesa com curry em um

restaurante italiano, dava?"

"Ah, sim. Claro." Corando de leve, o levei até o sofá. "Fica pronto em meia hora."

"Legal." Sentamos, e o beijei. Ele retribuiu, depois parou e se inclinou para pegar a revista com a programação da TV. "O que vamos assistir?"

Peguei a revista e joguei no chão.

"Pensei em fazermos outra coisa", respondi suavemente, sorrindo e olhando nos olhos dele. Então, beijando-o outra vez, tentei puxá-lo para cima de mim enquanto deitava. Mas ele não se mexeu. Apenas ficou sentado quieto. Tudo bem, eu estava começando a me sentir idiota. Disfarcei e fingi que só estava me acomodando. O medo de que houvesse algo de errado comigo voltou, mas o afastei, porque, sinceramente, não havia *nada* de errado comigo. Sentei ao lado dele, respirei fundo e soltei:

"Por que não quer transar comigo?" Fiquei completamente vermelha. Não era uma pergunta fácil, principalmente considerando as possíveis respostas.

Por um instante ele pareceu assustado, mas então sorriu e acariciou meu rosto.

"Não seja boba, Don. Você é de longe a menina mais sexy que já conheci… Gosto tanto de você… Só quero esperar pelo momento certo, nada mais." E me beijou suavemente, o que não ajudou, pois só me deixou ainda mais excitada.

"De verdade, é só isso?", perguntei.

Ele meio que riu.

"Claro! O que mais poderia ser?" Mas lá estava aquele olhar nervoso outra vez.

"Você não está…" Engoli em seco. "Não está, tipo… saindo com outras pessoas, está?"

"NÃO!", ele praticamente gritou. "Meu Deus, *não*! Eu *jamais* faria uma coisa dessas. Você é a única, Don. Juro." Olhou no fundo dos meus olhos. "Juro", repetiu.

"Eu acredito", respondi, porque era verdade. Mas, mesmo assim, ele estava me escondendo alguma coisa. E eu estava me sentindo uma idiota por ter agido daquela maneira.

"Vem cá", ele disse, me puxando para perto para ficarmos juntinhos. "Quero estar o mais próximo possível de você", falou. E me beijou na têmpora. "Hoje vamos só ficar juntos. Aproveitar a companhia um do outro." Assenti e deixei que virasse meu rosto para me beijar. Mas me senti levando bronca, como se tivesse ultrapassado algum limite. Mas, se ele podia ignorar, eu também conseguia. Assistiríamos TV, tomaríamos chá e conversaríamos. Exatamente como vários outros casais estariam fazendo naquele momento. E se não envolvia sexo… Bem, provavelmente existiam outros casais assim.



16

DOIS DIAS DEPOIS encontrei Will no centro para um passeio. Ele me deu um beijo de "oi" e começamos a caminhar.

"Então. Seu dia foi bom ontem?", perguntei.

"Foi. Tranquilo", respondeu. Parecia a ponto de falar mais alguma coisa, mas, em vez disso, se calou e virou para a frente.

"Eu estudei bastante", continuei. "Você teria ficado orgulhoso. Acho que já aprendi a peça toda."

"Ah, que bom, ótimo", falou.

Uma pulga de preocupação se instalou atrás da minha orelha. Havia algo errado. Não tinha ficado tudo bem depois de sexta. *Por favor, não deixe ele terminar comigo*, rezei, como uma boba. Tipo, por que ele me dispensaria? Só porque eu queria transar com ele? Talvez estivesse cansado, ou tivesse brigado com a mãe, ou coisa do tipo.

"Como vai sua mãe?", perguntei.

Will franziu o rosto.

"Bem. Por quê?"

"Só estou puxando assunto", resmunguei. Em uma última tentativa, fiz carinho na mão dele. "Que tal uma bebida e um lanche?", sugeri alegremente. "Meu café favorito é no fim da rua."

Ele deu um sorriso ausente.

"O.k., pode ser."

Apesar de tudo, revirei os olhos. *Não se anime demais, pode acabar se machucando*. Então andamos em silêncio, eu olhando em volta tentando fingir que estava tudo bem, e ele examinando o chão como se ali

estivesse o segredo da vida. Vi uma velha amiga, Liz, que tinha estudado comigo antes de ir para um colégio particular. Até ela me olhou de um jeito engraçado. Será que eu estava com uma placa invisível sobre a cabeça ou algo assim? Uma seta piscante de neon apontando para nós escrito "CONSTRANGEDOR"?

Will se animou um pouco com o passar do dia, mas não foi espontâneo em nenhum momento. Se dava para responder uma pergunta com um monossílabo, ele o fazia. Mais tarde, quando Will foi embora e fiquei deitada no sofá de casa, recebi uma mensagem de Liz no Facebook.

> Oi, Donna! Não sabia que você era uma loba. ;) Mandou bem, Will!!!

O quê? Do que ela estava falando? E como conhecia Will? Olhei fixamente para o celular, claramente confusa, meu pai percebeu e perguntou o que estava acontecendo.

"Não sei", respondi. Mordi o lábio por um segundo. "Pai, o que é uma 'loba'?"

Ele baixou o jornal.

"Bom… é um animal, ou um termo para uma mulher mais velha que namora um rapaz mais novo. Por quê?"

"Foi o que pensei", falei. Um pensamento estava me ocorrendo, e eu não estava gostando nada. Levantei. "Vou subir para dar um telefonema."

Sentei na cama, com o dedo sobre o nome de Will na lista de contatos. Respirei fundo e liguei para ele.

"Oi", atendeu, num tom neutro.

"Como você conhece Liz Hopkins, e por que ela está me chamando de loba?", disparei.

Silêncio. Em seguida:

"Precisamos conversar."

"Finalmente!", disse, soando muito mais forte do que me sentia. "Nos vemos na frente do parque em quinze minutos."

Ele já estava lá quando cheguei, esfregando a sola dos sapatos no

asfalto. Não me viu, ou fingiu não me ver, porque eu já estava bem na frente dele quando finalmente levantou a cabeça. Abri a boca para dar "oi", mas ele foi mais rápido.

"Estou no segundo ano."

Encarei-o como uma idiota; talvez estivesse de boca aberta.

"Como é?"

"Liz Hopkins estuda na minha escola. Estou no segundo ano. Tenho dezesseis anos. Bem, quase dezessete — faço em junho." Parecia feliz. Por que estava *sorrindo*?

"Não tem, não", rebati, franzindo o rosto. "Você faz faculdade… Foi o que me disse."

Ele balançou a cabeça.

"Nunca disse que fazia faculdade", declarou, como se estivéssemos conversando sobre o tempo ou coisa do tipo. "Dou aulas para alunos que estudam inglês para entrar na faculdade, mas não sou universitário. Tenho bolsa na Escola Preparatória de Brighton. Recomendam que a gente faça um curso avançado antes, se pudermos — é um colégio bem puxado —, então fiz inglês no ano passado." Deu de ombros timidamente. "Tirei A, então resolvi dar aulas particulares para ganhar um dinheiro extra e ajudar em casa. Minha mãe não ganha muito bem."

Fiquei tão irritada que não sabia o que fazer.

"Então, basicamente, você mentiu para mim", concluí.

"Não", disse, franzindo o rosto. "Nunca menti. Só não corrigi o que descobri há pouco tempo que você havia deduzido."

"Ah, 'descobri há pouco tempo'", imitei num tom requintado. "Bem, vá se foder, Will Browning", gritei. Ele recuou como se tivesse levado um tapa. "Ué, o que você esperava?", falei. "Eu tenho andado por aí com um menino de *dezesseis* anos? Tenho quase dezoito! E que espécie de prodígio de merda você é, tirando A dois anos antes? Aposto que passou esse tempo todo rindo da minha burrice."

"Não precisa falar palavrão", argumentou todo maduro, calmo e irritante.

"Ah, não enche." Passei as mãos no rosto. "De repente tudo faz sentido", soltei. "Nunca fui ao seu dormitório, porque você não mora em um! Achei que morasse em Brighton por causa da faculdade, mas

você mora aqui com a sua *mãe*, não é?!" Esperei que negasse, mas ele apenas assentiu. "E desconfio que seja *virgem*?", disparei.

"Sendo ou não, ia querer esperar do mesmo jeito", falou. Parecia prestes a chorar. *Que criança*, pensei, irritada. "Tenho muito respeito por você para pressioná-la." Pausou e arrancou um pedaço de tinta que estava descascando dos portões de ferro do parque. "Gosto muito de você", falou baixinho.

"Que pena", gritei. Ele se encolheu, e fiquei satisfeita. "Acabou, entendeu?" Lágrimas de humilhação e raiva se formaram nos meus olhos. "Nada de aulas particulares, nada de… nós dois." Apontei para ele e para mim. "Nada. Nunca mais quero ver você." Comecei a chorar de fato. "Como pôde *mentir* para mim?" Limpei os olhos impacientemente. "Vocês são todos iguais."

Will tentou me abraçar, mas o afastei.

"Não somos todos iguais", afirmou. "Eu juro."

"Ah, você jura. Onde já ouvi isso antes?", rebati.

"Don, nunca jurei nada que não fosse pra valer", declarou, com a voz trêmula. "Por favor, não faça isso. Nunca achei que fosse levar para esse lado."

"Então foi burro", chorei.

"Fui!", concordou. Tentou pegar minha mão. "Por favor, por favor, não faça isso. Podemos resolver, não podemos?"

"Não, Will, não podemos." Subitamente exausta, dei as costas para ele. "Tchau."

Ele hesitou.

"Por favor, não podemos…?"

"Não." Olhei para trás mais uma vez e disse, com mais firmeza: "Adeus, Will".



17

BATUQUES E GARGALHADAS não eram exatamente a reação que eu esperava ao contar para os meus amigos sobre o que Will tinha feito, durante o intervalo das aulas no dia seguinte.

"Sério: estão achando graça?", falei, com os braços cruzados. Havia passado uma noite de merda; de manhã Barbie estava toda *anime-se, vai ficar tudo bem*, o que me fez querer estapeá-la; e depois papai apareceu todo alegrinho e apaixonado, o que me fez querer estapeá-la mais uma vez. E quando abri meu coração para os meus amigos, todos começaram a rir. Ótimo. Melhor manhã de todos os tempos.

"Ah, querida", Ash se pronunciou. "É engraçado! Por que isso importa? Se gosta dele, gosta dele. Apesar de que, hum, ele é muito gênio, né? Não consigo me imaginar fazendo as provas com dois *meses* de antecedência, quanto mais dois *anos*!"

"É, não tem problema", Ollie disse, colocando o braço em volta dos meus ombros e apertando. "Porque ele pode ser um nerd, mas também é um grande sedutor. E todo mundo gosta de um sedutor, certo?"

"Não seja babaca, Ols", falei, franzindo o rosto. "Ninguém gosta de um sedutor, principalmente a garota que teoricamente deveria ser a namorada mais *nova* dele."

"Então *ele* é o namorado mais novo. Qual é o problema?" Riu outra vez. "Nem desconfiei. Will, dezesseis anos." Balançou a cabeça. "Ele é surpreendedor, né?"

"Ninguém usa esse termo", resmunguei.

Jack foi um pouco mais sensível.

"Mas vocês são perfeitos juntos. E ele obviamente gosta de você de verdade. Não entendo por que ficou tão chateada."

Coloquei um dedo no lábio como se estivesse pensando profundamente naquele enigma.

"Hum, talvez porque *ele mentiu para mim*?" Lancei um olhar debochado para Jack, não merecido, mas um minuto antes ele estava rindo com os outros.

"Don, você está sendo muito limitada, sem querer ofender", Rich explicou pausadamente, o que não fazia o menor sentido. "Idade é apenas um número."

"Está parecendo o meu pai", falei, e dei um soco sarcástico no ar. "Boa!"

Cass me deu o braço.

"Na verdade, querida, acho que você tem um pouco de razão", ela disse. "É um pouco… esquisito."

"Exatamente", concordei. "Obrigada."

Sarah fez que sim com a cabeça.

"É uma coisa meio pedófila. Tipo, sei que ele só tem um ano a menos, mas existe uma grande diferença entre dezesseis e dezoito, principalmente quando se trata de um menino de dezesseis e uma menina de dezoito."

"Mas ele não se comporta como um menino de dezesseis anos normal", Rich observou, parecendo confuso. "Ele é muito maduro. Sinceramente, não consigo ver o problema. Só porque nasceu num determinado ano? Por que isso deve ser um fator contra ele?"

Cruzei os braços.

"Certo, então se eu começasse a sair com um cara de cinquenta anos, você diria *hum, é só por um acaso do tempo que este sujeito é um velho*?"

Rich me olhou.

"Não é a mesma coisa."

"Que seja." Peguei minha bolsa. "Para falar a verdade, já cansei desse assunto. Ele me magoou, tudo bem? Não consigo nem falar com ele… Nos vemos no almoço." E fui para a aula seguinte me sentindo pior do que antes. Além de tudo, estava com raiva de mim mesma por ter baixado a guarda. Sabia que seria perigoso abrir meu coração para

Will, e assumi o risco mesmo assim. Que idiota.

Na manhã seguinte estava comendo cereal amuada quando meu pai desceu, vestido e pronto para o trabalho. Sozinho, graças a Deus.

"Tudo bem, feijãozinho?", perguntou, apertando meu ombro a caminho da cozinha.

"Hum." Deixei a colher bater na vasilha. Não estava com fome, e como alguém (*cof, cof* Barbie) não tinha fechado o pacote direito, o cereal tinha murchado.

"Will vem hoje?", papai perguntou.

"Não." Por que ele estava tão interessado de repente?

Espiou pela porta.

"Não? Ele normalmente não vem às terças?"

"Não", repeti.

"Ah, vai encontrá-lo amanhã, então."

Bati na mesa.

"NÃO! Seja como for, estou naquele clube de teatro, não estou?"

Papai estalou o dedo.

"É claro. Vai encontrá-lo lá, certo?"

Resmunguei baixinho. Tinha esquecido completamente.

"Acho que sim." Levantei da cadeira e levei o cereal para a cozinha. "Por que tanto interesse pelo paradeiro de Will?"

Papai me olhou com inocência.

"Interesse?… Por nada. É só que ele me pareceu um bom rapaz."

"Pois é." Comecei a lavar a louça, abrindo a torneira e esfregando furiosamente. "Vamos encerrar as aulas… Ele disse que já me ensinou tudo o que podia", menti.

"Entendi." Papai pareceu surpreso. "Achei que tinham começado a se ver mais…" Fez uma pausa, com a colher sobre a vasilha, e continuou: "Devo ter me confundido".

Agradeci pelo respeito que meu pai tinha pela minha privacidade, mesmo que naquele instante tivesse me dado vontade de chorar. Ele me abraçou forte antes de sair para o trabalho, coisa que normalmente não fazia. Tive que recuar depressa, ou não o soltaria nunca mais — o cheiro e a textura do casaco de lã dele eram reconfortantes demais.

Quando eu era pequena e batia o joelho ou o que fosse, um abraço do papai resolvia tudo. Eu queria tanto que isso ainda funcionasse que doía. De repente ele reapareceu, e eu pisquei depressa para me livrar das lágrimas.

"Correspondência", falou, colocando uma pilha maior do que o habitual sobre a mesa. "Parece interessante." Afagou meu cabelo. "Até mais tarde, feijãozinho." E lá se foi novamente. Interessante? Corri para pegar o primeiro envelope. Tinha um carimbo da Central School of Speech and Drama. Abri. Haveria uma audição no dia 13 de abril. Rapidamente abri os dois outros envelopes. A Guildhall School of Music and Drama queria que eu fizesse uma audição no dia 12 de abril, e a LAMDA me convidou a comparecer no dia 19. Ótimas notícias. Então por que eu não estava pulando de alegria?

Pensei que o colégio me faria parar de pensar em tudo, mas não. O pessoal falava sobre Will o tempo todo. Sério, parecia uma obsessão. E na aula de inglês, uma simples menção a *Romeu e Julieta* me deixava enjoada, e, já que passamos a aula inteira nesse tema, passei por uma tormenta de náusea e tristeza. Muito, muito, muito legal! Depois — a cereja do bolo — Rich nos contou sobre um grupo tipo alcoólicos anônimos que tinha começado a frequentar. Estávamos na cantina na hora do almoço quando ele fez uma espécie de anúncio. Acho que para ele era uma grande notícia.

"Que maravilha!", Cass se manifestou. "Um belo passo." Abraçou-o rapidamente. "Parabéns."

Afagos nas costas. E então Sarah fez a pergunta:

"Como ficou sabendo do grupo?"

E então — veja só —, Rich revelou:

"Recomendação de Will. É a mãe dele quem coordena."

Will ainda mantinha contato com os meus amigos? Rich estava encontrando com a *mãe* dele naquele grupo? A questão não era essa — não que houvesse uma questão —, mas você me entende. Não falei nada. Tive vontade, mas não era uma vaca — e jamais prejudicaria a reabilitação de Rich só porque preferia que ele não tivesse contato com meu ex. Mas, ainda assim, fiquei furiosa.

Queria Will e suas mentiras fora da minha vida, mas teria que vê-lo nos encontros do clube de teatro, e agora pelo jeito ele tinha ficado amiguinho de um dos meus melhores amigos. Maravilha!

Clube de teatro. Eu não ia parar de frequentar. Basicamente porque atuar era a minha vida, e eu seria uma idiota se perdesse a oportunidade de interpretar Julieta — e, além disso, nunca deixava ninguém na mão. Cumpria tudo com que me comprometia. Mas que droga de ética: não estava com a mínima vontade de ver Will, e adivinha quem foi a primeira pessoa que encontrei ao chegar? Notamos um ao outro ao mesmo tempo, e rapidamente fixei os olhos na parede. Doía demais olhar para ele. Mas ele se aproximou. Hummm, qualquer pessoa acharia que ele era jovem demais e ainda não conhecia as regras. Engraçado.

"Donna", disse, todo suplicante. "Podemos…"

Mas o interrompi.

"Vá embora, Will." Comecei a me afastar, sibilando por cima do ombro: "Deixe eu — e os meus amigos — em paz, tudo bem?". Ele começou a falar mais alguma coisa, mas fiz um gesto com a mão para parar, e ele parou.

Enquanto ensaiávamos pude sentir seus olhos fixos em mim, o que me deixou irritada, porque dificultava meu comprometimento com o personagem. Mas Dan — o garoto que interpretava Romeu — era excelente, e depois de alguns minutos consegui bloquear todos os ruídos de fora e mergulhar na peça. Foi como um remédio capaz de curar a dor provocada por Will.

Assim que o ensaio terminou, saí. Ellie gritou que o pessoal estava indo para o bar, mas fingi que não tinha escutado. Enquanto caminhava para casa, a adrenalina passou, dando lugar à tristeza. Os bons momentos com Will ficaram passando pela minha cabeça como montagens bregas de TV. Só faltavam os efeitos de câmera lenta, o preto e branco e a música triste de fundo. Não queria pensar nele, mas era como se meu cérebro não me obedecesse — e me forçasse a reviver as últimas semanas em um loop constante. Mas ha ha, cérebro, pior pra você, já que o loop também incluía todas as mentiras e a farsa.

No fim, enquanto percorria as ruas que me levavam de volta para casa, concluí que tudo não tinha passado de uma mentira.

18



"NÃO ESTOU A FIM", resmunguei.

Ashley não desgrudou do meu braço.

"Só lamento."

"De que adianta me tirar de casa para me alegrar se não vai funcionar?" Arrastei os pés, mas isso fez meu joelho dar aquelas travadas esquisitas.

Ela nem hesitou.

"Resistir é inútil e, de qualquer forma, todo mundo vai. Você vai se divertir depois que chegar."

"Que seja." Eu não estava dando a mínima. Essa sensação deixava meus ombros pesados e fazia parecer que eu carregava pedras nos bolsos. Eu devia agradecer Ash por organizar uma noite com o pessoal, mas não. Não me importava. O que eu queria fazer era me encolher no sofá debaixo da coberta, comer batatinhas e zapear pelos canais — mas, em vez disso, estava sendo arrastada para o bar para muita diversão, *diversão*, DIVERSÃO. Uhu.

Quando chegamos, vi duas mesas juntas onde Cass, Sarah, Jack, Rich e Ollie estavam sentados, acenando, superanimados, num nível *OBA, vamos nos DIVERTIR!* Tive uma vontade enorme de virar as costas e ir embora. Mas não fiz isso. Boa e velha Donna.

"Donnaaaa!", entoou Rich. Deu batidinhas na cadeira ao seu lado. "Sente-se, querida. Deixe o Richie aqui embebedá-la bastante."

Ah, bem. Já que era assim. Peguei o copo de Jägermeister que ele me ofereceu e virei.

"Bom trabalho, mocinha", elogiou Ash. "Mais uma rodada para todos?"

Dei de ombros.

"Tanto faz."

Ela olhou para os outros bufando baixinho com os olhos arregalados, como se dissesse: *sim, ela está irritante, mas vamos pegar leve*, e foi até o bar.

"Estamos tentando fazer Sarah virar uns *shots*", Ollie disse, abraçando-a. "Mas ela não está muito convencida, não é, linda?" Acariciou o rosto dela, e Sarah fingiu estar irritada.

"Só não gosto de ficar bêbada", disse. "Lembram meu último vexame?"

Ah, sim. Eu lembrava. Ela vomitou no nosso banheiro todo e depois desmaiou na cama de Jess.

Ollie balançou a mão.

"Ah, isso faz meses." Ele pegou um *shot* e levou aos lábios dela. "Vaaaamos, você sabe o que fazer." Sarah gemeu, fechou a boca com força e a bebida escorreu pelo seu queixo. Ollie limpou com o polegar. "Você não tem jeito", falou. Ela deu uma risadinha. Eu nem consegui esboçar uma reação àquele flerte descarado, e Ashley chegou com os *shots*, então todos (exceto Sarah) se concentraram naquilo. Quatro libras por um copinho que acabava em dois segundos. Pelo menos eu não estava pagando. Ashley tinha acabado de virar o dela quando alguém cobriu seus olhos com a mão.

"Adivinha quem é?", Dylan falou. Ashley sorriu alegre, afastou a mão dele e virou o rosto para um beijo.

"Oi, gato", ronronou. "O que devo trazer para você?" (Desde quando Ashley era uma pessoa que ronronava e chamava alguém de "gato"? Pergunta retórica. A resposta continuava atrás dela, com a mão em seu pescoço.)

"Não se preocupe, eu busco." Ele acenou para todos e perguntou: "O que estão tomando?".

"Não, eu vou", Ashley insistiu. Levantou e apontou para a cadeira vazia. "Senta, amor. A rodada é por minha conta." Dylan obedeceu, e ela foi até o bar.

Ele olhou para mim e sorriu, solidário.

"Como você está? Ash me contou o que aconteceu."

"Imagina, estou bem", respondi, abanando a mão. "Não é nada."

Ele sorriu e balançou a cabeça, compreensivo.

"Viu? Eu *sabia* que Ashley estava sendo dramática quando me contou! Quer dizer, ele é só *um ano* mais novo, não é?" Inclinou-se para trás e passou a mão no cabelo. "Não é exatamente um crime digno de pé na bunda, certo?" Apenas sorri sem graça porque, adivinhe, não estava a fim de explicar. Em vez disso virei para Cass e perguntei como ela estava indo sem Adam.

"Ah. Estou bem." Ela começou a dobrar um flyer em triângulos. Não parecia tão bem assim.

"Sério?" perguntei. "Sabe que não tem problema achar difícil, não é?"

Ela deu de ombros.

"Eu sei… É só que, sei lá…" Alisou o papel novamente, passando a mão nele sem parar. "Estive em uma relação durante muito tempo. Sei que ele era um babaca, mas…"

"Demora um pouquinho para se acostumar?", sugeri.

Ela assentiu.

"Sim… Não é que eu queira voltar com ele, exatamente…" Balançou a cabeça. "Enfim, eu não devia falar com você sobre isso. Não é justo."

"Não, por favor, continue", incentivei. "É um alívio ouvir sobre os problemas alheios. Sem querer ofender."

Ela deu uma risada curta.

"Não ofendeu." Franziu o nariz. "Na verdade, se importa se não falarmos sobre isso? Estou tentando não pensar no assunto."

"Sim, claro", concordei. Virei um pouco mais para ela, para que Sarah não conseguisse ver o que eu estava dizendo — apesar de as chances serem ínfimas, considerando que ela continuava com os olhos fixos em Ollie. "Esses dois são inacreditáveis, não são?", comentei pelo canto da boca.

"Pois é", Cass murmurou de volta, e parou abruptamente quando Sarah olhou para nós, corada e rindo.

"Conte a ele, querida", Sarah disse para a melhor amiga. "Sou ótima em Lig 4, não sou?"

Cass assentiu.

"Aham."

Uau. Fascinante. Que outras revelações poderiam vir à tona? O escândalo de que *Ollie era péssimo em Banco Imobiliário*? Sem brincadeira, eles deviam tirar a roupa de uma vez e acabar com aquela tortura.

Empurrei a cadeira para trás e levantei.

"Vou ao banheiro." Não esperei nenhuma reação — simplesmente fui até o banheiro feminino e tranquei a porta, agradecida. Estava fedendo a urina, mas era um alívio ficar sozinha. Até ri da pichação na porta: "Aqui termina a obra de um grande cozinheiro". Hahaha, demais, não? Mas toda distração era ilusória, pois assim que parei de rir me senti ainda pior do que antes, como se um segundo de tranquilidade bastasse para me lembrar de como me sentia no resto do tempo.

De volta à mesa, Ashley e Dylan estavam rindo, se beijando e sendo irritantes de modo geral; Jack e Cass, imersos numa conversa; Ollie e Sarah continuavam com a dança do acasalamento. Rich não estava lá. Talvez estivesse no banheiro. Sentei e suspirei, esperando que os outros percebessem que a convidada de honra estava de volta. Nada. Nem quando encarei meu pulso consegui alguma coisa. Apesar de estar *muito feliz* por todos estarem se divertindo tanto, eu não estava, então resolvi ir embora.

"Você não vai embora, vai?", Sarah disse, me olhando enquanto eu vestia o casaco.

"Pensei em ir", respondi.

"Mas por quê? Está cedo." Fez uma cara de súplica, com o lábio inferior esticado e testa franzida. "Por favor, não vá, querida. Por favoooor?"

Ollie ajudou.

"É, Donna, não vá", falou, com sinceridade. "Não é a mesma coisa sem você."

Sarah apontou o polegar para Ollie.

"Não quero ficar aturando a falação deste aqui." Curvou a mão e encostou na boca, fingindo que estava contando um segredo: "Ele. É. Tão. Chato".

"EI!" Ele se levantou e aplicou uma gravata nela, ela gritou, simularam uma luta, e, de repente, não aguentei mais.

"ARGHHH!" Agarrei meu próprio cabelo. "*Caralho*, vocês dois, por que não TRANSAM DE UMA VEZ?"

Fiquei ali respirando rápido enquanto todos olhavam horrorizados. Sarah me encarou constrangida, e Ollie ficou totalmente vermelho. Encontrei o olhar de Ashley, e ela mexeu a boca: *que porra foi essa?*, mas seus lábios definitivamente se curvaram para cima, nos cantos. Afinal de contas, era o que estava na cabeça de todo mundo. Mas me senti péssima.

Coloquei a mão no rosto.

"Ai, meu Deus, desculpem. Não tive a intenção… Só estou um pouco estressada."

"Claro que está, querida", disse Sarah, me abraçando, feliz por não estar mais sob os holofotes. "Sinto muito. Devíamos ter dado mais atenção a você. Esta era para ser a sua noite, afinal." Fiz que sim com a cabeça e me apoiei no ombro dela. Ollie afagou meu cabelo meio sem jeito e falou alguma coisa sobre querer a Donna alegre de volta. Como era irritante! Lembro que tinha dito o mesmo para Sarah, quando ela teve problemas afetivos no trimestre anterior. Fiz uma anotação mental de pedir desculpas mais tarde.

"O que está acontecendo?" Era a voz de Rich. Ninguém respondeu. Eu ainda estava com o rosto escondido no ombro de Sarah, então não vi o que os outros estavam fazendo. Supus que estivessem mexendo a boca e fazendo comentários silenciosos e gesticulando para que não fizesse perguntas. *Não pergunte. Donna surtou*. Sem levantar os olhos, falei:

"Banquei a babaca, só isso."

Senti a mão dele afagar meu ombro.

"Não se preocupe. É difícil." Quase empurrei Sarah e abracei Rich. Sim! Era difícil. Só isso. Um dia provavelmente as coisas voltariam a ser fáceis, mas, até lá, saber que alguém entendia era o suficiente. Sem conselhos, sem querer conversar sobre o assunto o tempo todo… Meu coração inchou de tanto afeto pelo bom e velho Rich. Levantei a cabeça e dei um sorriso fraco para todos que estavam, fofos que eram, me olhando preocupados.

Cass me deu a mão.

"Estamos aqui, querida, se precisar conversar."

"Valeu." Apertei a mão dela e soltei antes que começasse a ficar desconfortável. Rich pegou o casaco. "Vamos. Acompanho você até sua casa."

"Você não precisa ir", Sarah me disse, avisando que eu não precisava ir embora só porque havia constrangido dois dos meus melhores amigos. Ela estava sendo ótima, aliás. Eu, no lugar dela, nunca mais falaria comigo.

"Obrigada, querida", sorri, torcendo para que ela percebesse como estava agradecida, "mas acho que vou para casa."

"Fique bem, o.k.? Ligo amanhã", Ashley disse.

"O.k." Peguei minha bolsa e, um pouco desconfortável por todos estarem olhando pra mim, falei: "Galera! Sério: relaxem, o.k.?". Gesticulei. "Sentem! Bebam! Curtam!" — e olhei brava para eles até me obedecerem.

Quanto menos for dito sobre o fim de semana, melhor. Trabalhei, assisti TV, preparei o almoço de domingo para mim e meu pai, e em geral tentei não pensar em Will e na saudade que estava sentindo dele. Não *dele*, na verdade. Não sentia saudade *dele*, mas da pessoa que ele fingia ser. Bem diferente. É de se pensar que isso facilitava as coisas. Posso afirmar que não.

Outra coisa que devia ter me animado: na segunda-feira recebi a nota de um trabalho de inglês. Tirei B. Apenas uma semana atrás eu estaria fazendo a dancinha da vitória, mas naquele momento? Só me senti pior. Cass vibrando e me parabenizando e a srta. Ayles satisfeita pareciam cenas vistas do outro lado de uma janela. Dava para ver, e ouvir um pouco, mas eu estava desconectada. Suponho que devia ficar feliz por pelo menos Will ser um bom professor particular, como disse que era, mesmo que todo o resto fosse mentira. Fiquei imaginando o que ele estaria fazendo naquele momento. Provavelmente estava numa sala de aula como a minha, mas estudando matérias do segundo ano. Apesar de tudo, ainda não conseguia enxergá-lo do mesmo jeito que via os alunos do segundo ano da minha escola. Digo, não que eu

devesse odiá-los por princípio. Seria ridículo, e, de qualquer forma, vários eram amigos meus. Mas eram mais novos, e eu havia pensado — ele me havia feito pensar — que Will era mais velho do que eu. Pensar no assunto me deixava febril de vergonha. Tinha acreditado totalmente. Ele devia estar rindo com os amigos àquela altura.

"Será que não está exagerando um pouco?", Ashley disse no caminho de casa, mais tarde. Ela se convidou para entrar, para eu não ficar sozinha. E, até ela me fazer aquela pergunta, eu estava agradecida. Minha própria companhia estava ficando tediosa.

"Não", disparei. "Ele mentiu para mim."

"Querida, eu sei. Não precisa me atacar", defendeu-se. "Mas, em termos de mentiras, foi tão ruim assim?"

"Mentira é mentira", respondi curtamente.

Ela deu um suspiro longo e sofrido.

"Sim, é verdade… Mas, ao mesmo tempo, existem mentiras do tipo 'não, não estou te traindo e é claro que não penhorei as joias da sua mãe' e existe o tipo de mentira que se limita a não corrigir algo que você presume, como, digamos, você concluir que alguém é mais velho do que realmente é. Por exemplo." Olhou para mim por cima de óculos imaginários.

Resmunguei e mordi as cutículas.

"Querida, ele parece totalmente fofo, e você só está sofrendo. Ele não é nem um ano completo mais novo que você. Em junho faz dezessete, não é?" Dei de ombros. "E você só faz dezoito em julho. Don, por um mês vocês terão a mesma idade!" Ela pareceu satisfeita consigo mesma, mas eu fiz uma careta.

"A questão não é essa."

"Bem, *qual é*, então?", perguntou, num rosnado. Podia rosnar o quanto quisesse. Era ela que não parava de falar no assunto.

"Alô-ô? A questão é que ele *mentiu* para mim?"

Ash ergueu uma sobrancelha: *já não discutimos isso?*

Suspirei, encolhendo os ombros.

"Olha, eu sinto saudade dele… Mas não consigo perdoar." Ela abriu a boca para protestar, mas interrompi. "Não consigo, tudo bem? Podemos mudar de assunto?"

Então ela começou a falar sobre uma garota do primeiro ano que

todos achavam que estava engordando, mas na verdade estava grávida, e eu tentei escutar. Mas minha mente logo voltou para Will. Em menos de quarenta e oito horas teria mais uma reunião do clube de teatro, e eu o veria de novo. Queria tanto vê-lo de novo.

Não, eu *não* queria vê-lo de novo. Foco.

Os únicos momentos em que eu não pensava sobre tudo aquilo eram quando dormia ou interpretava Julieta. Na reunião de quarta-feira fiquei nos fundos, com os olhos fechados, murmurando as falas até a minha vez de entrar. Não vi Will até a hora em que contracenamos. Ele me fez desligar do personagem por uma fração de segundo. Culpa minha. Julieta não devia olhar para ele, mas eu olhei. E ele estava olhando de volta para mim. Eram sempre os olhos dele que me pegavam. Ele desviou antes, mas apenas por uma fração de fração de segundo.

Durante o intervalo grudei em Ellie, fingindo querer repassar algumas cenas. Ela apontou para uma passagem do texto.

"Não sei se devo interpretar essa parte completamente direta, ou se devo fazê-la um pouco afetada", disse. "Sei que a ama atua como uma espécie de alívio cômico, mas será que ficaria ruim?" Mas eu já não estava ouvindo. Do outro lado da sala a sra. Capuleto estava conversando com Will. Era uma menina muito bonita chamada Claire, e os dois pareciam imersos no papo. Ele disse alguma coisa e ela riu, jogando a cabeça para trás, mostrando seu belo pescoço pálido e feminino. Ele também riu, falou mais alguma coisa e a tocou no braço. Uma dor aguda perfurou meu peito. Sim, Will adorava encostar nos braços dos outros. Ellie seguiu meu olhar, virando o livro e apoiando-o sobre o joelho.

"Qual é o lance entre você e Will?", perguntou. "Pensei que estivessem juntos, mas não estão, certo?"

"Não mais", respondi, sem conseguir desgrudar os olhos de Claire e do mole que ela estava dando para meu ex-namorado, se é que podia dizer que tinha sido meu namorado, o que eu duvidava.

"Ah. Sinto muito", disse. Pausa desconfortável. "Hum… você está bem?"

Forcei-me a olhar para ela.

"Sim, estou! Está tudo bem. Quer dizer, ele é um babaca, mas, sim. Tudo bem."

Ellie me olhou com cuidado.

"Sério? Nunca pensei em Will como um babaca." Balançou a cabeça lentamente, como se aquela informação fosse demais para ela, em seguida riu de leve. "Você não para de olhar para ele."

Meu Deus, *quanta intromissão*.

"Pois é. Ainda é muito recente", expliquei, torcendo para que ela captasse o *então não se meta* subentendido. A julgar pela maneira como ela corou e rapidamente pegou o texto, tinha dado certo. Mas não consegui deixar de lançar olhares na direção de Will. Não tinha razão para sentir ciúmes, mas estava sentindo mesmo assim.

Kyra, ali perto, bateu palmas para chamar a atenção de todos, olhando diretamente para mim. Ao ouvir as palmas, desviei os olhos de Will rapidamente, mas tem sempre aquela fração de segundo em que você sabe que alguém estava prestando atenção em você, não tem? Enfim. Tirei o cabelo dos olhos e fiz o possível para parecer indiferente enquanto Kyra fazia seu anúncio.

"Antes de iniciarmos a segunda metade", começou, "gostaria de lembrar a todos que só falta uma semana para a apresentação…", deixou todos surtarem por um segundo e em seguida falou mais alto para nos silenciar, "SÁBADO TEREMOS UM DIA INTEIRO DE ENSAIO."

Ah, que maravilha. Um dia inteiro vendo Will se apaixonar perdidamente por aquela Claire era *tudo* de que eu precisava.

Mas, quando apareci no sábado, Will não estava lá.

19



"MAS ELE SÓ TINHA TRÊS FALAS", falei para ninguém em particular, considerando que todos ao meu redor ficaram exageradamente dramáticos com o atraso de meia hora de Will para o ensaio. "Provavelmente não está com saco para vir."

"Ah, é?" Um cara chamado Benedict (sem brincadeira) me lançou um olhar como se tivesse acabado de perceber a vaca que eu era. Ele cruzou os braços. "E quando foi que você já viu Will ser irresponsável?"

Senti vergonha. O menino tinha razão. Uma vez Will havia me mandado uma mensagem para avisar que talvez chegasse cinco minutos atrasado (o que nem aconteceu): não era o tipo de atitude de um irresponsável. Fui me preparar e, afastando-o da cabeça, me concentrei no ensaio. Foi bom. Se você algum dia quiser interpretar Julieta, recomendo uma dose forte de emoções. Ter passado a vida inteira vestindo uma máscara para aparentar estar bem fazia com que na hora de interpretar cenas emocionantes eu conseguisse me entregar totalmente. No final eu estava chorando de soluçar, mal dando conta de recitar minhas falas.

Beijei Romeu, minhas lágrimas caindo em seu rosto imóvel, e em seguida toquei seus lábios com a ponta do dedo.

"Que lábios quentes!" Virei ao ouvir o barulho de alguém entrando. "Quem é? Depressa!" Arfando, peguei a adaga de Romeu. "Ah, lâmina feliz!" Enfiei a faca no coração e fechei os olhos, mas as lágrimas continuaram correndo livremente. "Enferruja em meu peito",

solucei, "pra que eu morra!"

Existe a opção de dar vida ao personagem, e existe a de utilizar a peça para extravasar suas próprias emoções. A atuação não é boa se o público não entende o que foi dito. Mas os outros pareceram discordar. A cena não tinha terminado, mas quando caí no chão sujo do salão da igreja, ouvi aplausos. Abri um olho, um pouco atordoada e ainda no personagem. Estavam todos me olhando — me aplaudindo! Sorri hesitante.

"Poxa… obrigada."

"Atuação brilhante", Kyra falou, com os olhos marejados. "Muito bem." Outras pessoas demonstraram o mesmo. Ela sorriu gentilmente. "Acho que é a primeira vez que alguém recebe uma salva de palmas espontânea." Apenas pisquei para ela. Para ser sincera, queria voltar a estar morta. Poderia passar anos dormindo. "Enfim…" Ela olhou para os atores cujos personagens encontravam os corpos de Romeu e Julieta. "Vamos continuar a partir de 'É aqui…'"

Peguei minha bolsa para fazer uma pausa do lado de fora. Enquanto atravessava o corredor procurei meu celular, mais para impedir que alguém falasse comigo do que por realmente querer checá-lo. Acendi a tela — dez chamadas perdidas de Rich. Meu coração começou a acelerar, mas eu não sabia bem por quê.

Um barulho próximo à porta me fez levantar os olhos, mas acho que já sabia quem era. Rich olhou em volta de maneira desgovernada, me viu e correu.

"Porra, Donna, não atende o celular?" Segurou meus braços e recuperou o fôlego. "Will foi preso."

"O quê?" Senti o sangue pulsar nas minhas orelhas.

"Eu estava numa reunião dos alcoólicos anônimos com a mãe dele quando ela recebeu a ligação." Rich ficou me olhando como se esperasse que eu desse um pulo e tomasse uma atitude. Apenas o encarei, o choque deixando minhas mãos dormentes.

"Então agora ele é um criminoso, além de tudo?" Engoli em seco. Mesmo antes de Rich dizer que tinha certeza de que era um engano eu já não acreditava que Will fosse mesmo um criminoso. Sabia, porém, que se tratava de um mentiroso.

Rich partiu em direção à porta.

"Vamos, precisamos ir. Eu sei onde é a delegacia em que ele está."

Enrijecendo o coração, balancei a cabeça.

"Vou para casa."

"O quê?" Ele pareceu chocado.

"Não existe mais nada entre mim e Will. Não quero me envolver." Tive a sensação de que meu corpo estava vacilando, então plantei os pés firmes no chão e segurei a bolsa contra o peito.

"Você que sabe", Rich falou baixinho. Estava decepcionado comigo, deu para perceber. Mas ele que o procurasse. Eu não devia nada a Will. Dei de ombros e assenti, e Rich saiu correndo. Observei-o por um segundo, depois me sacudi e voltei para casa. Enquanto jantava, via TV, vestia o pijama e ia para a cama mecanicamente, Rich ligou diversas vezes. Ignorei. E fui dormir.

20



ACORDEI COM MAIS CHAMADAS PERDIDAS DE RICH, e algumas de Ashley. *Droga*. Deitei a cabeça de novo no travesseiro, olhei para o teto, esfreguei os olhos e pensei. Dane-se. Liguei para ela.

"Querida, por onde andou?" Ela tossiu grogue. Provavelmente a havia acordado. "Rich está enlouquecido tentando falar com você. Escuta…", ouvi a cama ranger enquanto ela mudava de posição, "Will está preso, mas a mãe acha que ele está levando a culpa por algo que não fez."

De repente me lembrei de Will ter falado sobre a mãe permitir que o namorado guardasse coisas na casa dela. Rádios de carros roubados e coisas do tipo. Enquanto as peças se encaixavam, uma onda de vergonha me atingiu. Will não tinha feito nada de errado. Claro que não. Só estava tentando proteger a mãe.

"Donna, você está aí?" A voz de Ashley me fez voltar à realidade.

"Estou…" Afastei o celular da orelha para ver a hora. Nove e pouco. "Tudo bem, vou ligar para Rich", avisei.

Rich estava na casa da mãe de Will. Ele teve que me passar o endereço e fiquei magoada por ele tê-la conhecido e ido até lá quando eu nunca havia sido convidada. Me vesti correndo e fui encontrá-lo. Era uma casa pequena em uma rua de casas populares, e estava cercada por fitas da polícia. Provavelmente já tinha sido revistada, pois Rich abriu a porta e me levou até a sala. A mãe de Will era muito parecida com ele. Estava de jeans e um moletom com capuz, o cabelo cacheado preso em um rabo e os olhos inchados de tanto chorar.

"Oi, Donna, é um prazer conhecê-la", sussurrou, sem me olhar nos olhos. Tentou sorrir, mas também não conseguiu. "Will me falou tanto sobre você." Por que aquilo me fez sentir culpa? Rich fez sinal para que eu sentasse ao lado dela, e, assim que o fiz, ela segurou minha mão. "Eu não sabia que ele ia dizer que as coisas eram dele", contou, desesperada. "Quando falei que a culpa era minha, a polícia achou que eu estava tentando protegê-lo." Começou a chorar outra vez. "Estão dizendo que ele vai pegar *anos* de prisão por vender produtos roubados. Vai acabar com a vida dele." Ela me encarou, com os olhos arregalados e amedrontados, mas eu não ia permitir.

"Onde está seu namorado?", indaguei.

Ela estava vermelha.

"Eu… acho que sei onde ele está."

Soltei a mão dela.

"Você precisa contar para a polícia."

Rich me interrompeu.

"Donna…" Olhou para mim como se eu devesse pegar leve com ela.

Ela entrelaçou as mãos.

"Tenho medo dele", confessou.

"Tanto medo a ponto de permitir que a vida do seu filho seja arruinada?", perguntei gentilmente.

"Ele vai me matar." Ela se curvou, afundando-se em soluços.

Senti um embrulho no estômago. Era muito mais do que eu dava conta. Se o futuro de Will não estivesse em jogo, eu sem dúvida teria me retirado muito tempo antes.

"Sra. Browning", falei.

"Jo."

"Jo." Segurei as mãos dela e tentei fazê-la olhar para mim. "Se a polícia prender seu namorado, ele vai ficar atrás das grades. Não poderá fazer nenhum mal a você. E, de toda forma, a polícia tem experiência com casos assim. Vão protegê-la." Eu não sabia se aquilo era verdade ou não, mas estava disposta a arriscar tudo. Achei que ela fosse rir e me dizer que eu andava vendo muita TV, mas não aconteceu.

Respirou fundo com dificuldade e fez um gesto afirmativo de cabeça.

"Tem razão. Vou falar com eles."

Eu já tinha passado por isso antes, essa espécie de racismo benigno em que uma pessoa branca presume que eu conheça o submundo só por ser mestiça. Nunca me incomodou, e naquele momento fiquei até agradecida, se fosse o caso. Rich pegou um cartão da mesa de centro e entregou a ela. A mãe de Will o pegou e ligou para o número.

"É Jo Browning. Mãe de Will Browning", identificou-se. "Will não tem nada a ver com o que aconteceu. Aquelas coisas pertencem ao meu namorado, Eddie Butler." Pela expressão no rosto dela, supus que o policial do outro lado da linha tivesse reconhecido o nome do cara. Jo forneceu um endereço. Uma pausa. "Sim, tenho quase certeza de que ele está lá… Ontem estava, pelo menos." Outra pausa. "Eu sei. Sinto muito." A voz de Jo falhou. "Tive medo." Pausa longa. Eu e Rich trocamos olhares. Onde tínhamos nos metido?

"Obrigada." Estava visivelmente aliviada ao deixar o telefone no sofá, e então olhou para mim e para Rich. "Ele já estava no radar da polícia por outros problemas, acho. Vão atrás dele agora, e uma patrulha virá para cá."

"Isso é ótimo", Rich comentou.

"É. Você foi muito corajosa", falei, um pouco sem jeito. Agora que as coisas estavam se ajeitando, fiquei bastante desconfortável. Basicamente obriguei uma estranha a fazer algo que podia ameaçar a vida dela. Mas se ajudasse a liberar Will… Era para isso que estávamos ali, afinal.

Ninguém mais se pronunciou, e o silêncio preencheu o espaço. Rich fez aquela coisa de se desligar e começou a folhear uma revista. A mãe de Will estava na beira do sofá, mordendo os cantos das unhas. Fiquei sentada, simplesmente. Não aguentei.

"Certo." Bati as mãos nos joelhos. "Posso preparar um chá?" Minha voz soou ridiculamente alegre, como se Jo fosse uma criança, e não uma alcoólica em recuperação com um namorado perigoso e o filho preso.

"Estou bem, obrigada", respondeu com a voz rouca de tanto chorar. "Mas fique à vontade… A cozinha é ali." Apontou para o fundo da sala.

"Rich?", tentei fazer contato visual, mas ele não mordeu a isca. "Está gostando dessa revista?", perguntei, entre dentes.

"Hum?" Finalmente se desgrudou das páginas e olhou para cima, com a boca aberta, muito atraente.

"Perguntei se quer chá." Ou, em outras palavras, *não ouse me deixar aqui batendo papo com esta pobre coitada que não quer que a menina que deu um pé na bunda do filho — que por sinal está preso por um crime que não cometeu — fique batendo papo com ela*. Não sei se ele entendeu a mensagem, pois sua resposta foi franzir o nariz, balançar a cabeça e voltar a ler informações fascinantes sobre as casas de campo dos famosos ou coisa parecida.

"Certo, só para mim, então", declarei. Então, resolvendo naquele instante, perguntei: "Jo, tem certeza de que não quer? Um chá quente e doce pode fazer bem". Mais uma coisa que tinha visto na TV. Não custava tentar.

Ela assentiu.

"Talvez tenha razão. Obrigada."

"Ótimo." Ótimo? PQP.

Deixei os dois sentados em silêncio no templo da melancolia. Aquela seria a xícara de chá mais cuidadosamente preparada da história. Açúcar servido grão a grão, leite com conta-gotas. Qualquer coisa que me mantivesse ali o máximo de tempo possível. Na cozinha abri o armário acima da chaleira, mas estava cheio de pratos e vasilhas. Quem não guarda os envelopes de chá no armário acima da chaleira? Olhei em volta. Havia uma colagem de fotos de Will na geladeira. Fui até lá, casualmente, como se o oxigênio que me cercava precisasse ser convencido de que eu não me incomodava com as fotos pregadas ali. De qualquer forma, precisava de leite. Olhei ao abrir a porta. Will tinha sido uma criança bonita. Ainda era bonito. Não que fizesse diferença.

Finalmente encontrei os sachês, em uma lata atrás da chaleira. Também achei um pacote de biscoitos de chocolate na geladeira. Ia dar tudo certo. Eu era capaz de preparar um chá casualmente enquanto a mulher no cômodo ao lado esperava o namorado ser preso para que meu ex-qualquer coisa — seu filho — não passasse anos encarcerado. Cada vez que pensava em Will na cadeia minhas pernas tremiam. Diversas vezes precisei arrancar da cabeça a imagem dele sentado em um banco de metal grudado no chão da cela de um presídio terrível.

De repente um soluço subiu à minha garganta. Pressionei o punho contra a boca, mas não consegui conter. Chorei muito por alguns minutos, vencida, os ombros tremendo com o esforço para me manter quieta, e então parei. Lavei o rosto com água fria da pia e me apoiei na porta da geladeira para controlar a respiração. A ponta afiada da capa de plástico que protegia a colagem de fotos espetou minhas costas.

De volta à sala, eu e a mãe de Will bebericamos o chá — os goles ensurdecedoramente altos — e Rich ligou a TV. Sem brincadeira, passamos quatro horas daquele jeito. Um tempo depois Jo se levantou para preparar sanduíches para o almoço, mas fora isso tudo o que fizemos foi sentar e olhar para a tela. Durante todo o período não trocamos mais do que trinta ou quarenta palavras. Estávamos perdidos em nosso próprio mundo de preocupações.

Eu tinha acabado de acender a chaleira para preparar o que provavelmente seria nossa quarta xícara de chá quando a campainha tocou. E se fosse o namorado perigoso? Saí da cozinha exatamente quando Rich ia até a porta. Olhamos apavorados e mudos um para o outro.

"Quem é?" Rich perguntou perto da porta. Uma voz feminina respondeu.

"Polícia."

Rich ficou na ponta dos pés e olhou pelo vidro fosco no alto da porta. Então virou para mim e moveu os lábios dizendo em silêncio "chapéu de polícia". Assenti, e ele abriu a porta.

"Ah, oi", ele disse, reconhecendo-a de antes. "Já tínhamos quase perdido as esperanças." Fiquei um tanto impressionada por ele conseguir soar tão irritado com uma policial, mesmo tendo razão.

"Olá, de novo." A policial sorriu brevemente e foi direto para a sala.

"Esta é Donna, amiga minha… e de Will", falou para as costas da policial, que já conversava com a mãe de Will.

"Boas notícias, sra. Browning." Sentou-se ao lado dela, ereta e apoiada na beira do sofá. "Seu namorado foi preso."

O rosto de Jo se contorceu, parecendo que ela ia se descontrolar, mas em seguida voltou ao normal.

"Que bom que o pegaram", disse, hesitante. Como se falar em voz alta tornasse verdadeiro. "Quando posso buscar meu filho?" Dessa vez

foi sincero.

A policial respondeu gentilmente, como se a mãe de Will pudesse explodir a qualquer instante.

"Sra. Browning, ainda precisamos interrogar o sr. Butler…"

"Vocês continuam achando que Will fez alguma coisa errada?", Jo interrompeu, com uma expressão de pânico.

"Faz parte do procedimento", a policial explicou. Levantou-se. "De qualquer forma, com Eddie Butler preso, suponho que possa dormir em paz hoje."

"E os amigos dele? E se ele tiver mandado se vingarem de mim?" Parecia prestes a vomitar.

A policial quase sorriu.

"Confiscamos o celular dele, e ele está trancado em uma cela. Não existe essa possibilidade." Afagou as costas de Jo — um gesto estranhamente íntimo. "Vai ficar tudo bem. E, de qualquer forma, Will deve voltar logo."

"*Deve* voltar?", perguntei antes que pudesse me conter, mas todos me ignoraram.

Depois que a policial saiu, eu e Rich ajudamos a mãe de Will a trancar todas as janelas e a porta dos fundos.

"Não sei como agradecer", ela disse pela milionésima vez. "Will tem muita sorte de ter amigos como vocês." Ela olhou para mim, fazendo contato visual pela primeira vez. Foi como um soco na cara — adivinha quem tinha olhos idênticos aos dela?

"Sinto muito que não tenha dado certo entre você e Will", falou. "Achei que ele gostava muito de você." Fiquei imaginando o que ele teria contado a ela; não que fosse perguntar.

"Pois é", comentei estupidamente. Então um pensamento me ocorreu. "Na verdade, talvez seja melhor não contar a ele que eu estava envolvida… nisso."

Jo pareceu surpresa.

"Ah… é mesmo? Não vejo que mal…"

"É melhor não", interrompi. O menino já tinha passado por poucas e boas, e, de todo jeito, não queria que cultivasse falsas esperanças. Tudo continuava acabado entre nós. Mentira era mentira. Mentiras, no plural.

Então Jo prometeu não falar nada. Rich avisou que ficaria um pouco com ela, mas meu trabalho já estava feito. De repente, mais exausta do que nunca, e igualmente sozinha, parti de volta para casa — o dia seguinte seria um inferno.



21

DIA DE AUDIÇÃO. Disse a mim mesma que podia canalizar na apresentação o fato de estar esgotada e abatida. Me aproveitar essa emoção etc. Ou talvez minha sensação geral de desânimo não fosse de todo ruim. Estava nervosa, mas não tinha disposição para ficar apavorada. Pelo menos havia alguma vantagem. E a viagem até Londres não foi um problema. Já tinha ido diversas vezes com Ash para fazer compras na Oxford Street, em Camden e na Portobello, então o lugar não me era estranho. Tudo bem que eu estava indo fazer um teste na principal escola de teatro do país, onde pessoas como Gemma Arterton, Sophie Okonedo e Maggie Gyllenhaal estudaram, assim como todos aqueles atores da velha guarda como Sir John Gielgud e Michael Gambon, e Diana Rigg e Joan Collins — Joan Collins, cacete! —, e eu era apenas uma garota doida e cabeluda de Brighton obcecada por rímel cuja pesquisa sobre sotaque galês para a audição consistira em uma maratona do seriado *Gavin & Stacey*. Mas tudo isso não importava, porque eu poderia usar o TRANSPORTE PÚBLICO! Maravilha! Enfim, o pessoal da RADA não precisava saber os meus métodos de pesquisa. Até meu cabelo estava controlado, preso em um rabo baixo. E o sotaque galês estava ótimo. Era só me pedir para falar "Barry Island", e eu me transformava em Joanna Page. Que, por sinal, estudou na RADA.

Céus.

Então. Resumindo: cheguei lá em cima da hora. De acordo com o mapa que havia recebido junto com a carta, a RADA era composta por

alguns prédios "em Bloomsbury, no centro arborizado de Londres". Eu precisava ir a um prédio de pedra grande e cinza na Gower Street, que tinha uma escultura simbolizando a tragédia e outra a comédia, cada uma de um lado da entrada, e "Royal Academy of Dramatic Art" entalhado em pedra. Parei para olhar com o coração acelerando em uma mistura de animação e ataque cardíaco.

Alguém chegou e parou ao meu lado.

"Veio para a audição?" Virei e quase engasguei. Que menina *linda*. Mais alta do que eu — no mínimo um metro e oitenta e dois — com um lindo cabelo ruivo e pele de porcelana. Ela era realmente linda. Sorriu cheia de expectativa enquanto a encarava, possivelmente com a boca aberta.

"Hum… sim", respondi, me sentindo baixinha, gorda e desleixada ao mesmo tempo. Uma experiência nova para mim, e, para ser sincera, preferia ter guardado para outra ocasião.

"Eu também… Estou muito nervosa", revelou alegremente. Não parecia muito nervosa. Parecia elegante e perfeita. "Sou Molly, aliás."

Retribuí o sorriso.

"Donna… Acho que é bem tenso mesmo. Não tinha pensado muito nisso." E com essa mentira deslavada e provavelmente óbvia, abri as portas e entrei, segurando uma delas para Molly passar.

A entrada era um pouco escura, tinha uma recepção à direita e uma escada à esquerda. Não havia nada de especial, mas de repente senti as pernas bambas só por estar ali dentro. Aquela ideia de que *se as paredes falassem* e tudo o mais. Mas também percebi o quanto queria aquilo. Digo, lógico que já sabia que queria, mas estar ali, onde tantos atores que eu admirava estiveram, me deu a sensação de que *precisava* daquilo. Como se a próxima fase da minha vida tivesse de ser ali. Como se — sem querer ser dramática nem nada —, caso eu não passasse no teste, *minha vida estaria arruinada*. Olhei para Molly, cuja expressão dizia o mesmo. *Ela não quer tanto quanto eu*, pensei instantaneamente, como uma louca em um programa de calouros, antes de me dar conta de que todos fazendo o teste queriam aquilo tanto quanto eu. Querer ou precisar não bastava. A única coisa que importava era a audição, e convencer os avaliadores de que eu era boa o bastante para a RADA. Francamente, eu precisava arrasar. Sem segunda chance. Ainda mais

decidida, e tentando ignorar o fato de que estava com vontade de ir ao banheiro de tanto nervoso, me identifiquei na recepção.

O recepcionista nos mandou para a área de espera, e eu e Molly caminhamos juntas em silêncio. Estávamos concentradas.

Chegamos a uma espécie de bastidores, já cheios de pessoas lendo roteiros e murmurando sozinhas, ou sentadas com os olhos fechados, ou, em um dos casos, meditando de pernas cruzadas e polegares tocando indicadores. Eu e Molly sentamos nas cadeiras vagas mais próximas, que ficavam uma ao lado da outra.

"Você se incomodaria se eu passasse meu teste?", perguntou, tirando papéis da bolsa.

"De jeito nenhum… Pretendia fazer o mesmo", falei, apesar de não ser verdade. Sabia meu teste de cor, então só fechei os olhos e me concentrei em me acalmar. Graças a Deus Mac era obcecado por técnicas de respiração.

"Donna Dixon?" Abri os olhos e vi um cara bonito com uma prancheta olhando ao redor.

Levantei.

"Sou eu." Olhei para Molly. Ela sorriu e me desejou boa sorte. Pareceu sincera.

"Por aqui, por favor." Usava um crachá que dizia "Sam Farmer, segundo ano de Artes Cênicas".

"Você é aluno!", soltei.

Ele assentiu e sorriu.

"Vai dar tudo certo." Eu estava prestes a perguntar que cenas ele tinha apresentado na audição dele, quando de repente chegamos às coxias de um grande palco. "Apenas siga as instruções", sussurrou. "Boa sorte." Certo. Sacudi os ombros e fui para o centro do palco. No meio da plateia havia quatro pessoas lado a lado. Uma delas — um senhor — acenou.

"Donna, oi. Sou Mark Harrison, professor daqui. Como vai?"

"Bem, obrigada", respondi. Apesar de estar praticamente me borrando, minha voz soou clara e forte. Um bom começo. "E vocês?"

O homem riu singelamente, como se eu tivesse dito alguma coisa exótica.

"Estamos muito bem. Foi fácil encontrar o local?"

"Sim, foi tudo bem. Já vim a Londres com uma amiga algumas vezes, então…" Uau. Que coisa mais provinciana, Donna. Toca aqui.

"Então, o que trouxe para nos mostrar hoje?"

Respondi, e ele me pediu para começar por Shakespeare. De repente a última gota de saliva desapareceu da minha boca, e a vontade de ir ao banheiro voltou, mas tirei isso da cabeça, fechei os olhos e concentrei toda a minha atenção em me tornar Julieta.

"E devo falar mal de meu marido?", comecei. "Ah, senhor meu, que língua há de louvá-lo/ Quando eu, recém-casada, o condenei?" E à medida que continuava, me ocorreu que aquele discurso, em que Julieta maldiz Romeu por matar seu primo e depois percebe que jamais poderia odiá-lo pois sentia muito a sua falta, lembrava terrivelmente a minha própria situação. Eu odiava Will… mas ficava um pouco perdida sem ele. Assim como Romeu, ele tinha sido banido da minha vida. Uma lágrima correu pela minha bochecha com a constatação, e meus punhos cerraram de raiva, dor e arrependimento — eu *era* Julieta. E era uma merda. Enquanto recitava a última fala — "Ama, meu pai, minha mãe, onde estão?" — um gemido engasgado surgiu de algum lugar do meu peito. Nem estava tentando, simplesmente saiu. Fiquei ali, esfregando os olhos com as costas da mão, depois respirei fundo e olhei para a bancada de professores.

Nada. Silêncio. Sinceramente, não sabia como tinha me saído. *Achava* que tinha sido um tanto impressionante, mas não analisei enquanto acontecia… apenas me deixei levar. Deixei Will em segundo plano e recuperei o foco. Os avaliadores sorriram vagamente enquanto o tal Mark dizia muito-obrigado-agora-o-texto-moderno-por-favor.

Não deu qualquer sinal de ter me achado boa ou uma porcaria. Minha apresentação do texto moderno não foi tão boa, acho. O sotaque saiu direitinho, mas num determinado momento me enrolei com as palavras e saí um pouco do personagem. Voltei muito depressa, mas depois meu coração afundou quando mais uma vez os avaliadores não deram nenhum indício, e Mark falou:

"Obrigado, Donna."

Em seguida senti uma mão no ombro, e Sam, o aluno, me acompanhava para fora do palco.

"O que acontece agora?", sussurrei.

"Volte às três", falou. "Pode ser que seja chamada novamente hoje. Mas se não for, não quer dizer necessariamente que esteja fora."

"Ah. Tudo bem", respondi, ainda sem entender nada. Por que tinha que ser tão confuso? Enquanto buscava a bolsa na sala de espera, Sam chamou Molly. Ela sorriu e mexeu a boca dizendo: *me deseje sorte*.

"Boa sorte", falei, e fiquei enjoada ao vê-la caminhando para o palco. Agora que tinha acabado, me sentia exausta, como se tivesse corrido uma maratona, e apavorada — eu realmente tinha acabado de fazer aquilo? Mas, ao mesmo tempo, me sentia meio frustrada. Fazer um teste para uma grande escola de teatro era um sonho antigo, que nunca achei que fosse realizar — e realizei! Ótimo. E agora?

Cale a boca, disse a mim mesma. *Está sendo chata*. Era apenas meio-dia, então tinha três horas para passar em Londres fazendo o que quisesse — e o que queria era não pensar em Will. Consultei o mapa e fui em direção à Oxford Street. Topshop, H&M e outras lojas imensas, uma ao lado da outra: o paraíso de Donna. E enquanto passeava pelos corredores, sentindo o tecido das roupas e empilhando calças jeans para experimentar, senti uma pontinha de animação. Se passasse na RADA, poderia fazer compras na Oxford todos os dias. Bem, *poder* não poderia, pois acabaria falindo, mas deu para entender.

Tinha acabado de fazer uma audição na RADA! *Cacete*. Barbie podia ir se foder. Ela nunca tinha feito nada assim, e azar o daquela vaca, porque agora papai teria todos os motivos para se orgulhar de mim.

De repente quis estar lá de novo, naquele prédio cinza. O teste tinha ocorrido havia poucas horas, mas eu já estava sentindo uma estranha nostalgia. A adrenalina e o medo, a atuação naquele palco, a emoção de estar naquele lugar. Queria tudo de novo. Guardei as roupas e atravessei agitada as multidões da Oxford Street, subi a Great Portland Street e fui para RADA. Poderia explorar o local até as três da tarde. Talvez achar uma lanchonete, comprar um chá com sanduíche e observar as pessoas. Do nada, quase senti raiva de mim por ter saído de lá.

Mas então atravessei as portas sob as estátuas e sob o nome esculpido em pedra e parei pouco antes de dar de cara com Molly.

"Ooopa!", entoou. Por que ela aparecia o tempo todo? Era bizarro. Sorriu para mim.

"Tudo bem?", perguntei, e fiz menção de continuar andando.

"Tudo ótimo, para falar a verdade", disparou. "Fui convocada para a próxima bateria de testes!"

Aquilo me fez parar.

"Ah. Uau. Parabéns", falei. "Achei que só fossem avisar às três."

Deu de ombros.

"Avisaram logo depois da minha audição."

Merda. MERDA. Forcei uma espécie de sorriso, dei os parabéns novamente e continuei andando até encontrar o banheiro feminino, onde me tranquei em um cubículo e chorei. Maldita Molly, com aquela pele de porcelana, cabelo de Christina Hendricks e beleza por todo lado. Tinha "estrela de cinema" escrito na testa. Se demonstrasse qualquer talento, *claro* que seria aceita. *Sim, mas a altura vai pesar contra*, pensei maldosamente. Havia tantos protagonistas baixinhos. Pelo menos eu tinha menos de um metro e oitenta. O que nos deixava um pouco mais quites. Por mais que minha altura me irritasse, era algo meu e de que a maioria das pessoas não dispunha. Ênfase em *maioria*. Não podia *acreditar* que Molly tinha sido chamada direto. Ela era *tão sortuda*. Assoei o nariz em um pedaço de papel higiênico, a decepção pesando sobre os ombros.

"Você viu alguma audição?"

Uma voz na cabine ao lado perguntou. Estava falando comigo? Prendi a respiração enquanto o coração acelerava, mas então uma voz mais distante respondeu:

"Algumas. Viu o cara que mexia os braços sem parar?"

"Meu Deus, ele foi péssimo!"

"Sim, horrível. Quantos Mark já chamou para a segunda fase hoje, você sabe?"

"Sam disse que uns quatro."

"Ah, certo. Quase nenhum."

"Pois é. Sam disse que Mark gostou de pelo menos outros quatro, aparentemente, mas não quis dizer sim de cara. Sabe como ele é, às vezes cisma com as coisas. Acho que pouca gente vai ser chamada hoje — só vão saber depois."

Pausa esperançosa.

"Você vai naquele lance hoje?"

Parei de prestar atenção, uma ponta de esperança acelerando meu coração. Como eu era dramática… Mais alguns seriam chamados para um segundo teste! Ainda havia chance! Claro que sim. Assoei o nariz fazendo barulho, dei a descarga e fui jogar água no rosto e me preparar para descobrir meu destino. Viu? Já estava até falando como uma profissional.



"Se seu nome for chamado, por favor, dirija-se ao palco", Mark instruiu. Ele estava na nossa frente, parecendo relaxado, com uma mão no bolso, enquanto todo mundo permanecia sentado; tensão e esperança nos unia. Molly não estava mais lá e imagino que os outros três que já tinham recebido o passaporte para a alegria também não. Prendi a respiração. Ele não me chamou. O que aquilo queria dizer? Não fazia ideia.

Vimos cerca de dez pessoas saírem da sala, e eu imaginava que notícia receberiam, até que Mark se pronunciou novamente.

"Agora, se eu chamar seu nome, por favor, siga Sam."

Mais uma vez, não me chamou. O que Sam iria dizer? Será que tinham passado? Teriam sido rejeitados? Teriam que dar cambalhotas? Todo aquele processo era tão estranho e tenso que tudo parecia possível. Agora havia cerca de dez candidatos ali. Olhei para a frente, assustada demais para fazer contato visual com qualquer pessoa, com medo de que estivessem arrasados — alguns provavelmente sabiam o que aquilo significava, ainda que eu não soubesse. Mark sorriu para nós.

"Obrigado por comparecerem hoje. Entraremos em contato. Boa viagem de volta para casa." E foi na mesma direção de Sam.

O QUÊ?! Que diabos aquilo significava? Para onde as outras pessoas tinham ido? Olhei em volta e encontrei o olhar de um menino magrelo atrás de mim.

"Você tem alguma ideia do que acabou de acontecer?", perguntei.

O garoto sorriu.

"O primeiro grupo ele quer ver atuar de novo; alguns serão chamados e ficarão sabendo o resultado hoje. O segundo grupo será

informado de que eles definitivamente não passaram."

Meus olhos arregalaram e balancei a cabeça, indicando que continuasse.

"Quanto a nós… Bem, ele viu o suficiente, então, pode ser que sim ou que não — é só esperar a carta."

"Uau", falei. "É tudo tão *complicado*. E uma carta? Não conhecem e-mail?"

Ele riu.

"É a segunda vez que venho fazer a audição, e as coisas só pioram."

"Da outra vez você ficou no segundo grupo?"

Ele balançou a cabeça.

"Não, neste aqui."

Engoli em seco.

"Ah." Ele já tinha estado naquele grupo, e não passou. Será que isso significava que eu também não passaria? O primeiro grupo teria a chance de repetir, mas Mark já tinha tomado uma decisão sobre mim — boa ou ruim. Parecia injusto.

"Não se preocupe", falou, lendo meus pensamentos. "Pelo menos alguns deste grupo vão entrar", declarou, quase amargamente. Não podia culpá-lo.

"Bem… espero que desta vez você seja chamado", falei.

"Obrigado", respondeu desanimado. "Você também."

Observei-o indo embora. Será que um dia seríamos colegas ali? Ou será que eu acabaria como ele, de volta àquela escola no ano seguinte, para tentar novamente? Não sabia se aguentaria passar por isso outra vez. Levantei, coloquei a bolsa no ombro e olhei em volta, guardando o local na memória, por via das dúvidas.

No caminho passei por duas pessoas chorando — uma menina choramingando baixinho em um lenço e um menino com a cabeça jogada para trás, a boca aberta em um grito silencioso, lágrimas escorrendo para o colarinho etc. Tive vontade de mandá-lo relaxar, a audição já tinha passado, mas ele já sabia disso. Então passei por mais uma menina, que falava ao celular. Ela irradiava alegria e gritava de felicidade.

E então, na escada que levava à entrada, passei por Mark, o professor. Ele sorriu.

"Até logo, Donna."

Até logo? *Até logo?* Por que ele tinha que ser tão enigmático?! Será que era uma indireta, ou apenas uma saudação qualquer? *Will saberia*, meu cérebro pensou. Peguei o celular e coloquei os fones no ouvido. Não adiantava pensar naquilo agora. Só queria ir para casa, tomar um banho e dormir. O dia de audição havia chegado ao fim.



22

PASSEI A NOITE RESPONDENDO milhões de mensagens de texto perguntando sobre a audição, e depois outros milhões dizendo que tinham certeza de que eu seria chamada, então fui deitar quase em êxtase.

Depois acordei, fui para a aula, e aconteceu o seguinte.

"Com licença?"

Virei de costas para o quadro de avisos na área de convivência do terceiro ano e vi Flora Murdoch atrás de mim, com os braços cruzados, mascando chiclete como se estivesse cumprindo uma tarefa que, afinal, *alguém* precisava fazer. Ela era uma fofoqueira do nono ano que tinha fama de marrenta. Era pequena e pálida, mas forte pra caramba. Muita gente tinha medo de Flora Murdoch. No ano anterior ela havia sido suspensa por dois dias por socar um menino do primeiro ano que encostara nela na fila do jantar. Eu nunca tinha falado com ela, mas a admirava um pouco pelo incidente. O menino em questão tinha sérios problemas — um pervertido esperando o momento de desabrochar —, e definitivamente mereceu. Era um tanto irônico ela ser como era, pois seu pai era policial — razão pela qual eu não devia ter me surpreendido quando perguntou:

"É verdade que você está saindo com um menor infrator?"

"O quê?", fiz uma careta para ela. Marrenta ou não, não passava de uma garota fofoqueira e, de todo jeito, eu tinha basicamente o dobro

da altura dela. Além disso, *menor infrator*? Quem falava assim? (Resposta: a filha de um policial que não consegue controlar a própria língua.)

Ela inclinou a cabeça para o lado e estalou o chiclete.

"É que ouvi dizer que seu namorado tem, tipo, catorze anos de idade e está prestes a cumprir pena por contrabando."

"Ele tem dezesseis, na verdade", disparei, e instantaneamente percebi meu erro.

"Meu Deus, é verdade!", gritou. Virou para duas bobalhonas que estavam atrás, rindo. "Não falei?" Virando para me encarar outra vez, ela estalou os dedos e disse: "Garota, você deve estar desesperada".

Sei que não deveria, mas me descontrolei. Além de tudo o que tinha acontecido, ser chamada de desesperada era demais para mim.

"Você não sabe de *nada*!", gritei, partindo para cima dela como se fosse agredi-la. Ela nem se mexeu, apenas me olhou, sorrindo com olhos semicerrados. Pus o dedo na cara dela. "Ele não fez nada, é uma pessoa muito melhor do que você e NÃO É MEU NAMORADO." Fiquei tão irritada que não sabia o que fazer. A raiva me paralisou, tanto que nem notei Ashley e Rich correndo na minha direção.

Rich mal olhou para Flora, mas ordenou:

"Vá à merda… quem quer que você seja." E a dispensou com um simples estalo de dedos. Ele sabia quem ela era, claro.

"E quem você pensa que é?", ela respondeu arrastadamente, olhando-o da cabeça aos pés. Mas Rich a ignorou. Colocou-se entre nós duas, de costas para ela.

Will já foi solto, mexeu a boca sem emitir som. Ele e Ashley me pegaram pelos braços e me levaram dali. Flora gritou alguma coisa sobre tomarmos cuidado, mas não estava falando sério.

"Jo acabou de me mandar uma mensagem. Retiraram as acusações", continuou enquanto entrávamos em algum lugar.

"E o namorado?", consegui perguntar.

Ashley apertou meu braço.

"Ele tinha tantas condenações anteriores que nem precisaram discutir…"

"E, de qualquer forma, acharam mais um estoque de coisas roubadas", contou Rich. "A partir de agora, ele vai ver o sol nascer

quadrado."

"Desenterrando gírias, querido?", Ashley perguntou, com a sobrancelha erguida. Rich mostrou o dedo do meio para ela. Enquanto isso, comecei a chorar. Não conseguia evitar.

"Ah, querida", Ash disse, me abraçando. A cena devia ser ridícula, como um suricato consolando uma girafa. "O que houve? É uma boa notícia!"

"Eu sei", solucei. Respirei fundo, mas as lágrimas não pararam. "Acho que estou aliviada."

Eles me levaram para o depósito, longe de olhares curiosos. A mudança abrupta de cenário me fez parar de chorar, e me joguei sobre uma caixa de papel para impressora. Rich e Ashley ficaram na minha frente, Ash acariciando minha cabeça.

"Querida, por que não admite que ainda gosta dele?", Rich perguntou. "Está se torturando sem motivo."

"Ele é uma boa pessoa, querida", Ash disse. "Não consegue perdoá-lo?"

Balancei a cabeça.

"É tarde demais. Ele riria da minha cara se eu voltasse me arrastando agora."

"É claro que não riria", Ashley argumentou. "Você sabe que não."

"Sei?" Olhei para ela.

"Sabe. Sabe, sim", respondeu Rich. Ele e Ash estavam de braços cruzados e determinados, como se não fossem sair de lá até que eu prometesse ir correndo atrás de Will para fazer as pazes. Então ficaríamos muito tempo ali.

"Olha, não vai rolar", falei, exaurida. "Então, chega desse assunto." Os dias de exposição dos meus sentimentos por Will, ou por qualquer outra pessoa, tinham chegado ao fim. Tinha aprendido a lição.

E então, quando Will não apareceu no último ensaio de *Romeu e Julieta*, tomei uma decisão. No borrão dos três dias anteriores, tive uma ponta de esperança de que se conseguisse vê-lo, tudo ficaria bem. Mas não o culpei por não aparecer. Me forcei a ir ao pub depois do ensaio com o pessoal, e decidi que devia ficar feliz por Will estar bem e seguir

com a minha vida. Ficar me lamentando não fazia meu estilo. Eu era divertida e topava tudo. Pessoas divertidas e que topam tudo não se lamentam por situações provocadas por elas mesmas.

A boa e velha Donna estava de volta.

23



ÚLTIMO DIA DO TRIMESTRE. Mal podia acreditar que já era quase Páscoa. Outra coisa inacreditável: tirei B no simulado de inglês! Apesar de tudo, eu estava em êxtase. Foi algo do tipo: Will fez isso. Deixando todas as porcarias de lado, ele tinha me ajudado a obter aquele resultado. Uma coisa boa, sabe? Tudo bem, provavelmente ia voltar a me ferrar quando tentasse dar conta do próximo trimestre sem a ajuda dele, mas lidaria com aquilo depois. Por enquanto, eu, Ashley, Sarah, Cass, Rich, Ollie e Jack íamos sair à noite para comemorar. Só a gente. Sem Dylan nem Hannah. Sair para dançar em uma boate chique onde não podíamos ir de calça jeans e os caras cheiravam a loção pós-barba. Adorava. Ashley fingia odiar, é claro, mas não odiava, porque tinha a chance de se sentir alternativa e diferente — sua razão de viver. E, enquanto eu, Sarah e Cass incrementávamos o pretinho básico com salto alto e brilho, Ashley optou por legging rasgada e batom roxo.

"Que bonita", comentei, olhando-a de cima a baixo quando se juntou a nós na fila do lado de fora. "Superadequada para o lugar."

Ela pareceu satisfeita.

"Eu sei. Está com inveja, né?" Retribuiu a gentileza. "Você também não está nada mal, senhorita."

"Obrigada." Joguei a cabeça e endireitei os ombros. Bem, eu *realmente* estava bonita. A menos que você gastasse umas cem libras, era impossível encontrar um vestido preto que não ficasse muito, *muito* curto quando se tinha um e oitenta (logo pensei em Molly, do teste), e

o esforço daquele dia definitivamente tinha sido grande. Mas eu tinha boas pernas, bunda e, modéstia à parte, peitos fartos. Quando se era abençoada com esses atributos, era difícil não ficar bem de preto. Perceba só como estava me saindo bem na situação! Will? Quem era Will? Molly podia ser linda, mas eu tinha presença.

"Está muito gata", Sarah comentou. "Já vi uns cinco caras reparando."

"Legal", respondi, apesar de não me importar. Meninas não se vestem para os meninos gostarem delas; elas se vestem para outras meninas repararem e tentarem imitar. Ou, pelo menos, era o que eu fazia. Preferia que outra menina me achasse bonita do que um menino qualquer. Então um menino me achava sexy? Grande coisa. Meninos heterossexuais normalmente transam com qualquer coisa que tenha uma vagina, então, por que cultivar uma falsa esperança? (*Will não era assim*, pensei. *Cale a boca*, respondi.)

Enfim. Percorremos a fila, mostramos nossas identidades — falsas ou verdadeiras — e fomos para o bar. Eu estava andando tranquilamente, reparando nos bronzeados e peitos artificiais quando, sem qualquer alerta, Cass parou de repente, fazendo Jack e eu quase trombarmos com ela.

"Cass! O que foi isso?", perguntei, agarrando-a pelo ombro para me equilibrar. E em seguida: "Ah". Bem diante dela, com os braços em outra garota, estava o ex, Adam. Imediatamente formamos uma espécie de cordão de isolamento em volta dela. Foi quase engraçado ver a rapidez com que os meninos entraram em ação. Mas a movimentação chamou a atenção de Adam, que a viu.

"Cumprimente", Ashley sibilou, segurando-a pelo braço. "Você não tem o menor problema em vê-lo." Mas Cass a ignorou. Em vez disso, continuou a caminho do bar, virando para Sarah e conversando toda animada sobre qualquer coisa ao passar por ele. Leais, também fomos junto, conversando sobre coisas tolas. Mas foi difícil não rir. Ele parecia *totalmente irado*.

"Cara, o que você fez foi muito melhor!", Ashley falou quando chegamos ao bar, cumprimentando nossa amiga.

"Excelente!", Jack comentou, rindo. "Muito bom." Ele conseguia odiar Adam mais do que nós todos, se isso fosse possível. Mas Cass não

pareceu triunfante. Na verdade, pareceu um pouco triste.

"Sério, querida. Você foi incrível", Sarah disse, abraçando-a. "Você está tão mais feliz agora do que quando namoravam, não é?"

"Eu sei", respondeu, suspirando. "Mas…"

"Nada de 'mas'", disse Ollie, levantando o dedo. "Ele é um babaca. Você é uma gata. E vamos passar as próximas…", checou o relógio, "três ou quatro horas mostrando para ele como você está melhor sozinha. *Capisci* ?"

Cass olhou para nós, todos sorrindo e assentindo para demonstrar que não só concordávamos como — uhu! — topávamos, e ela sorriu.

"Tudo bem." Mexeu os ombros como se estivesse se preparando para uma luta. "Vamos lá."

"Ótimo", Ollie concluiu, esfregando as mãos. "Agora, o que vamos beber?" Ele já sabia a resposta: *shots* de vodca, a coisa mais barata do cardápio. Detestava vodca pura, principalmente a que vendiam ali, mas dois *shots* eram suficientes para se animar, e eu não estava a fim de ficar bêbada. Se exagerasse, ficaria triste, e ninguém queria isso.

Então viramos os *shots* e fomos para a pista de dança. Não demorou muito para os tubarões aparecerem. Pela primeira vez na vida Ashley não recebeu tanta atenção — provavelmente por causa do batom roxo. Cass foi a mais assediada. Ela fez um bom trabalho: parecia estar adorando mas, ao mesmo tempo, deixava claro a todos que se aproximavam que não tinham a menor chance. O resto de nós olhava para Adam e relatava como ele estava secando ela totalmente, apesar de que, para falar a verdade, na maioria das vezes ele estava abraçado àquela garota, e uma vez os vi se beijando, com a mão claramente apalpando-a no peito. Muito fino. Obviamente não contei nada para Cass, e por sorte ela seguiu a política de não olhar para ele de jeito nenhum.

Enfim. Estava divertido. Estava DIVERTIDO. Bastava repetir bastante para se tornar verdade. Não desejei poder ir para casa e ficar com Will, e definitivamente não estava triste. A máscara de corajosa? Não era uma máscara, e sim meu rosto verdadeiro, curtindo a noite.

Sim. Bastava repetir bastante para se tornar verdade. O som era da melhor qualidade, e eu estava com meus melhores amigos. Só alegria, certo?

Que seja. Esqueci o problema e continuei dançando.



24

SÁBADO. Menos de quatro semanas de ensaios e, *boom*, eu ia interpretar Julieta. Estava morrendo de medo. Tão preocupada em fazer um bom trabalho e tão, tão nervosa por encontrar Will. Sabe quando você acorda, tipo, quatro da manhã e não consegue voltar a dormir porque a mente simplesmente não para? Então. No fim desisti e desci, fiquei zapeando pelos canais da TV, assistindo a estranhos programas matutinos de televenda até chegar a hora de tomar banho sem me preocupar em acordar meu pai. Pensando bem, talvez seis e meia fosse um pouco cedo. Saí do banheiro enrolada na toalha e encontrei meu pai ali, amarrotado e confuso, coçando o saco por cima do pijama. Nojento, mas dei um desconto por ele ainda estar praticamente dormindo.

"Tudo bem?", perguntou, fechando os olhos para a luz do banheiro.

"Tudo", respondi. "Não estava conseguindo dormir. Volte para a cama, pai."

Ele passou a mão no rosto.

"Não…" Espreguiçou-se. "Já acordei. Vou preparar um chá…" Acariciou minha bochecha, o que me fez querer chorar. "Grande dia, feijãozinho."

Fingi que estava ajeitando a toalha para não ter que olhar para ele.

"Pois é." Papai saiu andando, enquanto olhava para trás por cima do ombro e dizia: "estou orgulhoso de você". Em seguida soltou um pum e disse: "estou orgulhoso disto, também". Ele me fez rir, e não achava que isso fosse acontecer naquele dia.

Lá embaixo, ele me preparou um sanduíche de bacon.

"Não sabia que tinha bacon", comentei, com a boca cheia.

"Comprei especialmente para a ocasião", falou. "Você precisa de um café da manhã reforçado para abastecer os fluidos criativos."

Franzi o nariz.

"Não diga 'fluidos', pai. É nojento."

"Só se você tem a mente suja." Ligou o rádio, mudando as estações, como fazia todas as manhãs.

Dei de ombros, sorrindo.

"A culpa é dos pais."

"Muito engraçado." Inclinou-se sobre a bancada, cruzou os braços e me olhou. "Então. Como está se sentindo?"

"Bem." Curvei o lábio como se dissesse: *por que não estaria?*

"Que bom… Vou sentar com a sua mãe?"

Olhei para ele com ares de acusação.

"Vai. Você disse que não tinha problema."

"E não tem", respondeu, exageradamente calmo. "Só estava perguntando."

"Uma pena que Barbie não possa ir", comentei, enquanto lambia molho dos dedos.

Papai me lançou um olhar.

"Humm…" Tamborilou na bancada. "Na verdade, eu e Barbie decidimos ir um pouco mais devagar."

"Ah, é?" Levantei as sobrancelhas, disfarçando a vontade de dar um soco no ar.

"Pois é." Pausa. "E como vão as coisas entre você e Will?"

Ah, muito esperto. Mostro o meu se mostrar o seu. Suspirei.

"Bem, pai…" Então, como sabia que ele estava preocupado comigo, falei: "Olha, preciso me concentrar na peça hoje. Tudo bem?". Como se mais tarde eu fosse contar mais… Talvez até contasse. De repente seria bom conversar. Talvez. Coloquei o prato na pia. "Tenho que ir."

Ele pareceu surpreso.

"Às sete e meia da manhã?"

"Preciso ensaiar?", respondi, com um tom debochado.

Ele fez beicinho e deu de ombros.

"Tudo bem. Vamos nos ver antes da apresentação?"

Balancei a cabeça.
"A gente se vê lá."

Mas ainda faltavam horas até a peça, e não tinha ensaio — Kyra achava contraproducente em dia de apresentação. Eu não ia aguentar ficar em casa, me sentindo mal por não querer conversar com meu pai, e mal por tudo o que me lembrava de Will, e mal por ainda não saber o que iria acontecer com a RADA. Então fui dar uma caminhada muito longa pela praia. Estava cedo e calmo, apenas algumas pessoas passeando com cachorro ou correndo, e a bruma me cercou, bloqueando o resto do mundo. Respirar o ar salgado me fez sentir saudável e íntegra, como se estivesse bebendo água. Não era hora de pensar. Minha cabeça estava vazia. Nunca tentei meditar, mas imagino que seja mais ou menos assim. Não estava feliz, mas também não estava triste. Não sentia nada, como se estivesse dentro de um vidro na prateleira de uma espécie de laboratório fantasma. Caminhei por algumas horas até sentir fome, e então fui para uma lanchonete qualquer tomar chá com torrada. Alguém tinha largado o jornal na mesa em que sentei. Li um pouco, mas estava chato, então entrei na internet pelo celular. Eu não conseguia comer sozinha em um café sem nada fazer além de mastigar, bebericar e olhar para o nada.

Quando só me restaram borras de chá e um prato de migalhas, senti as horas mal dormidas, a maresia e toda aquela torrada pesarem em minhas pálpebras, então fui até o cinema e comprei um ingresso para a primeira sessão — um drama aparentemente tedioso e em preto e branco, apesar de ter sido produzido no ano anterior —, sentei na última fila e dormi. Acordei a tempo de ver o fim dos créditos. Apertei os olhos para a sala vazia me sentindo desorientada, tensa e deprimida. Ao pegar a bolsa e atravessar o corredor, fiquei pensando que diabos eu estava fazendo caminhando sozinha por Brighton, por horas a fio. Eu tinha amigos. Uma cama quente e uma TV em perfeito estado. Estava sendo dramática, só isso. Querendo que a plateia imaginária na minha cabeça me achasse interessante e melancólica. Agora que não tinha Will para me chamar de inteligente, precisava atuar no meu próprio filme de arte. Ridículo.

Recomponha-se, murmurei para o espelho sobre a pia no banheiro do cinema. Passei água fria no rosto e procurei um chiclete na bolsa, colocando três na boca. Tinha círculos de rímel sob os olhos, que consegui limpar mais ou menos com o dedo molhado. Chequei o celular. Quase cinco horas. Precisava estar no teatro da universidade em uma hora, mas ficava a apenas dez minutos dali. O que eu poderia fazer durante uma hora que seria animador e nem um pouco melancólico? A resposta era óbvia: compras.

Assim, uma hora depois cheguei ao teatro com duas blusas novas, me sentindo quase normal.

"Donna!", Kyra disse, soando aliviada. Eu estava dez minutos atrasada, por causa da fila imensa no caixa da loja. Ela me deu um rápido abraço. "Estou tão animada com a sua atuação hoje."

"Obrigada… Eu também", respondi, olhando por cima do ombro dela. "Hum, estão todos aqui?"

Imediatamente ela olhou para baixo para verificar a lista na prancheta, mas apenas a ajeitou. Limpou a garganta.

"Will e Dan ainda não chegaram, mas temos tempo". Ela devia estar em pânico. Will e Dan eram muito pontuais, e, apesar de ser possível fazer a peça sem Will, não dava para encenar *Romeu e Julieta* sem Romeu. Ela coçou a testa com a caneta. "Eles têm dez minutos para chegar, senão vamos precisar de um plano B… Ah!" Virei para seguir o olhar de Kyra. Era Will — mas nada de Dan. Ele nem me notou.

"Kyra, sinto muito. Dan passou a noite acordado com intoxicação alimentar. Achou que estivesse melhor, mas na metade do caminho começou a vomitar outra vez. Voltou para casa."

Kyra bateu com a prancheta na testa.

"*Merda*."

"Pois é. Sinto muito", repetiu.

"Não é culpa sua", ela respondeu automaticamente. "*Maldição*, por que ele não me avisou antes?" Bateu agitadamente com a caneta nos dentes. "Muito bem. Will, agora é você o membro mais novo do grupo. Você será Romeu. Conhece o papel?"

"Bem, conheço, mas…"

"Ótimo…" Afagou rapidamente o ombro dele. "Graças a Deus é você, não?" Ele riu nervoso, mas ela já tinha saído para avisar os

demais.

Will ficou olhando enquanto ela se retirava e então me notou. Nossos olhares se encontraram. Ele deu de ombros, tristemente. Fiz que sim com a cabeça: *eu sei*. Depois ele seguiu para o camarim masculino.

Uma hora depois vi a entrada dele das coxias. Eu estava a quilômetros de distância de Julieta. Não passava da velha Donna, pensando seriamente se conseguiria levar aquilo adiante. Fechei os olhos, me concentrei na respiração e tentei voltar ao limbo da minha caminhada matutina na praia. *Senhora, aqui estou; o que deseja?* Era a segunda fala de Julieta. Repeti diversas vezes, sentindo que precisava me concentrar nela por algum motivo. *Senhora, aqui estou; o que deseja?*

Entrei no palco, todos os meus amigos e familiares na plateia. Era agora ou nunca.

No começo correu tudo bem. Mas depois, quando Romeu e Julieta se encontraram pela primeira vez, naquela mesma cena que tinha feito com Will no parque — quando nos beijamos pela primeira vez —, foi como se eu e Julieta tivéssemos entrado em comunhão. Shakespeare me emprestou as palavras, mas a emoção era minha. Eu já não sabia quem eu era, e a poesia era quase insuportável. E o caminho até o beijo foi uma tortura.

Parecia que horas e segundos tinham se passado ao mesmo tempo até chegarmos ali. Will pegou minha mão, com os olhos delicadamente fixos nos meus.

"Se a minha mão profana esse sacrário,/ Pagarei docemente o meu pecado:/ Meus lábios, peregrinos temerários…" Ele fez uma pausa, e o mundo se condensou em uma batida de coração. Poderíamos estar em Verona de fato, de tão desligada da plateia que eu estava. "O expiarão com um beijo delicado." Ele deu um passo na minha direção.

Quando nossos lábios se tocaram, quase chorei. Romeu tinha o cheiro de Will, e beijava como Will. E de repente três palavras invadiram minha mente.

Eu amo Will.

O pensamento me despertou o bastante para que eu tropeçasse na fala seguinte, apesar de provavelmente ter soado autêntica o suficiente, com toda a tensão sexual e os sentimentos que me cercavam. *Merda*. Eu o amava. De verdade. E era uma sensação tão natural quanto sentir frio e querer vestir um casaco. Eu estava apaixonada por Will e precisava estar com ele. Simples assim.

Mais tarde, enquanto Romeu via Julieta na janela, não sabia se era a voz de Will — ou de Romeu — que doeu quando ele disse:

"Que luz surge lá no alto, na janela?/ Ali é o leste, e Julieta é o Sol."

Eu o amo.

Quando Romeu viu Julieta aparentemente morta, lágrimas encheram os olhos de Will, e ele soluçou as palavras:

"Olhos, um olhar./ Braços, o último abraço! E vós, ó lábios,/ Portal do alento, selai com este beijo/ Pacto eterno com a Morte insaciável." Ao tomar o veneno, seu lábio inferior tremeu, e uma gota escorreu pelo queixo. Ele usou o dedo para levá-la à boca. Foi insuportavelmente vulnerável e humano, e quis correr e abraçá-lo para sempre.

Eu o amo.

Dessa vez, a cena da minha morte foi menos dramática. Mais real. Julieta tinha perdido Romeu para sempre. Eu quase tinha perdido Will. Talvez tivesse perdido. Ele era um bom ator — talvez só estivesse atuando.

Ao fingir que me esfaqueava com a adaga e dizia aquelas palavras — "Enferruja em meu peito, pra que eu morra!" — um desespero negro me inundou como água gelada. Chorei silenciosa e ininterruptamente e não parei nem quando saí do palco e ouvi as últimas palavras da peça: "Mais triste história nunca aconteceu/ Que esta, de Julieta e seu Romeu".

Enquanto a plateia explodia em aplausos, fui para o palco, entorpecida. Eu e Will demos as mãos e agradecemos, e os aplausos se intensificaram. Ninguém estava sentado — fomos aplaudidos de pé! —, mas a única coisa que conseguia enxergar era ele. Will apertou minha mão com força, os olhos marejados quando nos olhamos e sorrimos.

Em seguida, de repente me vi cercada pelo resto do elenco, todos me

parabenizando e trocando abraços. No tumulto, Will desapareceu. Procurei por todos os cantos, correndo do camarim ao banheiro e depois até a frente do teatro, como uma louca.

Ele tinha ido embora.

"DONNA!" Ashley voou para cima de mim assim que surgi na entrada dos artistas, saltando e prendendo as pernas em volta da minha cintura e os braços no meu pescoço. "Estou tão orgulhosa de você." Socou meu braço. "Você é uma grande atriz, senhorita!"

"Own, obrigada", respondi, me abanando. "Faço o que posso." Tentei me concentrar nela, mas não conseguia resistir ao impulso de procurar Will. Meus olhos se desviaram do rosto da minha amiga e percorreram o trajeto até a porta.

"Os outros estão vindo", ela disse, claramente presumindo que eram eles que eu estava procurando. "Bexigas fracas, não?" Mas não prestei muita atenção. Ela estalou os dedos na frente do meu rosto. "Donna!" Arrastei o olhar de volta para Ash, e ela me olhou esquisito. "Você não está no personagem, está? Porque, honestamente, essa coisa me assusta um pouco…"

Balancei a cabeça.

"Não vejo Will em lugar nenhum."

Ela franziu o nariz.

"Ah. Por que precisa dele?"

Nem hesitei.

"Porque acho que estou apaixonada por ele."

"O QUÊ?!". Fez uma cara de surpresa de desenho animado. Só faltava arrancar os globos oculares, dar uma polida e os colocar de volta para ficar igual ao *Tom e Jerry*.

Dei de ombros.

"Isso mesmo. Acabei de perceber."

"Bem que eu achei que tinha alguma coisa rolando quando fizeram o agradecimento." Agarrou meu braço. "Ah, isso é tão emocionante!"

"É, não, sei lá", respondi. "Ele fugiu quando deixamos o palco…" Engoli em seco. "Eu acho…" Meu lábio começou a tremer, mas respirei e tentei outra vez. "Acho que ele só estava atuando, Ash."

Ela balançou a cabeça com firmeza.

"Impossível. Ele é totalmente louco por você. Definitivamente."

Apertei os olhos.

"Totalmente *e* definitivamente. Então deve ser verdade."

"O.k., não precisa bancar a chata." Contraiu os lábios. "Enfim, não adianta se preocupar com isso agora. Vamos para o nosso jantar de Donna-é-incrível…" Ofegou. "Uma balaDONNA! Adorei!… E relaxa, ele provavelmente vai ligar, vocês vão se encontrar e todos viveremos felizes para sempre. Certo?"

Dei de ombros.

"Que seja."

Ela pegou meu braço e começou a me puxar na direção do pessoal e dos meus pais orgulhosos, que tinham acabado de aparecer por ali.

"É bom que ele esteja apaixonado por você", comentou amistosamente. "Você é uma chata sem ele."

Fiz uma careta.

"Não sou, não." Uma onda de autocomiseração me inundou. Eu devia estar flutuando de alegria pela minha estreia como Julieta, mas estava amuada e assustada. Aonde ele tinha ido? E será que só estava atuando? Quer dizer, eu sabia que ele era talentoso, mas será que era *tão* talentoso assim? Alguém era? Ashley me cutucou com o quadril.

"Cara. Sai dessa. Sério. E não ouse ficar toda *ai, ai, ninguém me ama* quando uma plateia inteira acabou de ovacioná-la de pé."

Suspirei.

"Eu sei. Desculpe." Sacudi os ombros, mexi no cabelo e abri um sorriso maravilhoso. Ou um sorriso normal, pelo menos. "Viu? Já saí dessa."

"Ótimo", bufou.

Percebi que Ashley tinha razão quando alcançamos meus amigos e minha família, que me encheram de abraços e elogios e me deram um buquê de flores. Eu tinha que relaxar e aproveitar a noite. A *minha* noite. Porque, independente do motivo, eu tinha arrasado naquele palco. Merecia me sentir bem e bancar a diva por algumas horas, poxa.

Mas, meu Deus, o apelo por Will era quase insuportável. No restaurante minhas pernas ficaram balançando sem parar embaixo da mesa. No fim Ollie e Cass, cada um de um lado, seguraram minhas

pernas com uma das mãos enquanto comiam com a outra.

"Ele definitivamente ainda gosta de você", Rich falou pela tricentésima vigésima quarta vez.

"Provavelmente saiu com a mãe ou algo assim", Jack opinou.

"Acho que não", respondi, enquanto enrolava o macarrão no garfo. "A mãe dele não faz esse tipo."

"Certo…", Sarah disse, limpando as mãos devagar no guardanapo enquanto pensava.

Jack interrompeu.

"Talvez ela tenha feito uma reserva em algum restaurante." Os outros me olharam com expectativa, como se *só pudesse* ser aquilo.

Pensei na possibilidade. Meus próprios pais, que normalmente não sentariam juntos em um restaurante, iam se esforçar para saírem os dois comigo no dia seguinte, como nos velhos tempos, para celebrar meu sucesso. Sabiam que naquela noite meus amigos iam querer fazer alguma coisa, e fiquei agradecida por poder sair com o pessoal, para ser sincera. Mas Will era diferente. Ele e a mãe eram muito próximos; fazia sentido que saíssem juntos para celebrar a peça. *Sim, talvez estivesse com ela*, pensei, torci. *Mas, por outro lado, talvez não.*

Estiquei os ombros.

"Humm. Talvez."

"Na verdade, para ser sincera…", Cass começou.

"Hum?", perguntei.

"Bem… Talvez ele tenha achado que *você* estava só atuando. Você falou que não queria mais nada com ele."

"Ela tem razão", Ash concordou, cortando o bife. "Ele provavelmente nem imagina que você mudou de ideia."

"Hum." Não tinha pensado nisso. Pus a cabeça nas mãos. "O que eu faço?" A pergunta soou abafada. Silêncio. Levantei os olhos, irritada. "ALÔ-Ô? *Perguntei:* o que eu faço?"

Eles trocaram olhares sofridos, em seguida Ashley se pronunciou.

"Você não vai gostar."

"Não vou gostar do *quê*?", perguntei, praticamente rangendo os dentes. Ashley olhou para Cass e Sarah, como se decidissem silenciosamente quem ia me contar. Que espécie de telepatia esquisita era aquela? E por que eu não sabia de que porra estavam falando?

"Vai ter que dizer para ele o que sente", Sarah informou.

Ah. Isso.

"É", Cass continuou. "Precisa se abrir. Mostrar vulnerabilidade."

Ollie afagou minha mão.

"Não se preocupe, querida. Nós homens sabemos como é."

"Totalmente", Rich disse. "Demonstrar emoções? Eca." Ele estremeceu, enquanto Jack assentia vigorosamente.

"Mas não tem outro jeito, Don", Cass disse, lançando um olhar de *não está ajudando* a Ollie. "Will não vai saber como se sente enquanto não contar a ele."

"Mas e se ele não me quiser?", perguntei.

"ELE QUER!", todos entoaram. Algumas pessoas nas mesas ao redor viraram para ver o que estava acontecendo. Uma delas — uma mulher de meia-idade, vestindo tons de bege — ficou encarando sem cerimônia, boquiaberta. Encarei de volta e perguntei se ela queria uma foto. Ela corou e desviou o olhar, murmurando alguma coisa para o marido, amuada. Revirei os olhos para os outros, mas enfrentar a mulher enxerida me fez lembrar que não era covarde. Nunca tinha sido. Então não devia ter medo de dizer a Will como me sentia. Afastá-lo tinha sido um erro. Mas as pessoas erram o tempo todo. E se ele não conseguisse enxergar isso, então… Bem, pelo menos eu teria tentado.

"Certo", falei, pegando o garfo e mexendo casualmente no macarrão. "Vocês têm razão."

"Então vai contar para ele como se sente?", Jack perguntou, soando quase surpreso.

Dei de ombros.

"Foi o que disse." Engoli uma garfada. "Então, o que estavam falando antes sobre minha atuação brilhante como Julieta?"

E assim a conversa prosseguiu, enquanto eu tentava ignorar o medo que crescia lentamente dentro de mim, pronto para massacrar meu coração caso meus amigos estivessem errados e Will não quisesse me ouvir. Porque, sinceramente, como eu poderia culpá-lo se isso acontecesse?

25



Podemos nos encontrar? Por favor? Preciso dizer algumas coisas... D

Passei um domingo agonizante enquanto esperava uma resposta de Will; o coração acelerava cada vez que recebia uma mensagem. Fiquei louca para ligar ou mandar mais mensagens, mas me contive. Ou ele não queria me ver — e, nesse caso, mandar mais torpedos não adiantaria de nada —, ou estava pensando no assunto — e, nesse caso, ser bombardeado só o irritaria. Enfim, havia o problema dos problemas. Meu histórico. Hayden tinha dito que eu era muito intensa. Eu não queria ser intensa.

Mas o domingo acabou sem qualquer resposta de Will, e fui para a cama me sentindo abatida, rejeitada e triste. Claro, eu não tinha nenhum direito de me sentir rejeitada. Mas me sentia. Estava com tanta saudade que chegava a doer, literalmente. Fiquei deitada encolhida, porque a dor no estômago que a falta dele provocava me deixava com a sensação de que, se eu ficasse reta, quebraria.

O sol estava entrando pelas cortinas quando abri os olhos na manhã seguinte. Segunda-feira, 1º de abril. Dia da mentira. Como um reflexo, alcancei meu celular.

Will tinha respondido.

O.k. No parque, mesmo local, às 11h?

Respondi que o encontraria lá. Quase como se tivesse esquecido, olhei a hora. Dez e vinte e oito. *Merda!* Provavelmente já passava das duas quando tinha ido dormir, mas dez e meia? Era, tipo, o horário mais tarde que eu já tinha levantado. E precisava estar no parque — uma caminhada de quinze minutos de casa — em meia hora. Não podia me atrasar. Simplesmente não podia.

Corri para o banho, só para lavar as partes importantes, me sequei com tanta força que serviu de esfoliação, vesti jeans e um casaco, depois tive que decidir entre passar maquiagem e usar óculos, ou não fazer maquiagem para ter tempo de colocar a lente. Will nunca tinha me visto de óculos. Nem sem maquiagem. Pensei por alguns segundos até decidir que não podia sair sem maquiagem. Tiraria os óculos no parque.

Lá embaixo encontrei um bilhete do papai — ele voltaria do trabalho a tempo do nosso "jantar em família" com a minha mãe. Jess estava chegando para passar a Páscoa em casa, então daria tudo certo. Falei para os meus pais que eles não precisavam fazer aquilo — eu já era bem grandinha e entendia a questão do divórcio; mas eles insistiram. Seria muito estranho ficarmos os quatro juntos depois de tanto tempo, mas eu estava ansiosa pelo evento. Não que naquele momento conseguisse dedicar qualquer neurônio a isso. Chequei o celular. Dez para as onze. Se corresse, chegaria a tempo. Chutei a correspondência do tapete, pronta para sair correndo de casa, mas em vez disso, congelei. Quando as cartas se espalharam, o envelope de baixo revelou quatro letras que me deixaram abalada: RADA.

Estremeci por um segundo antes de pegar o envelope e colocá-lo no bolso; podia esperar. Então abri a porta e corri. Nunca tinha corrido tanto na vida. Mas me forcei a andar quando entrei no parque, apesar de já estar um minuto atrasada. Era melhor do que sucumbir aos pés de Will arfando e suada.

Eu o vi antes que ele me visse. Estava apoiado em uma árvore, com as mãos nos bolsos. Não me viu porque não estava olhando de um lado para o outro. Olhava fixo para a frente. Parei, subitamente apavorada. O que será que estava pensando? Como achava que aquele encontro terminaria? Agarrei a bolsa com as duas mãos. Será que seria a última vez que o veria? Fazendo um esforço para respirar

normalmente, disse a mim mesma que vê-lo uma vez era melhor do que nenhuma, e me aproximei.

Ele virou lentamente para mim quando me ouviu, com o rosto impassível. Parecia cansado e, ironicamente, mais velho.

"Oi." Parei, sem saber ao certo se deveria abraçá-lo, beijá-lo na bochecha ou o quê. No fim das contas não fiz nada, apenas me desculpei pelo atraso.

"Tudo bem", ele disse.

Nos entreolhamos.

"Desculpe", eu disse. "Eu cometi um erro." A expressão dele continuou igual. "Podemos sentar?" Hesitei antes de sentar sob a árvore onde ele estava. Ele se juntou a mim, colocando uma boa distância entre nós. Começou a arrancar a grama.

"Então, vou simplesmente falar", declarei, rindo nervosa.

Will deu de ombros, com os olhos no chão.

"Tudo bem."

Apoiei a cabeça no tronco.

"Gosto muito de você. Não percebi o quanto até você ser preso." Ri, pois soava estranho e novelesco, e então me senti uma idiota, porque o rosto de Will não sofreu alterações. A sensação ruim não estava melhorando nem um pouco. Engoli em seco. "Devo continuar?", perguntei. "Tenho algum motivo para isso?"

Will olhou diretamente para mim pela primeira vez, com os olhos vazios.

"Ainda não sei."

Arrisquei um sorriso.

"Pelo menos você é honesto." Por uma fração de segundo um esboço de sorriso passou pelo rosto de Will. Ou foi o que pareceu. Respirei fundo, fechei os olhos e soltei tudo de uma vez, antes que perdesse a coragem. "Eu não estava só atuando aquela noite. Senti tudo que parecia estar sentindo, se é que me entende. Nunca deixei de gostar de você. Já me machuquei uma vez e, quando descobri que você tinha mentido, não consegui acreditar que estava tudo se repetindo. Fiquei furiosa, mas morri de saudades. Só que fui orgulhosa demais para falar qualquer coisa. Mas a peça no sábado foi tão… tão emocionante e sincera que percebi que tinha que me abrir. Bom, para

ser sincera, o pessoal me fez perceber isso, mas pelo menos percebi, certo? Então mandei aquela mensagem, e o domingo foi pura agonia esperando uma resposta, e achei que o tivesse perdido para sempre, e a culpa era toda minha, mas aí você respondeu, então achei que talvez não. Mas agora estamos aqui, e você parece me odiar — então devo estar perdendo tempo, mas preciso ter certeza de que você sabe… como eu me sinto… E o que sinto é que gosto muito, muito de você." Abri um olho e o espiei por uma frestinha. Ele estava sorrindo! Um sorriso estranho e pela metade, mas ainda assim um sorriso.

"Você fica bem de óculos."

O quê? Jurava que tinha tirado.

"Ia tirar antes de encontrá-lo."

"Por quê? Ficam ótimos em você."

"Humm." Comecei a limpar as lentes furiosamente. "Então… algum comentário? Ao que acabei de falar?"

"Foi uma bela diarreia verbal", comentou. "Obrigado."

Olhei para o rosto de Will, mas só vi um borrão, então levantei os óculos e olhei para ele como uma velhinha usando lupa.

"Não odeio você", acrescentou.

"É um bom começo", falei. Estendi o braço e, com a ponta dos dedos, toquei o pulso dele. "Sinto muito, Will. Quando estive com a sua mãe, e você estava na delegacia, só conseguia pensar em como não suportava a ideia de nunca mais vê-lo. Consegue me perdoar?"

Ele franziu o rosto.

"Espere aí, você esteve com a minha mãe? Ela não disse nada."

Sem pensar, coloquei os óculos.

"Pedi para ela não contar."

"Ah." Ele fez uma pausa, depois segurou minha mão, que o tocava no pulso. "Donna", falou seriamente, "eu te perdoo." E sorriu um sorriso tão fofo que quase ri. Olhamos um para o outro, e o próximo passo era óbvio, mas então, por uma fração de segundo, ele hesitou, o que me fez hesitar também, e começamos e paramos algumas vezes antes de Will grunhir (que, só para constar, foi muito sexy), pegar as laterais do meu casaco e me puxar. Então, finalmente, nos beijamos. Como num passe de mágica, toda a tensão dos últimos dias desapareceu. Ele me envolveu com o braço, e eu me inclinei o

suficiente para apoiar a cabeça no ombro dele, nossas costas na árvore.

"Chega de segredos", falou. "Prometo. Nunca tive a intenção de mentir para você, Don."

"Eu sei", respondi, um pouco entorpecida com o sono, a felicidade e as vibrações da voz de Will.

"Quando percebi que você achava que eu era mais velho, já era tarde demais", prosseguiu. "Não sabia como contar a verdade sem…" Pausou.

"Sem o quê?", perguntei.

"Bem… sem que você reagisse daquele jeito." Ele me beijou na testa e sentamos em silêncio por um tempo, o barulho do vento nas árvores quase me fazendo dormir.

"Hum, Donna…?", Will falou depois de um tempo.

"Hum?"

"Isso não é uma pegadinha de 1º de abril, é?"

Ri.

"Não."

"Que bom. Só estava checando. E as aulas… vão voltar?"

"Vão." Virei a cabeça para ver o rosto dele. "Se você ainda quiser…?"

Ele assentiu.

"Sim. Mais uma vez: só checando."

"Então…" Alisei casualmente a frente do casaco de Will. Não parava de perder o fôlego de tanta alegria. "Aula amanhã?"

"Marcado." E nos beijamos novamente. Sorri e enfiei as mãos nos bolsos.

Merda. Tinha esquecido completamente: o envelope. Lá estava ele, amassado sob minha mão direita. Retirei-o cuidadosamente e mostrei a Will.

"RADA!", gritou, e eu pensei em como ele era lindo, e em como eu estava enjoada ao mesmo tempo. "Não acredito que não abriu, sua louca! Por que não? Vamos!", disse.

"Eu… acabei de receber e não queria me atrasar para o encontro", falei, passando o dedo sobre meu nome no envelope.

Will sorriu e tocou meu rosto.

"Que lindo. Mas isso também é importante, Donna — é o seu

sonho."

Dei um sorriso fraco e assenti, subitamente incapaz de falar. Meu destino estava literalmente nas minhas mãos. Abrindo lentamente o selo, nós dois prendemos o ar enquanto eu tirava uma única folha grossa de papel creme. Havia apenas algumas linhas escritas, que diziam:

Prezada Donna,

Agradecemos sua audição na RADA. Ficamos impressionados com sua primeira atuação, e temos a alegria de informar que gostaríamos de convidá-la a fazer um segundo teste, que acontecerá na sexta-feira, 17 de maio, às nove da manhã.

Atenciosamente,

Mark Foster

Soltei o ar.

"Aaaaaaaaaahhhhhhhhhhhh!" E me joguei nos braços de Will, abraçando-o forte.

"Parabéns, Donna! Isso é incrível!", exclamou no meu ombro. Recuei para olhar para ele.

"Estou tão feliz", disse. E estava mesmo.

26



"ENTÃO... ONDE ESTÁVAMOS?", Will perguntou.

Estávamos à mesa, meu caderno aberto e as coisas dele organizadas à sua frente. Exatamente como antes, mas diferente. Era o que eu esperava.

Dei o que eu esperava que fosse um sorriso arrependido.

"Eu dizia que nunca mais queria vê-lo?"

"Ha ha. Isso mesmo." Limpou a garganta e sorriu. "Muita grosseria sua."

"Sim, desculpe." Sorri e recostei na cadeira. "Mas se você queria saber onde estávamos em *Romeu e Julieta*, não tenho nem um scooby."

"Um scooby?", franziu o rosto, confuso.

"Scooby-Doo. Nenhuma pista?" Revirei os olhos. "E eu achando que *você* fosse o mais novo."

"Ah!" Ele riu. "Foi engraçado."

"Eu sei", assenti sabiamente. "Sou muito engraçada."

"Se você diz..." Ele sorriu, e lancei um olhar de *ha ha*, mas ele já tinha começado a olhar as anotações, procurando alguma coisa. "Ah, aqui está." Pegou uma apostila de folhas sulfite grampeadas e virou para mim. "Perguntas de provas antigas." Colocou sobre a mesa na minha frente. "Você provavelmente já sabe mais sobre *Romeu e Julieta* do que a banca, então vamos avançar."

Inclinei a cabeça para o lado.

"Você fica sexy quando é professoral."

Ele se inclinou sobre a mesa e me beijou.

"Obrigado", disse sério, mas sua bochecha tremia ao tentar não sorrir.

Alcancei o pulso de Will e virei o braço dele, para ver a hora.

"Acho que está na hora de um intervalo. Não acha?"

Ele riu, incrédulo.

"Acabamos de começar!"

"Hunf." Me encolhi na cadeira. "Sabe o que eu disse sobre você ficar sexy quando é professoral? Mudei totalmente de ideia." Gritei e desviei quando Will avançou na minha direção sobre a mesa.

"ARGH!", gritou. "PARE DE ME DISTRAIR!"

"AIII!", gemi.

Alô-ô, minhas partes se manifestaram, animadas.

Parem com isso, avisei. *Preciso estudar.* Então gargalhei e percebi o que estava fazendo.

"Qual é a graça?", Will perguntou, sua boca se curvando daquele jeito que acontece quando você sabe que tem uma piada acontecendo, mas não sabe onde.

Ri de um jeito ligeiramente histérico.

"Acabei de dar uma bronca nas minhas partes." Meu cérebro alcançou minha boca tarde demais. Apoiei a cabeça nas mãos e resmunguei: "Merda! Desculpe. Falei demais".

Will riu de nervoso, e meu coração ficou apertado quando notei que ele não estava pronto para as referências que eu fazia à minha vagina. Não podia acreditar que já tinha conseguido assustá-lo. Eu sempre fazia coisas assim. Estar de volta com ele era maravilhoso, mas, ao mesmo tempo, um pouco estranho. Eu ainda me sentia mal pela minha reação à questão da idade. E ele provavelmente ainda se sentia culpado por não ter falado a idade antes. E ainda havia a lembrança da nossa última vez ali, quando tentei transar com ele, e ele não quis. Aquilo ainda me fazia estremecer, e de um jeito nada agradável. Aquele dia estava no caminho de se tornar muito desconfortável, e em qualquer situação potencialmente desconfortável minha política testada e aprovada era fazer graça.

Não havia funcionado tão bem com Hayden. Cocei a testa com a caneta. *Merda.*

Limpei a garganta e me preparei para tentar suavizar a situação.

"Enfim", acenei. "Avançando…"

"Certo." Ele sorriu e ergueu as sobrancelhas. "Podemos estudar de fato agora?" Não parecia constrangido, mas talvez só estivesse disfarçando.

"Podemos. Desculpe." Me ajeitei na cadeira até uma posição formal e apoiei o queixo na mão. "Vamos lá."

"Certo." Ele respirou. "Vamos começar com a primeira pergunta…"

Realmente tentei me concentrar enquanto trabalhávamos na melhor resposta, mas meus pensamentos iam para outro lugar. Estávamos de volta à mesma situação de antes? Éramos namorados? O que ele esperava daquele relacionamento?

"Donna?"

Levantei os olhos das anotações, que estava olhando sem enxergar há sabe Deus quanto tempo.

"Merda. Desculpe, desculpe." Sacudi o corpo. "Não consigo me concentrar."

Will repousou a caneta.

"Eu também não. Mal consigo formular uma frase." Sorriu e se inclinou para me beijar outra vez. Era um pouco desconfortável ter aquela mesa entre nós, então subi nela e me ajoelhei na frente dele. Will segurou meu cabelo na minha nuca e nos beijamos, disparando a eletricidade pelo meu corpo num circuito de gemidos.

Mas, e agora? Isso era tudo que ele queria? Me afastei e por um segundo apenas nos olhamos. Ele recostou na cadeira, o que me deixou parecendo uma torre sobre ele. Mudei de posição, deixando as pernas soltas ao lado dele.

Will me olhou novamente, com os olhos levemente apertados, como se quisesse dizer alguma coisa. Meu coração começou a acelerar de um jeito nada bom.

"Diga", pedi.

Ele suspirou e circulou meu joelho com o dedo.

"Estou me apaixonando por você."

"Ah, graças aos céus!", falei, relaxando os ombros de tanto alívio. "Pensei que você fosse dizer que tinha mudado de ideia!"

"De jeito nenhum!", disse. "Como imaginou uma coisa dessas?" Ele ajeitou a cadeira para ficar entre minhas pernas e pôs as mãos na minha

cintura. Nossos olhos se encontraram, ele mordeu o lábio e inspirou.

"Você é tão linda", falou. "E independente, fofa, sexy e engraçada." Balançou a cabeça, sem tirar os olhos dos meus. "Diferente de todo mundo que já conheci. Fiquei péssimo quando terminou comigo… Não conseguia — não consigo — suportar a ideia de ficar sem você."

Ri de satisfação.

"Nossa! Obrigada…", pausei. "Não acha que tenho 'problemas'?" Fiz cara de burra e desenhei aspas no ar.

Ele deu de ombros.

"Don, minha mãe me fez ser preso." Sorriu quando lancei um olhar de *como pode dizer isso?!* "Sabe o que quero dizer. A questão é que todos temos problemas. Seus problemas são tranquilos. Não a tornam repulsiva, ou má pessoa, nem nada do tipo."

Desci da mesa e sentei no colo dele, entrelaçando meus braços em seu pescoço.

"Também penso tudo isso de você", falei, beijando-o. "E você é diferente de todo mundo que *eu* já conheci."

"Então parece que somos um par perfeito", observou, um pouco piegas, mas, ei, eu estava adorando. Mais beijos, e ele se mexeu na cadeira, rindo de leve. "Você está fazendo coisas comigo, Don."

Dei um sorriso largo.

"Já tinha percebido." Saltei do colo dele e, sem dizer nada, o levei lá para cima.

Fechei a porta e virei para olhá-lo. Sorrimos um para o outro. E rimos.

"Oi", falei, acenando.

"Oi."

Então, antes que eu pudesse dizer outra coisa, ele me pegou pela blusa e me puxou em sua direção. Nos beijamos, parando apenas para que ele pudesse tirar meu casaco, mas minha blusa ficou presa, e ele teve que puxá-la para baixo para poder tirar o casaco. Rimos mais um pouco, tentei tirar a camiseta dele, e ficamos presos outra vez. Por que os meninos tiram a camiseta de um jeito diferente das meninas? Eles puxam por trás da cabeça. Nós cruzamos os braços, pegamos pelos

cantos e puxamos para cima. Quem nos ensina a fazer diferente? Não que tivesse importância. Só aumentou nossa ansiedade, e o deixou de um jeito sexy, corado e descabelado, e a mim também, espero.

Ele deu um passo para trás e olhou para mim, diante dele, de jeans e sutiã. Ele sorriu ao assimilar, mas de um jeito doce, e não imoral. Estendeu os braços e pôs uma mão de cada lado do meu tórax, como se estivesse prestes a me levantar, e passou os polegares pela lateral do sutiã. Fez um barulho áspero. Aproximando-se, deslizou as mãos para as minhas costas e o desabotoou. Coloquei a mão na lateral do rosto dele, sentindo seu começo de barba, e o beijei. Acariciei as costas dele e desci para a borda da calça. Rimos quando minhas mãos encontraram a bunda dele — sem cueca! Ele seguiu meus movimentos e fingiu suspirar decepcionado ao perceber que eu não estava sem calcinha. Então, como se tivéssemos recebido algum sinal invisível, nós dois nos desvencilhamos do resto das roupas e fomos para a minha cama. Deitamos, corpos quentes, beijando e explorando.

Ele mordiscou minha orelha e sussurrou:

"Mostre onde devo tocar." Era a coisa mais sexy que já tinham me dito. Peguei a mão dele e mostrei, e foi a única instrução necessária.

Quando estava com Hayden, achava que o sexo era incrível porque tínhamos uma ligação. Depois percebi que não havíamos tido nada disso.

Mas Will… não estava na mesma categoria. Os olhos dele mal desgrudaram dos meus, conversamos um com o outro, e ele insistiu em ir devagar até eu alertá-lo de que se não acelerasse, tipo, AGORA, estaria encrencado. Ele riu maldosamente, curtindo o poder, mas acabou indo com tudo. Meu Deus, eu quase morri. Da minha boca saíram sons que teriam sido vergonhosos se todos os meus sentidos não tivessem se rendido à dança louca que passou como um turbilhão até os dedos dos pés e das mãos, indo e voltando. E Will também não se segurou. Graças a Deus meu pai não estava em casa. É difícil respeitar a privacidade alheia quando você ouve tudo que está acontecendo.

Depois ficamos deitados entrelaçados e respirando pesado; o edredom já tinha caído há muito tempo, e meu pé estava enganchado em um canto do lençol que havia se soltado. Provavelmente devíamos ter ficado deitados em silêncio exaurido, mas, em vez disso, ficamos

agarrados, rindo baixinho. Era como compartilhar a mais gostosa das piadas internas.

"Por que é engraçado?", perguntei, rindo ainda mais.

"Não sei!" Riu no meu cabelo. E fez uma pausa. "Somos muito bons nisso!"

"Pois é! Como você podia ser virgem?" Afaguei-o no ombro, afetuosamente. "Você tem as manhas."

"Ah, obrigado", falou, me beijando. "Tive uma ótima professora."

Dei risada.

"Talvez eu devesse colocar um anúncio na biblioteca." Então, um pensamento horrível me ocorreu. "Meu Deus, e se eu não tivesse ido à biblioteca naquele dia?", falei, apoiada no cotovelo.

"Nem pense nisso", disse. "Se bem que, provavelmente, teríamos nos encontrado de algum jeito."

"Tipo, como se 'estivesse escrito'?" Estudei os olhos dele, e Will sorriu.

"Por que não?"

Sorrimos um para o outro por um segundo, depois deitei outra vez, e suspiramos ao nos acomodarmos de novo.

"Você é incrível", sussurrou, traçando círculos e curvas em "oito" na minha testa, gesto que repeti em seu peito. Um mar de emoções me inundou. Meus olhos não eram grandes o bastante para vê-lo por inteiro, e meu coração não era grande o bastante para conter tudo o que eu estava sentindo por ele. Era impossível me imaginar daquele jeito com outra pessoa algum dia.

Tudo me mandava dizer, mas não conseguia. *Veja o que aconteceu quando disse a Hayden*. Mas aquilo não tinha sido real. Agora era. Tinha que ser. Se fosse mais real, eu explodiria.

E então Will, brilhante e corajoso como era, sussurrou:

"Tudo bem. Pode falar."

Então falei.

"Eu amo você, Will".

Ele sorriu e tocou meus lábios com os dedos.

"Eu também amo você."

Ficamos deitados abraçados, a felicidade me envolvendo completamente, então quando fechei os olhos, a escuridão foi calorosa

e bem-vinda. A respiração de Will se estabilizou, e coloquei a mão sobre seu peito, o ritmo abafado de seu coração era ao mesmo tempo tranquilizante e assustador. Eu já era inteligente quando o conheci — agora sabia disso —, mas ele me havia feito perceber. Já tinha me dado muitas coisas, e eu também o havia ajudado. Igualdade desde o princípio. Gostava disso. Por causa dele eu passaria nas provas e provavelmente iria para a faculdade de teatro em setembro, enquanto ele ainda teria mais um ano de colégio pela frente. Esse pensamento ia e vinha — um problema a ser resolvido mais tarde, se é que precisaríamos resolver. Talvez iríamos apenas deixar rolar, juntos.

Will se mexeu e pegou minha mão, segurando com força. Estendi o outro braço para encontrar o edredom e nos cobrir. Então, com a sensação de que nada jamais poderia me machucar, dormi.



HOLLY STANTON

ALI CRONIN trabalhou em inúmeras revistas inglesas para adolescentes e foi responsável pelo site jovem da BBC antes de se dedicar totalmente à escrita. É autora de *Skins*, livro baseado na famosa série de TV.

Copyright © Penguin Books Ltd, 2013
Todos os direitos reservados.

Publicado originalmente em inglês no Reino Unido
por Penguin Books Ltd.

O selo Seguinte é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Lessons in Love

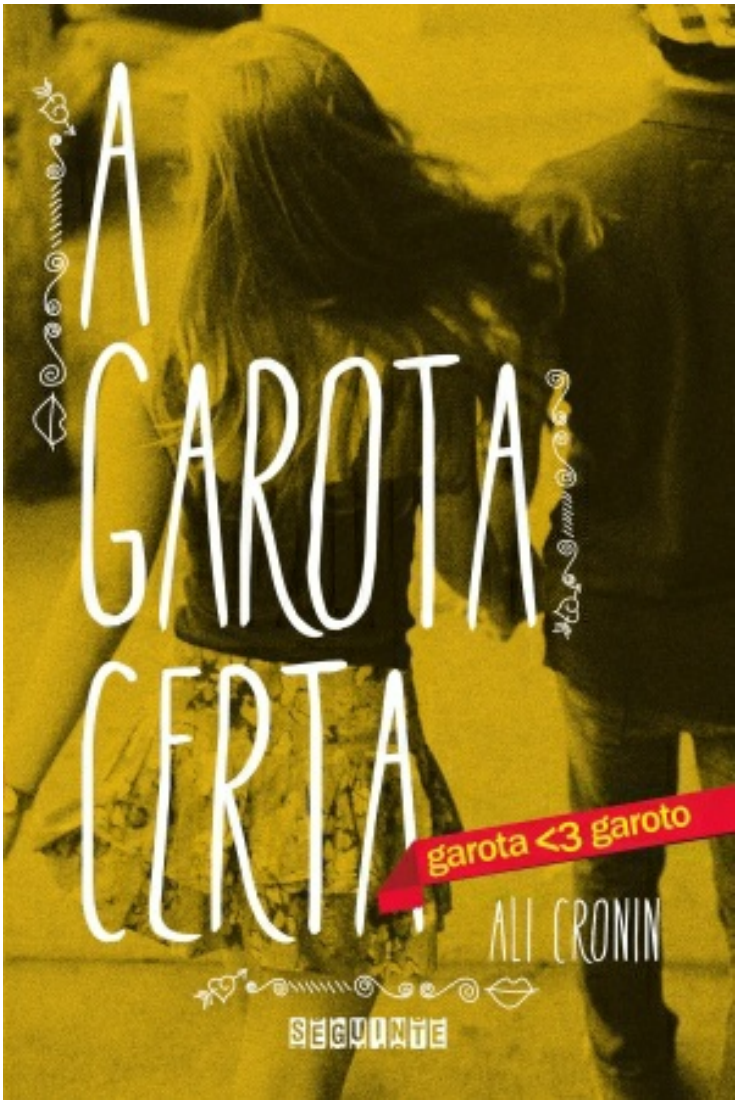
CAPA E FOTO DE CAPA Paulo Cabral

PREPARAÇÃO Alyne Azuma

REVISÃO Gabriela Ubrig Tonelli e Larissa Lino Barbosa

ISBN 978-85-8086-820-3

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.seguinte.com.br
www.facebook.com/editoraseguinte
contato@seguinte.com.br



A garota certa

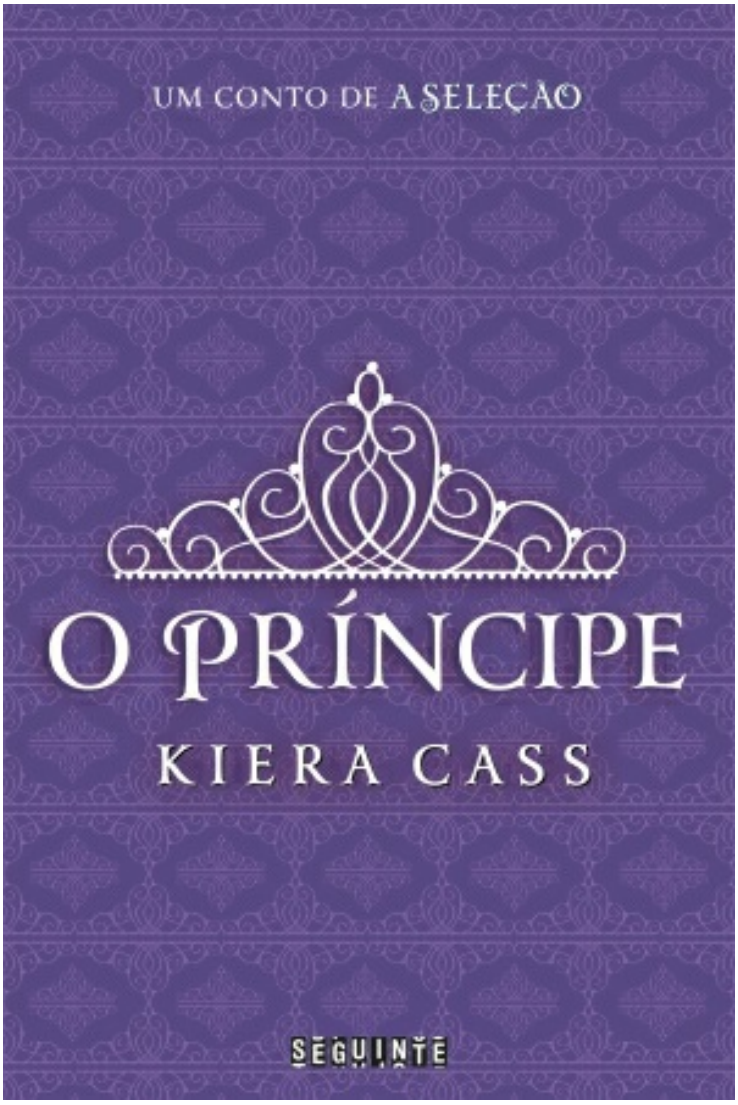
Cronin, Ali
9788580869606
296 páginas

Compre agora e leia

Para Ollie, sexo sempre foi sinônimo de diversão, e namorar sério o

assustava. Durante muito tempo seu estilo de vida funcionou, mas aos poucos começou a sentir um vazio cada vez maior - e nem imaginava que a solução estava bem ao seu lado. Desde o jardim de infância, Sarah era sua melhor amiga. Depois que a garota sofreu sua primeira grande decepção amorosa, eles ficaram ainda mais próximos, e a turma inteira percebia que estava rolando um clima… Só faltava admitir. Mas manter um relacionamento para valer significaria compartilhar as aflições que Ollie estava acostumado a guardar a sete chaves. Suas angústias iam desde as mudanças de humor repentinas de sua mãe, que passava da depressão ao êxtase num piscar de olhos, até o descaso completo de seu pai. Isso sem falar em um problema de saúde que ele escondia até dos melhores amigos… Ollie precisava descobrir um jeito de enfrentar essa situação sem magoar a si mesmo - e sem machucar a garota com quem mais se importava.

Compre agora e leia



O príncipe

Cass, Kiera
9788580866827
72 páginas

Compre agora e leia

Antes que trinta e cinco garotas fossem escolhidas para participar da

Seleção... Antes que Aspen partisse o coração de America... Havia outra garota na vida do príncipe Maxon. Conto inédito e gratuito, O Príncipe não só proporciona um vislumbre dos pensamentos de Maxon nas semanas que antecedem a Seleção, como também revela mais um pouco sobre a família real e as dinâmicas internas do palácio. Você descobrirá como era a vida do príncipe antes da competição, suas expectativas e inseguranças, assim como suas primeiras impressões quando as trinta e cinco garotas chegam ao palácio. É uma leitura indispensável a todos que terminaram A Seleção e ficaram querendo mais! Ao final, contém os dois primeiros capítulos de A Elite, segundo volume da trilogia.

Compre agora e leia



A sereia

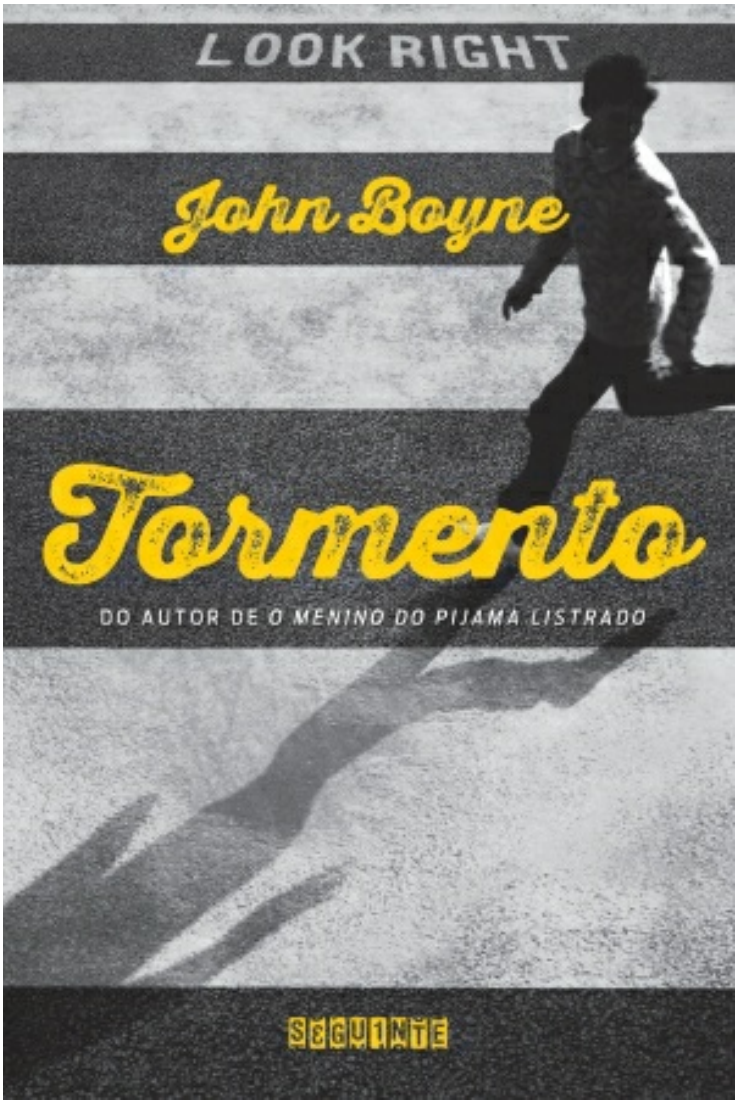
Cass, Kiera
9788543804842
328 páginas

Compre agora e leia

Novo livro da autora da série A Seleção, que já vendeu mais de 1

milhão de exemplares no Brasil!Anos atrás, Kahlen foi salva de um naufrágio pela própria Água. Para pagar sua dívida, a garota se tornou uma sereia e, durante cem anos, precisa usar sua voz para atrair as pessoas para se afogarem no mar. Kahlen está decidida a cumprir sua sentença à risca, até que ela conhece Akinli. Lindo, carinhoso e gentil, o garoto é tudo o que Kahlen sempre sonhou. Apesar de não poderem conversar — pois a voz da sereia é fatal —, logo surge uma conexão intensa entre os dois. É contra as regras se apaixonar por um humano, e se a Água descobrir, Kahlen será obrigada a abandonar Akinli para sempre. Mas pela primeira vez em muitos anos de obediência, ela está determinada a seguir seu coração.

Compre agora e leia



Tormento

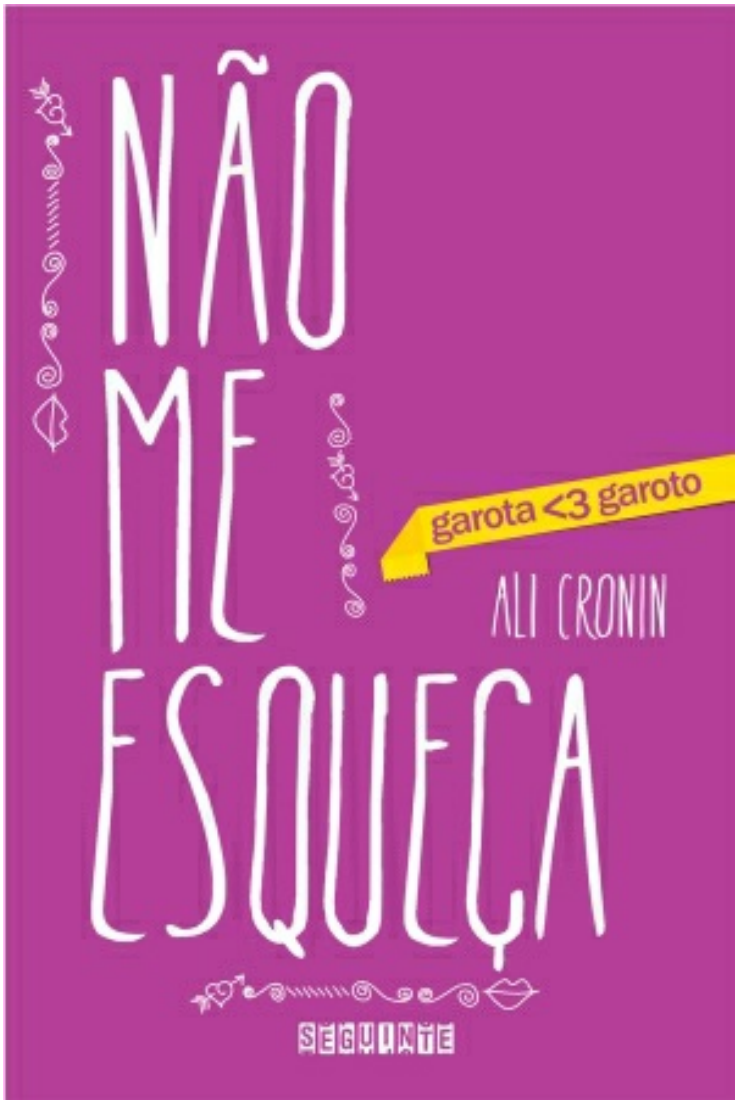
Boyne, John
9788580869163
88 páginas

Compre agora e leia

Apesar de sentir falta do irmão mais velho, que estava fazendo

faculdade em outro país, Danny aproveitava o tempo livre das férias para andar de bicicleta e jogar bola com seu melhor amigo, Luke Kennedy. Até que um dia volta para casa e, estranhamente, não vê sinal de sua mãe. Quando a sra. Delaney finalmente chega, vem acompanhada de dois policiais. Ela havia se envolvido em um acidente - atropelara um garotinho que agora estava em coma, com poucas chances de sobreviver. A sra. Delaney se afoga em culpa e se isola de todo mundo, inclusive do marido e de Danny. O garoto, por sua vez, não entende o que está acontecendo. Por que sua mãe se sente tão culpada quando a própria polícia disse que ela não era responsável pelo que tinha acontecido? E para complicar ainda mais a situação, uma garota estranha fica parada em frente à casa de Danny, claramente observando seus passos...

Compre agora e leia



Não me esqueça

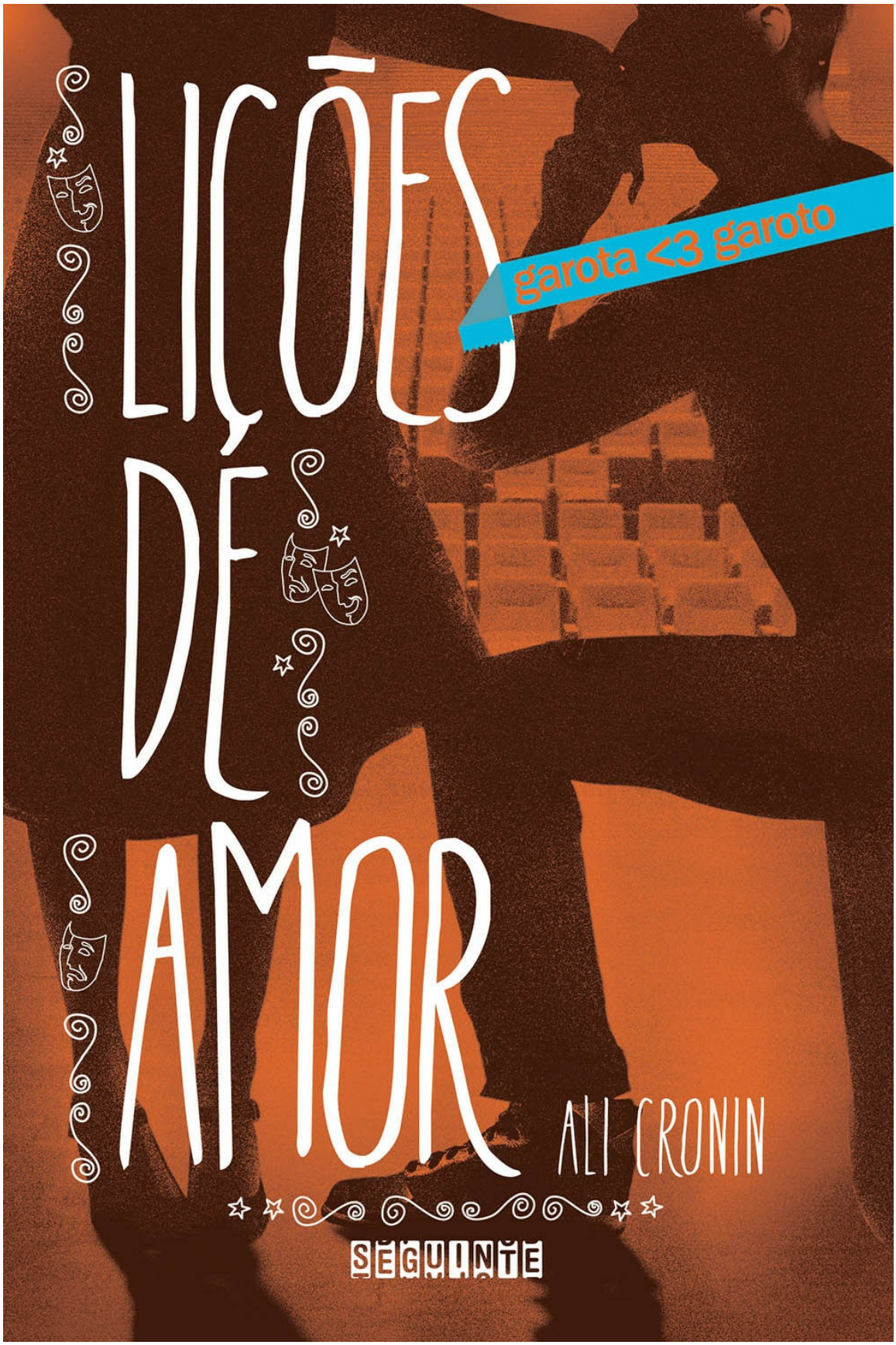
Cronin, Ali
9788543802343
16 páginas

Compre agora e leia

Conto gratuito que precede o 2º volume de Garota <3 Garoto.

Durante os preparativos para a viagem de férias com seus pais para a Espanha, Sarah descobre uma caixa repleta de recordações. Conforme ela relembra histórias de seus amigos, será que ela descobrirá que seus sentimentos por um deles são mais fortes do que imaginava?

Compre agora e leia


LIÇÕES DE AMOR
garota <3 garoto
ALI CRONIN
SEGUINTE